



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO**

ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO SANTOS

**CORPO-NATUREZA-CULTURA NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: UM ESTUDO DAS
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR RIBEIRINHOS COM O FENÔMENO DAS TERRAS
CAÍDAS EM SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA/SANTARÉM-PA**

**SANTARÉM-PA
2020**

ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO SANTOS

**CORPO-NATUREZA-CULTURA NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: UM ESTUDO DAS
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR RIBEIRINHOS COM O FENÔMENO DAS TERRAS
CAÍDAS EM SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA/SANTARÉM-PA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências: Área de concentração “Impactos ambientais e sociais da mudança do uso da terra na Amazônia”.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro

**SANTARÉM-PA
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S237c Santos, Aline da Paixão Prezotto

Corpo-Natureza-Cultura numa várzea Amzônica: um estudo das experiências vividas por ribeirinhos com o fenômeno das terras caídas em São Ciríaco do Urucurituba / Santarém - PA. / Aline da Paixão Prezotto Santos. – Santarém, 2020.

239 p. : il.

Inclui bibliografias.

Orientadora: Tânia Suely Azevedo Brasileiro

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação Doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento.

1. Ciências ambientais. 2. Corpo-Natureza-Cultura. 3. Fenomenologia. 4. Fenômeno situado. 5. Amazônia. I. Brasileiro, Tânia Suely Azevedo, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 631.45098115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440

ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO SANTOS

**CORPO-NATUREZA NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: UM ESTUDO DAS
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COM O FENÔMENO DAS TERRAS CAÍDAS EM SÃO
CIRÍACO DO URUCURITUBA/SANTARÉM-PA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências: Área de concentração “Impactos ambientais e sociais da mudança do uso da terra na Amazônia”.

Data da defesa: 27 de março de 2020

Banca Examinadora

Profa. Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro - **PPGSND/UFOPA** (orientadora/presidente)

Prof. Dr. José Pereira de Melo – **PPGEF/PPGE/UFRN**

Prof. Dr. Flávio Rodrigues do Nascimento – **PPGEO/UFC - POSGEO/UFF**

Profa. Dra. Edna Coelho Galvão – **PPGESA/UEPA**

Prof. Dr. Hergos Fróes Couto – **PPGE/UFOPA**

Profa. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho - **PPGSND/UFOPA**

Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira – **PPGSND/UFOPA**

Às mães pesquisadoras

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) pela oportunidade de defender minha tese doutoral.

Este experimento foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Profa. Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro, pelos ensinamentos dispensados como orientação na elaboração e realização desta tese doutoral.

Aos professores Dr. Hergos Fróes Couto, Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho, Dr. Thiago Almeida Vieira, Dra. Edna Coelho Galvão, pela participação na mesa de avaliação desta tese e, em especial aos professores Dr. José Pereira de Melo e Dr. Flávio Rodrigues do Nascimento.

Aos professores/as do PPGSND da Ufopa portadores/as do saber que muito contribuiu para meu crescimento acadêmico-científico e intelectual.

Aos moradores da comunidade São Ciríaco do Urucurituba, agentes desta pesquisa, fundamentais para sua materialização.

Ao meu marido, professor doutor Manoel Roberval Pimentel Santos, pelas contribuições técnicas, além do companheirismo e compreensão, em parceria com a minha filha Emanuele, ao extenso da elaboração desta pesquisa.

À minha mãe, Domingas do Socorro da Silva Paixão, e a minha irmã, Amanda Paixão Pacatuba, pela amizade, companheirismo, incentivo e apoio. Vocês foram/são essenciais.

À Maria Domingas Paixão Ribeiro e ao José Vicente Ribeiro, madrinha e padrinho, pelos conselhos pontuais e todo o carinho, principalmente os abraços, bálsamo para os dias intensos.

A Denise, Ranusa e Daniele, pela disponibilidade de cuidar da minha filha enquanto estudei. Sem vocês, o caminho teria sido mais árduo.

À minha terapeuta, Carla Queiroz, por me cuidar e me conduzir aos caminhos do autocuidado.

Às amigas construídas por meio das turmas do PPGSND, em especial, aos doutores e doutorandos(as) Kátia Demeda, Neriane, Deliane Penha, Marcelo

Moraes, Klaudia Sadala, Marcelo Ribeiro. E aos amigos parceiros da vida: Hilma, Sueley, Hosana, Joãozinho e Mayara, pela cumplicidade.

A Ingrid, Lindalva, Kerlanny Amaral, e ao Prof. Dr. Rodolfo Maduro, pelas contribuições técnicas nesta tese, especialmente à Profa. MSc. Regina Teodósio, que compartilhou horas preciosas de sua vida comigo em prol da produção desta tese, bem como à Prof.a. Dra. Joana d'Arc de Vasconcelos Neves, que muito contribuiu com seu olhar crítico e reflexivo.

Ao Grupo de Partilha de Profissionais (GPP) da Renovação Carismática Católica, pelos encontros assentados na espiritualidade, fortalecedores da serenidade necessária para conduzir este trabalho.

A todos os que contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

*Amazonizai o mundo
Com o solfejo da Iara
Com o sentido do seu nome
Na leveza da Igara.*

*Elevemos o seu nome
Aos festejos na Ocara
E que venha ser o homem,
O refúgio da Arara.*

*Amazonizai o homem
Antes que o total confisco
Plante a flor do caos no fundo
De uma concha de marisco
E ela cresça em chão fecundo
E se torne um obelisco,
Demarcando verde-mundo
Que, por Deus! Está em risco!*

*Amazonizai o mundo
Com o sonho do Francisco,
Com o acorde do Raimundo (...)
Não percamos um segundo,
Que se cumpra enquanto pisco.*

*Eu Amazonizarei
Tu Amazonizarás
Ele Amazonizará
Nós Amazonizaremos
Vós Amazonizareis
Eles Amazonizarão*

(Trecho da Música “Futuro do Presente” de Nilson Chaves
e Joãozinho Gomes [adaptado])

RESUMO

Esta tese doutoral objetiva compreender os significados e sentidos das experiências vividas pelos ribeirinhos da comunidade São Ciríaco do Urucurituba, em Santarém-Pará, na relação corpo-natureza-cultura ante a sazonalidade do rio Amazonas e o fenômeno das terras caídas. Como objetivos específicos, assumiu-se descrever as experiências vividas de corpos ribeirinhos com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas nesta comunidade de várzea, suas percepções e estratégias; analisar os significados e sentidos que levam seus moradores a permanecerem em um ambiente suscetível a mudanças sazonais, bem como aos riscos de danos materiais e imateriais decorrentes dos fenômenos das terras caídas. Perfilhou-se a pesquisa qualitativa, com base na fenomenologia, centrada na modalidade de análise da “estrutura do fenômeno situado”. A constituição dos dados ocorreu de dezembro de 2016 a julho de 2019, por meio da observação participante e das narrativas de quatro moradores, com suporte em entrevistas fenomenológicas. Os resultados revelam que as experiências vividas dos corpos ribeirinhos com a sazonalidade ocorrem no âmbito do cotidiano na agricultura, na pecuária, na criação de pequenos animais, no abastecimento de água e energia elétrica, no fenômeno das terras crescidas, na locomoção, com temporais, deslocamentos no rio, enchente grande, eventos extremos de cheia e seca e na relação com os animais selvagens que se aproximam das residências e são perigosos à saúde e à vida humana. O corpo perceptivo é também estesiológico, se revela nessas experiências vividas e se encontra numa dinâmica própria de funcionamento: que percebe e sente, então se movimenta, agindo estrategicamente diante das situações apresentadas; assente em mecanismos internos, ele constitui aprendizagens que se acumulam em formato de saberes e que lhes possibilita agir perante as circunstâncias. As produções dessa relação com a sazonalidade significam o acúmulo de saberes ecológicos com o “Mundo das Águas” que, em síntese, revelam o Modo de Vida dos ribeirinhos na Comunidade São Ciríaco, evidenciando o quiasma corpo-natureza-cultura. As experiências vividas com o fenômeno das terras caídas ressaltam também corpos perceptivos e estesiológicos, revelando faces visíveis e invisíveis do que os ribeirinhos veem, ouvem, sentem e fazem ao enfrentarem esse evento. Ele enseja consequências sociais, danos materiais, como: perda de casas, embarcações, áreas cultiváveis; e danos imateriais, com dimensão psicológica. Identificou-se o fato de que a sazonalidade revela um

Modo de Vida com o “Mundo das Águas”, que reflete identidade e pertencimento dos ribeirinhos com a várzea. E o fenômeno das terras caídas, de outro, é o elemento ameaçador da perda do lugar e da identidade constituídas. A naturalização das vivências com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas é uma das razões de permanência de ribeirinhos nesse lugar de risco; além disso, a comunidade São Ciríaco ganha os sentidos de um lugar identitário, arraigado de laços afetivos com a família e amigos, que traz felicidade, orgulho, tranquilidade, oportunidade de sobrevivência, aquisição de bens materiais, escolarização, diversão, lazer, que preservam as reminiscências individuais da historicidade dos ribeirinhos com o “Mundo das Águas”, em suma, de toda uma vida constituída nesse lugar amazônico.

Palavras-chave: Ciências Ambientais. Corpo-Natureza-Cultura. Fenomenologia. Fenômeno situado. Amazônia.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims understanding the senses and meanings of the experiences lived by the riverside populations of São Ciríaco do Urucurituba Community, in Santarém-Pará, in the body-nature-culture relationship in face of the seasonality of the Amazon River and the fallen lands phenomenon. As specific objectives: describe the experiences lived of riverside bodies related to environmental seasonality, and the fallen lands phenomenon in this floodplain community, their perceptions, and strategies; to analyze the meanings and senses that lead its residents to remain in an environment susceptible to seasonal changes, as well as to the risks of material and immaterial damage resulting from the fallen lands phenomenon. I adopted qualitative research approach, based on phenomenology and centered on the analysis of the “structure of the situated phenomenon”. The constitution of the data occurred between December 2016 and July 2019, through participant observation and narratives of four residents, based on phenomenological interviews. The results reveal that the experiences of riverside bodies with seasonality occur within the scope of daily life in agriculture, livestock, in the creation of small animals, in the supply of water and electricity, in the growing lands phenomenon, locomotion, with storms, displacements in the river, large floods, extreme climatic events of flood and drought in the relationship with wild animals that approach homes and are dangerous to health and human life. This perceptual body is also esthesiological, is revealed in the experiences lived and in its dynamic of functioning: it perceives and feels, then moves, acting strategically in the face of the situations presented; from internal mechanisms, it constitutes learning that accumulates in the form of knowledge and that allows them to act in the face of circumstances. The production of this relationship with seasonality means the accumulation of ecological knowledge with the “World of Waters” that, in summary, reveal the Way of Life of the riverside populations in São Ciríaco Community do Urucurituba, showing the chiasma body-nature-culture. The experiences lived with the fallen lands phenomenon also highlight perceptive and esthesiological bodies, revealing visible and invisible faces of what the riverside people see, hear, feel, and do when facing this event. It generates social consequences, material damage, such as loss of houses, boats, areas of cultivated land; and immaterial damage, of psychological dimension. We identified that seasonality reveals a Way of Life with the “World of Waters”, which reflects the identity and belonging of the riverside populations

with the floodplain. And the fallen lands phenomenon, on the other hand, is the threatening element of the loss of the constituted place and identity. The naturalization of experiences with seasonality and the phenomenon of fallen lands is one of the reasons why riverside populations stay in this risky place; also, São Ciríaco Community gains the senses of an identity place, rooted in affective ties with family and friends, which brings happiness, pride, tranquility, an opportunity for survival, acquisition of material goods, schooling, fun, leisure, which preserve the riverside populations individual reminiscences of their historicity related to "World of Waters", in short, of a whole life constituted in this Amazonian place.

Keywords: Environmental Sciences. Body-Nature-Culture. Phenomenology. Situated Phenomenon. Amazon.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Elementos centrais da Fenomenologia	73
Esquema 2 - Elementos fundantes da modalidade “F” como método de investigação	74
Esquema 3 - Os elementos fundantes da fenomenologia e as etapas de pesquisa .	76
Esquema 4 - Estrutura nomotética analítica.....	94
Esquema 5 - Relações Sociais na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	115
Esquema 6 - Síntese Nomotética sobre as experiências vividas com a sazonalidade na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.....	168
Esquema 7 - Síntese Nomotética sobre as experiências vividas com o fenômeno das terras caídas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	190

LISTA DE FIGURAS, MAPAS E IMAGENS

Figura 1 - Perfil longitudinal das várzeas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba – Santarém-PA	65
Figura 2 - Perfil Transversal dos sistemas Rio Amazonas - Várzeas - Lagoas– Santarém/PA.....	66
Mapa 1 - Várzeas do Município de Santarém	100
Mapa 2 - Localização Geográfica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba/Santarém-PA	101
Imagem 1 - Alterações morfológicas margem esquerda do rio Amazonas no período de 1989 a 2010	102
Imagem 2 - Paisagem no período do verão na região da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	103
Imagem 3 - Paisagem no período de inverno na região da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Três possibilidades de conduzir pesquisas qualitativas	69
Quadro 2 - Diferenças entre as Modalidades “C”, “F” e “C” na Pesquisa Qualitativa	70
Quadro 3 - Etapas da pesquisa na modalidade “F”	75
Quadro 4 - Roteiro da entrevista fenomenológica	81
Quadro 5 - Processo de seleção dos entrevistados	86
Quadro 6 - Momentos de análise qualitativa do fenômeno situado	90
Quadro 7 - Estrutura para análise ideográfica	91

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Encontro das águas” dos rios Amazonas e Tapajós	97
Fotografia 2 - Vista do cais de arrimo de Santarém- PA	98
Fotografia 3 - Terraços de várzeas e acesso das pessoas ao rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (1)	104
Fotografia 4 - Terraços de várzeas e acesso das pessoas ao rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (2)	104
Fotografia 5 - Terraços de várzeas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (3)	105
Fotografia 6 - Terraços de várzea na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (4)	106
Fotografia 7 - Cenário da cheia do rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	107
Fotografia 8 - Transporte de pessoas em bajara na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	108
Fotografia 9 - Interior da Igreja Católica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	110
Fotografia 10 - Igreja Evangélica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	110
Fotografia 11 - Sede do Clube Esportivo da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	111
Fotografia 12 - Posto de Saúde da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	113
Fotografia 13 - Escola da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	113
Fotografia 14 - Atividade de pesca na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba....	123
Fotografia 15 - Cujuba (<i>Oxydoras niger</i>)	123
Fotografia 16 - Maxixe colhido na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	128
Fotografia 17 - Plantação de banana na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	128
Fotografia 18 - Olericultura em suspensão na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	129
Fotografia 19 - Atividade de pecuária na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	132
Fotografia 20 - Criação de galinhas (<i>Gallus gallus domesticus</i>) na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	134
Fotografia 21 - Motor hidráulico para bombear água na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	136

Fotografia 22 - Sistema hidráulico de distribuição de água na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	136
Fotografia 23 - Morador enchendo recipiente de água do rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	138
Fotografia 24 - Morador utiliza carro de mão como transporte para o recipiente com água na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	138
Fotografia 25 - Caixa d'água e filtro artesanal utilizado na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	140
Fotografia 26 - Compartimento do motor à diesel "casa de força" na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.....	143
Fotografia 27 - Casa atingida pelas terras crescidas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	146
Fotografia 28 - Casa reconstruída após ser atingida pelas terras crescidas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	147
Fotografia 29 - Suspensão dos pilares da Igreja católica na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	148
Fotografia 30 - Moradores suspendendo os pilares da Igreja católica na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.....	148
Fotografia 31 - Área da residência no inverno na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	150
Fotografia 32 - Área da residência no verão na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	151
Fotografia 33 - Ribeirinhos, rio e embarcações na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	161
Fotografia 34 - Ribeirinho pescando, rio, embarcações na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	162
Fotografia 35 - Área atingida pelo fenômeno das terras caídas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (1).....	173
Fotografia 36 - Área atingida pelo fenômeno das terras caídas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (2).....	173

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADA	Agência de Desenvolvimento da Amazônia
BAM	Baixo Amazonas Paraense
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
COMDEC	Coordenadoria Municipal da Defesa Civil de Santarém-PA
CONEP	Comitê Nacional de Ética e Pesquisa
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Oriental
GEPEC	Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento
GPP	Grupo de Partilha de Profissionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMbio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PCCU	Preventivo de Câncer do Colo Uterino
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
PPGSND	Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento
REDEC	4ª Regional de Defesa Civil – Santarém – PA
SAFs	Sistemas Agroflorestais
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Pará
SEMED	Secretaria Municipal de Educação de Santarém – PA
SEMMA	Secretaria Municipal de Meio Ambiente
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde de Santarém – PA
SEMTUR	Secretaria Municipal de Turismo de Santarém - PA
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEPA	Universidade Estadual do Pará
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	ATITUDE FENOMENOLÓGICA: DAS EXPERIÊNCIAS DA PESQUISADORA ÀS APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA, OBJETO E A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO	21
2	CORPO, O REMO NA CONDUÇÃO DO NAVEGAR E O QUIASMA FENOMENOLÓGICO NA RELAÇÃO RIBEIRINHOS E VÁRZEA AMAZÔNICA.....	29
2.1	A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty	29
2.2	Corpo-natureza-cultura: um diálogo fenomenológico	37
2.3	Ribeirinhos e várzea amazônica: aproximações fenomenológicas.....	48
2.3.1	O ribeirão e a dinâmica dos fenômenos da sazonalidade e das terras caídas	50
2.4	Várzea amazônica: os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas ..	57
2.4.2	Sistema Rio-Várzea/Comunidade São Ciríaco.....	63
3	NAVEGANDO À LUZ DA FENOMENOLOGIA CENTRADA NO FENÔMENO SITUADO	68
3.1	A condução fenomenológica da pesquisa na abordagem qualitativa	68
3.2	A modalidade “F” como método e suas etapas da pesquisa.....	73
3.3	Participantes do estudo	83
3.4	Análise do fenômeno situado	88
4	O CONTEXTO DA COMUNIDADE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA - STM-PA	96
4.1	Partindo de Santarém: o município banhado pelos rios Tapajós e Amazonas.....	96
4.2	Chegando à Comunidade São Ciríaco do Urucurituba	99
5	O MUNDO-VIDA DOS RIBEIRINHOS DA COMUNIDADE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COM OS FENÔMENOS DA SAZONALIDADE E TERRAS CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA.....	118
5.1	As experiências vividas dos ribeirinhos com a sazonalidade: uma vida ditada pelo “mundo das águas”	119
5.1.1	Experiências vividas do corpo com a pesca, agricultura, pecuária e criação de pequenos animais	120

5.1.2	Experiências vividas do corpo com o abastecimento de água e energia elétrica	135
5.1.3	Experiências vividas do corpo com o fenômeno das terras crescidas	144
5.1.4	Experiências vividas do corpo com a locomoção e a dinâmica da várzea	149
5.1.5	Experiências vividas do corpo com as águas da chuva e do rio	158
5.2	As experiências vividas dos moradores com as terras caídas e as razões de permanecer ou abandonar a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.....	170
5.2.1	Experiências vividas do corpo com o fenômeno das terras caídas	171
5.2.2	Consequências sociais do fenômeno das terras caídas e as razões para permanência dos ribeirinhos na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba....	178
6	COMO UMA OBRA DE ARTE ABERTA E INACABADA	194
	REFERÊNCIAS.....	199
	GLOSSÁRIO	208
	APÊNDICES	210
	APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA COM ASSINATURA	211
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	212
	APÊNDICE C – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	213
	APÊNDICE D – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGENS DOS RESPONDENTES.....	214
	APÊNDICE E – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGENS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	215
	APÊNDICE F – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE INFORMAÇÕES	216
	APÊNDICE G – MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE DADOS DA ENTREVISTA	217
	APÊNDICE H – QUADRO DE ANÁLISE IDEOGRÁFICA DA PARTICIPANTE MUNGUBEIRA	218
	APÊNDICE I – QUADRO DE ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO PARTICIPANTE SOLIMÕES	223
	APÊNDICE J – QUADRO DE ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO PARTICIPANTE TRACAJÁ.....	228

APÊNDICE L – QUADRO DE ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO - PARTICIPANTE JOSÉ.....	234
ANEXOS	240
ANEXO A – RELATÓRIO COMDEC – COMUNIDADE SÃO CIRÍACO.....	241
ANEXO B – RELATÓRIO FOTOGRÁFICO DA REUNIÃO NA COMUNIDADE.....	242
ANEXO C – ATA DE DEFESA PÚBLICA DA TESE.....	243

1 ATITUDE FENOMENOLÓGICA: DAS EXPERIÊNCIAS DA PESQUISADORA ÀS APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA, OBJETO E A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Como pesquisadora, busquei¹ descrever nesta seção o caminho percorrido nesta pesquisa doutoral, anunciando minhas experiências como pesquisadora, à luz de uma atitude fenomenológica, para delimitar a temática e o objeto de pesquisa, bem como anunciar o contexto que gera o problema central desta tese, conforme orientações de Martins e Bicudo (2005) e Merleau-Ponty (2011).

Minha formação acadêmica é na área de Licenciatura em Educação Física e o campo de atuação profissional está situado nos ambientes formais de ensino, como escolas e universidades. Por estar envolvida com o processo de ensino-aprendizagem na escola, por motivações pessoais e por não existir cursos de mestrados profissional ou acadêmico em minha área de formação, na região Norte até 2012, precisei me deslocar de Santarém-Pará rumo a Natal, no Rio Grande do Norte, para cursar mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nessa circunstância convivi², estudei, recebi orientações³ e participei de eventos que contribuíram com a ampliação de conhecimentos da Educação Física e me aproximaram com aspectos relacionadas à várzea amazônica.

Foi neste contexto acadêmico que passei a compreender e me apropriar das reflexões e conhecimentos do corpo e do movimento humanos concebidos pelo grupo de professores do GEPEC (Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento) e do Estesia (Grupo de Pesquisa Corpo, Fenomenologia e Movimento). Este último caminha numa perspectiva de compreender o corpo e o movimento transpondo suas dimensões anatomofisiológicas com base no pensamento do filósofo Maurice Merleau-Ponty, um dos principais referenciais das pesquisas produzidas pelo grupo. Nesse âmbito, aprendi que nossas experiências no mundo são possíveis porque somos corpo, e é por ele ser o nosso ancoradouro que vivemos, experimentamos e

¹ Nesta seção, assumo prioritariamente o discurso na primeira pessoa do singular para descrever experiências pessoais e acadêmicas com a temática e o objeto de estudo, compreendendo essa relação como atitude fenomenológica.

² Com as professoras Terezinha Petrúcia da Nóbrega e Maria Isabel Brandão de Souza Mendes, Rosie Marie, Allyson Carvalho e outros da UFRN.

³ Com o professor doutor José Pereira de Melo da UFRN.

percebemos as coisas que se apresentam a nós. O corpo, portanto, é o eixo de diálogo entre o ser humano e o mundo.

No Programa de Mestrado, aprofundi a compreensão sobre o corpo por meio de leituras e discussões nas disciplinas cursadas, bem como das experiências vividas durante os momentos de pesquisa⁴ na escola da Comunidade⁵ São Ciríaco do Urucurituba - *locus* do estudo empírico. Essas experiências me possibilitaram continuar a formação acadêmica, permitindo também dar os primeiros passos para refletir, pesquisar e escrever sobre a Amazônia, realidade a qual pertença.

Nesse programa, defendi, em agosto de 2014, a dissertação intitulada “*No banzeiro do Amazonas: realidades e perspectivas das aulas de Educação Física nas escolas de várzea do município de Santarém-PA*”⁶, que objetivou discutir os desafios e as dificuldades do professor sem qualificação profissional para ensinar Educação Física na região de várzea do Município de Santarém-PA. Esse trabalho me reaproximou do cotidiano e da vida dos moradores da várzea, pois outrora tive vivências pessoais com regiões ribeirinhas da Amazônia.

Cresci e me desenvolvi humanamente entre as existências do meio urbano e, por meio da família, tive experiências com o planalto e áreas ribeirinhas⁷ de terra firme e várzea na região do baixo Amazonas. Este contexto e meu percurso acadêmico me aproximaram ainda mais da várzea, um ambiente propulsor e fascinante; e a minha inserção na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba me ensejou reaver lembranças de vivências pessoais e acadêmicas.

Na pesquisa do mestrado, iniciado em 2012 e encerrado em 2014, foi a primeira vez que fui desafiada a fazer um trabalho de cunho acadêmico-científico num contexto de várzea amazônica. Ao mesmo tempo que foi instigante, exigiu de mim estudar outras áreas do conhecimento. Prossegui imersa nessa realidade em virtude da aprovação no Programa de Pós-Graduação Sociedade Natureza e

⁴ Os momentos de imersão duravam em média três dias e ocorreram no período compreendido de 28 de novembro de 2012 a 17 de abril de 2013.

⁵ Referenciei-me na clássica abordagem de comunidade no contexto amazônico de Charles Wagley (1988) e o papel da Igreja Católica na construção de um sentido atribuído ao termo “comunidade” atrelado ao movimento de criação das Comunidades Eclesiais de Base- CEB.

⁶ Estudo pioneiro no campo da Educação Física, minha área de formação, defendido em agosto de 2014 (PPGEF/UFRN). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24755>.

⁷ Uso a nomenclatura ribeirinho, pois observo nas falas dos próprios moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba que assim se identificam.

Desenvolvimento (PPGSND)⁸ em 2015, no patamar de doutorado, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), na área de Ciências Ambientais.

Quando iniciei os estudos no doutoramento, continuei dialogando com os moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba por ocasião do retorno dos resultados da dissertação finalizada em 2014, momento oportuno para articular a minha permanência na comunidade como pesquisadora, agora no doutoramento.

Nessa perspectiva, busquei adotar alguns procedimentos formais da instituição de ensino, visando a obter autorização para a minha permanência em campo. Deste modo, contactei pessoalmente o líder da comunidade no intuito de conhecê-lo e conversar sobre a proposta de pesquisa, ocasião em que conheci os integrantes do seu núcleo familiar. Na sequência, consegui articular minha participação na reunião da comunidade⁹. Nela, falei para os presentes sobre as minhas intenções de realizar nova pesquisa na comunidade, colocando-me à disposição para prestar esclarecimentos e responder dúvidas dos moradores. Em seguida, após entregar o termo de autorização da pesquisa (APÊNDICE A), retirei-me do recinto para que prosseguissem com as pautas da reunião. Esse momento foi registrado na Ata da reunião da comunidade, contudo, o resultado da votação me autorizando a permanecer na localidade foi comunicado posteriormente por sua liderança.

Após essa autorização, tive recorrentes contatos com os moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba que contribuíram para a definição do objeto da investigação doutoral. Retomei a leitura da dissertação, rastreando as principais categorias estudadas e relendo os resultados obtidos sobre os desafios de viver na várzea. Ao mesmo tempo, fiz uma análise reflexiva acerca dessa realidade observada, mantendo o olhar nas possíveis pistas para a definição do novo objeto de estudo. Na

⁸O PPGSND propõe projetos voltados para o conhecimento dos processos ecológicos e sociais nos ambientes amazônicos, considerando as diferenciadas condições de apropriação de recursos naturais, inclusive fundiários. Os projetos a ele afiliados privilegiam abordagens interdisciplinares para a compreensão do bioma amazônico, objetivando a criação de um sistema de conhecimento sobre o manejo de recursos e a construção de referências para a elaboração de técnicas na perspectiva do desenvolvimento sustentável na Amazônia. Esta tese doutoral se caracteriza num estudo em profundidade, pois dará continuidade à pesquisa iniciada no mestrado, e que se desenvolve especificamente num contexto de várzea, considerado um ecossistema localizado em áreas inundáveis (GAMA *et al.*, 2003).

⁹ A reunião ocorreu na manhã de domingo do dia 11 de dezembro de 2016.

sequência, busquei realizar uma imersão *in loco* para dialogar com os ribeirinhos¹⁰ dessa comunidade.

Imersa nas relações entre ir e vir nessa comunidade, reencontrei neste lugar a nostalgia dos tempos de infância, além da sensação de tranquilidade viabilizada pelo contato direto com o rio e a floresta. À medida em que me deslocava para a comunidade, ia distanciando-me da sonoridade urbana, que era substituída aos poucos pelos ruídos do motor da embarcação, do vento no rosto, das águas do rio, dos pássaros a revoar e cantar, dos timbres masculinos e femininos que ecoavam gargalhadas, estórias e diversas narrativas que ouvi das pessoas com quem cruzei entre idas e vindas. Viver isso produzia em mim uma mistura de emoções e sensações que me tranquilizavam, pois essas experiências eram diferentes de minhas referências urbanas.

Os vários momentos em que estive nessa comunidade foram fundamentais para: a) conviver com homens, mulheres, jovens e crianças das famílias ali instaladas; b) acessar a dinâmica cotidiana dessas pessoas e de suas atividades corriqueiras, econômicas, religiosas e de lazer. Como estive em diferentes períodos sazonais do ano, pude experimentar a realidade da vida na várzea em relação à sazonalidade do rio Amazonas, tanto no inverno como no verão amazônico, além de sentir as temeridades de estar em um local ameaçado pelo fenômeno das terras caídas. Esse primeiro movimento da pesquisa teve início em dezembro de 2016.

Com suporte nessa convivência com os moradores, tive um *insight* e passei a me inquietar não somente com a insegurança provocada pelas cheias e a paisagem modificada pela sazonalidade, provocando alterações nas atividades cotidianas dos moradores e na paisagem do lugar, mas, principalmente, pela permanência de moradores num local inseguro, afetado pelo fenômeno das terras caídas. Compreende-se por sazonalidade do rio Amazonas a alternância do regime hidrológico que resulta em flutuações anuais do nível das águas, provocando a cheia e vazante do rio. Este movimento é observado nos períodos de inverno e verão amazônico, respectivamente, enchente, cheia, vazante e seca, ocasionando a transformação da paisagem do ecossistema de várzea; e por cerras Caídas, uma terminologia regional amazônica utilizada para designar de maneira indistinta os desbarrancamentos que ocorrem nas margens do rio Amazonas e nos seus afluentes

¹⁰ Adotei nesta tese a terminologia *ribeirinho* com um sentido ampliado para indicar o morador da região de rios.

de água branca, particularmente nos trechos em que eles são margeados pelos depósitos fluviais holocênicos que formam a atual planície de inundação (CARVALHO, 2012).

Estas realidades identifiquei na releitura da dissertação e da observação direta neste retorno ao campo, sobretudo nos relatos dos ribeirinhos sobre as situações vivenciadas com o fenômeno das terras caídas, que estavam latentes, desde a primeira vez que estive na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, mas fizeram sentido neste momento como o corpo, a pesquisadora, que olha sobre outro ângulo, agora com arrimo em um programa de pós-graduação em Ciências Ambientais.

Ao perceber esses fenômenos, busquei fazer opção pelas temáticas da sazonalidade e das terras caídas para ampliar a visibilidade dessa realidade adversa na região do Urucurituba, mais especificamente, a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, onde ainda permanecem moradores que enfrentam riscos socioeconômicos e ambientais, pois convivem com a possibilidade de a comunidade desaparecer em consequência do fenômeno das terras caídas.

Estar no *locus* de pesquisa não exigiu de mim esforços nem causou estranhamento pessoal quanto à realidade local, uma vez que tudo era muito próximo às situações que vivi no contexto familiar. Estar nesta comunidade para mim foi mais do que ir ao campo 'coletar dados'; em muitos momentos foi refúgio, paz, tranquilidade, lazer, oportunidade de conhecer pessoas e constituir novos ciclos sociais. Estar junto aos moradores e perceber seus modos de viver a vida na várzea foi um retorno a mim - um reencontro com a origem de minha família materna. Foi na convivência com os moradores que enfim reencontrei entrelaçamentos da realidade empírica com a releitura que fiz da minha dissertação de mestrado.

Então, "estar lá" (GEERTZ, 2008)¹¹ estabeleceu o diverso, na medida em que encontrei o objeto de pesquisa: as experiências vividas dos moradores com os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas. Até este momento, caminhei com a possibilidade de estudar o movimento humano e sua relação com o ambiente e cultura sob a óptica da cultura de movimento.¹² Após constatar essa realidade e, juntamente

¹¹ Estar lá: noção que vem da Antropologia, quando os antropólogos deixaram os gabinetes e passaram a fazer imersão no campo empírico.

¹² Essa proposta foi submetida à avaliação da Banca de Qualificação do projeto de tese doutoral.

com minha orientadora¹³, decidimos pesquisar as experiências vividas dos moradores com esses fenômenos numa várzea Amazônica.

Paulatinamente, consegui ressignificar a pesquisa: o “estar lá”, além de me proporcionar a sensibilidade de perceber o quão latente eram essas experiências, também me abriram os olhos para um estudo fenomenológico. Somente vivendo este processo, compreendi minha abertura sensível às experiências vividas dos moradores como *atitude fenomenológica*, que é estar atenta aos sinais dos sujeitos envolvidos na pesquisa (MARTINS; BICUDO, 2005). Essa atitude fenomenológica acendeu as luzes para elaborar o problema central desta tese doutoral: **“Como são as experiências vividas pelos moradores com a sazonalidade do rio e o fenômeno das terras caídas em uma várzea amazônica?”**

Essa questão foi formulada ao perceber durante as idas e vindas à comunidade que seus moradores enfrentavam, não somente, insegurança e perdas provocadas pelas cheias do rio, com a paisagem modificada pela sazonalidade, mas, principalmente, a convivência cotidiana em um local instável, afetado pelas terras caídas, que os levava a demonstrar temeridades quanto a danos materiais e imateriais.

Com isto, busco responder a esse problema partindo das seguintes questões norteadoras do estudo em torno da relação corpo-natureza-cultura: Quais as experiências vividas em decorrência da dinâmica sazonal do rio Amazonas e do fenômeno das terras caídas? O que emerge dessas experiências vividas? Quais estratégias os moradores utilizam para enfrentar essas situações adversas? Quais razões são apontadas pelos moradores para justificar *sua* permanência nesse ambiente de várzea?

Com amparo nessas perquisições, assumo como objetivo geral *“compreender os sentidos e significados das experiências vividas pelos ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em Santarém-Pará na relação corpo-natureza-cultura frente a sazonalidade do rio Amazonas e o fenômeno das terras caídas de moradores”*, para entender as razões de permanência desses moradores na referida comunidade. Entrementes, os objetivos específicos estão conformados em:

¹³ Professora Doutora Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

➤ descrever, com base na relação corpo-natureza-cultura, as experiências vividas dos ribeirinhos com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas na várzea, suas percepções e estratégias para enfrenta-las; e

➤ analisar os significados e sentidos que levam os moradores a permanecerem em um ambiente suscetível a mudanças sazonais, bem como aos riscos de danos materiais e imateriais decorrentes dos fenômenos das terras caídas.

Com amparo na situação empírica que se revelou, e nesse delineamento, utilizei na pesquisa desta tese doutoral a abordagem qualitativa (BRASILEIRO; MASCARENHAS, 2009; GIL, 2008; SEVERINO 2007), com suporte teórico-metodológico na fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1980, 2004, 2006, 2011, 2014), e processo analítico centrado na estrutura do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 2005).

A organização desta tese doutoral está sequenciada em seis seções. Nesta de ordem introdutória, encontram-se as minhas experiências, mostrando como emergiram a temática, a problematização e os objetivos da pesquisa, pautados na atitude fenomenológica.

Na segunda seção, discorro acerca dos apontamentos teóricos sobre a fenomenologia merleau-pontyana e o diálogo com outros autores. Prossigo abordando teoricamente a relação ribeirinhos e a várzea amazônica, trazendo as especificidades da sazonalidade, o fenômeno das terras caídas e o contexto inicial da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Na terceira seção, conduzo o percurso metodológico da pesquisa à luz da Fenomenologia centrada no modelo de análise do fenômeno situado. Ofereço ao leitor as características da pesquisa conduzida pela modalidade fenomenológica, utilizando a abordagem qualitativa; e disponho as especificidades da modalidade “F” como método e suas etapas.

Na quarta subseção desta tese, exponho o contexto da Comunidade São Ciríaco de Urucurituba, onde vivem os ribeirinhos interlocutores desta pesquisa. Nela demando caracterizar a comunidade, bem com trazer os cenários iniciais da sazonalidade e do fenômeno das terras caídas, que são abordados em profundidade na seção seguinte.

A quinta seção está prioritariamente fundamentada nas entrevistas com os participantes do estudo, revelando o mundo-vida dos ribeirinhos do lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba e suas experiências vividas com os

fenômenos da sazonalidade e das terras caídas numa várzea amazônica. Faço aportar os resultados da análise centrada no fenômeno situado, aponto as experiências vividas dos moradores com as terras caídas e as razões de permanecer ou sair do lugar.

Por fim, na seção seguinte, ofereço as considerações finais expressas como uma obra de arte aberta e inacabada.

2 CORPO, O REMO NA CONDUÇÃO DO NAVEGAR E O QUIASMA FENOMENOLÓGICO NA RELAÇÃO RIBEIRINHOS E VÁRZEA AMAZÔNICA

*E, no silêncio, uma folha caída
Uma batida de remo a passar
Um candeeiro de manga comprida
Um cheiro bom de peixada no ar
(Trecho da música **Paupixuna**, de
Paulo André Barata)*

Esta seção está dividida em três subseções. Na primeira, trazemos (observe o leitor que foi deixado discurso na primeira pessoa do singular) o anúncio sobre as principais noções sobre corpo-cultura-natureza presente nos marcos teóricos da fenomenologia de Merleau-Ponty (1980, 2004, 2006, 2011 e 2014), cujo corpo é compreendido como o próprio ser humano e ancoradouro no mundo-vida, palco das experiências vividas na correlação com a natureza e a cultura. Na segunda subseção, tecemos um diálogo com outros autores que refletem temáticas similares, complementares, e permitem aproximações com a abordagem fenomenológica e compreensões acerca do quiasma corpo-natureza-cultura. Na terceira, trazemos uma revisão teórica sobre a várzea amazônica e o contexto de vida ribeirinha com a sazonalidade e os fenômenos das terras caídas.

2.1 A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty

O ideário fenomenológico sobre o corpo, estudado por Merleau-Ponty, defende o entendimento de que todas as experiências vividas pelo ser humano se tornam possíveis porque o corpo é um núcleo de onde convergem os diálogos com o mundo da vida. Nesse sentido, o autor afirma que o corpo é nosso ancoradouro em um mundo, sendo ele o meio geral de ter um mundo (MERLEAU-PONTY, 2011), por sermos sujeitos encarnados no corpo, ou seja, por meio de nossa realidade corpórea, é que podemos sentir e perceber o mundo em tudo o que faz parte dele.

Assim, as experiências vividas no corpo balizam a centralidade do pensamento filosófico de Merleau-Ponty e mostram que o ser humano, ao existir no mundo, o apreende e atribui significados e sentidos a ele, à medida que o experimenta e vive, pois é na [...] “experiência vivida que permite o acréscimo de sentidos históricos, sociais, culturais, afetivos.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 11),

possibilitando ao corpo dialogar com o mundo, sendo ele o primeiro campo aberto de experiências.

Esse mundo é vivido na particularidade de cada ser humano, na relação com seus pares, toda a trama sócio-histórico-cultural da sociedade de que o sujeito faz parte, com o *locus* que habita, os objetos e coisas presentes nele. Assim, o mundo adquire significados e sentidos nas experiências vividas pelos sujeitos.

Compreender o mundo como o contexto onde ocorrem as vivências experienciadas de modo consciente por quem as executa. Para Merleau-Ponty (2011, p. 142), ser uma consciência ou ser experiência é comunicar-se “interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles”. Nessa perspectiva, o autor defende a ideia de que não estamos no corpo, mas somos corpo, porque o ser humano experimenta o mundo, os outros e a si por sua realidade corpórea, que é a ponte de interconexão, de comunicação e entrelaçamento. Um não existe sem o outro e juntos constituem a experiência: o sujeito e os outros sujeitos, ambos em conexões individual e coletiva, seu contexto social, cultural e ambiental.

Esse mundo vivido vem da noção *Mundo da Vida*, ou *Lebenswelt*, que nasceu no interior da fenomenologia e foi formulada por Edmund Husserl (MISSAGGIA, 2018). É compreendida no sentido ontológico como as experiências da vida cotidiana concreta pré-científica, pré-reflexiva ou pré-objetiva - que ocorrem antes de qualquer teorização. O mundo da vida pensado por Edmund Husserl é aprofundado por Merleau-Ponty, que, por sua vez, dá ao corpo protagonismo em suas discussões porque o compreende como ancoradouro do ser humano no mundo vivido, sendo a carne do corpo a intercessão com a *carne do mundo* (MERLEAU-PONTY, 2011).

As ideias merleau-pontyanas têm como ponto de partida, prioritariamente, o distanciamento e recusa das ideias cartesianas de ciência, que dispunham de um processo inverso de entendimento, cuja razão e pensamento antecede as experiências vividas no mundo. Sua principal crítica diz respeito ao mecanicismo da filosofia de Descartes (1962) sobre sujeitos-objetos puros e espaços-tempos absolutos.

Merleau-Ponty (2006, 2011) identifica o fato de que Descartes compreende o corpo em um dualismo substancial na díade mente-corpo, admitindo a existência de um espírito que desce ao ser humano e é responsável pelo processo do conhecer, sendo dele a incumbência pelas representações mentais, sensações e expressão da natureza. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006, 2011) identifica nas ideias de

Descartes a noção de que o homem, compreendido como ser humano, possui um corpo e um espírito, sendo este último não uma coisa vaga, mas concentrado, indiviso, que conhece a si mesmo e que só o encontra completamente puro quando toca a si. Ou seja, a ideia de pureza é o distanciamento do homem dos outros homens, das coisas e do próprio corpo, ele se recolhe em si mesmo para conhecer-se a si no espírito. Prosseguindo com sua análise, o referido autor percebe que não há unidade entre o corpo e a alma, mas uma relação de hierarquia, em que a “alma era não apenas o chefe e o comando do corpo, como o piloto em seu navio, e sim tão estreitamente unida a ele que nele sofre.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 46-47).

Enquanto Descartes (1962) oferece uma concepção fragmentada do ser humano, Merleau-Ponty (2004, p. 43) defende a unidade em que “os outros são para nós espíritos que habitam um corpo, e a aparência total desse corpo parece-nos conter todo um conjunto de possibilidades das quais o corpo é a presença propriamente dita”. Para ele, os homens não são puro espírito, pois só é possível conhecê-los por intermédio do corpo; seus olhares, seus gestos e suas palavras não se reduzem a um corpo inanimado, mas animado de intenções, de estilo e jeito de falar ou andar, de ação propriamente particular de um ser. O ser humano é então unidade de corpo e espírito e, para ilustrar essa afirmação, o autor exemplifica a exteriorização da explosão da raiva de uma pessoa: a raiva que aflora ao rosto, aos olhos e em sua voz é encontrada não em meu espírito ou em meu pensamento, mas inteiramente em mim (MERLEAU-PONTY, 2004). Assim, uma pessoa, ao sentir raiva, externa os sinais desse sentimento que se manifesta em seu corpo, em sua expressão facial, nos gestos e palavras, na inteireza de seu ser.

Haja vista este entendimento, Merleau-Ponty (2006, 2011) recusa a noção de substância de corpo, pois entende que o ser humano, ao ser corpo, incorpora o mundo nas experiências vividas e não pela deiscência de um espírito, sendo a vida deste ser constituída na experiência desse corpo no mundo, na relação com o outro, com a historicidade e com a cultura.

Nessa perspectiva, ao se distanciar da Psicologia clássica¹⁴, Merleau-Ponty (2006, 2011) admite um sujeito perceptivo num mundo prático, cuja experiência originária ocorre pelo comportamento e não por uma representação mental consciente, refutando por completo a conhecida ideia de Descartes (1962): penso,

¹⁴ Discutida nas obras: Fenomenologia da percepção e A natureza.

logo existo! Ao contrário desta ideia, ele afirma que, antes do ato de pensar, ocorrerá primeiro a experiência vivida. E, nesse entendimento, há uma noção fundante para a reflexão sobre a relação sujeito e objeto na ciência: o sujeito é compreendido como o próprio ser humano, por conseguinte, um corpo.

Transferindo essa lógica ao sujeito, a incorporação do mundo da vida não ocorrerá pela deiscência de um espírito, mas de suas experiências vividas, inclusive científicas e empíricas que irão compor seu repertório vivido, afinal, “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3).

No cartesianismo, a ideia é de neutralidade na relação do sujeito com o objeto, ou seja, uma relação “pura” - sem envolvimento entre ambos, a fim de que se mantenha totalmente a imparcialidade, além do objeto ser fragmentado em tantas partes para chegar ao seu entendimento. Fruto da inerência do corpo ao mundo, para Merleau-Ponty (2006, 2011), a vida traz a possibilidade de interconexões ao mundo, bem como a atribuição de significados e sentidos a tudo o que faz parte dele. Desse modo, a vida não pode ser um simples objeto entregue à consciência humana, assim como o objeto não pode ser fragmentado, ele deve ser compreendido em seu holismo, em suas intercessões, porque suas qualidades imbricadas ao mundo da vida revelam o seu ser. A díade sujeito-objeto não está assentada na neutralidade pura, pois tanto o sujeito como o objeto estão imbricados no mundo da vida.

Portanto, todas as coisas existentes ao redor do sujeito não são simples objetos neutros e puros, elas possuem significados intrínsecos a nós, evocam condutas e reações, revelam a leitura do que somos: “os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23). Nessa lógica, o autor segue versando que as coisas mantêm conosco uma relação de conexão com nosso corpo e estão recobertas das características humanas, sendo inegável que “o homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 24).

Merleau-Ponty (2004, 2006, 2011) reflete também sobre o “espaço”, tendo como ponto de partida a Física moderna, as noções de espaço e tempo relativos, a significação filosófica da Mecânica quântica e o conceito de natureza. Ao examinar a

Física de teor clássico, identifica a relação causa-consequência para entender fenômenos da natureza, de modo que particularidades eram replicadas de maneira generalista para explicá-los, em outras palavras, uma concepção de totalidade e determinismo que, transcendido a compreensão do Ser, desconsiderava seu comportamento.

Esse filósofo percebe que esta concepção determinista é modificada com a Mecânica quântica; na Física moderna, as noções de precisão, onda, campo e indeterminismo são apresentadas numa nova lógica explicativa. Interessa para ele essa revisão de conceitos, principalmente, as noções de tempo-espaço e universo. Deste modo, identifica que espaço e tempo deixam de ser absolutos em relação a velocidade, bem como o universo deixa de ser, prioritariamente, um conjunto de coisas, explicado apenas por um sistema de leis, assim, o universo é de relações, para a Física de Einstein (MERLEAU-PONTY, 2004, 2006, 2011).

Com amparo em reformulações de conceitos da ciência moderna, o espaço é tido como homogêneo, que se mistura, não sendo mais observado de uma forma absoluta e convencional. “O espaço, assim, não é mais esse meio das coisas simultâneas que poderia ser dominado por um observador absoluto, igualmente próximo de todas elas, sem ponto de vista, sem corpo, sem situação espacial, para a inteligência.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 5). Assim, com base nesse autor, a compreensão do espaço é mostrada como o espaço sensível ao coração. Essa mudança acompanha também a Filosofia e a Psicologia, de modo que a ideia de espaço que se relaciona apenas com uma inteligência racional, sem corpo, é substituída pela noção de um espaço “que tem relação com nossas particularidades corporais e com a nossa situação de seres jogados no mundo.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 17).

Na ontologia de Merleau-Ponty (2006, 2011) há a viabilidade de admitir o ser no espaço e no tempo, sendo estes não mais absolutos e sim relativos e relacionais, possibilitando apreender o ser pelo seu comportamento, ou seja, compreendê-lo em seu processo de interação com o meio.

Na teoria da percepção, que tem em sua base a experiência vivida pelo sujeito encarnado que vê e sente no corpo fenomenal suas vivências, Merleau-Ponty (2011) reconhece o espaço como expressão e símbolo do sujeito situado, apreendido por meio da experiência perceptível do corpo. Nesse sentido, o espaço alcança dimensões cíclicas e interconexas, reveladas na subjetividade e individualidade dos

seres humanos. Então, quando rompe com a ideia de espaço único e absoluto, Merleau-Ponty (2011) compreende também o espaço como plano da existência, pois nele estão situadas todas as expressões e significações do *ser*. Essa noção designa “[...] a operação pela qual o homem dá um sentido novo à uma situação recebida, natural ou histórica, e assim, transforma-a inventando um futuro [...] Todo fenômeno humano carrega a dupla marca da natureza e da história [...]” (DUPOND, 2010, p. 20), pois o ser humano fica “enraizado na natureza no momento em que a transforma pela cultura.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 231).

A natureza compreendida por Merleau-Ponty (2006)¹⁵, baseada nos estudos de Whitehead (1994), não é feita de existências espaçotemporais estáticas e absolutas; ao recusar a noção metafísica, também não é entendida como substância. Tampouco é um *ser naturado*, feito de exterioridades estritamente mecanicistas, das quais derivam as leis, um objeto distante, puro e unicamente decifrável pelo observador e explicado pelas causalidades em Descartes (1962), que se enraíza no universo mecânico para garantir a objetividade do ‘eu penso’.

Tendo Whitehead (1994) como principal interlocutor, Merleau-Ponty (2006) fala de uma natureza arrimada na ideia de inerência entre os seres e as coisas no dinamismo do tempo e do espaço. Isso significa que há uma indissociabilidade nos seres em relação a natureza, pois ambos possuem independência, porém, concomitantemente, são inseparáveis na relação com o espaço e com o tempo. Para esse Filósofo, a “Natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta.” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 4).

Esse entendimento sobre a natureza é revelado nos esboços que foram compilados dos cursos que Merleau-Ponty (2006) ministrou. Neles, evidencia-se o deslocamento de seu pensamento da fenomenologia para a ontologia, se distancia das noções clássicas da Filosofia, além de buscar referências na Física, Biologia e Antropologia para sustentar seu entendimento. Nessas notas, está abordada a relação corpo-natureza-cultura.

Nos cursos que Merleau-Ponty (2006) ministrou, o corpo humano é examinado em inerência com a natureza como metamorfose da vida. Nesses esboços, estão registradas a revisão e a opção pelo distanciamento das noções de

¹⁵ Distanciando-se das compreensões do vitalismo, finalismo e do mecanicismo.

natureza e de corpo como substância mencionada anteriormente, bem como a noção de comportamento, que tem como objetivo a compreensão do organismo vivo, mas se afastando das concepções vitalistas, mecanicistas e naturalistas.

Nas análises sobre o comportamento, o ser se constitui nas relações com o *Umwelt* (meio ambiente) - um mundo regido pelos movimentos dos animais, e interage com os movimentos reguladores do organismo. Deste modo, o ambiente está imbricado pelo movimento dos animais e os animais entrelaçados ao ambiente; há uma coesão em ambos e, de modo particular, no animal há uma abertura perceptiva ao *Umwelt* próprio à estrutura de seu corpo, que modula seu comportamento.

Esta proposição se confirma nas análises que Merleau-Ponty (2006) fez a respeito dos estudos de Coghill (1929) sobre uma espécie de lagarto (axolotl) e seu comportamento motor, cuja primeira ação motora é a natação. Na tese defendida pelo autor, é demonstrado que o comportamento inicial do animal é organizado sob gradientes pré-neurais, que sobrepõem o funcionamento do sistema nervoso e não cessam com o seu aparecimento, revelando que o sistema nervoso emerge de uma dinâmica pré-neural. Nessa perspectiva,

Se os animais vertebrados superiores têm, diferentemente dos insetos, uma enorme capacidade de aprendizagem é porque, diz Coghill, os tecidos nervosos estão envoltos numa matriz de tecidos embrionários. Essa matriz deve ser depositaria de uma potencialidade de crescimento e o neurônio deve continuar a crescer, uma vez em funcionamento, e isso de maneira puramente embrionária. O fato é que o axolotl vê o seu volume nervoso crescer de maneira considerável. Esse crescimento não depende do exercício da função nervosa, como pensava o fundador da teoria neuronista, Ramon y Cajal. Com efeito, para que o neurônio cumpra a sua de função de condução é preciso que os tecidos nervosos sejam irrigados pelos vasos sanguíneos; ora, já existe crescimento antes dessa vascularização. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 234).

Com esteio nessa observação, Merleau-Ponty (2006) concorda com Coghill (1929) que o sistema pré-neural é dinâmico e reage ao meio circundante à própria maneira da estrutura do organismo. Coaduna também com Gesell Arnatruda (1953), no sentido de que o organismo tem um poder sobre o mundo exterior e que há um caráter orgânico em todos os comportamentos manifestos como princípio próprio do organismo e intimamente relacionados a motricidade, postura, tônus e ações do organismo. Por essa razão, o Filósofo afirma não haver diferenças entre a organização do corpo e o seu comportamento, pois o corpo é o lugar do comportamento, há inerência entre ambos, o ambiente e a cultura, não havendo

quaisquer deiscências de um espírito ao comportamento, mas ações dinâmicas em níveis embrionários na relação com o *Umwelt*.

Merleau-Ponty (2006) finaliza seus cursos sobre a natureza com a temática da estesiologia, um estudo do corpo e do sensível, legitimando-a como a capacidade de sentir e reconhecer os outros seres em seus corpos, o ambiente que os circunda, o mundo da vida. Ao ser humano, possibilita abertura sensível em sua relação com a História, a Ontologia, a Arte, a Ciência e a Cultura. Admite ainda o ser humano, como tal, por ele ser corpo e admite o corpo humano como o próprio organismo e produtor de sentidos. Para ele, o ser libera sentidos pelo comportamento e pela linguagem num fluxo, passagem e inerência ao meio.

Um exemplo disso são as reflexões e ilustrações que Merleau-Ponty (2006) faz sobre o tema da animalidade, quando um animal está executando suas funções de alimentação ou sexualidade. O comportamento no ato dessas atividades não é puramente de se alimentar e se acoplar sexualmente; em ambas, há certo cerimonial ou ritual que lhe faz sentido - um estorninho que se sacode após caçar e deglutir sua presa. Isso mostra como diversos animais usam o corpo para beber água ou acasalar. O instinto do animal é sempre acompanhado de comportamentos simbólicos que lhe conferem sentido, de acordo com o seu grupo.

Sob amparo das ideias merleau-pontyanas, entendemos que espaço e tempo são relativos, os objetos possuem sentidos, significados e não são puramente neutros; o corpo não é dual, é único e sensível, é o ancoradouro de um ser no mundo-da-vida e o ator das experiências vividas; sendo o espaço proposto como superfície da existência, apreendido por meio do corpo que vive a experiência perceptível; entende o espaço como experiência do corpo, ou seja, o espaço é percebido corporalmente e o corpo é no espaço.

Entende-se que o espaço integra o contexto do mundo da vida, em que o corpo está ancorado na inerência da carne que agrega todas as dimensões fenomênicas do corpo, objetivas e subjetivas, numa mesma superfície de contato ramificadas entre o corpo e o mundo. Compreendemos que essas noções estão entrelaçadas na dinâmica do mundo-da-vida e se fazem presentes no quiasma corpo-natureza-cultura, que passamos a discutir na próxima subseção.

2.2 Corpo-natureza-cultura: um diálogo fenomenológico

As ideias merleau-pontyanas firmaram raízes na compreensão de que o ser nunca está separado de sua historicidade e natureza, ambos são intrínsecos pela inerência que o entrelaçam. Em suas especificidades, a natureza não está isolada e nem inerte aos seres, pois ela os abraça e se inscreve na ordem da cultura e da história. E, nas palavras de Maurice Merleau-Ponty,

Assim como a natureza penetra até no centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo somente no ambiente da terra, do ar e da água, tenho em torno de mim estradas, plantações, povoados, ruas, igrejas, utensílios, uma sineta, uma colher, um cachimbo. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da ação humana à qual ele serve. Cada um emite uma atmosfera de humanidade que pode ser muito pouco determinada, se se trata de algumas marcas de passos na areia, ou ao contrário muito determinada, se visito todos os cômodos de uma casa recém desocupada. (2011, p. 465).

Deste modo, compreendemos que o ser, a natureza e a história interconectam-se no movimento contínuo da vida. A natureza em seu fluxo penetra o ser, que imprime na natureza suas ações e significações em teias culturais, e transversalmente perpassam histórias plenas desta relação. A natureza não está ali, ou lá, distante, ela está aqui a nos envolver. A natureza, como base de toda criação, é a trama permanente da história, porém, como diz Merleau-Ponty (2011), só há história humana se os comportamentos estiverem na natureza e nela se reificarem. Assim, o ser humano, um organismo vivo, ao enraizar-se na natureza, consegue transformá-la pela cultura, que também é moldada pelos comportamentos e suas significações.

Com base na compreensão fenomenológica merleau-pontyana, estudos contemporâneos sobre a percepção e suas relações com o conhecimento vêm sendo desenvolvidos, com destaque para os biólogos Maturana e Varela (1995), que fazem uma revisão sobre o funcionamento do sistema nervoso. Eles explicam que entre os organismos e o meio há um encadeamento denominado de acoplamento estrutural, considerado como um *continuum* de mudança estrutural entre organismo e meio, que não cessa enquanto houver vida; essa é uma regulação circular na qual o meio age

sobre o indivíduo e o indivíduo age sobre o meio – sem sobreposições ou determinismos de um em relação ao outro.

Para os biólogos retrocitados, a maneira como esse processo ocorre depende do meio e do contexto em que se vive, bem como da manutenção desta conexão da transformação de forma ininterrupta, embora ocorram entre sistemas operacionalmente independentes. Em razão da natureza do acoplamento estrutural entre organismo e meio [...], “qualquer dimensão de interação estrutural do organismo e do meio, que se acopla com o fluir de mudanças estruturais do sistema nervoso, pode tornar-se uma dimensão sensorial, e uma expansão do espaço comportamental do organismo.” (MATURANA, 2001, p. 185).

Este entendimento é concebido na teoria da *autopoiesis*, de Maturana e Varela (1995; 1998), que aborda a complexidade do ser vivo como um processo recursivo dessa operação do acoplamento estrutural. Para ambos, a recursividade é autorreferencialidade, ou seja, as interações do todo com as partes geram a autonomia quando os seres vivos deixam de ser polos antagônicos e passam a se complementar, de forma autônoma e independente. Para eles, essa lógica recursiva significa as distintas comunicações com os sentidos, seja pelas nossas capacidades sensorial, cognitiva ou olfativa, em completo movimento. Seguindo este raciocínio, entendemos que os processos de cognição dependem da experiência vivida que acontece no plano da ação corpórea em constante movimentação do corpo perceptivo e estesiológico.

A teoria da *autopoiesis* retrata a interação do organismo e o meio, que considera a complexidade do ser vivo. Trata-se de um processo recursivo, caracterizado pela clausura operacional e pelo acoplamento estrutural. Nóbrega (2008)¹⁶ chama a atenção para esta teoria quando traz o movimento na ação para o cerne da discussão:

Na perspectiva da *autopoiesis*, a relação entre os sistemas aferente e eferente é modificada, sendo considerada circular e não mais linear. O próprio

¹⁶ A autora se aproxima de alguns trabalhos das ciências cognitivas de Maturana e Varela (1995), fazendo correlações com a fenomenologia merleau-pontyana¹⁶, norteando-se pelo eixo corpo e o sensível, para pensar a percepção como *autopoiesis* e como enação. Para ela, as reflexões de Merleau-Ponty apontam para aspectos importantes do estudo da percepção, que hoje são retomados pelos estudos das biociências, ciências cognitivas e inteligência artificial, em especial nos estudos de Varela, Thompson e Rosch (1993), tais como: a percepção emerge da motricidade; o sistema nervoso central tem por função a condução do impulso e não a elaboração do pensamento; a relação circular entre o organismo e o meio, admitindo fenômenos transversais e considerando não apenas os componentes físico-químicos, mas a organização dos elementos (NÓBREGA, 2008, p. 145).

sistema, isto é, a organização motora, internamente, pode modificar o sistema, gerando diferentes possibilidades de respostas. Não predomina o determinismo do ambiente, mas certa clausura operacional, o que significa que o próprio sistema tem as condições de operar, embora esteja disponível para trocas com o ambiente (acoplamento estrutural). (NÓBREGA, 2008, p. 145).

Para a teoria autopoietica, os processos cognitivos dependem da experiência vivida que se materializa na ação corporal, que, por sua vez, está vinculada ao movimento. Nesse sentido, Nóbrega (2008) anuncia que, quando se considera o corpo em movimento como um sistema autopoietico, significa não o reduzir a uma causalidade linear e reconhecer que o ser humano é uma criação contínua, não sendo um ser determinado. Com isto, a enação reconhece neste sistema que o conhecimento é incorporado pelo fato de sermos corpos imersos em contextos múltiplos, com uma infinidade de possibilidades sensório-motoras.

No dizer de Andrieu (2014), o corpo age em pessoa e não como uma pessoa, emergindo na consciência do corpo vivido. “O corpo vivo já se encontra em ato.” (ANDRIEU, 2014, p. 6). O corpo imerso, em um contexto, pode ser apreendido pela consciência, guiado pelo movimento involuntário do nosso corpo sistêmico, emoções e imagens. Como afirma Nóbrega (2010): O CORPO SABE! Deste modo, o movimento do corpo é circular e permeia todas as situações do meio ambiente e do próprio corpo, gerando, nesse processo intencional, a aprendizagem, novas interpretações, novas emergências, microprocessos.

Em Nóbrega (2008), a noção de corpo é mais bem compreendida pela *autopoiesis*, uma relação sistêmica e cíclica com capacidade de gerar diversificadas respostas e profundas modificações. Não há determinismos, diante da premissa do corpo em movimento, um ontológico sistema autopoietico. Portanto, o corpo não é abstrato, nem dicotômico, é uma relação complexa. Nesse sentido, essa autora afirma que, para compreender o humano e sua condição de ser corpóreo, ocorre um incessante movimento que admite variegadas interpretações que são pautadas na circularidade ou recursividade dos fenômenos. Em torno da recursividade, os movimentos corporais, ou os gestos, são inatos ao corpo e bioculturais, pois,

Desde que nascemos então, nosso corpo traz a história que nos concebe como indivíduos da espécie humana. [...] A existência de cada organismo inicia-se como uma célula, a qual possui certas estruturas iniciais, e esta estrutura inicial é resultado da história da filogenia. Dando continuidade à historicidade do corpo, vamos construindo outra história mediante nossas

experiências de vida, de acordo com a sociedade em que vivemos. [...] formado por uma dinâmica molecular, o corpo vai se organizando e reorganizando mediante as provocações advindas do ambiente, das pessoas e da sociedade com as quais convivemos, sendo ao mesmo tempo agente perturbador, modificando-os [...] percebemos, então como ocorre a interação entre o organismo, ambiente e a cultura, o que nos faz observar que, mesmo o organismo sendo autônomo, mantém a dependência com o entorno. (MENDES; NÓBREGA, 2009, p. 30-32).

Com isto, tudo o que é biológico no ser humano encontra-se simultaneamente infiltrado de cultura de maneira que todo ato humano é biocultural (MENDES; NÓBREGA, 2004, 2009; MENDES, 2013; SANT'ANNA, 2006).

Ao inferir que o ato humano é biocultural, Mendes e Nóbrega (2009) amplia os significados e sentidos do movimento humano, compreendido como uma linguagem sensível que emerge do corpo, a qual “[...] é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, [...] abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do seu corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas corporais.”¹⁷ (MENDES; NÓBREGA, 2009, p. 6). Assim, entendemos que os gestos e as maneiras de se mover do ser humano são dotados de elementos da dimensão biológica e cultural, que se entrelaçam num determinado meio.

Diante do contexto teórico apresentado, compreendemos que o corpo, em suas dimensões perceptivas e estesiológicas, é a própria unicidade do corpo biocultural. Ser corpo biocultural pressupõe sua inerência ao meio, ambos possuem mecanismos próprios e independentes, ao mesmo tempo em que se enraízam um no outro. Nessa lógica, entendemos que o meio é a natureza, espaço percebido corporalmente, onde são expressas as manifestações da cultura, cujo liame produz significados e sentidos aos sujeitos.

Essas construções teóricas, mencionadas anteriormente, confirmam que não estamos longe da natureza, não nos colocamos a contemplá-la, mas estamos unidos em cinesia no mundo, na vida cotidiana, na medida em que somos um organismo vivo em seu ventre, que “[...] mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema.” (MERLEAU-PONTY 2011, p. 438). Rompemos, assim, com a ideologização das relações hierarquizadas entre o organismo e o meio, na medida em que são convergentes com

¹⁷ Técnicas Corporais é uma terminologia usada por Mauss (1974), que Mendes e Nóbrega (2009) tem por referência. São as “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974, p. 211). Esse conceito contribui para a superação da ideia de que a técnica necessariamente está vinculada a um padrão de movimento.

as ideias merleau-pontyanas sobre a inerência corpo-natureza, e também a cultura, envoltas dos comportamentos humanos arraigados de significações, sendo o corpo a ponte de diálogo, uma vez que nele se circunscrevem as dimensões biológicas e culturais. Por meio dele, ocorrem nossas experiências no/e com o mundo e todo o entorno, articulando-se entre si, organismo (corpo), meio (natureza) e cultura. Nesse sentido, a teoria da *autopoiesis* recupera a compreensão do corpo em sua dimensão biocultural.

Encontramos nas proposições de Berger e Luckmann (1973) e Geertz (2008), que a cultura é como uma teia de significados compartilhados, tecida e reproduzida desde a interação de pessoas em sociedade. Com base nesse argumento, reiteramos a ideia de que o ser humano permanece atado ao mundo pelas experiências, por meio do seu corpo, pois “[...] é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...].” (GEERTZ, 2008, p. 4). Assim, “é a realidade do corpo que nos permite sentir e, portanto, perceber o mundo, os objetos, as pessoas [...] imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer escolher.” (NÓBREGA, 2010, p. 11). Ou seja, a existência nos permite dar sentido às coisas, pessoas e lugares.

Ante tal realidade, os trabalhos de Lévi-Strauss (1976) trazem duas contribuições importantes para entendermos a cultura nesse processo: a passagem da ordem da natureza à cultura e a crítica à hierarquização cultural. A primeira é a rejeição ao relativismo cultural, criticando a hierarquização das culturas e, por sua vez, as oposições entre humanidade e animalidade, natureza e cultura, convergindo com as ideias merleau-pontyanas. A segunda, diz respeito à crítica de que o ser humano tenha vivido somente no estado de natureza, defendendo o argumento de que a cultura sempre esteve junto a ele; além disso, reconhece que os fatos naturais e culturais se articulam entre si, mas que existem dificuldades em definir quando os fatos naturais se transformam em culturais. Nessa perspectiva, o critério de natureza está associado ao universal e a cultura está conectada a uma norma específica ou regra.

Nas acepções do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1976), encontra-se a concepção de cultura, a partir do momento em que o ser humano instituiu a primeira norma, gerando uma teia de significados constituída pelas instituições sociais – condutas legitimadas por meio de símbolos e ritos, formuladas por um dado grupo humano, bem como pela carga coercitiva a elas relacionada. Nesse sentido, todo comportamento humano no mundo é mediado pelo uso de símbolos, sendo a própria

linguagem um dos mais evidentes exemplos, possível pela realidade corporal humana, uma vez que “moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]” (LE BRETON, 2011, p. 7). Portanto, cada realidade corporal humana possui instituições, significações e costumes próprios, assim como cada coletividade possui suas particularidades, abertas às experiências do mundo, sem sobreposição com as outras (MERLEAU-PONTY, 2004). Essas experiências são vividas no cotidiano e ocorrem em um determinado espaço, assentado à natureza.

Dialogando com Mauss (1974), Merleau-Ponty (2011, p. 205) anuncia que “Ser corpo [...] é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é espaço”. Assim, o corpo vivencia as experiências no mundo e a partir delas constitui a percepção. O mundo percebido se desenvolve na experiência de estar no mundo pelo corpo, que sente, que percebe, e, “[...] se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 278) ocorre no âmbito do mundo natural, compreendido como

[...] horizonte de todos os horizontes, o estilo de todos os estilos, que, para alguém de todas as rupturas de minha vida pessoal e histórica, garante às minhas experiências uma unidade dada e não desejada, e cujo correlativo em mim é a existência dada, geral e pré-pessoal de minhas funções sensoriais, em que encontramos a definição do corpo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 442).

Este mundo natural é palco das típicas relações sensoriais, cujo horizonte é propício às interações realizadas pelo corpo, o próprio ser vivo ou o organismo que percebe e é percebido. Nóbrega (2010) corrobora estas afirmações, quando expressa que a realidade do corpo nos permite sentir e, portanto, perceber o mundo, os objetos, as pessoas, mediante as experiências, bem como sonhar, desejar, imaginar, pensar, narrar, escolher e conhecer; possível pela condição de ser corpo, pois é nele que se constituem os entendimentos assentados nas correlações internas do organismo e, ao mesmo tempo, as interações externas.

Andrade (2012, p. 101) contribui com esta compreensão, quando afirma que este sistema interno mantém “[...] uma relação cíclica entre ação e experiência e que tudo o que vivemos constitui, sem dúvida, os elementos que fazem parte deste processo”. Com supedâneo nos elementos abordados - Merleau-Ponty (2006, 2011) e Maturana e Varela (1995; 1998) - compreendemos que dessa dinâmica externo-

interno e interno-externo que ocorre entre o organismo-meio ou corpo-natureza-cultura, emergem significados e sentidos de um corpo que percebe, sente e é biocultural, desde o entrelaçamento com a experiência que se dá no mundo da vida. Esse *moto continuo* que se desenrola durante toda a vida dos sujeitos dá a eles a condição de atribuir significados e sentidos a coisas, pessoas e lugares pertencentes ao seu contexto. Comprendemos que

[...] o **significado** [...] consiste numa síntese intelectual, ele é o conceito em termos estritos; enquanto o sentido se refere à apreensão sensível imediata de mundo, ele instaura a realização do corpo como tal e como espaço. [...] para que o **sentido** se tome um significado ou conceito mediante uma síntese intelectual é preciso a reincidência de uma série de experiências regulares e retroativas de modo a permitir um conjunto de representações que validará o significado. (LIMA, 2007, p. 9. Grifamos).

Não há significado sem sentido e não há ordem de prevalência entre os dois. O sentido nasce da relação entre corpo e espaço, envolvendo cor, ruído, textura, odor, gosto. É restituído pelas sensações de dor, sabor, imagens que podem incitar o medo, a cólera, a concupiscência, ou seja, por impressões que demandam intencionalidades e atitudes. Enquanto isso, o significado é uma síntese intelectual ou conceito.

As ideias merleau-pontyanas sinalizam que o corpo é o próprio organismo em interação com o meio em que habita, é quem dá sentido, apreende e formula significados e os projeta sobre o meio; é a intercessão que se junta às coisas e está em sincronia com elas; é o que nos une à natureza, é livre e intencional. O corpo é um sistema sinérgico, estesiológico, cujas funções estão todas unidas no movimento geral do ser no mundo, exprime a cultura ao se comunicar com o mundo da vida, é um sistema próprio, que nos possibilita interagir, experimentar, viver e aprender. Nesse sentido, “Viver é interagir, e interagir é conhecer, por extensão, viver é conhecer”, como afirmou Andrade (2012, p. 100). Se sentimos e vibramos é porque somos um corpo, vivemos e coexistimos.

O movimento estesiológico que ocorre no corpo é realizado na interação com a natureza em sua dimensão total e complexa, cuja relação com os seres não é estática nem contemplativa, pois está sempre entre nós. Nóbrega (2014) concorda com essa compreensão, pois considera que todos os animais estão submetidos às mesmas leis físicas, todos compõem um dado ecossistema, todos, portanto, integram

a natureza. Para Merleau-Ponty (2011), o que diferirá os seres são os seus corpos. Para Merleau-Ponty (2006), a noção de estesiologia expressa o jeito de ser corpo, é também uma percepção entrelaçada aos vínculos corporais, entendimentos que ampliam a concepção de corpo como percepção.

A percepção é expressão gestada por meio dos olhares sobre o mundo, significando que “das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 497). Esse pensamento margeia o “campo da subjetividade e da historicidade, ao mundo dos objetos culturais, das relações sociais, do diálogo, das tensões, das contradições e do amor como amálgama das experiências afetivas.” (NÓBREGA, 2008, p. 142). A teoria da percepção formulada por Merleau-Ponty (2011) está assentada na experiência do sujeito encarnado, que olha, sente e experimenta o corpo fenomenal, em um determinado espaço expressivo e simbólico.

Para esse Filósofo, a percepção é o conjunto das experiências do corpo com os sentidos, é um evento do corpo, em que há a intencionalidade do movimento, o que demonstra que a percepção é sinestésica e pode ser observada quando o corpo, por exemplo, ao se dispersar, se organiza, reorganiza e caminha em movimento sinérgico e intencional em direção aos outros. Nossos movimentos são marcados pelo acordo perceptivo que temos com o mundo e com os outros. Tudo está associado a movimentos e todo objeto nos convida a expressar um gesto, uma criação. É o mundo quântico, com possibilidades diferentes para interpretar a existência fenomênica.

Ao revisar conceitos sobre a percepção, Nóbrega (2008) traz contribuições: a percepção como atitude corpórea; percepção como sensível; e percepção como autopoiesis¹⁸. A primeira diz respeito à percepção como atitude corpórea em que a referida autora encontra nos escritos de Merleau-Ponty (2006, 2011) evidências de que a percepção está intimamente relacionada à sensação e ao movimento, de modo que as sensações aparecem associadas aos movimentos, ou seja, o corpo age, um corpo perceptivo.

A segunda, também apoiada nos trabalhos merleau-pontyanos, fala da percepção como sensível, cuja sensorialidade corpórea que é formada por diversos elementos, estesia, capacidade fisiológica, simbólica, histórica e afetiva de impressão

¹⁸ Enação (*énaction*), na teoria da autopoiesis de Francisco Varela é diferente da emersão de Andrieu que “apreendida pela consciência, é o movimento involuntário em nosso corpo de redes, humores e imagens as quais nossa consciência conhece apenas a parte emergida.” (ANDRIEU, 2014, p. 7).

dos sentidos. Nóbrega (2008) mostra que as análises merleau-pontyanas sobre a percepção - considerando o corpo, o movimento e o sensível – constituem-se configurações do corpo e da própria percepção como criação e expressão da linguagem, desdobrando-se no entendimento de sensibilidade e estética. Afirma ainda que o *logos* estético exprime o universo do corpo “da sensibilidade, dos afetos, do ser humano em movimento no mundo, imerso na cultura e na história, criando e recriando, comunicando-se e expressando-se.” (NÓBREGA, 2008, p. 143). Deste modo, a autora conclui que a linguagem sensível abre outras possibilidades para o conhecer, e tem na comunicação a exigência para considerar o mundo sensível.

Assim, o corpo perceptivo é aquele que se move, vê, conhece, vive e existe. Nesse corpo perceptivo, não é o olho que vê, nem a alma, é o próprio corpo como totalidade aberta, gerando “Consequências para as coisas percebidas: correlações de um sujeito carnal, réplicas de seu movimento e de seu sentir, intercaladas em circuito interno, elas são feitas do mesmo material que ele: o sensível é a carne do mundo, isto é, o sentido no exterior.” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 351). Esse corpo percebe experienciando as situações entrelaçadas ao mundo da vida, onde estão interconexas a carne do corpo e a carne do mundo, ele atua no mundo e constitui as experiências vividas. O corpo estesiológico abraça este entendimento, mas o transcende, pois admite um corpo *sentiente* em relação com os outros, com a própria história vivida, a natureza e a cultura que os envolve. Esta é uma compreensão fundada na arqueologia do corpo, no sensível, na sua historicidade, na aprendizagem de comportamentos vitais, lógicos e simbólicos integrantes do contexto vivido pelo sujeito.

E a terceira, a partir das acepções merleau-pontyanas e da teoria da autopoiesis de Maturana e Varela (1995, 1998), cujo corpo é o próprio organismo ou ser humano que percebe e sente o mundo da vida e tudo que nele há, como os objetos, coisas, pessoas, cultura e história. Ao ser inerente à natureza, o corpo ao mesmo tempo percebe e é percebido, libera sentidos e significações próprias ao grupo ao qual pertence. É uma totalidade aberta, como uma obra de arte inacabada às experiências vividas que lhes dão luz e cor pelo contexto de seu mundo da vida. Nessa lógica, compreendemos que o quiasma corpo-natureza-cultura, na perspectiva merleau-pontyana, se constitui na ancoragem de um corpo na natureza, cuja intercessão conjuga a relação espaço-tempo onde ocorrem os comportamentos simbólicos carregados de significações individuais e coletivas do *ser*, que nos grupos humanos se externam nas expressões culturais.

Desde esse ponto de vista, reiteramos nossa compreensão acerca do corpo como o ancoradouro das experiências no mundo da vida, como evidenciou Merleau-Ponty (2006, 2011). Com base no diálogo fenomenológico tecido nesta subseção, compreendemos que a natureza e o corpo possuem sistemas e dinâmicas independentes, mas, ao mesmo tempo inerentes, cuja relação faz emergir comportamentos simbólicos expressos na cultura. E, nesta dinâmica integrativa se faz presente o quiasma corpo-cultura-natureza, o qual nos conduz às categorias analíticas para esta tese doutoral: o corpo perceptivo e corpo estesiológico que em unicidade constituem um corpo biocultural, que produz significados e sentidos arrimados nas experiências vividas no mundo vida.

Por experiências vividas, consideramos nesta tese as vivências que medeiam a percepção e a estesiologia do corpo na relação com a natureza e a cultura, que compõem o mundo da vida dos ribeirinhos. Por natureza, nomeamos o ecossistema de várzea e sua dinâmica, que será abordada na subseção subsequente, sendo ela o espaço que permeia a percepção e a estesiologia do corpo biocultural ribeirinho e suas manifestações culturais.

Cabe destacar a noção de que o espaço é uma categoria conceitual de ampla discussão fora da fenomenologia, mas, nesta tese, o concebemos como espaço percebido ao corpo segundo Merleau-Ponty (2006, 2011), em que ambos coexistem e criam juntos experiências vividas. Lima (2007) apreende esta noção e propõe o entendimento de espaço percebido como paisagem¹⁹, com destaque para o sentido duplo para o “percebido”, que: a) permite entrever como a paisagem pode ser compreendida como um recorte do espaço; b) é subentendido como espaço abarcado pela percepção, que também estamos chamando de espaço corporal. Nessa perspectiva, a paisagem, como recorte do espaço e ao mesmo apreendida no corpo, é percebida na coexistência, como nos exemplos a seguir:

Podemos deduzir uma forma por uma cor, um gesto. um som, um odor, um sabor; ou ainda uma lembrança ou ideia por um odor ou sabor, sendo igualmente válida qualquer aleatoriedade de combinação entre essas partes. E é no entrelaçamento dessas afecções somáticas que nos tornamos coparticipes de um espaço que não é nem a redução da forma ao conteúdo, nem a subordinação do conteúdo a uma forma determinante, mas um espaço pronto a nos ensinar sobre o mundo e sobre nós mesmos ao conciliarmos essas nuances. Um ambiente em que o som ressoa por todos os recônditos,

¹⁹ Ver artigo: “Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty a análise geográfica” ou tese de doutoramento “Encruzilhadas geográficas: notas críticas sobre a compreensão do sujeito em Geografia”, de Elias Lopes de Lima.

ao passo de um dado relance do espaço capturado por um odor que lhe impregna de sentido, assim como uma forma que nos convence (ou nos convida a outro termo) por ser palpável, ao largo de uma paisagem avistada a se fundir em cores e texturas na linha do horizonte por estimular nossas emoções e nos cooptar para sua história: todos esses exemplos consistem num espaço corporal ou percebido. (LIMA, 2007, p. 80).

No entendimento desse autor, o espaço demarcado pelo corpo próprio é o espaço percebido, sendo ele o recorte do espaço abarcado pela percepção, assim o espaço “[...] é um campo perceptivo, o meio de nossa experiência sensório-motor-comunicativa, não possuindo, portanto, delimitações rígidas e precisas.” (LIMA, 2007, p. 80). Nos aproximamos da compreensão de lugar como palco da existência humana, de experiências imediatas do ser humano, um lugar de vida e representações que lhes dão sentido e identidade sendo, “possível de ser percebida através também da subjetividade, sentimentos, emoções e valores, resultado da relação homem-ambiente que o indivíduo percebe com o corpo ou sentidos: olfato, visão, tato entre outras coisas.” (MATOS, 2014, p. 31). O lugar é, portanto, o cenário onde acontece as relações dos seres humanos com ele enquanto mundo vivido, suas experiências com o lugar, as relações sociais e sua organização social estabelecendo uma ligação direta com as pessoas, a natureza e paisagem do lugar. Com efeito, quando nos reportamos a natureza, várzea, paisagem e lugar, estamos compreendendo-os como espaços percebidos ao corpo biocultural, cenário que compõem o mundo-da-vida e das experiências vividas dos ribeirinhos da várzea Amazônica.

Com base nas noções abordadas nesta subseção, o quiasma corpo-natureza-cultura nos auxilia a compreender o fenômeno investigado nesta tese doutoral: a relação dos ribeirinhos com a várzea amazônica, especificamente com os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas, vividos na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. As vivências com esses fenômenos e a interface com a cultura constituída compõem o contexto do mundo da vida dos ribeirinhos, palco onde acontecem as experiências vividas e onde os sentidos/significados (símbolos/signos) são fecundos a esses sujeitos em sua individualidade e coletividade.

Seguindo esse entendimento, nos aproximaremos teoricamente do mundo da vida chamado várzea amazônica, a fim de que nas seções cinco e seis façamos a leitura da relação ribeirinhos e várzea amazônica com suporte nas categorias analíticas mencionadas anteriormente. Para tanto, trazemos na próxima seção o contexto ribeirinho com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas na várzea

amazônica em caráter teórico, apontando os elementos para uma leitura fenomenológica do quiasma corpo-natureza-cultura. Na sequência, aportamos o contexto da várzea na relação teórica ribeirinho-várzea.

2.3 Ribeirinhos e várzea amazônica: aproximações fenomenológicas

A Pan-Amazônia está organizada geopoliticamente estendendo-se por nove países da América Latina: Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil. Juntos formam as áreas de domínio da floresta amazônica²⁰ (RIBEIRO, 2005).

A abrangência da chamada Amazônia Legal, para efeito de planejamento econômico, foi delimitada pela primeira vez em 1953, pela Lei nº 1.806/1953²¹, passando por alterações, quando em 2007, pela Lei Complementar nº 124 de 03 de janeiro, sua superfície foi estimada em 5.217.423 km², correspondendo a 61% do Território brasileiro, compreendendo todos os Estados da região norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) além do Mato Grosso, com exceção do Pantanal, bem como os municípios situados ao oeste do Estado do Maranhão (IBGE, 2014).

A Amazônia é um bioma localizado no trópico úmido, onde estão as maiores extensões de terras não cultivadas, vasta diversidade biológica terrestre (MORAN, 1990) e aquática, possui grande variedade de ecossistemas - como as matas de terra firme, florestas inundadas, várzeas, igapós, campos abertos e cerrados.

A várzea amazônica é um ambiente dinâmico, sujeito a transformações ritmadas pelas águas cujo fluxo sazonal do rio, que define as estações na várzea, modifica a paisagem terrestre semestralmente, entre *tempo das terras* e *tempo das águas*²². Sua paisagem é alterada, constantemente, também pelos fenômenos das terras crescidas e das terras caídas. Essas três características genuinamente de

²⁰ A Pan Amazônia trata-se de uma abordagem estratégica de conteúdo geopolítico que passou a ser implantada e fortaleceu a soberania de países amazônicos. É formada pelo conjunto dos países citados na sequência.

²¹ Lei que criou a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e revogada pela Lei nº 5.173/1966 que suprimiu a SPVEA e fundou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) que pela Medida Provisória nº 2.157-5 em 2001 é também extinta e substituída pela Agência de Desenvolvimento da Amazônia (ADA), sendo recriada em 2007 pela Lei Complementar nº 124 (IBGE, 2014).

²² Expressões usadas por Canto (2007).

várzeas amazônicas são observadas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, *locus* da pesquisa desta investigação.

As áreas de várzea possuem singularidades por causa do regime de inundação do rio, cuja sazonalidade influencia todo o ecossistema. O regime fluvial apresenta quatro estações: a enchente - subida das águas; a cheia - nível máximo das águas; a vazante - descida das águas, e a seca - nível mais baixo das águas (CASTRO; MCGRATH, 2001; FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007). Os autores Leandro, Nascimento e Souza (2017) anunciam que pode haver uma conexão direta da dinâmica integrativa entre o regime fluvial e o regime pluvial (chuvas), entretanto, Carvalho (2006) defende o argumento de que o regime hidrológico do rio Amazonas resulta do regime pluviométrico.

As oscilações na paisagem da várzea ocorrem em decorrência das alterações no nível do rio Amazonas. Essa característica marcante acontece pelas inundações periódicas do rio que regulam “[...] os ciclos de vida da biota local e, conseqüentemente, regulam as oportunidades de subsistência disponíveis para as populações humanas.” (PEREIRA, 2007, p. 15-16). Esse perfil ambiental fez “[...] com que a vida animal, vegetal e do próprio homem, produzisse uma enorme capacidade adaptativa a esse ambiente em constantes alterações.” (SOUZA, 2012, p. 94). Ou seja, tanto o mundo vegetal quanto o animal buscaram estratégias para superar essas adversidades.

No mundo vegetal²³, Pereira (2007) aponta os fatores limitantes da várzea, tais como: “[...] morfológicas (raízes adventícias, pneumatóforos), anatômicas (tecidos lacunares de flutuação), fisiológicas ou fenológicas (crescimento e atividade metabólica regulada pelas enchentes). A frutificação está intimamente ligada ao ritmo das enchentes.” (PEREIRA, 2007, p. 12) que traduzem diversidade e adaptações variadas. Já no mundo animal, em específico o ser humano, a relação entre ecologia, as populações ribeirinhas e sua cultura na Amazônia é complexa e assume diversas facetas.

Nas várzeas estão as maiores faixas contínuas “[...] de solos férteis da Amazônia e, historicamente, foi onde se concentrou as mais intensas atividades de

²³“Os padrões de vegetação estão relacionados em parte com a elevação, refletindo a capacidade de suportar longos períodos de inundação. As áreas de terra alta, como as restingas que margeiam os canais, são florestadas, enquanto gramíneas naturais predominam nas terras baixas das bacias do interior. A superfície dos lagos e as beiras dos canais são frequentemente cobertas parcialmente por gramíneas flutuantes.” (MCGRATH *et al*, 1991, p. 5).

pesca e de agricultura.” (LIMA; TEIXEIRA; SOUZA, 2007, p. 36). Embora “[...] seja um ambiente produtivo e rico em recursos, se comparado aos ambientes de terra firme adjacentes, ao mesmo tempo, se constitui como um ambiente muito arriscado [...].” (PEREIRA, 2007, p. 29) para os ribeirinhos, principalmente, em razão da sazonalidade e dos fenômenos das terras caídas e crescidas.

2.3.1 O ribeirinho e a dinâmica dos fenômenos da sazonalidade e das terras caídas

A diversidade de interação das sociedades amazônicas e seus ambientes particulares determinam distintos tipos e graus de impacto sobre os recursos e ciclos naturais, atuando, cada qual ao seu modo, como forças que afetam os padrões ecológicos do bioma. E, nesse contexto, cada sociedade, ao elaborar suas formas locais de conhecimento sobre o ambiente, formula cosmologias e orienta suas práticas produtivas em consonância com sua cultura ecológica. Pereira (2007) acrescenta que, no mundo animal, em específico o ser humano, a alternância entre fases terrestre e aquática da várzea impulsiona a elaboração de uma pluralidade de estratégias pela população ribeirinha que integra a dinâmica do ecossistema de várzea.

As populações ribeirinhas são integrantes da sociodiversidade amazônica, uma parcela dela está nas várzeas e tem relação direta com os fenômenos aqui estudados. O ribeirinho da várzea amazônica é um segmento social que habita as margens do rio Amazonas. Ao mesmo tempo, são agentes econômicos e sociopolíticos, este último, um enquadramento mediado pela afiliação religiosa e fundamentado na defesa de um modo de vida, além de serem policultores - agricultores familiares, pescadores e extratores de recursos da floresta (NEVES, 2009), que gerem suas atividades de acordo com a dinâmica sazonal do rio, aproveitando áreas agricultáveis a cultivos de ciclo curto, que variam de cinco a seis meses, entre uma e outra alagação anual.

Na várzea ocorrer eventos extremos que modificam drasticamente a paisagem e, conseqüentemente, a dinâmica de policulturas (agricultura, pesca e extração dos recursos da floresta) e outras atividades do cotidiano ribeirinho, que naturalmente são adequados aos períodos “normais”. E, nessa configuração paisagística, “[...] o homem encontra-se na Amazônia numa das situações mais desfavoráveis em face da natureza.” (MOREIRA, 1960 *apud* SOUZA, 2012, p. 99),

embora seja um lugar de vida em que as populações ribeirinhas desenvolveram estratégias de sobrevivência e coexistência com essa natureza.

Pereira (2007, p. 96) constatou que a ocupação humana da várzea tem sido baseada numa estratégia de uso múltiplo “[...], envolvendo a agricultura, a pesca, o extrativismo de produtos florestais e a pecuária de pequena escala”. Sobre esse tema, Jochim (1981) trouxe contribuições no sentido de identificar essas estratégias de sobrevivência, classificando-as em preventivas e compensatórias. As *estratégias preventivas* são utilizadas para evitar a escassez de recursos e estão classificadas: em curto prazo, objetivando a armazenagem de recursos, créditos e valores; e de longo prazo, visando ao território e à conservação de recurso. Em anos normais, com enchentes e cheias regulares, estas estratégias são eficazes. E as *estratégias compensatórias* são acionadas em situações imprevistas para corrigir os problemas de desequilíbrio entre população e recursos, quando estratégias preventivas são insuficientes, geralmente empregadas em decorrência de eventos ambientais inesperados, como extremas secas e extremas cheias.

O problema no período da extrema seca reside na baixa precipitação de água da chuva, que impacta os cultivos e lagos. Nos cultivos, diminui a qualidade para consumo e comercialização dos produtos. Nos lagos, onde ocorre o manejo pesqueiro, há diminuição expressiva do volume de água, afetando a atividade pesqueira. No período da cheia do rio e de cheias extremas, a atividade de pesca também é afetada porque há a dispersão dos peixes, que passam a ter mais espaço - fato que traz dificuldades ao pescador em manejar a principal fonte de alimento da população ribeirinha. De outra parte, a pouca ou falta de terras emersas, cuja paisagem fica completamente inundada, impossibilita ou limita significativamente as práticas agroflorestais (sistema de plantios de alimentos sustentáveis), forçando o uso de estratégias compensatórias, uma vez que a população enfrentará

[...] escassez de recursos que são inesperadas ou de tal forma intensas, que estratégias preventivas se tornam ineficazes. No caso dos ambientes de várzea, a ocorrência de cheias anormais, ou seja, cuja intensidade (duração e volume) seja superior, representam esse tipo de estresse ambiental mais intenso. A impossibilidade de lidar com a escassez prolongada de recursos por meio da redistribuição de recursos determinaria a realocação da população, seja através da migração voluntária (programada) ou expulsão forçada. O caso da pequena criação de gado bovino é o que melhor ilustra esta situação nos ambientes de várzea. (PEREIRA, 2007, p. 20).

Quando os ribeirinhos perceberem que não ocorrerão eventos ambientais inesperados, como os citados anteriormente, manterão as estratégias preventivas, na medida em que a alternância das fases terrestre e aquática estão dentro do esperado. Do contrário, quando os ribeirinhos notam sinais de extremas secas e extremas cheias, recorrem espontaneamente, ou de maneira forçada, às estratégias compensatórias (PEREIRA, 2007; SANTOS, 2014).

Segundo Meggers (1971) *apud* Pereira (2007), as estratégias de sobrevivência para as populações indígenas da Amazônia, em particular as compensatórias, consistem em:

a) preservação e armazenagem de recursos (alimentos de origem animal e vegetal para uso posterior), e (b) desenvolvimento de uma divisão ocupacional do trabalho em diferentes atividades de subsistência, de maneira que recursos disponíveis simultaneamente possam ser explorados intensivamente. (MEGGERS, 1971 *apud* PEREIRA, 2007, p. 18).

Outras práticas também foram desenvolvidas por estas populações, e se perpetuaram nas ações de sobrevivência das populações ribeirinhas, como menciona Castro (2007) sobre os Sistemas Agroflorestais – SAFs²⁴, definidos como sistemas de uso da terra. Estes são considerados uma prática de “[...] produção de manejo que integram a agricultura aos diversos ambientes e recursos da região [...]” (CASTRO, 2007, p. 58), denominada de sistemas agroflorestais.

Os sistemas agroflorestais são constituídos por cinco componentes produtivos: roça, capoeira, quintal, extrativismo vegetal e animal, e, por fim, criação animal (NODA, S.; NODA, H.; MARTINS, 2002), sendo adaptados às pequenas propriedades rurais, cujas estratégias de sobrevivência têm origem indígena e foram assimiladas e replicadas por outras populações.

Para compreender esse aspecto socioeconômico, é necessário explicar os tipos de famílias. De acordo com Wolf (1970) *apud* Castro (2007), devemos considerar que existem vários tipos de famílias, mas que estão estruturadas basicamente em nucleares (compostas exclusivamente pelos cônjuges e sua prole) ou extensas (que

²⁴ Os sistemas agroflorestais apresentam grande potencial como componente de estratégias de desenvolvimento local, pois diversifica a produção nas unidades produtivas, propiciando maior proteção contra as variações dos preços e menor pressão sobre a capacidade dos mercados de absorver um determinado produto [...] “Dessa forma, têm grande potencial para a geração de renda com a comercialização dos produtos agrícolas e florestais, visando à melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares nas comunidades.” (CASTRO, 2007, p. 86).

agrupam em única estrutura outras famílias nucleares, em número variado), sendo estas últimas muito comuns na Região amazônica. Segundo o autor,

As famílias extensas atuam organizadas e de forma cooperada nas unidades produtivas, na divisão do trabalho e na concentração dos recursos. As unidades de produção se estruturam da seguinte forma: algumas concentram várias famílias nucleares em uma mesma residência, outras, concentram estes núcleos familiares em uma mesma área com casas próximas umas das outras, e a casa dos pais geralmente no meio. (CASTRO, 2007, p. 57).

No contexto rural da Amazônia, em particular, a agricultura é baseada, em sua maioria, na unidade de produção assentada na mão de obra familiar, sendo comum entre eles um sistema de organização do trabalho.

Tomando por base as afirmações de Castro (2007), entendemos que o modo de vida de uma parcela das populações amazônicas, como os ribeirinhos, foi constituído de conhecimentos socioculturais transmitidos de uma geração a outra, experiências de processos de coexistências com a natureza do ambiente que foram ressignificadas e atualizadas. Afinal, a origem da agricultura amazônica está diretamente ligada aos indígenas, primeiros habitantes da região, conforme reafirma este autor. E, como conhecedores e detentores de uma rica herança sociocultural, estes povos foram, e ainda são, incorporados aos novos grupos sociais que se estabeleceram por meio da ocupação da Amazônia (CASTRO, 2007).

Outro processo de coexistência dos ribeirinhos tem relação com o fenômeno das terras caídas. Segundo Carneiro (2009), o fenômeno das terras caídas traz consequências socioeconômicas, afetando: moradia, agricultura, atividades pesqueiras, circulação/transportes fluvial e terrestre, bem como atividades desenvolvidas por instituições ligadas a gestão de território.

Essas consequências convergem para as apontadas por Carvalho (2012), cujas implicações vividas pelos ribeirinhos são: a redução de propriedade e perda de plantações; frequente remoção de moradia da margem; risco de morte na “beira do rio”; dificuldade de acesso ao rio e a construção e reconstrução frequentes de escadas na margem; perdas de canoas e de materiais de pesca; e riscos na navegação. Portanto, toda essa problemática é causada pelo fenômeno das terras caídas e, como alertam McGrath *et al.* (1991), representa sempre um risco ambiental, que as populações locais têm de administrar mediante suas estratégias de manejo.

Em suma, válido é dizer que o modo de vida dos ribeirinhos que habitam as várzeas amazônicas é regido por estratégias de coexistência e sobrevivência com o movimento sazonal das águas do rio Amazonas e as chuvas na região. Quando acometidos pelo fenômeno das terras caídas, precisam também se adequar e conviver com os impactos por ele gerados. Assim, os aspectos ambientais, em interação com os ribeirinhos e suas dimensões socioculturais, vão constituir as experiências vividas no cotidiano da várzea, lugar do mundo-vida desses sujeitos, nos possibilitando a leitura sensível do quiasma corpo-natureza-cultura, na seção 5.

Tomando como referência Moreira (1960, p. 53), a população da várzea adaptou-se ao processo da enchente/vazante, erosão/deposição, “[...] mantendo um alto grau de inter-relacionamento equilibrado com a natureza, fazendo com que ela trabalhe a seu favor [...]”. Nesse sentido, Neves (2009) destaca que os ribeirinhos são portadores de saberes, técnicas, estratégias e alternativas peculiares à convivência com tal forma de sazonalidade; ressalta, ainda, que as respostas dos ribeirinhos aos problemas ambientais de várzea, que suscitaram soluções e adaptações, revelam a consciência que eles têm das possibilidades e dos limites de organização da vida social, e que é necessário reconhecer sua capacidade:

[...] de produzir instrumentos para tornar eficaz sua relação com o meio; [...] entender os padrões de comportamento socialmente transmitidos que embasam essas comunidades humanas, do ponto de vista do embasamento físico, ambiental e biológico. (NEVES, 2009, p. 68-69).

Nessa perspectiva, compreendemos que o ribeirinho desenvolveu percepções sobre a várzea com arrimo em suas experiências mediadas pela unicidade de ser corpo estesiológico, perceptivo e biocultural. Suas percepções estão expressas nas estratégias de sobrevivência e coexistência, dentro de um sistema de uso da terra e dos recursos naturais de maneira equilibrada, cujo ecossistema impõe dinamismo e condições de vulnerabilidade para subsistência que os forçaram a resolução de problemas ambientais para sua permanência local.

Portanto, consideramos o ribeirinho como corpo/organismo vivo e a natureza o ecossistema da várzea amazônica, onde ocorrem as expressões culturais observadas no modo de vida desses sujeitos nessa relação. Ambos funcionam em sistemas próprios, que, ao mesmo tempo, estão em interação permanente. Ao pensarmos sobre as especificidades dessa relação, o ribeirinho vivenciando a

sazonalidade e o fenômeno das terras caídas na várzea amazônica, temos consciência de que haverá particularidades de uma localidade para outra e que elas deverão ser consideradas nessa análise. Neste ensaio acadêmico *stricto-sensu*, apontamos, entretanto, pistas para reflexões acerca dessa relação, com amparo numa óptica fenomenológica.

Nesta revisão teórica, sucintamente, identificamos o fato de que a principal característica ecossistêmica da várzea é a sazonalidade do rio Amazonas: o inverno amazônico é acompanhado por um intenso fluxo de chuvas que culminam com a imersão das terras; no verão diminuem os níveis de precipitação e volume de águas dos rios. Essa dinâmica altera a paisagem e interage com os ribeirinhos e seus corpos bioculturais, perceptivos e estesiológicos.

Pensando nesse contexto, e considerando as ideias fenomenológicas em torno da noção de inerência entre organismo e meio (*corpo-natureza*), percebemos que as experiências vividas no cotidiano da várzea, de modo especial as características ecossistêmicas sazonais regidas pela dinâmica das águas do rio e das chuvas, influenciam de alguma maneira o modo de vida dos ribeirinhos e seus comportamentos culturais que devem deixar traços de suas ações na paisagem da várzea. Por quê? Notamos nos referenciais expressos que a vida dos ribeirinhos está diretamente vinculada à dinâmica das águas das chuvas e do rio, muito ocorrente nas atividades cotidianas. O rio é a principal via de acesso às localidades, é fonte de trabalho do pescador, onde são manejados os recursos pesqueiros, de onde emana a água para o consumo (humano e dos animais que criam) e atividades em geral (das domésticas à lavoura, pecuária, entre outras).

Logo, viver a sazonalidade da várzea deve despertar a percepção do corpo ribeirinho pela movimentação constante nesse ecossistema. Como isso é manifesto? Nas estratégias de coexistência e sobrevivência local, encontradas na literatura, que indicam as habilidades e saberes desses sujeitos com a dinâmica da várzea amazônica.

Se existem estratégias para sobrevivência, ou seja, comportamentos situados no espaço-tempo, possivelmente são adotadas pela percepção do corpo que compreende os sinais emitidos pelo ambiente, o que favorece a manutenção dos ribeirinhos em um sistema de uso da terra e dos recursos naturais de maneira equilibrada, cujo ecossistema tem seu dinamismo. Afinal, a percepção deve permitir ao ribeirinho reconhecer, pelo olhar atento ao tempo de início e término das chuvas,

e mesmo dos níveis das águas do rio, que indicam a possibilidade de ocorrência de extremas cheias e extremas secas. E, isto resta ser analisado com melhor propriedade nas práticas dos sistemas agroflorestais.

Com efeito, entendemos que a percepção dos corpos ribeirinhos na relação espaço-tempo, natureza-várzea, presente-passado-futuro e clima é capaz de contribuir para identificar e diferenciar quando é o tempo de plantar, de colher ou pescar, de acordo com o movimento das águas do rio Amazonas e das chuvas; e ações que sinalizam um acúmulo de comportamentos culturais dos corpos ribeirinhos, revelados nesses saberes de manejo e uso da terra. Isto porque compreendemos que há uma relação de inerência e coexistência entre corpo-natureza que dá a eles condições de organização e planejamento de suas atividades de sobrevivência local.

Do mesmo modo, acreditamos que o fenômeno das terras caídas traz aos ribeirinhos danos materiais e imateriais, como vimos anteriormente, pois atinge toda a organização espacial: as áreas de plantações, de criação de animais e de residências, que estão suscetíveis de serem atingidas abruptamente, o que os deixa muito vulneráveis a esse processo erosivo. Sobretudo, essas perdas sinalizam o corpo estesiológico, um corpo que sente e produz significados e sentidos no mundo da vida, na relação com as experiências vividas nessa natureza, que deve possuir um lugar próprio e identitário dos ribeirinhos, ou seja, situado em uma comunidade de várzea. Muito provavelmente, as sensações são de dor, tristeza ou medo. Afinal, o que se perde não são apenas os bens materiais - como casas, embarcações e áreas cultivadas - mas, também, memórias, histórias vividas e todos os esforços - pessoal e coletivo - empregados na aquisição desses bens; afetando, portanto, toda a simbologia subjetiva que essa perda representa para os sujeitos.

O corpo perceptivo e estesiológico nos remete também à compreensão de que há possibilidade de as experiências vividas com a sazonalidade revelarem um modo de vida dos ribeirinhos interconexo ao mundo das águas, cuja dinâmica sazonal de enchente, cheia, vazante e seca rege a vida cotidiana desses sujeitos. Ou seja, reflete a cultura local ribeirinha, seus costumes, significados e sentidos produzidos individual e coletivamente. Por outro lado, o fenômeno das terras caídas se mostra como um evento que traz vulnerabilidade e perdas não somente materiais, como também imateriais. A depender de como o processo erosivo e o tempo de sua duração, o fenômeno das terras caídas expõe os ribeirinhos a uma situação de perda

cultural e identitária, uma vez que são obrigados a abandonar o lugar que habitam pelo nível de desbarrancamento.

Percebemos, portanto, que ler o quiasma corpo-cultura-natureza na relação ribeirinho e várzea amazônica perpassa uma visão sensível e fenomenológica, considerando o entendimento da noção de inerência entre organismo e meio, que nos permite compreender corpos perceptivos e estesiológicos entrelaçados à natureza, cuja intercessão constitui o palco das produções culturais desses sujeitos. Nesse liame, estão interconexas as relações sociais, históricas, econômicas e ambientais, subjetivas e intersubjetivas dos ribeirinhos, um conjunto complexo cujo corpo é o ancoradouro das experiências no mundo-vida.

Em razão das compreensões expressas, entendemos que conhecer a dinâmica ecossistêmica da várzea amazônica é saber sobre os corpos ribeirinhos em movimentação nesse espaço, pois há entre eles inerência, ao passo que observar os corpos ribeirinhos é também ver neles refletida a própria dinâmica da natureza que os envolve - relações do corpo e da natureza que se imbricam e são externadas na cultura. Essa lógica nos possibilita apreender que o quiasma corpo-natureza-cultura revela a leitura de quem somos, com o que transparece a relação ribeirinhos e a várzea amazônica.

Assim, partimos do entrelaçamento desses saberes, que agregam pela fenomenologia o amálgama teórico para compreender o fenômeno investigado: as experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba com os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas. A seguir, nos reportamos às especificidades do ecossistema de várzea e aproximação inicial com o contexto da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

2.4 Várzea amazônica: os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas

É importante, também, retratar aspectos sintéticos do panorama e dinâmica hidroclimática, visto que a subida e descida do volume de águas regionais são passíveis de ser mais bem entendidas.

O clima amazônico é equatorial, quente e úmido, havendo na região intensos índices de precipitação de aproximadamente 2.300 mm/ano, com descarga média do rio Amazonas no oceano Atlântico de cerca de 220.000 m³/s (FISCH, MARENGO; NOBRE; 2014), destacam ainda que o período de grande intensidade

pluviométrica ocorre nos meses de novembro e março; os períodos de estiagem, por sua vez, abrangem os meses de maio e setembro, e os meses de abril e outubro são os de transição entre os regimes.

Castro e McGrath (2001, p. 115), assinalam que, “[...] apesar da previsibilidade do regime fluvial, o período e duração de cada estação varia a cada ano [...]”, pois, dependerá do volume pluviométrico. Carvalho (2006) ressalta que a distribuição das chuvas, no sentido norte/sul provoca a desigualdade no regime fluvial dos rios da margem direita e esquerda. Carvalho (2006, p. 49, grifo do autor) destaca ainda que “[...] o ‘fenômeno da interferência’ define o regime anual único para o rio Amazonas, que é de cheia e vazante”.

De acordo com Sioli (1985), a parte meridional do Amazonas é a maior em nível de chuvas, e no médio e baixo Amazonas, onde está situada a comunidade componente deste, estudo é onde se concentra o menor nível de chuvas no decorrer do ano. Além disso, na bacia Amazônica, ocorrem também excepcionalidades, como os eventos extremos de secas e cheias relacionados à atuação dos fenômenos *El Niño* e *La Niña*, respectivamente, como afirmam Souza *et al* (2000) e Nobre, Sampaio e Salazar (2007). Seus efeitos são fracas/fortes chuvas, aumento/diminuição (muito abaixo ou acima da média), em respectivo, nas descargas e níveis dos rios, como assinalam Vale *et al* (2011).

Considerando a previsibilidade das estações climáticas da várzea, Fraxe, Pereira e Witkoski (2007) afirmam que os meses de fevereiro a junho correspondem ao período de enchente e chuvoso, ou seja, Inverno Amazônico, correspondendo ao Verão-Outono e início de inverno Hemisfério Sul. Nessa lógica, a enchente do rio Amazonas leva cerca de 5 (cinco) a 6 (seis) meses para chegar ao seu nível máximo, de maneira que o rio deverá chegar ao seu ápice no período de maio a julho. Nessa perspectiva, a várzea é considerada também de uma paisagem “anfíbia”, porque por cerca de 4 (quatro) a 5 (cinco) meses sua planície está submersa, o que faz dela um ambiente aquático.

Há, entretanto, o período “terrestre”, cujas mediações terrestres não estão inundadas. Fraxe, Pereira e Witkoski (2007) anunciam que agosto é o mês que demarca esse começo, com o início da vazante do rio, que acontecerá em um tempo médio de 3 (três) a 4 (quatro) meses; nesse sentido, eles indicam que os meses de agosto, setembro e outubro integram o trimestre da vazante e os meses subsequentes, novembro, dezembro e janeiro.

A título de explicação do exposto anteriormente, Castro e McGrath (2001, p. 115) defendem o argumento de que,

Durante a cheia, a várzea é totalmente inundada enquanto, na seca, a paisagem se torna um mosaico que consiste de quatro zonas ecológicas principais: canais, restingas, campos naturais, e lagos. Essas quatro zonas são utilizadas de forma diferente pelos moradores. Os canais são rios e riachos de livre acesso, usados para transporte e para a pesca comercial. As restingas são os terrenos mais elevados que margeiam os canais onde se localizam as casas e as roças. Os campos naturais ocupam a zona entre as restingas e os lagos, e são usados como área de pastagem natural bem como para o cultivo de culturas anuais de crescimento rápido. Os lagos são utilizados para pesca comercial e de subsistência e o principal ambiente manejado pelos acordos de pesca. (CASTRO; MCGRATH, 2001, p. 115).

O período da seca é conhecido regionalmente por “verão amazônico”, cujo trimestre é marcado pelo aumento da oferta de áreas cultiváveis e, conseqüentemente, intensificação das atividades pecuárias. São as estações de inverno-primavera no Hemisfério Sul. Com a redução da superfície dos corpos d’água, ocorre também a intensificação das atividades produtivas aquáticas, entre elas a pesca, como assinala Souza (2012). E, assim, os meses de agosto, setembro e outubro formam esse trimestre que corresponde à estação vazante/seca, caracterizada por um menor nível das águas, mínimas mensais de precipitação, máximas de insolação e de evapotranspiração (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI; 2007).

Embora Fraxe, Pereira e Witkoski, *Op Cit.*, indiquem com precisão o marco de início e término de cada estação climática, há na realidade certa variabilidade em cada unidade de várzea, bem como oscilações nos níveis do rio, de um ano para o outro, em associação às condições climáticas que atuam na Região Amazônica, como os fenômenos *El Niño* e *La Niña*.

2.4.1 O ambiente de Várzea

No dizer de Sioli (1985), os rios amazônicos possuem a classificação em rios de água preta, de água clara e de água branca; entretanto, Carvalho (2006, p. 32) diz que “[...] os rios de água branca sejam classificados com essa cor, na verdade, apresentam águas com tonalidades amareladas, barrentas, turvas[...]” como é o caso dos rios Purus, Juruá, Madeira, Solimões e Amazonas.

Segundo Castro e McGrath (2001, p. 34), os cursos dos rios de água branca na Amazônia são muito instáveis, porque “[...] estão constantemente divagando em seus sedimentos e remodelando seus leitos, sobretudo, na zona de transferência e de deposição, influenciando sobremaneira no modo de vida das populações que habitam suas margens”. Isto revela que os rios de águas brancas se revestem de importância, pois estão mais suscetíveis ao fenômeno das terras caídas, que é mais evidente e catastrófico, afetando a vida das populações ribeirinhas.

Considerando a relevância dos rios amazônicos, é importante destacar que a bacia hidrográfica amazônica é a maior do mundo em vazão e extensão. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE (2008), o rio Amazonas conforma uma extensão de 6.992 quilômetros. Sua nascente está no rio Apurímac (na cordilheira dos Andes) e sua foz encontra-se no Oceano Atlântico – entre o Arquipélago de Marajó e o Estado do Amapá. Sua bacia e formação se estende por vários países pan-amazônicos, como indicam Filizola *et al.* (2002, p. 33): “[...] Peru (17%), Bolívia (11%), Colômbia (5,8%), Equador (2,2%), Venezuela (0,7%) e Guiana (0,2%), sendo que mais da metade está no Brasil (63%).” (IBGE, 2014).

As condições geoambientais e as dinâmicas ecossistêmicas das formações florestais, associadas à dinâmica hidroclimática da Amazônia, influenciam diretamente as dinâmicas fluviais, que, por sua vez, interferem nos processos de formação das paisagens.

Trazendo o contexto geológico-geomorfológico, o rio Amazonas teve sua origem associada a uma zona de fraqueza do escudo Pré-Cambriano que se dividiu em dois e sua constituição se deu ao longo do Fanerozóico (CARNEIRO, 2009). Esta é uma bacia sedimentar intracratônica (CPRM, 2008), e está subdividida em quatro bacias: sub-bacia do Acre, sub-bacia do Alto Amazonas, sub-bacia do Médio Amazonas e sub-bacia do baixo Amazonas (CARNEIRO, 2009). Nesta última está a comunidade estudada neste experimento.

O rio Amazonas conforma uma complexa e densa rede de drenagem formada por “inúmeros lagos, furos, paranás e depósitos lineares” (RODRIGUES *et al.*, 2001, p. 15), vales fluviais com foz afogada, lagos com forma e gênese diferenciadas, diques aluviais, áreas de inundação e constantemente alagadas com brejos e igapós, cursos fluviais anastomosados com numerosas ilhas (NASCIMENTO; MAURO; GARCIA, 1976). Por conseguinte, o rio Amazonas, de água branca, e seus afluentes, são caracterizados

[...] por possuírem uma intensa dinâmica fluvial, sobretudo nos seus cursos médio e inferior, deslocando constantemente seu curso e modelando uma variedade de formas topográficas tanto dentro como fora dos canais. Uma das manifestações de destaque na bacia de drenagem do rio Amazonas é a sua vasta planície de inundação. É nessa unidade geomorfológica que a dinâmica fluvial se manifesta com maior intensidade, quer seja pela erosão ou deposição de sedimentos dentro do canal, como pelos efeitos dos transbordamentos periódicos. Um outro elemento marcante na paisagem hidrográfica amazônica é a expressiva planície Holocênica formada ao longo do curso médio e inferior dos principais rios de água branca, com maior expressão no rio Amazonas, que controla essa unidade geomorfológica através da sua dinâmica e do regime fluvial, que ao transbordar deposita grandes volumes de sedimentos sobre a planície. (CARVALHO, 2006, p. 40).

O processo de formação das áreas de várzea está relacionado à complexa dinâmica dos rios Solimões e Amazonas.

[...] se deu através da deposição de sedimentos nos vales que foram escavados pela energia da água na época da última glaciação, quando o nível do mar estava entre 70 e 100 m abaixo do nível atual. Posteriormente, com a subida do nível das águas dos oceanos, os rios diminuíram o fluxo de suas águas. Os rios com águas pobres em sedimentos em suspensão afogaram seus canais, enquanto aqueles de maior riqueza em carga sedimentar acumularam seus sedimentos nos vales, anteriormente escavados, formando a paisagem de várzea. (LIMA; TEIXEIRA; SOUZA, 2007, p. 36).

Conforme o entendimento de Gama *et al.* (2003), a várzea é uma área localizada em áreas inundáveis da bacia Amazônica, que durante o ano inteiro vive o tempo das terras e o tempo das águas – respectivamente, verão e inverno amazônicos. Essa planície inundável é conhecida regionalmente por *várzea amazônica*.

Há várias possibilidades de se classificar uma dada várzea. Uma delas é por critérios ecossistêmicos, com comunidades de plantas e animais em interação; outra pela perspectiva de análise integrada da paisagem, quando uma várzea configura uma unidade espacial delimitada, no tempo e no espaço, com interação de fatores físicos e humanos. Constitui, portanto, uma repartição do espaço e com perspectiva de hierarquização.

Dentre outros critérios, o derradeiro é de ordem geomorfológica. É um entendimento de ordem no balanço e dinâmica hidrossedimentológicos, na interação rio – terras emersas, com acreção ou perda de sedimentos, conforme a dinâmica fluvial.

Entendemos várzea como um ecossistema de planícies inundáveis (GAMA *et al.*, 2003); e como unidade geomórfica de depósitos holocênicos (PEREIRA, 2007; NASCIMENTO; CARVALHO, 2006).

Esses depósitos holocênicos têm relação com um evento geológico que historicamente separou o processo de formação da planície de inundação do rio Amazonas: a transgressão flandriana durante o médio Holoceno (VIEIRA, 1981). Assim, Pereira (2007, p. 14) menciona a existência de uma várzea mais antiga (pré-flandriana, aproximadamente 18 mil anos a.t.p., (antes do tempo presente) e uma várzea de construção mais recente (pós-flandriana). No caso da comunidade em estudo, temos sistema de várzea mais recente, pelo menos pliolesitocênicas ao período atual em escala decadal.

Nesse segmento, a várzea do complexo Solimões-Amazonas corresponde a aproximadamente 1,5 a 2% do território da Amazônia brasileira (75 a 100 mil Km²). Complexo Solimões-Amazonas diferencia-se, em distintos aspectos, da maior parte constituída de terras secas e altas, denominadas de “terra firme” (VIEIRA, 1992). As “terras firmes” são [...] “proporções mais elevadas nunca inundadas pelo rio” (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007, p. 13) e [...] “formam grandes paredões ou barreiras” (CANTO, 2007, p. 32), que chegam a mais de 15 metros de altura.

Conforme expresso anteriormente, a várzea é um ambiente instável, consistindo de um “[...] acúmulo de sedimentos que o rio está constantemente retrabalhando, erodindo algumas formações e criando outras através do processo de deposição [...]” (IRION; JUNK; MELLO, 1997; STERNBERG, 1956 *apud* CASTRO; MCGRATH, 2001, p. 115) que vão gerar fenômenos conhecidos localmente como “terras crescidas” e “terras caídas”. Esses dois fenômenos são fenômenos dinâmicos das áreas de várzea.

As chamadas “terras crescidas” são os “[...] terrenos que se avolumaram devido à forte deposição de material particulado trazido pelas águas amareladas do Amazonas.” (CANTO, 2007, p. 39), formando-se no processo de enchente do rio e tornando-se visíveis desde a vazante.

De acordo com Freitas e Albuquerque (2012), as “terras caídas” - na complexa rede hidrográfica da Amazônia - estão relacionadas à erosão fluvial e ocorrem por fatores específicos. Este acontecimento é função de fatores como: pressão hidrodinâmica, pressão hidrostática, pressão neotectônica, fatores climáticos

(chuva e vento), composição do material das margens, fatores humanos (como desmatamento e ação das embarcações).

São comuns nos rios de água branca, como os rios Amazonas e Solimões, que “[...] constituem uma modalidade erosiva deflagrada por causas naturais, devido ao processo de transporte de sedimentos, deposição e erosão, que ocorrem na fase atual de colmatagem e, configuração da planície fluvial amazônica.” (FREITAS; ALBUQUERQUE, 2012, p. 3).

Carvalho (2012) afirma que as terras caídas configuram uma terminologia regional para indicar processos erosivos às margens dos rios. Conforme Santos (2014, p. 32), nos relatos de moradores da várzea, este fenômeno “[...] inicia com rachaduras nos barrancos que levam ao deslizamento paulatino ou súbito das terras que desabam e são engolidas pelo rio”, ou seja, é expressão que designa “[...] escorregamento, deslizamento, desmoronamento e desabamentos, movimentos de massa comuns nas margens dos rios de águas brancas.” (CARVALHO, 2006, p. 14).

As terras caídas decorrem da dinâmica fluvial-várzea, com retiradas e desmoronamentos de sedimentos das margens e diques marginais dos rios, sobretudo do Amazonas. Uma avaliação do sistema rio várzea contribui, não só, para melhor entendimento do fenômeno supracitado, como também da própria dinâmica das várzeas e assim da relação desta com a comunidade estudada.

2.4.2 Sistema Rio-Várzea/Comunidade São Ciríaco

A comunidade-teste, estando margeada ao oeste por um braço do rio Amazonas e à direita pelo Lago Itarim, denota um sistema de várzeas diversificado e complexo. Este sistema exprime sazonalidades conforme o período de subida e descida do nível de águas fluviais, em razão de cheias e enchentes.

Durante o “verão amazônico”, com baixas dos volumes fluviais, por exemplo, são bem observados os diques marginais e a fisiografia de leitos de canais. São expostas e ficam aparentes as demarcações naturais dos leitos de vazante (menor e maior) na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. Ao contrário disto, no período de subida do nível fluvial (outono-verão, no Hemisfério Sul - chamado de inverno amazônico), são verificadas as maiores altas nos volumes dos rios regionais, com fortes respostas dos rios Amazonas e Tapajós, na região de Santarém, por

exemplo. Neste período, as terras caídas são acionadas por forças hidrostáticas e a erosão dos diques marginais e terraços é mais comum.

Considerando a idade e o tipo de influência do canal do rio na sua construção, Iriondo (1981) divide a planície de inundação em quatro unidades geomorfológicas distintas: planície de bancos e meandros antigos; planície de bancos e meandros atuais; depósitos de inundação; e depósitos estuarinos.

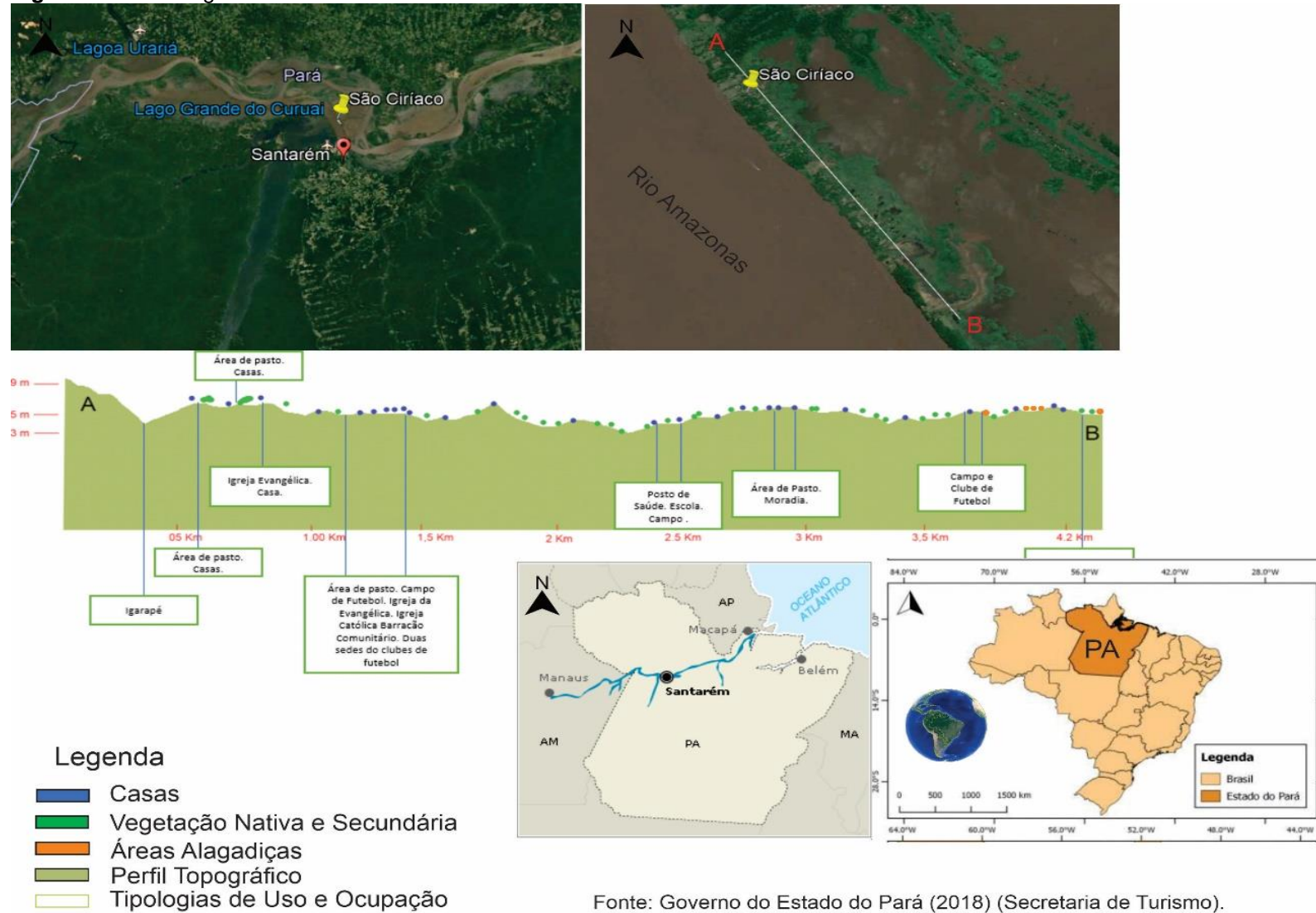
Conforme trabalhos de campo e com base em Souza e Rodrigues (2017) e Nascimento e Carvalho (2006), verificou-se que as planícies compreendem as várzeas (leito maior), com relevo plano, em cotas de 0 a 9 metros a partir do nível de base local/rio Amazonas, constituídas de sedimentos clásticos de textura de grosseira a fina, embora predominem os sedimentos de textura arenosa. Há acúmulo hídrico nas partes mais rebaixadas entre diques laterais de várzeas, formando extensos e profundos lagos, mesmo durante a baixa dos rios regionais; estes são acompanhados e alimentados diretamente por igarapés locais. Os corpos hídricos lacustres exprimem grande capacidade de reprodução da ictiofauna, como no caso do Lago Pacoval na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, denotando aporte piscícola importante para manutenção dos ecossistemas locais e alimentação em dieta básica proteica para os moradores das várzeas e suas comunidades.

Foram produzidos dois perfis sobre a área de estudo, um longitudinal outro transversal. O perfil longitudinal, conforme Figura 1, na página seguir, demonstra um segmento de interflúvio-várzea de sentido norte/noroeste a sul/sudeste, com 4.2 km de extensão.

Desde o nível de base local (rio Amazonas, varia de 3m/Ponto A proteica 9m/Ponto B. Além da topografia em si, o perfil localiza e distribui aspectos das paisagens locais da várzea. Em detalhes, pontua tipologias diversas de uso/ocupação - saber: igrejas, casas, pastos naturais, campos e sedes de futebol, barracão comunitário, posto de saúde e escola. Ou seja, amostra a própria comunidade estudada. Ao mesmo tempo, complementa sua legenda com vegetação nativa e secundária, além de áreas de alagadiço.

É com amparo nesses elementos que compõem as paisagens das várzeas, com seus ecossistemas associados, que se dá o substrato geográfico onde se expressam as mais variadas dimensões da relação sociedade e natureza, naquilo em que envolve a comunidade estudada *versus* as várzeas do rio Amazonas.

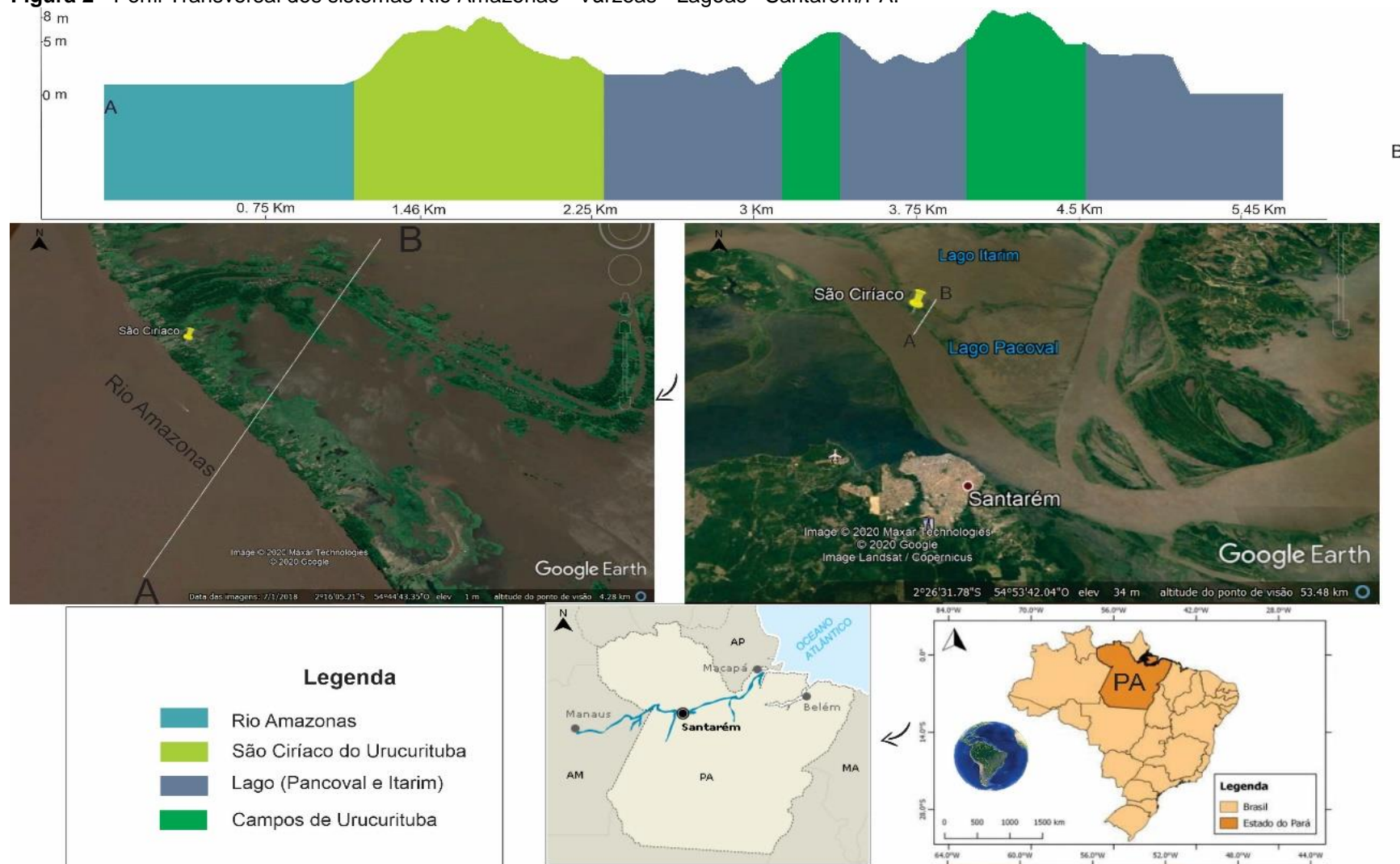
Figura 1 - Perfil longitudinal das várzeas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba – Santarém-PA



Fonte: Governo do Estado do Pará (2018) (Secretaria de Turismo).
Secretaria Municipal de Turismo de Santarém (SEMTUR).

Fonte: Elaborado por Flávio Rodrigues do Nascimento, Leandro Almeida e Aline da Paixão Prezotto (2020)

Figura 2 - Perfil Transversal dos sistemas Rio Amazonas - Várzeas - Lagoas- Santarém/PA.



De modo a complementar e ilustrar o raciocínio, outro tracejado mostra um corte transversal de Sudeste-Noroeste, anotando o sistema rio Amazonas - Várzeas da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba – lagoas Pacoval e Itarim.

O Ponto A é o rio Amazonas e o B representa o lago Itarim transpassado o lago Pacoval. Deste modo, a Figura 2, apresentada na página anterior, amostra o rio Amazonas, atravessa a Comunidade de São Ciríaco do Urucurituba, alternando trechos, ora dos lagos Pacoval e Itarim, ora dos campos de Urucurituba, em uma extensão de 5.45km. A topografia varia de 0 a 8m, do nível de base local até o ponto mais alto avaliado – nos campos de Urucurituba A cota de 5m é a mais frequente em todo o perfil, estando nas áreas dos Campos, aludidas há pouco no local de instalação da própria comunidade, assim como nos diques marginais dos lagos locais. Tal cota corrobora as informações do perfil longitudinal, demarcando bem topografias de áreas, que sazonalmente não inundadas, ratificando, assim, esquema complexo de sistema rio-várzeas.

Mostrando o contexto inicial da várzea da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, tratamos, na seção imediatamente subsequente, do percurso metodológico realizado para formulação deste ensaio, cuja demanda empírica foi conduzida na modalidade fenomenológica (“F”).

3 NAVEGANDO À LUZ DA FENOMENOLOGIA CENTRADA NO FENÔMENO SITUADO

*Um não sei quê de saudade doente
Uma saudade sem tempo ou lugar
Uma saudade querendo, querendo
Querendo ir e querendo ficar
(Trecho da música **Paupixuna**, de Paulo
André Barata).*

Efetivamos, nesta seção, os procedimentos metodológicos da pesquisa²⁵, divididos em quatro subseções: na primeira, expomos os aspectos para conduzir uma pesquisa guiada pela abordagem qualitativa e centrada na modalidade fenomenológica “F”, escolhida para tracejar a condução da sistematização dos dados, delineando o rigoroso percurso que o método propõe”. Na segunda subseção, reportamo-nos às etapas previstas na modalidade “F” constituídas dos três elementos centrais: a interrogação, a descrição e a redução. E finalizamos esta subseção, mostrando a descritivamente a sequência das etapas, perpassando: situação da pesquisa, constituição dos dados, constituição do método e constituição da descrição. Na terceira subseção, anunciamos os participantes deste estudo. Finalmente, discorreremos sobre a análise do fenômeno situado, organizada de acordo com os processos descritivos constituídos de quatro momentos: o sentido do todo; discriminação das unidades de significados; transformação das expressões cotidianas do sujeito, e síntese das unidades de significado transformadas em proposição.

3.1 A condução fenomenológica da pesquisa na abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa preocupa-se em compreender o universo existencial humano com vistas ao tratamento da subjetividade e singularidade dos fenômenos sociais. De tal maneira, não objetiva fixar leis para generalizações, mas possibilitar a apreensão de significados e descrever os fenômenos diante de seu contexto (GOLDENBERG, 2004). Para assimilar o fenômeno deste experimento universitário de senso estreito, recorreremos a esta abordagem, cujo interesse prioritariamente “[...] reside na descrição dos fatos observados para interpretar e

²⁵ Trabalho formatado conforme normas da Universidade Federal do Oeste do Pará.

compreender o contexto geral em que ocorrem, a fim de explicar os fenômenos [...]” (BRASILEIRO; MASCARENHAS, 2009, p. 170; tradução nossa). Deste modo,

Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social. Contrapõem-se, assim, à incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e da singularidade dos fenômenos que não podem ser identificados através de questionários padronizados. (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Nessa perspectiva, Martins e Bicudo (2005) evidenciam três enfoques metodológicos para compreender os fenômenos subjetivos e complexos em pesquisas qualitativas que destacamos no Quadro 1.

Quadro 1 - Três possibilidades de conduzir pesquisas qualitativas

MODALIDADES	CONTEÚDO ESPECÍFICO
<p>“C” Delineamento Complexo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Concentra-se num conteúdo específico que se deseja obter e no agrupamento dos fenômenos ○ Objeto da pesquisa é constituído pela delimitação progressiva, agrupamento e descrição dos fenômenos específicos ○ Os métodos são selecionados, ajustados e desenvolvidos a partir da sua compatibilidade com a natureza possível concebida sobre o fenômeno estudado ○ Descrições são postas em evidência ○ As proposições ontológicas e epistemológicas presentes em seus procedimentos só são considerados à medida que estão sendo tratados e em termos de metodologia e do tratamento que deve ser dispensado aos dados
<p>“F” Fenomenológica</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ São orientadas por uma posição filosófica, inclui uma postura que reflete uma concepção ontológica, epistemológica e metodológica. Essas concepções norteiam o trabalho empírico ○ Ponto de partida está em fenômenos estudados pela Psicologia: percepção, aprendizagem, memória, imaginação, fantasia, experiência ○ Se preocupa com aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado ○ As descrições e os agrupamentos dos fenômenos estão diretamente baseados nas descrições dos sujeitos e os dados são tratados como manifestações dos fenômenos estudados ○ Trabalha com a essência do fenômeno individual através das descrições obtidas ○ Podem ser agrupados fenômenos semelhantes e diferentes
<p>“L” Linguística</p>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Propõe uma rede complexa de proposições ○ Compromisso de fornecer, através da linguagem um relato verbal, as formas de representação dos dados ○ Procura sintetizar as descrições dos dados de forma a torna-las comparáveis ○ Compromisso com o sistema geral de representações e com a tarefa de encontrar categorias gerais e combinações de categorias ○ O sistema trata apenas da forma geral de categorias e de suas relações que são consideradas como gerais, enquanto o conteúdo é buscado na análise dos dados empíricos ○ Favorecem mais as investigações que se propõe a tratar de vários sujeitos e de várias partes dos diferentes dados ○ A necessidade de trabalhar com essa grande quantidade de dados constitui o fundamento para o desenvolvimento das formas de representação ○ Uso extenso e amplo de dados materiais combinado às descrições

Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Martins e Bicudo (2005).

As modalidades possuem particularidades quanto ao jeito de extrair e compreender o conteúdo dos fenômenos estudados, considerando a “comunicação entre os sujeitos e o tratamento dos dados” (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 28). Nessa perspectiva, Martins e Bicudo (2005) evidenciam os processos de descrição como as principais diferenças entre elas, as quais destacamos no Quadro 2.

Quadro 2 - Diferenças entre as Modalidades “C”, “F” e “L” na Pesquisa Qualitativa

MODALIDADE	PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE AS MODALIDADES E AS FORMAS DE LIDAR COM CONTEÚDO DOS DADOS
<p>“C” Delineamento Complexo</p>	<p>Um sistema mais geral das representações e formam uma rede geral de todos os casos estudados Enfatiza a generalização Descreve o significado geral dos conteúdos empíricos e constrói um sistema geral de combinações dos significados gerais</p>
<p>“F”</p>	<p>Descreve a estrutura dos fenômenos (as experiências) sem enfatizar o conteúdo específico, mas enfatiza a estrutura geral e fundamental do fenômeno (essência) Descreve as características totalizadoras dos fenômenos para o estudo Descreve a estrutura do fenômeno (essência)</p>
<p>“L” Linguística</p>	<p>Descreve o conteúdo Encontra características estruturais ligadas a conteúdos Pretende descrever as características totalizadoras dos fenômenos para o estudo Descreve o conteúdo das características totais dos fenômenos estudados</p>

Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Martins e Bicudo (2005).

Haja vista a síntese dos Quadros 1 e 2, e considerando o fenômeno identificado no campo empírico desta pesquisa, escolhemos a modalidade “F” pelas seguintes razões: nosso ponto de partida é a “experiência vivida”, um fenômeno estudado pela Psicologia; a preocupação desta pesquisa está centrada nas experiências vividas dos sujeitos (os ribeirinhos) com os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas e na sua descrição; buscamos a estrutura do fenômeno vivenciado para compreender as razões de permanecer ou abandonar a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Nessa perspectiva, a modalidade “F” se fundamenta na fenomenologia e reflete uma concepção ontológica, epistemológica e metodológica, necessária para conhecer a essência dos fenômenos que, segundo Gil (2008), é alcançada por meio de um estudo que tem como finalidade primordial “a descrição do fenômeno” (GIL, 2008, p. 28). Possui o horizonte posicionado para enfoque metodológico-filosófico

para tornar visível o fenômeno estudado com esteio na experiência vivida pelos participantes da investigação.

Considerando esse aporte teórico, esta demanda tem o recorte epistemológico na fenomenologia, como uma filosofia que estuda as essências, compreendendo o ser humano e o mundo com suporte na ‘facticidade’, colocando em suspenso as crenças, as preconcepções e as teorias. É também uma filosofia para a qual o mundo sempre esteve ali, antes mesmo da reflexão. Simultaneamente, é um relato do espaço do tempo e do mundo vivido e uma tentativa de descrição direta da experiência tal como ela é, de modo que o real seja descrito na qualidade de revelação do mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

Na fenomenologia, a vivência é entendida por “[...] experiência, mas é a experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa.” (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 75-76), sendo essa vivência também denominada “*experientia*”. Então, o ser humano, ao existir no mundo, apreende e atribui significações a ele à medida em que o vive, saboreando, ao largo da vida, experiências que, vividas, concedem luz e cor à sua vida. A fenomenologia, ao colocar em evidência a experiência vivida como elemento fundante, rompe com o racionalismo em que há “O predomínio da razão excludente, linear, é substituído radicalmente pelo mundo vivido, englobando o refletido e o irrefletido, a razão e a não-razão, o visível e invisível.” (NÓBREGA, 2010, p. 38).

A fenomenologia, antes de tudo, é uma atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida com a intenção de compreender as essências (MERLEAU-PONTY, 2011). Segundo Bicudo e Espósito (1997), fenomenologia deriva da palavra composta fenômeno mais *logos*: fenômeno da palavra grega *faínomen* é derivada do verbo *faínestai* a qual significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece – ou seja, aquilo que se manifesta à consciência, entendida como intencionalidade na fenomenologia; *logos* é o discurso cuja inteligibilidade aparece e se estabelece na comunicação (linguagem). Para chegar à essência do fenômeno, requer uma pesquisa atenta ao rigor do método centrado no problema da pesquisa. Este rigor se nos impõe a “[...] cada momento em que interroga [interrogamos] o fenômeno e ao seu [nosso] próprio pensar esclarecedor.” (BICUDO; ESPÓSITO, 1997, p. 20).

Para compreender o fenômeno, segundo Severino (2007), não se há de permitir escapar os aspectos relacionados à condição de ser sujeito, porque a ação

humana é sempre carregada de significado, quer seja subjetivo, relacionado ao que se passa na mente consciente ou inconsciente da pessoa, quer seja intersubjetivo, que diz respeito ao compartilhamento de crenças por grupos de pessoas inseridas num âmbito sociocultural, por meio de regras e normas (FRASER; GONDIM, 2004). Em vista disso,

É importante que seja destacado que o que é visto não é percebido de maneira isolada, mas em uma região de fenômenos co-percebidos. Forma-se um campo de percepção, onde estão presentes o fenômeno posto em foco e outros co-percebidos. Sujeito e fenômeno estão no mundo-vida juntos com outros sujeitos, co-presenças que percebem fenômenos. A co-participação de sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo-se a esfera da *intersubjetividade*. Esta é *dificultada* e ao mesmo tempo facilitada pela linguagem, veiculadora de discurso. *Facilitada*, porque a linguagem, principalmente a falada e a escrita, são compostas por palavras que *dizem* e por uma gramática que padroniza a forma de dizer [...] *dificultada*, porque as palavras, os signos, não dão conta do vivido. Há, como diz Ricoeur (1987) um excedente de sentido, proveniente da experiência do ir-à-coisa mesma. (BICUDO; ESPÓSITO, 1997, p. 19).

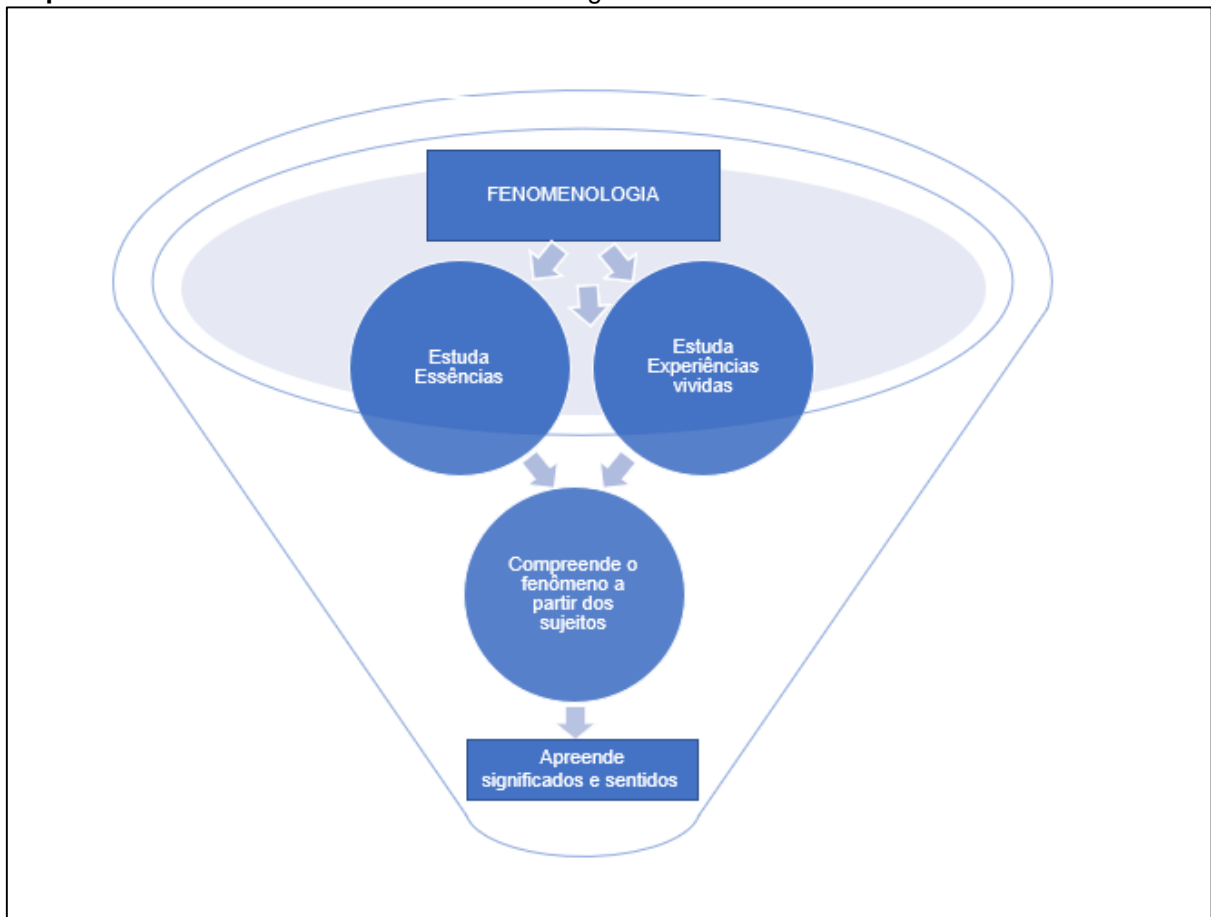
Sendo assim, a fenomenologia insere-se “[...] na tradição metodológica qualitativa ao tentar ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem.” (GOLDENBERG, 2004, p. 32). Como as palavras não expressam tudo, o comunicado solicita uma hermenêutica para interpretar os sentidos e os significados que os discursos expressam (BICUDO; ESPÓSITO, 1997). Sintetizamos no Esquema 1, na página seguinte, os elementos centrais da fenomenologia.

Desta maneira, a modalidade “F” tem por objetivo produzir um esquema de respostas para chegar à essência (ou a estrutura) do fenômeno proporcionado, sumariamente pelas descrições captadas da observação ou diálogos fenomenológicos com os sujeitos da pesquisa. As descrições sistemáticas do fenômeno são agrupadas por semelhanças ou diferenças, para atingir a essência do fenômeno experimentado. Assim, a modalidade “F” permitiu, nesta pesquisa, elucidar a aparência do fenômeno, trazendo à baila todas as relações vividas, por meio da experiência vivida, descrita na sua essência.

Sendo assim, impõe-se que estejamos atenta para buscar as respostas ao problema, preocupando-nos com o ponto de vista dos sujeitos investigados por meio da aproximação da vida destes. Com isto, ao ter como referência essa qualidade de

o ser humano ser sujeito, nos permitimos compreender os “fenômenos pela ótica do sujeito.” (MALHEIROS, 2011, p. 31).

Esquema 1 - Elementos centrais da Fenomenologia



Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Martins e Bicudo (2005) e Merleau-Ponty (2011).

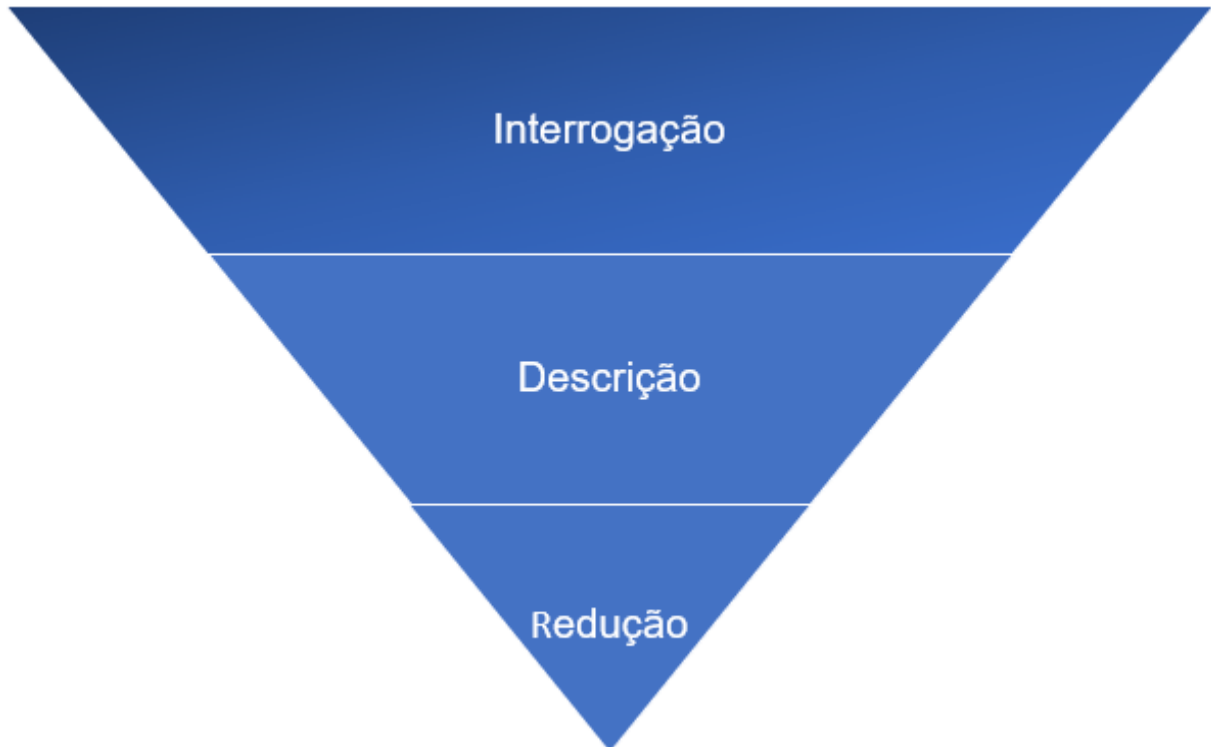
Então, experimentamos, refletimos, interpretamos, imputamos e compreendemos os sentidos com vistas à descrição da *própria coisa* emaranhada de significados, vividos cotidianamente, e intuição que torna latente aquilo que *já está aí* para melhor percebê-lo, a fim de atribuir-lhe novo significado e interesse epistemológico com suporte nas possibilidades sensíveis (NÓBREGA, 2010).

3.2 A modalidade “F” como método e suas etapas da pesquisa

Abordamos nesta subseção a modalidade fenomenológica “F” como método de pesquisa e suas etapas, trazendo ao mesmo tempo seu delineamento teórico e apresentando as etapas. Para isto, nos referenciamos nos trabalhos de Merleau-Ponty (2011), Espósito e Bicudo (1997), Martins e Bicudo (2005) e Bicudo

(2011)²⁶, que apontam como elementos fundantes desta modalidade a interrogação, a descrição e a redução, conforme está expresso no Esquema 2.

Esquema 2 - Elementos fundantes da modalidade “F” como método de investigação



Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Merleau-Ponty (2011), Espósito e Bicudo (1997), Martins e Bicudo (2005) e Bicudo (2011).

Ante esses elementos fundantes, Bicudo e Espósito (1997) apontam que a trajetória fenomenológica consiste em outros momentos que não sequencias, mas que se entrelaçam à descrição e redução: a) *epoché*, momento em que se põe em suspensão o fenômeno de quaisquer teorização, preconceitos e valorações do campo perceptual de quem opera a pesquisa; b) a própria redução, selecionando partes fundantes ao fenômeno experienciado, descrevendo o vivido; e c) a compreensão (interpretação) fenomenológica.

Em sequência a estas considerações, Martins e Bicudo (2005), com base nos pressupostos fenomenológicos de Husserl (1929;1949) e Maurice Merleau-Ponty

²⁶ Maria Aparecida Viggiani Bicudo se tornou no Brasil uma das principais estudiosas do método fenomenológico, desde sua aproximação com professor Dr. Joel Martins, cujo memorável trabalho na pós-graduação brasileira é acessado num breve artigo por meio do endereço abaixo. Dentre os temas a que Maria Bicudo se dedicou, destacaram-se: Educação, Educação Matemática, Filosofia, da Educação Matemática. Este é o contexto em que o método fenomenológico esteve atrelado em seus estudos. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/26449/1/S1413-24782005000300003.pdf>

(1980; 2004, 2006; 2011; 2014) dentre outros trabalhos não mencionados nesta tese, propõem didaticamente como a pesquisa qualitativa baseada na modalidade “F” deve ser conduzida, a qual há que observar as etapas contidas no Quadro 3: a situação da pesquisa; constituição dos dados; constituição do método e constituição da descrição.

Quadro 3 - Etapas da pesquisa na modalidade “F”

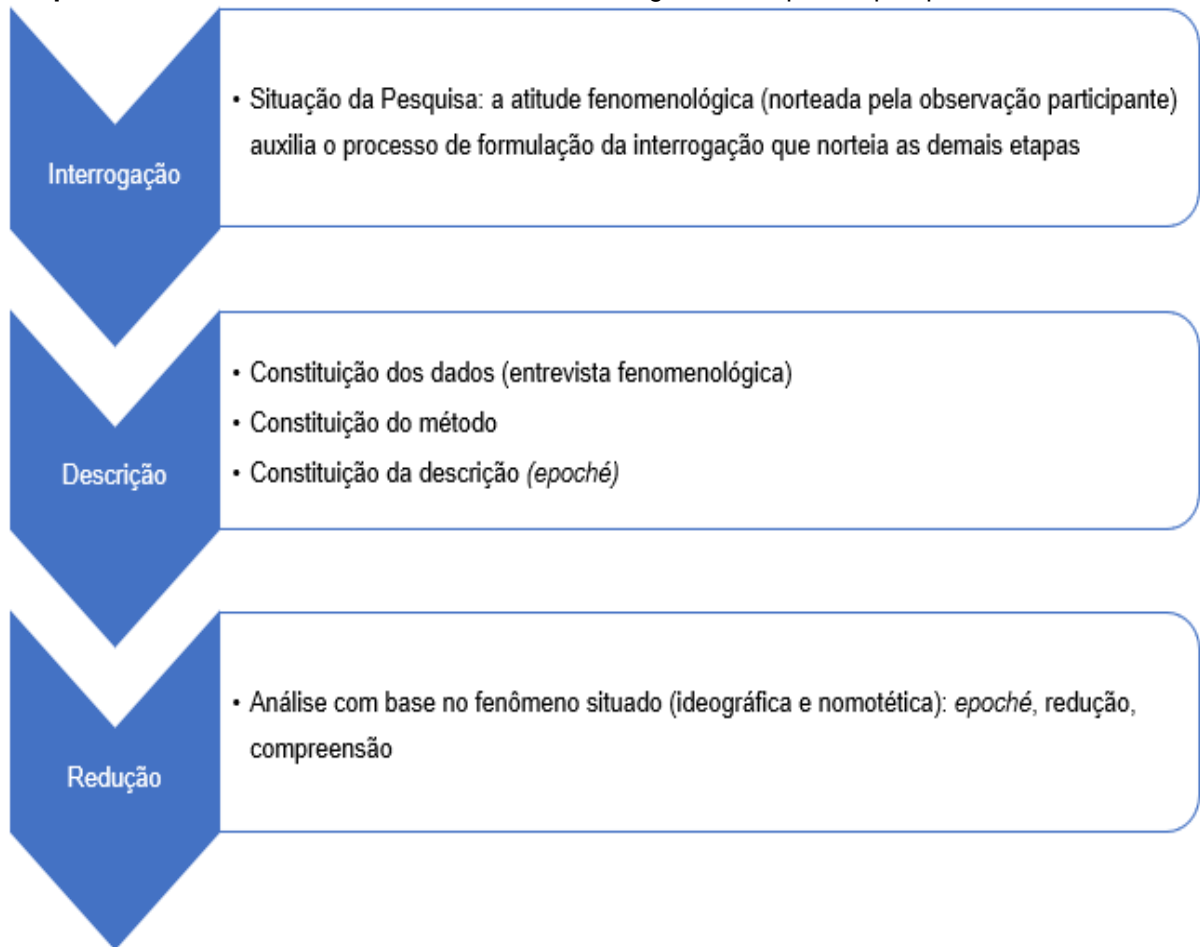
ETAPAS DA PESQUISA	DESCRIÇÃO DA ETAPA
Situação da pesquisa	É a fase para interrogar sobre o fenômeno que se apresenta a pesquisadora, este deve respeitar suas dúvidas aparentes e se movimentar lentamente, atento para que a situação da pesquisa possa emergir dos participantes, buscando a atitude fenomenológica
Constituição dos dados	A etapa sugere a pesquisadora um olhar atento ao fenômeno sem deixar escapar o conjunto de significados quando os sujeitos mostram suas percepções. Diz respeito ao compartilhamento das experiências vividas pelo sujeito
Constituição do método	Constitui a sistematização da descrição incluindo a totalidade os significados
Constituição da descrição	Busca-se descrição bem organizada das experiências vividas pelo sujeito, podendo excluir dados sem importância e incluir afirmações
Análise do Fenômeno Situado	Análise ideográfica e nomotética

Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Martins e Bicudo (2005).

Correlacionamos essas etapas constantes no Quadro 3 com os elementos fundantes da modalidade “F” – a saber, a interrogação, descrição e redução - para um melhor entendimento e representação visual de seus entrelaçamentos no Esquema 3, mais bem observados na próxima página.

Deste modo, a interrogação corresponde à situação da pesquisa; a descrição, com a constituição dos dados, do método e da descrição; por fim, a redução, correspondente aos momentos de análise, mais bem detalhados no Quadro 6, na página 90.

Esquema 3 - Os elementos fundantes da fenomenologia e as etapas de pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Martins e Bicudo (2005) e Merleau-Ponty (2011).

Com bengala nesta estrutura, mostramos, no segmento que vem, o modo como a pesquisa foi conduzida.

➤ Situação da Pesquisa: atitude fenomenológica e a observação participante

Neste estudo, a fase compreendia como **situação da pesquisa** é delineada pela atitude fenomenológica à luz da observação participante, a fim de encontrar no campo empírico seus elementos fundantes, momento em que realizamos o diálogo com os moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Segundo Martins e Bicudo (2005), atitude fenomenológica é estar atenta aos sinais dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A fim de se colocar aberta a captar as evidências empíricas, precisamos recorrer à observação participante que, segundo Flick (2009), está associada ao “mergulhar de cabeça” na seara empírica, momento que experimentamos a sensação de choque cultural, dadas suas referências, mas

importante porque possibilita termos acesso à senda de estudo e às pessoas, bem como, alcancemos os aspectos essenciais para desenhar metodologicamente a pesquisa.

Relativamente à observação participante, buscamos nos orientar por Goldenberg (2004), pois, assim, dessa forma aumenta a variação dos dados, amplia as interpretações sobre o contexto estudado e seleciona as categorias mais relevantes. A observação participante realizada por um longo período torna possível ao pesquisador participar na vida cotidiana dos interlocutores do seu estudo. Essa observação conjuga conversas a serem interpretadas, comparações e interpretações das respostas. Para isso, consideramos os seguintes passos: a) fazer uma observação descritiva orientada desde as perspectivas das pessoas envolvidas com a pesquisa, a fim de evidenciar pistas para encontrar o objeto e a temática de busca; b) observação direcionada para elaborar os problemas pontuais e essenciais à questão da; e c) a observação seletiva, visando a aprofundar os relatos antes informados.

Esses passos são ações propriamente ditas que, em nosso entendimento, contemplam a atitude fenomenológica mencionada por Martins e Bicudo (2005), e descrita na seção 1, na qual evidenciamos: a delimitação do tema (corpo), objeto de estudo (as experiências vivenciadas na várzea com a sazonalidade do rio Amazonas e o fenômeno das terras caídas), *locus* (Comunidade São Ciríaco do Urucurituba) e os participantes (ribeirinhos moradores da comunidade). Partindo das evidências empíricas protagonizadas pelos sujeitos, formulamos o problema central e os objetivos da pesquisa gestados nas discussões do Grupo de Pesquisa PRÁXIS²⁷ da Ufopa, e na relação com os moradores.

Em toda esta etapa atividade em campo²⁸, utilizamos equipamentos audiovisuais e o diário de campo, como recursos para a constituição dos dados, sempre orientada por Goldenberg (2004) e Martins e Bicudo (2005), com vistas a conduzir este processo de observação participante com base na modalidade fenomenológica. Esses registros compõem parcialmente os dados do acervo descritivo sobre o contexto investigado, constante na seção 5, constituído com amparo

²⁷ Sob coordenação da professora Dr.^a Tânia Suely Azevedo Brasileiro (PPSND/UFOPA), orientadora da tese.

²⁸ Fase que ocorreu de dezembro de 2016 a junho de 2018.

nas nossas vivências, observações e percepção, acrescidas de informações dos moradores - dados que complementam as entrevistas fenomenológicas.

Recorremos à observação participante durante toda a pesquisa, desde o momento de sua autorização, ocorrido em dezembro de 2016, ao seu encerramento, em julho de 2019, período da última observação. Estivemos na comunidade em momentos pontuais, permanecendo no período compreendido de dois dias a uma semana²⁹. Este nosso movimento foi orientado pela dinâmica sazonal de enchente, cheia, vazante e seca do rio Amazonas nos períodos de inverno e verão, a saber:

- a) em 2016, registramos a seca;
- b) em 2017, presenciamos as quatro estações sazonais;
- c) em 2018, houve dois momentos de enchente e cheia. Nesta fase, ficamos na comunidade por um período de trinta dias, em julho, momento da pesquisa durante o qual realizamos as entrevistas com os participantes; por fim,
- d) em 2019, estivemos na comunidade, contingencialmente, registrando o período de cheia.

➤ **Constituição dos dados baseados nas entrevistas**

Nesta **fase da constituição dos dados**, prosseguimos com a observação participante, cujos dados continuaram a ser registrados em diário de campo e materiais fotográficos, mas a centralidade esteve primordialmente nas entrevistas que ocorreram durante todo o mês de julho de 2018, quando também realizamos uma imersão na comunidade, anunciada anteriormente. Nesse período e em todos os demais, ficamos hospedada na residência de uma família extensa que nos deu todo o apoio logístico e suporte para nos aproximar de outros moradores. A relação com eles foi empática e de elaboração paulatina de confiança, iniciada desde 2016. Nesse momento, já estávamos bem familiarizados com todos e com outros moradores.

Segundo Martins e Bicudo (2005), o investigador, ao desenvolver a entrevista, deve ter em vista a noção de que a objetividade é inerente à demanda científica, porém, pesquisas com seres humanos implicam uma relação que ele estabelece com o interlocutor, necessitando de sensibilidade e traquejo com as pessoas com quem mantém esse vínculo, sobretudo no momento da entrevista.

²⁹ Com exceção em 2018, quando ficamos todo mês de julho imersa em campo.

Considerando, sempre, que o entrevistado se distanciou das temáticas elaboradas no roteiro, buscamos amistosamente retomar os eixos temáticos.

Conforme o dizer de Ranieri e Barreira (2010), a entrevista fenomenológica desenvolvida com os participantes deverá ser conduzida norteada por perguntas pré-definidas num roteiro, buscando que o sujeito reavive em sua memória vivências significativas e consiga relatar, detalhada e espontaneamente, suas vivências com o fenômeno investigado, possibilitando o acesso primeiro às experiências e percepções do sujeito. Em direção a esta orientação, optamos pela entrega prévia de nosso roteiro aos participantes, a fim de que não fossem pegos de surpresa com nossas perguntas e tivessem um tempo prévio para organizar suas ideias e pensamentos. Essa atitude se justificou porque entendemos que,

O sujeito é tido como um atribuidor de significados e não um repetidor de ideias mecanicamente adquiridas. O alvo da investigação é chegar aos significados atribuídos pelos sujeitos à situação que está sendo pesquisada. Os dados obtidos são as situações vividas que foram conscientemente tematizadas pelo sujeito. Os significados são os aspectos do evento que o sujeito tematizou conscientemente. (MARTINS; BICUDO, 2005, p. 94).

Deste modo, entregamos, previamente, o roteiro com os temas aos participantes, fazendo fluir a entrevista, evitando preocupações ou quaisquer desconfortos. Assim, usufruímos de um momento dialogal com os participantes, quando expressaram conscientemente os assuntos e/ou situações relevantes em relação às suas experiências.

Os momentos que precederam a entrevista foram o agendamento de data e horário; e a entrega dos termos para leitura prévia com o mínimo de 24 horas de antecedência: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C); autorização de publicação de imagens dos respondentes (APÊNDICE D); autorização de publicação de crianças e adolescentes (APÊNDICE E); e autorização de publicação de informações (APÊNDICE F); autorização de publicação de dados da entrevista (APÊNDICE G); e roteiro de entrevista, fenomenológico, mencionado anteriormente.

Todos os nossos procedimentos, tanto na primeira fase quanto nesta, foram norteados pela Resolução nº 466/12, do Comitê Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP), a qual regulamenta as diretrizes para o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos (pesquisas *in anima nobili*), garantindo respeito e proteção aos

participantes, bem como assegurando que todo progresso e avanço da ciência e da tecnologia deve respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano, garantindo os princípios éticos no desenvolvimento da pesquisa (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012), com vistas a assegurar os princípios de autonomia, justiça, não maleficência, beneficência e equidade.

Atendendo aos preceitos dessa Resolução, entregamos aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para garantir total esclarecimento quanto aos procedimentos do estudo, além dos outros termos mencionados. Buscamos resguardá-los de constrangimentos, estabelecendo com eles uma relação amistosa, respeitosa e de convívio permanente para minimizar possíveis desconfortos decorrentes da pesquisa (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012). E, por fim, garantimos o anonimato dos participantes, utilizando codinomes.

Todas as entrevistas foram gravadas em equipamentos como gravador de voz do aparelho celular e/ou gravador de voz e/ou filmadora, com o objetivo de registrar os diálogos. Optamos por mais de um equipamento, pois, na comunidade, não há energia elétrica, de sorte que, caso algum dos equipamentos falhasse ou descarregasse, teríamos outras opções.

A entrevista foi norteada por um roteiro, dividido em quatro eixos temáticos, com duração aproximada de quarenta a sessenta minutos. Após o encerramento de cada uma, recolhemos todos os termos devidamente assinados e fizemos nossos agradecimentos pela colaboração com o nosso trabalho. Às pessoas que desistiram de participar da entrevista, pedimos apenas que assinassem as autorizações de publicação de imagens, pois havíamos feito registros fotográficos com elas e nos espaços de suas residências.

Nos dias das entrevistas, organizamos nossos materiais/equipamentos num ambiente escolhido pelo respondente em suas residências, reservado, tranquilo e sem interferências de outras pessoas, de modo que, em todas as entrevistas, pudemos até ouvir o canto dos pássaros. Estar nesses ambientes possibilitou aos respondentes naturalidade, espontaneidade e conforto, sinais expressados em sorrisos, choros e falas sobre suas intimidades, inclusive desconexas em relação aos objetivos da pesquisa, o que, vez por outra, nos solicitou o exercício de retomada do eixo temático de nosso roteiro.

Mostramos, no Quadro 4, na página seguinte e no APÊNDICE B, o roteiro de entrevista fenomenológico, dividido em quatro temáticas: sazonalidade; fenômeno

das terras caídas; razões da permanência dos moradores nesta comunidade; e contexto pessoal do respondente.

Quadro 4 - Roteiro da entrevista fenomenológica

EIXO TEMÁTICO DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	PERGUNTAS NORTEADORAS
Sazonalidade	1. Como é sua experiência em morar na várzea? 2. Como você desenvolve suas atividades do dia-a-dia convivendo com os ciclos do rio Amazonas? Há diferenças na enchente, cheia, vazante e seca? 3. Tem alguma preferência por algum dos períodos? De enchente, cheia, vazante, seca? 4. Fale um pouco sobre as terras crescidas
Terras Caídas	5. Alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea? E como foi viver essa experiência? 6. O que é o fenômeno das terras caídas? Como é conviver com esse fenômeno? Como é morar aqui hoje e saber que a qualquer momento isso pode acontecer? 7. Tem outra situação que tenha lhe marcado?
Razões para permanecer na comunidade	8. Porque permanecer neste lugar? O que este lugar significa pra você?
Contexto pessoal	9. Você nasceu nesse lugar? Morou em outros lugares? Como você chegou aqui?

Fonte: Elaboração própria (2018).

Da primeira à quarta pergunta, os ribeirinhos falam de suas experiências vividas com a sazonalidade. Ao responderem à primeira, segunda e terceira indagações, descrevem as especificidades do cotidiano no inverno e verão no que concerne a pesca, agricultura, pecuária, locomoção, sistemas de água e energia. Na quarta, falam o que é o fenômeno das terras crescidas e como ele influencia nas áreas de plantio e moradia.

Na quinta pergunta - “alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea?” - há três desdobramentos nas respostas: o fenômeno das terras caídas, os eventos extremos (cheia e seca), e as travessias e temporais. Dois participantes respondem primeiro sobre o fenômeno das terras caídas. Com estes, prosseguimos a entrevista com as questões seguintes e, ao final, indagamos se havia outra situação. Neste aspecto, eles nos trouxeram como respostas situações relacionadas a sazonalidade ou clima (chuvas fortes/temporais). Os outros dois indicam um evento extremo de sazonalidade, a seca de 2009. Ao término de seus

relatos, inquirimos se havia outra situação; eles mencionam o fenômeno das terras caídas, nesse contexto. Prosseguimos com as perguntas seis, sete e oito. Ao concluírem suas falas, interpelamos ainda se havia outras experiências marcantes. Eles citaram eventos extremos, travessias e temporais.

Em suma, das perguntas cinco e seis, emergiram experiências vividas com a sazonalidade e clima e o fenômeno das terras caídas. E das perguntas sete e oito, são reveladas razões que levam os moradores a permanecer na comunidade, como suas reminiscências, as relações com as pessoas com as quais convivem, os bens que adquiriram, dentre outras; ou sair, motivados pelo medo que sentem de estar em um local inseguro. No último eixo de perguntas, os participantes falam livremente a respeito de seu contexto, de ordem pessoal.

Cabe destacar o fato de que, durante o desenvolvimento do estudo, foi ocorrendo a necessidade de modificação no objetivo geral da pesquisa em virtude das informações que fomos compilando do estudo *in loco*, norteadas pela atitude fenomenológica. Esta alteração manteve a intenção de pesquisa e temática, não havendo dissonâncias entre o documento assinado e autorizado pelos participantes e a pesquisa realizada, pois mantivemos sua essência³⁰.

➤ **Constituição do Método: a descrição das entrevistas**

A fase de **constituição do método** ocorreu de agosto de 2018 a março de 2019, período em que estivemos atenta para ouvir as entrevistas e selecionar aquelas que respondam ao problema central da pesquisa, pois seus respondentes são susceptíveis de expressar em suas narrativas experiências não condizentes com a matéria que se investiga.

Segundo Martins e Bicudo (2005), nesta fase, o investigador deve manter como critério primordial o problema central da pesquisa, movendo-se na direção de falas significativas para responder à questão investigada, sendo este um rigor dessa modalidade de busca científica. Deste modo, prosseguimos para a descrição

³⁰ Objetivo Geral assinado no termo: Descrever a percepção das experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meio ao impacto ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais da várzea Amazônica. Objetivo Geral e definitivo desta pesquisa: compreender os significados e sentidos e das experiências vividas pelos ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em Santarém-Pará na relação corpo-natureza-cultura frente a sazonalidade do rio Amazonas e o fenômeno das terras caídas de moradores.

fenomenológica, momento em que são transcritas as experiências vividas, narradas pelos interlocutores e nos mantivemos em movimento de reflexão contínua sobre elas. Em sequência, extraímos as entrevistas dos equipamentos e as transcrevemos integralmente para a escrita, respeitando a linguagem falada do sujeito, sistematizando-as em textos que continham de treze a dezesseis páginas, salvas em documento *word* e arquivadas em computador. É uma fase exaustiva e requer habilidades do operário-investigador de ciência.

- **Constituição da Descrição:** releitura e organização sistemática das descrições.

Com as entrevistas transcritas em texto, segundo Martins e Bicudo (2005), nesta fase de **constituição da descrição**, buscamos uma releitura atenta para organizar sistematicamente as experiências vividas dos sujeitos, excluindo dados que não tivessem relação com a questão que se investiga. Este processo de leitura e exclusão de informações foi realizado três vezes, a fim de que mantivéssemos apenas as descrições concernentes a questão interrogante do fenômeno. Esta fase ocorreu no período compreendido de abril a dezembro de 2019.

Nesta fase, ocorreu a redução fenomenológica, mencionada por Merleau-Ponty (2011), a qual será abordada durante a análise do Fenômeno Situado. Na próxima subseção, nos reportaremos aos participantes.

3.3 Participantes do estudo

As pesquisas qualitativas não buscam quantitativos representativos de um universo para constituir os dados da pesquisa, como faz a Estatística; demandam – isto sim - a profundidade de entendimento acerca do objeto investigado. Nessa perspectiva, Gil (2008, p. 91) ensina que a definição dos interlocutores nas pesquisas qualitativas deve ser destituída “[...] de qualquer rigor estatístico [...] o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso [...]”.

Em direção a esse entendimento, Bicudo e Martins (2005) lecionam que, na pesquisa fenomenológica, o critério quantitativo não é o condicionante para selecionar os participantes, pois o que se busca é a qualidade e a profundidade dos relatos - sendo provável que a entrevista de um só participante revele expressões significativas da experiência vivida pelo interlocutor - e responder ao problema central.

Apesar disso, esses autores recomendam que o operador científico procure mais de uma entrevista, a fim de que haja elementos complementares (convergentes e divergentes) entre os sujeitos para descrever suas vivências. Nessa lógica, o pesquisador deve procurar por sujeitos significativos que expressem sobre suas experiências vividas no cotidiano, a fim de que chegue aos significados e sentidos concernentes ao que foi almejado (BICUDO, 2011).

Deste modo, os participantes foram escolhidos, não por fundamentação matemática ou estatística, ou seja, um tipo de amostra não probabilística, mas por critérios de acessibilidade aos sujeitos, de maneira que procuramos por pessoas que estivessem dispostas a colaborar com pesquisa e tivessem o perfil de sujeitos significativos, aqueles que podem falar sobre suas experiências (BICUDO, 2011).

Assim, os interlocutores da fase *situação da pesquisa*, da qual realizamos a observação participante, foram selecionados pelos seguintes critérios: a) acesso às pessoas, como orienta Gil (2008), em que se estabelece relação de confiança entre moradores e nós, na qualidade de investigadora; b) aceitabilidade e disponibilidade em participar da pesquisa; c) ser morador da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba há mais de dez anos.

Considerando esses critérios, os participantes da pesquisa são exclusivamente moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, cuja população corresponde a 396 habitantes, agrupados em 93 núcleos familiares³¹. Neste *locus*, tivemos acesso a uma família extensa³², composta por quatro núcleos familiares: um casal de idosos nuclear; uma das filhas, esposo e uma criança; outra filha, esposo, uma adolescente e uma criança; por fim, mais outra filha, esposo e quatro crianças.

Chegamos até eles por intermédio do líder comunitário, com quem iniciamos o diálogo para autorização do trabalho na comunidade. Após o primeiro contato, tivemos acesso aos demais membros e ao casal nuclear dessa família extensa - pessoas que nos acolheram em sua casa e foram as peças-chave em toda a rede de apoio, suporte e logística de que precisamos durante a pesquisa de campo na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, além de mediarem nossa rede de

³¹ De acordo com Wolf (1970) *apud* Castro (2007), deve-se considerar que existem diversos tipos de famílias, mas que estão estruturadas basicamente em nucleares (compostas exclusivamente pelos cônjuges e sua prole), pertencente a uma família extensa.

³² As famílias extensas, [...] agrupam em uma única estrutura outras famílias nucleares em número variado." (WOLF 1970 *apud* CASTRO, 2007, p. 56).

contatos com outros moradores, dos quais nos aproximamos paulatinamente para realizar as entrevistas.

Os interlocutores da fase *constituição dos dados*, em que realizamos as entrevistas fenomenológicas, foram selecionados pelos seguintes critérios: a) acesso às pessoas, como orienta Gil (2008), em que se estabelece relação de confiança entre moradores e a pesquisadora; b) aceitabilidade e disponibilidade em participar da pesquisa; c) ter mais de 10 anos de residência fixa na comunidade; d) distribuição geográfica distintas entre as residências dos participantes no *locus*³³ estudado, de modo que tivesse a representação de pessoas da parte inicial, central e final na extensão territorial da comunidade; e) estar na faixa etária de 20 a 65 anos. Seguindo esses critérios, participaram das entrevistas 15 (quinze) pessoas.

Segundo Martins e Bicudo (2005) e Bicudo (2011), as entrevistas não devem exceder ao total de vinte. Pela intermediação da primeira família extensa, tivemos acesso a outras três famílias: uma extensa, constituída de 2 (dois) núcleos familiares; outras duas famílias formadas apenas por núcleos familiares, com as quais realizamos apenas entrevistas. Totalizou, assim, o número de quatro famílias. Da primeira, entrevistamos o casal de idosos, duas de suas filhas e dois genros, totalizando 7 (sete) pessoas. Da segunda família extensa, entrevistamos outras 5 (cinco) pessoas. Da segunda família nuclear, duas pessoas. Da última família, apenas uma pessoa foi entrevistada. Constituiu um processo complexo e paulatino, pois requer a habilidade de convencer as pessoas a falarem de suas vidas. Estes foram os sujeitos significativos, aqueles dispostos a falar de suas experiências, conforme diz Bicudo (2011).

Na perspectiva de Martins e Bicudo (2005), quando se adentra a fase de constituição do método, o investigador há que ser mais rigoroso ter como critério o problema central da pesquisa, a fim de averiguar nas entrevistas se elas possuem falas significativas, ou seja, aquelas que respondem à questão investigada. Isto significa que nem todas as entrevistas devem ser transcritas e analisadas. Para que haja seleção, é necessário que o pesquisador faça a escuta exhaustiva das entrevistas e rastreie falas que respondam sobre o problema. Assim, procedemos às seguintes análises do conjunto de entrevistas:

³³ Contexto e área estudada estão na seção 4.

- a) não respondiam ao problema da pesquisa 1 (um) membro da família 1 (um) e de 2 (dois) membros da família 3 (três), sendo 3 (três) entrevistas excluídas;
- b) expôs sua experiência vivida com enfoque no cotidiano de seu ambiente de trabalho escolar, de modo que 1 (um) membro da família 3 (três) foi excluído;
- c) no restante dos relatos havia similaridades devido ao contexto de suas atividades cotidianas de donas de casa, pescadores e agricultores - considerando que a fenomenologia não tem a pretensão de trabalhar com um grande quantitativo de entrevistas para que as análises sejam em profundidade, decidimos que esse seria outro critério de exclusão - de maneira que 3 (três) relatos da família 1 (um), 2 (dois) da família 2 (dois), e 2 (dois) da família 3 (três) totalizaram em 7 (sete) exclusões; e
- d) respondem ao problema central da tese, trazendo relatos das experiências vividas os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas, totalizando na inclusão de 4 (quatro) entrevistas.

Esta seleção é mais bem observada no Quadro 5.

No que diz respeito à localização da moradia dos participantes incluídos, 3 (três) pessoas que integram a família extensa (F1) estão a montante do rio Amazonas, na porção limítrofe entre a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba e a comunidade vizinha denominada de Piracãoera de Baixo. E o participante externo à família extensa (F4) reside mais a jusante do rio, confinante com a Comunidade de Fátima do Urucurituba. Assim, para trazer o contexto de vida dos 4 (quatro) interlocutores da pesquisa os chamaremos de “Mungubeira” (M), “Solimões” (S), “Tracajá” (T) e “José” (J) para preservar suas identidades.

Quadro 5 - Processo de seleção dos entrevistados

FAMÍLIAS	F1	F2	F3	F4	Total
Número de pessoas entrevistadas	7	2	5	1	15
a)	-1		-2		-3
b)			-1		-1
c)	-3	-2	2		7
d)	3			1	4

Fonte: Elaboração própria (2020).

A Mungubeira é uma árvore que produz frutos não comestíveis, cujas sementes, no formato de plumagem, são levadas ao vento aumentando a polinização; Solimões é o nome dado ao trecho superior do rio Amazonas, desde a confluência com o Rio Negro, no Brasil, até a fronteira do Brasil, com o Peru e a Bolívia; tracajá é uma espécie de cágado bastante comum na Região Amazônica e José – evidente - é um nome próprio atribuído a uma pessoa do sexo masculino.

“Mungubeira” é do sexo feminino, tinha 56 anos de idade quando participou da entrevista; estudou as séries iniciais do ensino fundamental. Nasceu e cresceu numa localidade de terra firme/várzea e sempre conviveu com o rio. Durante uma fase de sua vida adulta, viveu na zona urbana, mas depois mudou-se para várzea a fim de acompanhar seu esposo. Chegaram à Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meados de 1982, onde procriou 5 filhas e um filho, que veio a óbito, e assumiu um filho adotivo. Neste lugar, onde estava há 37 anos, constituiu família e adquiriu bens, como a casa em que mora. É dona de casa, tem como fonte de renda principal a aposentadoria e exerce outras atividades para complementação de renda, como a costura e a agricultura, que a deixam ativa.

“Solimões” é do sexo masculino e tinha 63 anos de idade no momento da entrevista; estudou as séries iniciais do ensino fundamental, nasceu na cidade de Santarém, mas viveu até seus 25 anos de idade numa fazenda de várzea e terra firme, trabalhando como vaqueiro. O trabalho foi propulsor para experimentar a vida em área urbana e de planalto no Município de Santarém, bem como para chegar à Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em 1982, onde sua esposa teve seus 7 (sete) filhos e está há 37 anos. Ao lado da profissão de vaqueiro, trabalha mais recentemente também como agricultor e, em poucas circunstâncias, com a pesca apenas para o consumo. O trabalho de vaqueiro é uma prestação de serviço contratada por seu patrão. Sua área de moradia pertencia ao seu patrão e foi negociada para que “Solimões” tivesse sua posse, que pensa em deixar como herança para os filhos. “Solimões”, ao largo de sua história de vida, sempre manteve conexão com o rio Amazonas e percebe a modificação na paisagem da várzea pelas águas durante o período do inverno amazônico, fato que não ocorre com a terra firme.

“Tracajá” nasceu e cresceu na várzea, na região do Aritapera, mantendo durante toda a sua vida contato com o rio. É do sexo masculino e concluiu também apenas o ensino fundamental. Chegou à Comunidade São Ciríaco em 2007 quando de união conjuga. Teve 04 (quatro) filhos e há 12 anos está nesta localidade. Tentou

a vida na zona urbana de Santarém, quando teve a oportunidade de se empregar, porém, não se acostumou com o modo de vida urbano e resolveu regressar para a Comunidade São Ciríaco, onde foi presidente da comunidade. Tinha 30 anos quando a entrevista foi realizada; sua profissão é de pescador, sua fonte principal de renda - complementada com trabalhos alternativos, como a agricultura, que auxilia também na alimentação direta de sua família.

“José”, do sexo masculino, tinha 40 anos no momento da entrevista, e manteve seu modo de vida interconectado à várzea. Nasceu e cresceu na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba; depois de adulto morou por 11 anos em outra comunidade de várzea. Após regressar à comunidade de origem veio a desempenhar papel de liderança. Exercia a profissão de pescador, sua principal fonte de renda, e de agricultor, para complementar a renda e alimentação. Morava com os pais aposentados e seus filhos ficam sob a custódia da mãe, em outra comunidade.

A moradia de 3 (três) participantes, que integram um núcleo familiar, está localizada na porção limítrofe com a Comunidade de Piracãoera de Baixo, a montante do rio Amazonas; moram no mesmo terreno, em casas reparadas. Um dos participantes da pesquisa reside mais a jusante do rio, confinante com a Comunidade de Fátima. Estas residências estão edificadas a 800 metros da margem esquerda do rio Amazonas, de frente para um canal (ou braço do rio Amazonas), chamado de igarapé pelos moradores.

As entrevistas desses participantes foram analisadas segundo Martins e Bicudo (2005), que sugerem quatro momentos de análise qualitativa: a) sentido do todo; b) discriminação das unidades de significados; c) transformação das expressões cotidianas do sujeito, onde se criam as categorias de análise; e d) síntese das unidades de significado transformadas em proposição, conforme Quadro 6, ilustrado na página 90.

3.4 Análise do fenômeno situado

Como vimos, a análise centrada no fenômeno situado é composta por quatro momentos, quais sejam: o sentido do todo, discriminação das unidades de significados, transformação das expressões cotidianas do sujeito e síntese das unidades de significado transformadas em proposição. Nesta subseção, tratamos cada uma delas em suas especificidades, mostrando a análise aqui realizada, em

consonância com as orientações de Martins e Bicudo (2005), sintetizadas no Quadro 6, na página seguinte.

➤ O sentido do todo

No **sentido do todo**, primeiro momento de análise, buscamos uma leitura empática e individualizada para nos familiarizar com o universo vivido por parte de cada entrevistado, compreender a linguagem do sujeito e constituir a ideia geral do conjunto das enunciações.

Nesse momento, de leitura da linguagem ingênua, realizamos a epoché, colocando em suspensão quaisquer teorias científicas e pré-reflexivas, focando na assimilação geral do fenômeno vivenciada pelos participantes da entrevista. Ao término da leitura individualizada, tivemos o entendimento geral da vida na várzea: os indicativos das especificidades da vida cotidiana com a sazonalidade, a experiência com o ‘fenômeno das terras’ caídas e outros eventos vividos em detrimento da relação direta com a natureza.

Na síntese do todo, fizemos leitura empática e individualizada da descrição ingênua, buscando nos familiarizar com o universo de cada entrevistado, praticando a epoché, em outras palavras, colocando em suspensão as teorias científicas e pré-reflexivas. Ao final de cada entrevista, identificamos, em linhas gerais, a estrutura das experiências vividas dos ribeirinhos com os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas.

Nesse momento, conjugamos apenas os significados e os sentidos a ele expressos pelos sujeitos, ação desprovida de qualquer movimento interpretativo. Isso continuou a nos orientar nos próximos dois momentos de análise, a fim de que mantivéssemos uma busca imparcial das informações, genuinamente germinada das falas das pessoas.

➤ Discriminação das unidades de significado

Para o momento da **discriminação das unidades de significado** organizamos o Quadro 7, na página 91, para análise ideográfica.

Quadro 6 - Momentos de análise qualitativa do fenômeno situado

MOMENTOS DA ANÁLISE QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO – “F”	
<p>1 Sentido do todo – Leitura individual da descrição Ingênua e Inteira (entrevistas ou relatos) – [...] a fim de formar um sentido para o conjunto das proposições, sem buscar, ainda qualquer interpretação do que está exposto ou sem tentativa de identificar qualquer atributo ou elemento ali contido. Essa leitura visa conseguir um fim geral de todas as afirmações; [...] refere-se à capacidade de compreender a linguagem do sujeito da pesquisa de modo a familiarizar-se com as ideias e obter um insight sobre o que o sujeito deseja falar.” (BASTOS, 2017, p. 445)</p>	
<p>ANÁLISE IDEOGRÁFICA</p> <p>2 Discriminação das Unidades de Significado - Leitura das descrições (entrevistas ou relatos) com o objetivo de encontrar as unidades de significado no discurso</p> <p>3 Transformação das expressões cotidianas do sujeito – Criação <i>das categorias de análise</i>. [...] “Esse momento refere-se a um procedimento de reflexão cuja intenção é chegar a categorias, passando através das expressões concretas dos sujeitos. Essas transformações em categorias são necessárias porque as descrições feitas pelos sujeitos expressam de forma oculta, realidades múltiplas que desejamos elucidar em seus aspectos mais gerais que focalizam o fenômeno situado.” (BASTOS, 2017, p. 445) Momento da redução fenomenológica</p>	<p>Instantes de Reflexão (MARTINS; BICUDO, 2005) Imersão Empática no mundo da descrição Redução do ritmo de análise e permanência na descrição Ampliação da situação Suspensão da crença e interesse intenso Passagem dos objetos para os significados</p> <p>Atividades possíveis na reflexão sobre as asserções significativas (MARTINS; BICUDO, 2005) Uso de uma linha existencial básica Pensar sobre o julgamento Penetração nos horizontes implícitos Fazer distinções As relações dos constituintes do fenômeno A tematização dos significados e motivos repetidos A interrogação de opacidades A variação imaginativa e visão da essência do fenômeno A expressão do sentido em forma de linguagem A verificação, modificação e reformulação</p>
<p>ANÁLISE COM ENFOQUE NOMOTÉTICO</p> <p>4 Síntese das Unidades de Significado transformadas em proposição – [...] “passagem das ideias individuais dos sujeitos para o entendimento geral sobre o que se pesquisa, isto é, uma síntese integrativa.” (BASTOS; 2017, p. 447), uma Matriz Nomotética ou Quadro Nomotético dispondo todas as unidades de significado interpretados</p>	<p>As unidades passam para um sentido geral Convergências, Divergências e Individualidades</p> <p>Ações da Análise Nomotética</p> <p>Busca dos Insights Gerais das Estruturas Individuais Comparações de Sujeitos Variação Imaginativa Formulação Explícita de Generalidades</p>

Fonte: Elaboração própria (2019), com base em Martins e Bicudo (2005) e Bastos (2017).

Análise ideográfica se reporta “[...] ao emprego de ideogramas ou representações de ideias por meio de símbolos. Os ideogramas expressam ideias. Buscam tornar visível a ideologia que permeia as descrições ingênuas do sujeito.” (BICUDO; ESPÓSITO, 1997, p. 40). Nesse sentido, ele foi estruturado contendo os seguintes itens, respectivamente: a) discurso na linguagem do sujeito (ingênuo); b) enxerto hermenêutico; c) unidades de significado; d) redução das unidades; e e) categorias.

Os dois momentos da análise ideográfica, a saber, discriminação das unidades de significado e transformação das expressões cotidianas do sujeito que trazem em seus procedimentos a redução fenomenológica, estão nos ideogramas de cada participante, dispostos nos Apêndices H, I, J e L³⁴, onde organizamos as oito perguntas feitas na entrevista. No primeiro, fomos identificando e enumerando as distintas unidades de significado e, simultaneamente, o segundo, transformando a linguagem ingênuo para uma linguagem técnica, iniciando no item “unidades de significado”³⁵ e culminando no item “categorias” - procedimentos realizados para cada uma das perguntas.

Quadro 7 - Estrutura para análise ideográfica

COMO SÃO AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS MORADORES COM A SAZONALIDADE DO RIO E O FENÔMENO DAS TERRAS CAÍDAS EM UMA VÁRZEA AMAZÔNICA?				
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)	Enxerto Hermenêutico	Unidades de significado	Redução das Unidades	Categorias
1. Sazonalidade				
2. Terras Caídas				
3. Razões para permanecer na comunidade				
4. Contexto pessoal				

Fonte: Elaboração própria (2019), adaptado de Machado (1996 apud MARTINS; BICUDO, 2005).

³⁴ Cabe ressaltar, o que já foi dito na metodologia, que a análise ideográfica de um participante deve ser concluída para iniciar a seguinte. Assim procedemos, porém, para efeito de organização e facilitar o manuseio e compreensão do leitor. Optamos por separá-las, no apêndice, por temáticas: sazonalidade, terras caídas e razões para permanecer ou abandonar o lugar.

³⁵ O item ‘enxerto hermenêutico’ só foi preenchido quando se fez necessário detalhar ou acrescentar alguma observação nossa.

O preenchimento desse quadro é iniciado nesse momento de análise, da discriminação das unidades de significado, e continua nos outros dois que destacamos na sequência: transformação das expressões cotidianas do sujeito e síntese das unidades de significado transformadas em proposição.

Nesse momento, da discriminação das unidades de significado, continuamos com o processo de redução, extraindo primeiramente os relatos do texto que transcrevemos para item do quadro ideográfico, intitulado 'discurso na linguagem do sujeito', onde organizamos as falas significativas, de acordo com os eixos temáticos do roteiro de entrevista, sempre atenta ao problema central da tese, destacado na primeira linha do quadro.

Prosseguimos preenchendo o quadro no item "enxerto hermenêutico", quando necessário, incluindo dados provenientes de nossas observações e das informações empíricas fornecidas pelos moradores registradas em diário de campo durante a observação participante, quando necessário.

Prosseguindo, preenchemos o item "unidades de significado" onde discriminamos cada unidade identificada por numerações, sendo que cada numeração representa uma unidade de significado. A continuidade do preenchimento deste tópico ocorre no próximo momento, destacado a seguir.

➤ **Transformação das expressões cotidianas do sujeito**

Ainda no mesmo item "unidades de significado", realizamos o momento de **transformação das expressões cotidianas do sujeito**; nele contém um texto descritivo cuja linguagem "ingênua" foi transformada em uma linguagem "técnica", articulada com as informações no enxerto hermenêutico. Isto nos possibilitou chegar à redução e preencher o item seguinte - "redução das unidades" - conforme está no Quadro 7 na página 91.

Vencido esse estágio, prosseguimos com o objetivo de fazer emergir as categorias, no item seguinte, ainda do Quadro 7, que precisam ser evidenciadas, considerando as falas dos sujeitos. Assim, a criação das categorias partiu da linguagem do sujeito, passando pelo enxerto hermenêutico, as unidades de significado, a redução das unidades de significado até chegar à coluna das categorias.

Isto foi possível porque nos apropriamos dos instantes e atividades de reflexão evidenciados no Quadro 7 (página 91) e da análise hermenêutica

aprofundada por Bicudo (2011), quando foca e destaca palavras e sentenças, que chamam a atenção, respondendo significativamente à interrogação formulada. Além disso, as categorias devem revelar o que querem dizer os sujeitos, representem a totalidade do texto analisado e ainda os possíveis significados e sentidos passíveis de ser contidos no texto. Este movimento de análise das quatro entrevistas está disponível integralmente nos Apêndices H, I, J, L. Nessa perspectiva, cada entrevista recebeu análise ideográfica contendo todas as respostas, sem negligenciar quaisquer informações. Não houve análise simultânea, ou seja, mantivemos a sequência uma a uma para analisar. Isso contribuiu para encontrar as unidades de significado e possibilitaram estabelecer as categorias de análise.

Nos ideogramas de cada participante, é observado que, em todas as perguntas, a redução das unidades de significado diz respeito à estrutura das experiências vividas na várzea amazônica, ora com a sazonalidade, ora com o fenômeno das terras caídas. Na unidade de significado “experiências vividas com a sazonalidade”, identificamos as categorias analíticas do corpo perceptivo e o corpo estesiológico, que revelam a holisticidade do ribeirinho como corpo biocultural, isto é, corpo que percebe e sente simultaneamente as experiências com o mundo da vida, a várzea da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. O mesmo ocorreu com a unidade de significado “experiências vividas com o fenômeno das terras caídas”, ora evidenciando o corpo que percebe, ora o que sente.

➤ Síntese das unidades de significado transformadas em proposição

Encerradas as análises ideográficas, iniciamos a **síntese das unidades de significado transformadas em proposição**, sequenciando os procedimentos de análise nomotética.

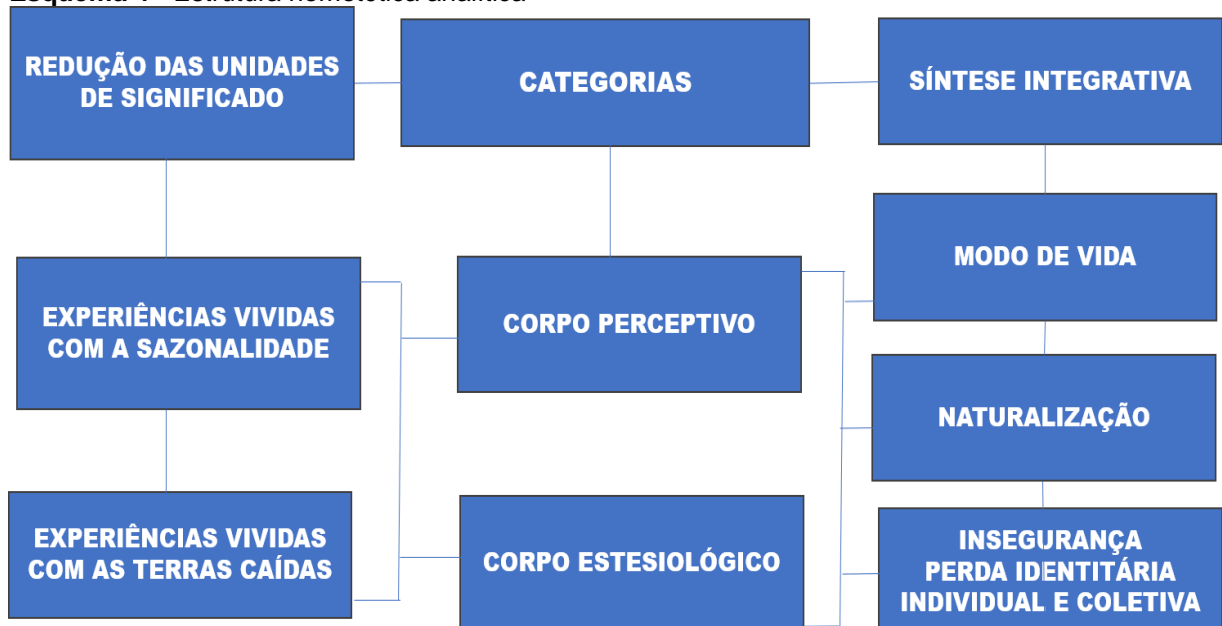
A análise nomotética compreendeu o movimento de análise do individual, contido nos ideogramas, para o geral da pesquisa, que resultou na elaboração de duas estruturas nomotéticas, uma para a sazonalidade e outra para o fenômeno das terras caídas, englobando elementos fundantes da essência das experiências vividas. Esse processo foi fundamental para se chegar aos significados e sentidos das experiências vividas pelos ribeirinhos e razões que os levam a permanecer ou abandonar a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Segundo Bicudo e Espósito (1997, p. 42), “O termo nomotético deriva-se de *nomos* que significa uso de leis, portanto, normatividade ou generalidades, assumindo um caráter de princípio ou de lei. [...] indica um movimento de passagem do nível individual para o geral”. Ou seja, as ideias individuais de cada participante das entrevistas devem passar para um entendimento geral da pesquisa onde contenha uma síntese integrativa com base nos elementos identificados nas análises ideográficas.

Trazemos a síntese integrativa, que mostra a passagem do identificado nas particularidades de cada interlocutor, nas unidades de significado e categorias. Ela está representada no Esquema 4, que traz a redução das unidades de significado, proveniente da análise ideográfica feita com base nas narrativas dos sujeitos em consonância com o roteiro de entrevista, e, também, as categorias analíticas que emergem das unidades de significado.

Chegamos a essas categorias, seguindo os procedimentos de análise qualitativa do fenômeno situado: síntese do todo; discriminação das unidades de significado; transformação das expressões cotidianas do sujeito; e análise com enfoque nomotético (MARTINS; BICUDO 2005). Conforme nos solicita o método, seguimos todos esses momentos individualmente e, somente ao final, fizemos a análise nomotética, após encerradas as análises ideográficas.

Esquema 4 - Estrutura nomotética analítica



Fonte: Elaboração própria (2020), com base em Martins e Bicudo (2005), e dados das entrevistas da pesquisa (2018).

As unidades de significado trazem as experiências vividas que estão organizadas em duas subseções na seção cinco. Na primeira subseção, abordamos as diversas experiências vividas com a sazonalidade; na segunda, com o fenômeno das terras caídas. Ambas são compreendidas com suporte nas categorias analíticas do corpo perceptivo e o corpo estesiológico. A síntese integrativa das experiências vivenciadas com a sazonalidade revela o modo de vida ribeirinha e um processo de naturalização de algumas situais vivenciais. Com o fenômeno das terras caídas, também ficam evidentes a naturalização, a insegurança e perda identitária individual e coletiva acerca do modo de vida ribeirinho na várzea amazônica.

Com amparo nos resultados emergidos dessa análise, buscamos, na seção 5, realizar a triangulação entre: a descrição do vivido, que revela a essência fenomênica da experiência vivida, a relação corpo-natureza-cultura e a nossa percepção. Optamos por trazer trechos das falas dos participantes, na linguagem ingênua, nos momentos descritivos, a fim de evidenciar a voz dos ribeirinhos. Na seção a seguir, estão elementos da observação participante para falar do contexto local estudado.

4 O CONTEXTO DA COMUNIDADE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA - STM-PA

*E o vento espalhado na capoeira
A lua na cuia do bamburral
A vaca mugindo lá na porteira
E o macho fungando cá no curral
(Trecho da música **Paupixuna**, de Paulo
André Barata).*

Neste segmento da tese, repousam os resultados da observação participante, que conduzem à compreensão do contexto de vida dos moradores da comunidade estudada. Assim, iniciamos a primeira subseção falando do Município de Santarém e, na segunda, adentramos a Comunidade de São Ciríaco do Urucurituba.

4.1 Partindo de Santarém: o município banhado pelos rios Tapajós e Amazonas

Os fenômenos³⁶ da sazonalidade e terras caídas, vivenciados pelos interlocutores, encontram-se neste estudo localizados no Município de Santarém, acerca do qual passamos a discorrer. Assim, este Município localiza-se na região oeste do Pará, na mesorregião do Baixo Amazonas (BAM), conforme demonstrado no Mapa 2, na página 101. Sua população estimada é de 304.598 habitantes (IBGE, 2019) e, segundo o Censo/IBGE (2010), compreende 215.790 mil pessoas residentes na área urbana e 78.790 mil na área rural. A densidade demográfica corresponde a 12,87 hab./m. Santarém é referenciada como a “Pérola do Tapajós”.

Sua constituição territorial rural, de acordo com Sá, Costa e Tavares (2006), subdivide-se geograficamente em duas grandes áreas de planalto e ribeirinhas. A área de planalto compreende a extensão limítrofe do Município nas rodovias Santarém-Cuiabá³⁷, Santarém-Curuá-Una e Everaldo Martins. E as áreas ribeirinhas às margens do rio Amazonas (onde se encontram as várzeas e terras firmes) e do rio Tapajós-Arapiuns.

Santarém possui em suas cercanias os dois rios mais importantes da Amazônia Legal: o Amazonas e o Tapajós, ambos formando um dos mais belos cartões postais do Município, o “encontro das águas”, bem em frente à cidade, visualizado na Fotografia 1, na página imediatamente a seguir.

³⁶ Em sentido fenomenológico

³⁷ No Município de Santarém, desde os anos de 1970, com a abertura da BR 230 e da BR 163, observa-se o incremento positivo no índice populacional [...] (SÁ; COSTA; TAVARES, 2006, p. 123)

Fotografia 1 - Encontro das águas” dos rios Amazonas e Tapajós



Fonte: Acervo nosso (2018).

Na parte inferior desta fotografia, está visível parte do cais de arrimo da cidade de Santarém com os equipamentos urbanos; no centro da fotografia, aparece o rio Tapajós, de tom azul, e, na parte superior, o rio Amazonas, de tonalidade marrom. Como observável, Santarém é um município banhado pelos rios. Na fotografia, vemos que há inúmeras comunidades ribeirinhas cuja principal via de acesso são os rios. Por haver grande proximidade entre o rio e a cidade, esses canais de acesso serviram – e ainda servem – para os meios de transportes aquáticos, característica que favoreceu a concentração humana em tempos pré-coloniais e atuais nessas áreas, como afirmou Lima (2007).

Na Fotografia 2, na página seguinte, está destacado o cais de arrimo, onde atracam e desatracam diariamente navios turísticos; navios de transporte de carga, de origem nacional e internacional, também neste cais; navios de passageiros com rota interestadual e intermunicipal; barcos de passageiros intermunicipais; e outras embarcações de menor porte (barcos, canoas e bajaranas)³⁸, estas provenientes,

³⁸ Embarcação regional de pequeno porte, movida por motor, do tipo rabeta.

principalmente, das comunidades localizadas às margens dos rios Amazonas, Tapajós, Arapiuns e rios afluentes.

Fotografia 2 - Vista do cais de arrimo de Santarém- PA



Fonte: Acervo nosso (2018).

Por esta fotografia, observamos que o adensamento urbano é notório, com a formação dos prédios a emparedar a cidade e o rio, a “hospedar” as embarcações e as pessoas que nelas trafegam. O rio, as pessoas e as embarcações revelam o emaranhamento da vida ribeirinha, cujas relações cotidianas refletem a dinâmica do lugar e suas experiências vividas em complexa interação com a natureza e com os outros.

O rio, portanto, é a principal via de acesso, sendo inegável o fato de que os ribeirinhos mantenham com ele uma relação íntima, pela convivência cotidiana de acessibilidade, embarque, desembarque, sobrevivência e coexistência. Ele é a principal fonte de trabalho, de onde provêm o alimento e a fonte de água para as diversas necessidades, cuja sazonalidade, fenômeno das terras caídas e crescidas, características das várzeas amazônicas interconexas ao movimento do rio Amazonas,

influenciam, diretamente, em suas atividades cotidianas. No Mapa 1, na página seguinte, são identificáveis as áreas de várzea do Município de Santarém.

No contexto do Município de Santarém, detectamos o fato de que o fenômeno das terras caídas ocorre, segundo Farias e Carneiro (2012), nas comunidades ilhas do Meio, Bom Vento (que desapareceu), Marimarituba, Marrecas, Palhão, Saracura. Na região do Urucurituba, acontecem, especificamente, nas Comunidades de Fátima (FONSECA; SOUZA-FILHO; AGUIAR, 2017; VALE *et al.*, 2019) e Comunidade São Ciríaco (FARIAS; CARNEIRO, 2012; SANTOS, 2014).

Na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, os ribeirinhos, pressionados pelos riscos ambientais do fenômeno das terras caídas, foram obrigados a abandonar o lugar, sendo assentados na região de planalto do eixo-forte do Município de Santarém, onde permanecem os moradores até hoje. No tempo presente, os moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba permanecem e convivem com os riscos socioeconômicos e ambientais provocados pelo fenômeno das terras caídas.

4.2 Chegando à Comunidade São Ciríaco do Urucurituba

Para se chegar a essa localidade, o rio é o único acesso. Tomando a cidade de Santarém como ponto de partida, chega-se a esta localidade em um tempo médio de uma hora, de barco. Em diversas viagens que fizemos, chegamos nas primeiras residências da comunidade em um tempo médio de cinquenta minutos; à escola que está na parte central, em aproximadamente uma hora; e nas últimas casas da comunidade, em torno de uma hora e trinta minutos. O tempo de viagem varia, dependendo do tipo de embarcação e das condições climáticas. No Mapa 2, na página 101, a Comunidade São Ciríaco está ilustrada à margem esquerda³⁹ do rio Amazonas.

Consta no registro histórico da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba⁴⁰ que ela teve sua origem com o casal Serafim do Amaral e Maria Sousa, seus primeiros moradores.

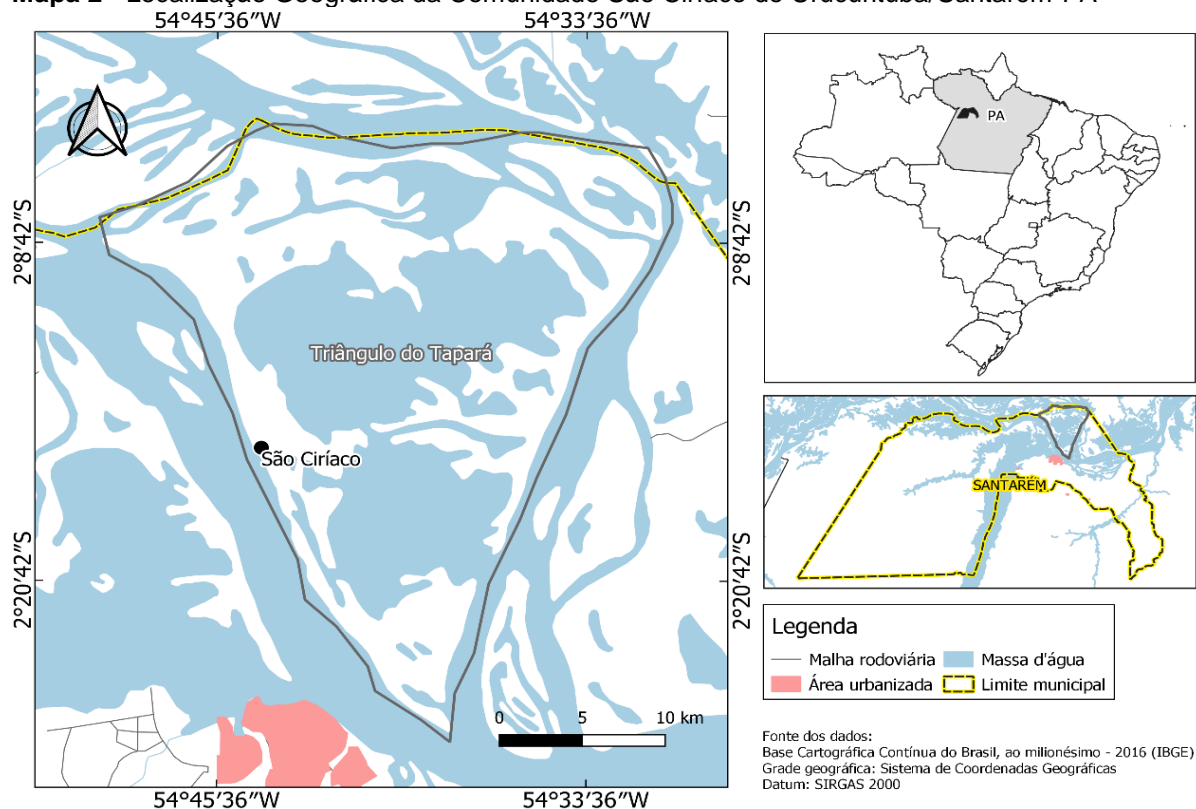
³⁹ A comunidade está localizada na margem esquerda, considerando que a margem dos rios é definida pelo curso da nascente à foz.

⁴⁰ Documento disponível na escola da comunidade estudada, sobre a história do lugar. Não consta o ano em que o primeiro casal chegou à comunidade.

A escolha do nome da comunidade tem relação com dois fatos: o primeiro, pela existência de muitas árvores de urucurizeiros; o segundo, ocorreu devido ao achado de uma lamparina por algumas crianças que brincavam ao relento. Tal objeto parecia ter formato de um santo, que em atos religiosos veio representar a imagem da Comunidade São Ciríaco, todavia não tinham certeza se realmente ele era um santo católico. Consultaram, então, um frade chamado Mário, que confirmou a existência dele.

Após essa confirmação, os comunitários reuniram fundos e compraram a imagem do santo, que foi entregue aos comunitários no dia 10 de fevereiro de 1945. Desde então, a comunidade passou a se chamar São Ciríaco do Urucurituba. Depois da chegada do referido casal, e de outras pessoas que moravam em outros lugares, a comunidade se expandiu, chegando a 93 famílias e perfazendo o total de 396 moradores.⁴¹

Mapa 2 - Localização Geográfica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba/Santarém-PA

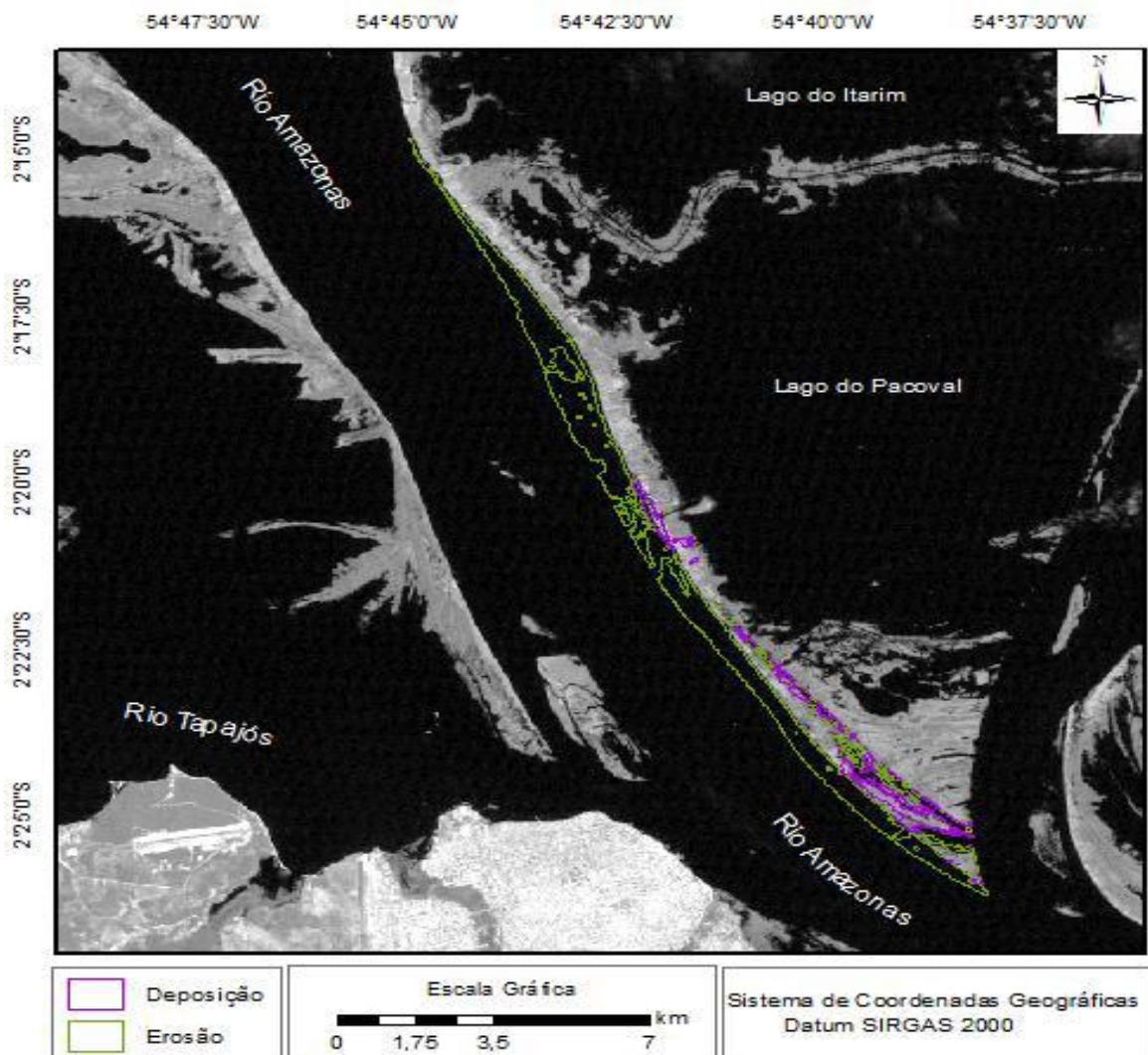


Fonte: Base Cartográfica do Brasil (INPE, 2016).

⁴¹ Dados da pesquisa disponibilizados pela gestora da escola da comunidade.

A região do Urucurituba está situada na margem esquerda do rio Amazonas, onde integram sete (7) comunidades: Arapemã, Igarapé do Costa, Piracãoera de Cima, Piracãoera de Baixo, Fátima de Urucurituba⁴², Campos do Urucurituba e São Ciríaco do Urucurituba (CANTO, 2007). A região integra o Triângulo do Tapará, conforme ilustra o Mapa 2 e é também observado no Mapa 1, mostrado anteriormente. Essa região⁴³ é, recorrentemente, atingida pelo fenômeno das terras caídas, desde 1989, conforme mostram a Imagem 1.

Imagem 1 - Alterações morfológicas na margem esquerda do rio Amazonas no período de 1989 a 2010



Fonte: Imagem Landsat, de 29 jun. 2010, banda 5, INPE (2012).

⁴² Consultar tese doutoral (SADALA, 2020)

⁴³ Links para acessar reportagens sobre o fenômeno das terras caídas:

<http://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2015/05/area-no-eixo-forte-sera-entregue-quinta-feira-familias-de-urucurituba.html/>

<https://globoplay.globo.com/v/8217593/>

<https://globoplay.globo.com/v/7202263/>

<https://incraoestepara.wordpress.com/tag/fatima-de-urucurituba/>

Esta imagem traz as evidências de processos erosivos dos anos de 1989 a 2010, cujas linhas em cor verde destacam as áreas que desbarrancaram.

A paisagem da comunidade é modificada permanentemente pelo fenômeno das terras caídas, mas também é alterada pela sazonalidade das águas das chuvas e do rio. A Imagem 2 revela a paisagem da comunidade e seu entorno no período da seca, no verão amazônico.

Imagem 2 - Paisagem no período do verão na região da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: LANDSAT 8 OLI (INPE, 2018).

Na Imagem 2, notamos que os níveis do rio Amazonas estão mais baixos e que as superfícies de terras e vegetações ficam mais evidentes. Nas Fotografias 3, 4 e 5, nas páginas subsequentes, ficam visíveis os barrancos e as praias (enseadas de areia) na extensão da comunidade durante o período do verão. Essas fotografias em sequência mostram perspectivas diferentes dos terraços de várzea, destacando formações distintas nos barrancos e vegetação.

Fotografia 3 - Terraços de várzeas e acesso das pessoas ao rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (1)



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 4 - Terraços de várzeas e acesso das pessoas ao rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (2)



Fonte: Acervo nosso (2018).

Essas áreas são o acesso dos ribeirinhos às suas residências. Com isto cada família cria estratégias para chegarem até as suas casas: delineiam no barranco os degraus, aproveitando as próprias formações nos barrancos; constroem e reconstroem pontes – muitas são arrastadas pelo rio – da terra firme até a água, que são adaptadas para acompanhar as alterações de enchente e vazante do rio Amazonas, bem como para facilitar o embarque e desembarque dos passageiros.

Vemos que a movimentação de pessoas pelo barranco faz parte do cotidiano, pois o rio é a única via de acesso e de integração com outros lugares; com os meios e instrumentos de trabalho na pesca; o lazer; lugar de contemplar o pôr do sol e de olhar o vaivém dos barcos.

Nas Fotografias 5 e 6, vemos os muratus, termo local usado para indicar a formação de buracos nos barrancos (nas margens), ocasionados pela erosão das terras caídas. Essas formações no barranco ficam evidentes no período de vazante/seca do rio, mostrando as alterações na paisagem.

Fotografia 5 - Terraços de várzeas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (3)



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 6 - Terraços de várzea na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba (4)



Fonte: Acervo nosso (2018).

Nessas fotografias, identificamos um mosaico nas paisagens, sendo possível observar distintas formações que se estendem ao longo da margem do rio. Durante vazante e seca, no período do verão, e enchente e cheia, no inverno, a paisagem se modifica constantemente, de acordo com esses períodos sazonais.

A Imagem 3, na página seguinte, revela o quanto a paisagem da comunidade e seu entorno é transformada do período do inverno para o verão. Nela percebemos o quanto a paisagem se transforma, as terras são submersas pelo rio e ficam apenas alguns espaços de terra que tracejam entre o rio e a vegetação. No inverno, conforme a enchente do rio, a paisagem muda, tudo que estava visível volta a ser recoberto pelas águas, como se observa na página a seguir, na Fotografia 7. Na foto surge o imaginável: Não tem terra? É tudo água e vegetação? Onde está aquele barranco com aproximadamente 6 metros de altura?

As águas adensam as terras e deixam submerso o barranco, as vegetações rasteiras e troncos das árvores. É o período da cheia do rio! É a fase de inverno amazônico! Nesse tempo, ocorrem a enchente e a cheia do rio Amazonas, geralmente de janeiro a julho.

Imagem 3 - Paisagem no período de inverno na região da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: LANDSAT 8 OLI, INPE (2019).

Fotografia 7 - Cenário da cheia do rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Nos meses seguintes, acompanhando o curso da natureza, o rio diminui o volume das suas águas para que a terra volte a enrijecer, tornar-se trafegável e as plantas sequem suas raízes, dando lugar aos barrancos; às construções dos moradores; e às árvores com troncos secos que caíram em razão do extenso tempo submersas ou atingidas por processos erosivos.

Os acessos às residências pela via fluvial vão sendo refeitos, no período da cheia do rio. Os barcos de passageiros de linha⁴⁴ regular não conseguem atracar na margem do rio, pois os barrancos ficam submersos e, em decorrência dos seus desníveis, a margem do rio torna-se intrafegável. Esse processo paulatino de mudança nos modos de embarque-desembarque de passageiros e seus translados até suas residências, torna-se peculiar na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, quando o desembarque e o embarque dos moradores são realizados com o uso de bajaranas, que são deslocadas até os barcos maiores para fazer o transporte das pessoas, entre as residências e a embarcação, levando bagagens, suprimentos, botija de gás, recipientes com gelo, vasilhames com combustível etc. Esse percurso é demonstrado na Fotografia 8.

Fotografia 8 - Transporte de pessoas em bajara na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

⁴⁴ O transporte fluvial é particular, com regularidade diária para a comunidade.

Algumas famílias, nessas circunstâncias, não dependem dos barcos de linha, pois fazem seus deslocamentos em suas embarcações (bajaras e barcos particulares de pequeno porte).

A economia da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, a seu turno, é constituída de atividades tradicionais (pesca, agricultura, pecuária), atividades formais (cargos de professores, técnicos, serviços gerais, técnico de Enfermagem, agente comunitário de saúde etc. – atividades remuneradas mensalmente pelo Município) e comerciais (decorrentes da comercialização do excedente das atividades tradicionais; festas sociais de lazer e religiosas; e taberna de produtos alimentícios).

Conjugam os rendimentos advindos de programas de transferência de renda do Governo federal (bolsa família), benefícios assistenciais (Benefício de Prestação Continuada para pessoa idosa e pessoa com deficiência), benefícios previdenciários - como aposentadorias, pensões e outros; além do seguro defeso, entre outras fontes de renda. E, toda a lógica do trabalho na comunidade não se destina, exclusivamente, ao acúmulo de capital ou bens, pois as atividades também são direcionadas a atender as necessidades do cotidiano, tais como alimentos, vestimentas, cuidados com a saúde, o lazer e aquisição dos equipamentos de trabalho.

Prosseguindo com as atividades da comunidade, há ainda as práticas religiosas (da Igreja Católica, Igreja da Paz e Assembleia de Deus) que viabilizam diversas práticas de cunho religioso. Nas Fotografias 9 e 10, apresentadas na página seguinte, estão ilustrados dois templos religiosos.

No verão e inverno, as atividades de missas, cultos ou reuniões de todas as instituições transcorrem normalmente, mudando apenas a maneira de acesso (locomoção). Observamos que a igreja católica exerce bastante influência na organização social dos moradores. Nela ocorre a principal atividade religiosa da comunidade, a festa de São Ciríaco, que sucede em novembro, realizada pela devoção ao santo de mesmo nome da comunidade.

As práticas de lazer estão associadas, principalmente, às atividades organizadas por meio de dois clubes de futebol da própria comunidade, como campeonatos, torneios e festas dançantes.

Fotografia 9 - Interior da Igreja Católica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 10 - Igreja Evangélica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Essas práticas proporcionam o fortalecimento do vínculo de parentesco – muitos parentes, residentes em outros lugares chegam à comunidade para participar – e promovem interconexões com outras comunidades ribeirinhas.

A Fotografia 11 mostra uma das sedes dos clubes de futebol da comunidade, onde ocorrem festas sociais, e a área do campo de futebol, onde homens e mulheres jogam futebol, com a finalidade de treinar para campeonatos ou apenas como modalidade de entretenimento na comunidade.

Em suma, as Fotografias 9, 10 e 11 mostram espaços físicos onde são realizadas atividades religiosas e de lazer. São espaços de convivência dos moradores, construídos em madeira, revelando uma das características das moradias do lugar. Seus moradores usufruem dessas práticas durante o verão e, no inverno, os campos não existem e as atividades nas sedes ficam restritas, a depender do nível das cheias.

Fotografia 11 - Sede do Clube Esportivo da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Percebemos que o cotidiano dos moradores do lugar é movido por diversas atividades, que mencionamos anteriormente, acrescidas de tarefas domésticas-familiares e de entidades, como associações de moradores e produtivas, que demandam serviços comuns à coletividade.

Continuando na perspectiva de mostrar as atividades realizadas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, mostramos alguns serviços da esfera pública no lugar, como o serviço de saúde e de educação.

O posto de saúde⁴⁵ é coordenado pela Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) e realiza serviços de saúde, como consultas médicas e de Enfermagem, imunização, pré-natal, coleta para o exame preventivo de câncer do colo uterino (PCCU), curativos, visita e acompanhamento domiciliar, prevenção da hipertensão e diabetes etc. O corpo técnico do posto de saúde é constituído pela enfermeira⁴⁶ (assumindo suas atividades de Enfermagem e exercendo a coordenação das atividades e serviços prestados), a técnica de Enfermagem⁴⁷ e o agente comunitário de saúde⁴⁸. A Fotografia 12, na página a seguir, mostra a fachada do prédio construído em madeira com altura da base adequada à sazonalidade do rio Amazonas, especialmente a cheia, com o propósito de evitar alagamento do prédio, pelas águas do rio. No verão e inverno, as atividades transcorrem normalmente, mudando apenas a maneira de acesso (locomoção).

Assim como o posto de saúde, a escola também é construída em madeira e possui a base com uma altura que preserve a invasão das águas. Ainda assim, observamos marombas feitas de madeira para improvisar o acesso das pessoas, pois a água inunda o terreno da escola. A Fotografia 13 também apresentada na próxima página é demonstrativa do aspecto frontal da escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Ciríaco é coordenada pela Secretaria Municipal de Educação. O corpo técnico da escola⁴⁹ é formado pelo diretor, secretário, pedagogo, técnicos administrativos, professores e pessoal de serviços gerais (vigilante predial, cozinheiras e o pessoal dos serviços de limpeza).

⁴⁵ Polo de atendimento de saúde na região do Urucurituba.

⁴⁶ Geralmente este cargo é assumido por profissionais que vêm da zona urbana de Santarém, encaminhados pela SEMSA.

⁴⁷ Assim como é feito com o profissional enfermeiro, no entanto, a SEMSA busca selecionar pessoas que sejam da própria comunidade ou de outras relativamente próximas, no intuito de ficarem mais disponíveis aos moradores da região do Urucurituba.

⁴⁸ Contrato pela SEMSA, este cargo é assumido por um morador da comunidade.

⁴⁹ Profissionais de contratação temporária que advêm da própria comunidade, das zonas urbanas e rurais (ribeirinhas ou não) selecionados e encaminhados pela SEMED.

Fotografia 12 - Posto de Saúde da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2013).

Fotografia 13 - Escola da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



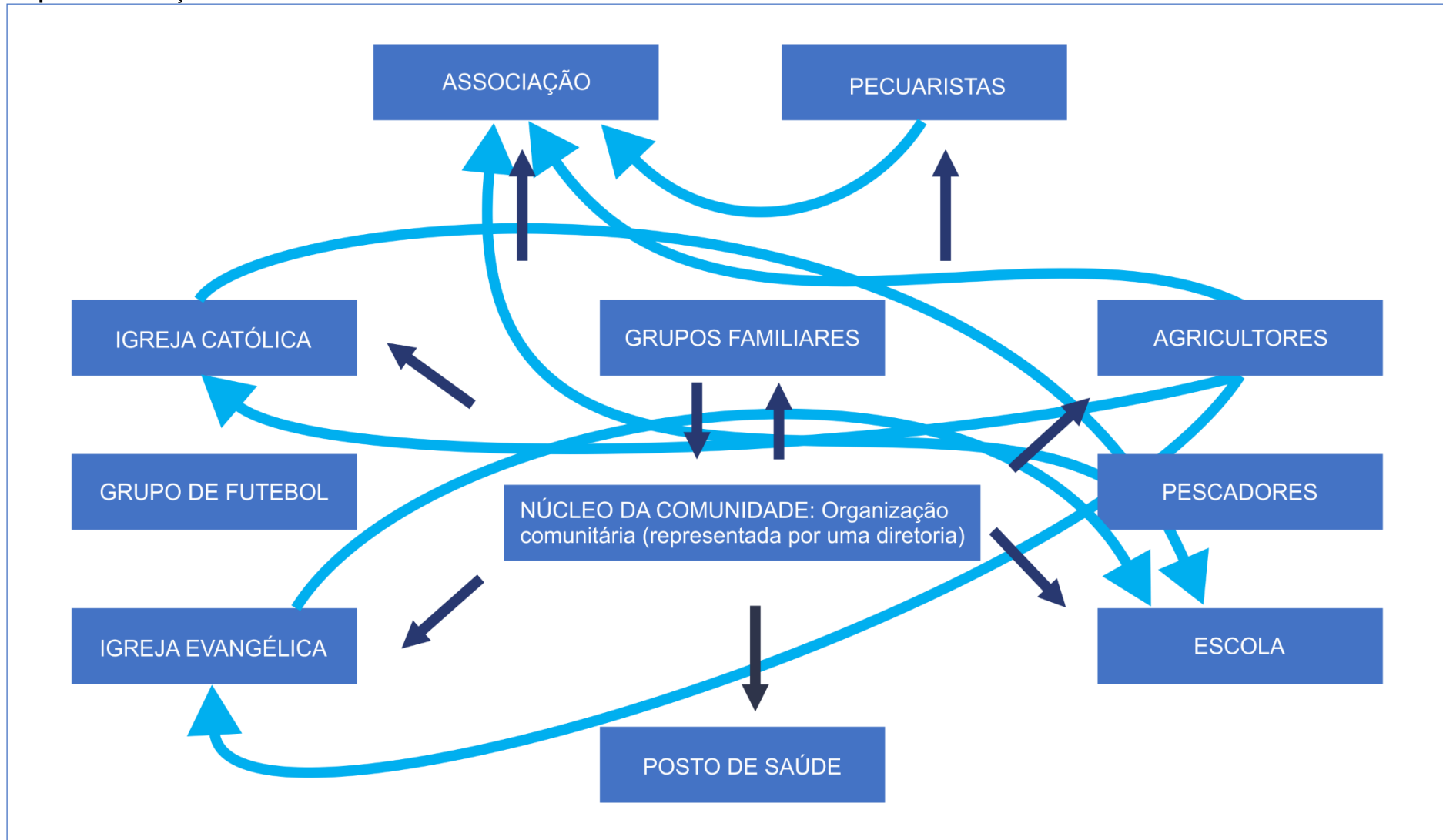
Fonte: Acervo nosso (2013).

O corpo técnico é o núcleo desse grupo organizacional liderado pelo diretor, acompanhado do corpo docente, que tem suas funções 'supervisionadas' pelo corpo técnico, responsável também pelas deliberações e 'controle' da equipe de serviços gerais. Corpo técnico, docentes e de serviços conectam-se, com atribuições específicas e gerais, para cuidar e zelar do corpo discente, que, por sua vez, é a ponte para conexão dos pais (moradores da comunidade, e comunidades vizinhas) com a escola.

Os pais, também, possuem a função de zelar pelos filhos e primar pelo funcionamento organizacional de toda escola, ou seja, mesmo o pai não sendo um funcionário, ele fiscaliza e supervisiona o trabalho de todos na escola e acompanha o desenvolvimento do filho. Os pais e/ou representantes dos alunos participam das atividades de serviços gerais. Além dessas relações, a escola também se comunica com o grupo de organização comunitária (que realiza atividades em parceria com a comunidade escolar), bem como tem relações com grupos de futebol (a organização responsável pelas sedes e campo de futebol) e ainda com os grupos religiosos católico e evangélico, instalados na comunidade.

O calendário letivo da escola municipal é adequado ao regime de inundação, iniciando em agosto, quando começa a vazante, e encerrando em abril. As férias, por sua vez, transcorrem de maio a julho, período das cheias. No mesmo prédio da escola municipal, funciona o ensino médio modular, em regime de convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC), por meio da 5ª Unidade Regional de Educação. Seu calendário, via de regra, segue o da zona urbana, iniciando em fevereiro e encerrando em dezembro.

As pessoas envolvidas nessa comunidade estão conectadas umas às outras pelas relações familiares (parentesco), de trabalho, religiosa (com predominância de católicos e evangélicos) e organizações em sistemas de associação (que deliberam sobre as atividades produtivas), comunidade (que deliberam sobre atividades comuns aos moradores - como manutenção e limpeza de estradas, escola, posto de saúde e as próprias da igreja) e representatividade na Colônia de Pescadores Z-20 (que deliberam sobre as atividades pesqueiras nos rios e lagos da região). O Esquema 5, na próxima página, ilustra a organização destas atividades na comunidade.

Esquema 5 - Relações Sociais na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba

Fonte: Elaboração própria (2016).

Todo o contexto social (práticas, atividades e moradores) está conectado, como mostramos no Esquema 5, na página anterior. Nela há um núcleo, os grupos familiares da comunidade. Dos grupos familiares, formam-se os demais grupos, que são regidos por normas gerais da comunidade, e específicas do próprio grupo ao qual pertence. Os grupos têm independência organizacional, relacionam-se, e as pessoas podem estar envolvidas em vários deles. Por exemplo, uma funcionária da escola integra, ao mesmo tempo, o grupo escola, o grupo familiar, participa de um dos grupos religiosos, de agricultores e do grupo de liderança comunitária. Apesar de os grupos terem independência organizacional, há algumas normativas, como as previstas no regimento da comunidade, elaboradas no intuito de orientar condutas e aspectos a serem respeitados coletivamente. Essa normatização justifica a organização comunitária no núcleo dos grupos sociais.

Outro exemplo: um pescador é membro do grupo de organização comunitária, participa de um dos grupos de futebol, é agricultor e ainda tem seu grupo familiar e religioso. Ou seja, as pessoas transitam 'livremente'⁵⁰ entre os grupos sociais, tendo a possibilidade de a qualquer momento migrar de um para o outro, ou decidir apenas não fazer parte de um ou mais grupos, a depender das regras sociais.

Como notamos, os moradores do lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba estão interconectados social, histórica, econômica e ambientalmente, de maneira que suas experiências vividas em seu mundo-vida se entrelaçam.

Pensar nessa relação com suporte em Merleau-Ponty (2004, p. 26) nos leva à compreensão do emaranhamento de um em outro, afinal “o homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele”, em que ambos revelam muito um sobre o outro, pois as coisas e objetos diante de nós não são neutros, possuem significados intrínsecos a nós, por isso eles revelam a leitura do que somos.

É no sentido desse investimento entre ser humano-coisas/objetos/espço, que buscamos na seção 2 trazer conceitualmente as características do rio Amazonas e da várzea, buscando evidenciar que há entre eles interconexões, pois o movimento do primeiro influencia o segundo. Rio e várzea enlaçam-se às populações que resolveram ocupar esse ecossistema e fazer dele o seu lugar de referência, onde criaram seu modo de vida, adotando estratégias de moradia e subsistência para

⁵⁰ A depender da situação relacional com as pessoas dos grupos. Um conflito, por exemplo, favorece a decisão de uma pessoa se retirar de um grupo ou mesmo de o grupo entender que é melhor excluir o membro do grupo; que, por sua vez, traz interferências nas relações com os outros grupos.

enfrentar as mudanças paisagísticas da várzea, a fim de que se mantivessem nesse lugar.

Compreendemos, com procedência em Merleau-Ponty (2011), que mantemos laços com o passado inscritos numa memória do mundo, laços com o passado que não se separam da práxis, ou seja, a história em ação, constituindo-se, por sermos agentes de uma historicidade aberta e inacabada.

Este, portanto, é o contexto em que vivem os moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, cujas experiências vividas com os fenômenos da sazonalidade e das terras caídas encontram-se na próxima seção.

5 O MUNDO-VIDA DOS RIBEIRINHOS DA COMUNIDADE SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS COM OS FENÔMENOS DA SAZONALIDADE E TERRAS CAÍDAS NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA

*O tempo tem tempo de tempo ser
 O tempo tem tempo de tempo dar
 Ao tempo da noite que vai correr
 O tempo do dia que vai chegar
 Uma leira, uma esteira
 Uma beira de rio
 Um cavalo no pasto
 Uma égua no cio
 Um princípio de noite
 Um caminho vazio
 Uma leira, uma esteira
 Uma beira de rio*
 (Trecho da música **Paupixuna**, de Paulo André Barata.

Nesta quinta seção estão resultados e discussões das categorias analíticas identificadas nas entrevistas dos quatro interlocutores, estruturadas em consonância com os objetivos específicos assumidos nesta tese, a saber: descrever, com base na relação corpo-natureza-cultura, as experiências vividas dos ribeirinhos com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas na várzea, suas percepções e estratégias para enfrenta-las; analisar os significados e sentidos que levam os moradores a permanecerem em um ambiente suscetível a mudanças sazonais, bem como aos riscos de danos materiais e imateriais decorrentes dos fenômenos das terras caídas.

Na primeira subseção, organizamos as experiências vividas dos moradores com sazonalidade, trazendo as especificidades do cotidiano com o mundo das águas. Na segunda subseção, anunciamos as experiências vividas dos moradores com o fenômeno das terras caídas e suas razões para permanecer ou abandonar do lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Nas duas subseções, destacamos as categorias analíticas do corpo biocultural: o corpo perceptivo e o corpo estesiológico. Ambas refletem um corpo indiviso, pois o corpo biocultural traz em sua essência a unicidade do *ser*, porém, para efeito de discussão dos resultados, se faz necessário tratá-las em separado a fim de dar destaque em quais momentos das experiências vividas elas emergem na vida dos ribeirinhos.

Antes de adentrar as experiências vividas com atividades cotidianas que são base da sobrevivência humana na várzea, cabe contextualizar o fato de que identificamos na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba uma complexa rede de organização familiar, coadunando com o trabalho Castro (2007) sobre os tipos de família na várzea, onde existem famílias extensas, compostas de outras nucleares; e famílias somente nucleares, compostas por cônjuges e sua prole; os membros de ambas trabalham simultânea, individual e coletivamente, para sua sobrevivência.

Na família extensa, de que fizemos a observação participante, detectamos a seguinte atuação: as mulheres cuidam das atividades domésticas e dos animais (como as galinhas); as que têm habilidades complementam a renda com costura (roupas, redes, panos de pia etc.) e artesanato (com crochê ou outros), os adolescentes e crianças ajudam-nas de maneira circunstancial; os homens, por outro lado, assumem a pesca e a pecuária; e ambos dividem as práticas agrofloretais de acordo com o tempo de trabalho, principalmente da pesca. As tarefas domésticas são mais direcionadas às mulheres, mas vimos a participação dos homens, adolescentes e crianças. Encontramos esse tipo de organização em outros grupos familiares, porém outras atividades ganham destaque conforme a vocação de cada família. Verificamos que as famílias na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba se organizam e dividem tarefa para unir recursos de fontes distintas para sua sobrevivência - realidade que corrobora as afirmações de Castro (2007).

5.1 As experiências vividas dos ribeirinhos com a sazonalidade: uma vida ditada pelo “mundo das águas”

As experiências vividas na várzea têm como aspecto principal a vida ribeirinha, marcada pela sazonalidade, cujo ritmo das águas das chuvas e do rio Amazonas, durante o inverno e verão amazônico, rege as atividades cotidianas. A relação corpo-natureza, de inerência do corpo ribeirinho nesse ecossistema, se destaca particularmente quando o corpo percebe, sente e age na dinâmica tempo-espaço da própria natureza local; em outras palavras, o convívio com a várzea e sua dinâmica evidencia corpos perceptivos e estesiológicos. Nesta conexão, a cultura se entrelaça, revelando o modo de vida no lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Ganha destaque a dimensão do corpo perceptivo, ao conhecer e reconhecer a dinâmica sazonal e as mudanças paisagísticas decorrentes dela, nas ações de se mover, planejar e elaborar estratégias em curso nas experiências vividas cotidianas, mencionadas pelos ribeirinhos no inverno e verão: as atividades de pesca, agricultura e pecuária; as variadas maneiras de se locomoverem na várzea; como se organizam com o abastecimento de energia e água; e o fenômeno das terras crescidas. A dimensão do corpo estesiológico se evidencia, principalmente, nas situações de perigo imprevisíveis com a natureza, como: eventos extremos, temporais, animais selvagens, e travessias no rio, circunstâncias que afloram sensações e emoções corporais nas experiências com situações imprevisíveis da natureza. Em suma, essas experiências vividas protagonizam o corpo biocultural, ribeirinho as quais passamos a mostrar.

5.1.1 Experiências vividas do corpo com a pesca, agricultura, pecuária e criação de pequenos animais

Iniciamos essa subseção, sequencialmente, com as falas dos ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, que expressam as experiências vividas com a pesca.

A gente pesca né, mas essa pescaria é só pro mantimento da família. Mais pro consumo mesmo. [...] é, no verão é mais fácil de pegar o peixe. Mas, tem um problema também, porque na época de inverno a pescaria fica perto e na época do verão fica mais longe (risos), tem que andar pra chegar no lago lá... [...] É no verão porque o lago fica menor né, o peixe fica praticamente preso, aí a gente vai lá é facinho pra pegar, de tarrafa, malhadeira, de qualquer jeito a gente pega. No inverno se torna mais perto mas, é mais difícil de pegar o peixe, eles se espalham. (SOLIMÕES, 2018).

Saio de casa pra ir em busca de sobrevivência pra minha família né, por causa da pesca. [...] nesse período como fica cheio né, o peixe é mais vilhaco, ele se esconde mais fácil e quando é no período da seca, que é um período que é bom né de peixe, digo que o peixe vai somente para o meio do lago, fica bom de peixe né, fica bom pra cá ou seja pra ali, pra onde a gente vá, é um período que é bom, mas aí também já fica difícil pra gente, pras nossas embarcações, que às vezes a gente tem que se locomover daqui ali, digo andar a distância pra pegar a embarcação pra poder a gente sair. [...] desse período que fica um pouco difícil de peixe aqui nesse lago, aí a gente tem que ir pro outro, pro outro lago mais adiante né, que fica ali pro Tapajós. [...] Já quando chega no tempo do verão fica bom o peixe, mas fica ruim a parte da locomoção né, de chegar até lá pra gente pescar né? E, teve até período mesmo na, no tempo da seca né, que a gente transportava pelo caminhão. (TRACAJÁ, 2018).

De julho pra lá eu já pesco 3 dias na semana, 4/5/6 dias na semana [...] No período do, no período do verão, a gente passa a bajara pro rio... aqui pra frente. Não vai mais porque seca! No lago, a gente tá mais aqui no lago. Chega no período de verão, a gente tem que passar as nossas bajaranas ou canoas pra frente, pro rio Amazonas. Não é dizer que não pesque, mas tem os lago do Pacoval e Aramanaí, que pode pescar. Só que da nossa comunidade, pra nós chegar lá nesses lago, no verão, é muito longe. Como nesse período, como nesse período, que seca, a nossa bajara tá pra cá, tá no período do plantar aqui. A única preocupação que eu tenho é que a minha bajara ela pode não amanhecer. Não pode amanhecer por causa de umas terra caída, aqui pra frente e as vezes os navio, alagou ou espocou ela. Aí vai embora. [...] Olha tem um período, tem um período sim que eu gosto. Aliás, se eu for, tanto do período do defeso... Eu acho bom. [...] é o período que eu tô preservando sempre mais produção, que seja o peixe. Eu tô preservando mesmo, e eu tô em casa, entendeu? [...] Mas quando termina o defeso também eu gosto, porque, no meio de, no dia 15/16 de março ao dia 15 abril/maio, ao dia 15 de maio, eu também gosto. Porque tem peixe, tem peixe bem à vontade pra gente pegar. Pra todo lago que a gente vai a gente pega peixe. Por um motivo. Qual? Pela preservação que nós fazemos nos 4 meses, então por isso [...] é por isso que tem [...] Maio e junho não é bom, não é bom. Vai melhorar. De agosto...aí de lá melhora. Dependendo de como seja o verão, a enchente. Então se ela começar vazar em julho, por exemplo, vai melhorar pra agosto? É o que tá acontecendo. (José, 2018). A gente equilibra o pouco que a gente ganha é, eu por exemplo, eu equilibro o pouco que eu ganho do peixe e do bolsa família. Entendeu? Esses três meses vão ser os 3 meses mais difíceis pra, pro pescador. Pra quem mora na várzea. Eu já, eu me acostumei com o jeito de ser desse tempo. Então quando vai chegar aqueles 3 meses que é mais difícil, eu já tenho que começar me planejar antes, pra poder eu entrar naqueles meses e saber que eu vou ter que passar por eles. Quando a enchente é muito grande a o período do inverno ele é mais difícil ainda. Porque ai que o peixe se esconde, fica mais difícil da gente pegar peixe. (JOSÉ, 2018).

Esses relatos destacam dois aspectos importantes: a pesca como atividade central que dá aos ribeirinhos a condição de sobrevivência, por ser fonte de alimento e renda; bem como suas especificidades no inverno e verão amazônico. Nesse contexto, o corpo perceptivo ribeirinho faz dois movimentos: perceber a dinâmica sazonal das águas, agindo de maneira planejada e estratégica para manter sua sobrevivência e, simultaneamente, se ajustando corporalmente para desenvolver essa atividade nesses períodos do ano.

Sobre a relação do corpo que percebe a pesca na sazonalidade, Solimões e Tracajá notam que o *inverno*, particularmente a cheia (na enchente grande), é o período *mais difícil* para essa atividade, uma vez que o volume do rio e sua extensão aumentam e, por consequência, os espaços aquáticos de movimentação dos peixes. Este prolongamento da superfície fluvial facilita os deslocamentos e esconderijos para os peixes, porém dificulta o trabalho do pescador, principalmente em anos de ocorrência das grandes cheias – quando as terras ficam imersas. Essa dificuldade é graduada à medida que aumenta o volume de água nos meses de abril, maio e junho

- período esperado para os níveis máximos de cheia do rio. Quando as cheias são pequenas – permanecem terras emersas – a atividade consegue se manter sem grandes dificuldades. Por outro lado, neste período, as embarcações ficam mais próximas das residências, o que facilita a vigilância contra furtos desses equipamentos e dos instrumentos de trabalho dos pescadores - como malhadeiras, isopor, boias, dentre outros.

No *verão*, com o início, prioritariamente, na vazante, notamos na fala dos três respondentes que é um período *mais fácil* para a pesca, pois a redução do volume do rio e de sua extensão facilita a captura do pescado. É um tempo de intensificação desta atividade. Por outro lado, na medida em que ocorre a vazante e se aproxima o período da seca, na fala de José, fica evidente o fato de que as embarcações ficam mais distantes das residências dos pescadores, o que é *mais difícil* nesse período, pois traz a eles mais preocupação com seus bens que ficam mais expostos a furtos ou ao fenômeno das terras caídas, às margens do rio Amazonas. Além disso, observamos também que, à medida que as terras ficam emersas, maior é o esforço corporal para desenvolver esta atividade, pois precisam caminhar distâncias maiores para deslocar seus equipamentos de trabalho ou realizar movimentos próprios desta atividade.

Identificamos, ainda, nas falas de Tracajá e José que a atividade pesqueira da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba ocorre alternadamente, no rio Amazonas e em dois de seus lagos, Itarim e Pacoval⁵¹, mas, pela dinâmica de vazão do rio, chega o momento em que os pescadores transferem sua atividade prioritariamente para o rio Amazonas e outras regiões, como a do rio Tapajós. Nas falas de Solimões, Tracajá e José, está manifestada a ideia de que a atividade de pesca, ilustrada nas Fotografias 14 e 15, na página a seguir, é fonte de sobrevivência, sendo base de alimento, renda e de outras necessidades básicas dos ribeirinhos, como “[...] adquirir gêneros que, mesmo não sendo localmente produzidos, são indispensáveis para o consumo, dependendo das necessidades emergentes.” (CANTO, 2007, p. 139).

Para aqueles que trabalham nesse ramo com o fim comercial, esta prática ocorre fora do período do defeso, sendo o pescado negociado com atravessadores⁵², empresas ou diretamente no mercado de peixe da cidade de Santarém.

⁵¹ Localizados no Mapa 1, p. 100.

⁵² Chamados também de talhistas, possuem poder de barganha para comprar o peixe do pescador para submeter à revenda (CANTO, 2007).

Fotografia 14 - Atividade de pesca na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 15 - Cujuba (*Oxydoras niger*)



Fonte: Acervo nosso (2018).

O período de defeso foi criado para proteger da extinção algumas espécies de pescado (inicia no dia 15 novembro e termina dia 15 março do ano subsequente). Assim, com base na legislação brasileira⁵³, final do verão e início do inverno amazônico, algumas espécies começam a ter restrições. Cabe destacar o fato de que o excedente do peixe é utilizado no consumo familiar.

As restrições em função do defeso influenciam na diminuição do ritmo da atividade e limitam os tipos de espécies a serem comercializados. Os pescadores, geralmente sindicalizados e regularizados, passam a receber o seguro defeso⁵⁴ nesse período. Esta é uma política pública nacional que dá condições para o pescador reduzir suas atividades e preservar os peixes, respeitando seu período de reprodução, como relatou José. Ao ser assistido por essa política, ele considera esse período bom para o pescador, uma vez que passa a ter uma fonte de renda fixa por alguns meses. Com esse recurso financeiro fixo, ele aproveita para fazer manutenção nos equipamentos de pesca⁵⁵ e se dedicar mais à agricultura até que as águas das chuvas e do rio permitam voltar a pesca.

Nessas experiências vividas e relatadas pelos ribeirinhos, compreendemos a relação corpo-natureza discutida por Merleau-Ponty (2006), pois, quando a dinâmica da natureza e a sazonalidade das águas são percebidas e apreendidas pelos corpos ribeirinhos, em inerência com o meio eles se põem em movimento: executando a atividade de pesca no inverno e no verão, compreendendo que a enchente, a cheia, a vazante e a seca exprimem situações *mais fáceis* ou *mais difíceis* - elaborando estratégias para vivenciá-las, além de planejar e organizar economicamente para sobreviver nos diversificados períodos. Vemos nesse processo integrativo que o corpo ribeirinho tem conhecimento acumulado da várzea e sua dinâmica, e ela, como espaço percebido ao corpo, é apreendida por meio da experiência perceptível. Esse entendimento ampliamos para as experiências subsequentes.

⁵³ Definida inicialmente pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regulando, assim, as atividades pesqueiras, e revogou a Lei Nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei Nº 221, de 28 de fevereiro de 1967. Atualmente, estas atividades são regidas pela Lei Nº 11.959, de 29 junho de 2009, e Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente (MMA) Nº 19, de 14 de outubro de 2004 (ICMbio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade).

⁵⁴BRASIL (2003). Lei federal que dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal.

⁵⁵ Feita também no período das grandes cheias.

A agricultura é mais um componente que integra o conjunto de experiências vividas com a dinâmica sazonal do rio, conforme ilustrado nos fragmentos dos discursos a seguir:

De 2009 pra cá que não foi mais tudo pro no fundo, sempre fica um pouquinho de terra. Enche, mas não enche!!! Não é tudo. A água mais próxima quando ela encheu ela chegou até embaixo do assoalho de casa. Ficou terra por aí. Mas, do ano que foi mesmo pro fundo, que a gente perdeu tudo ali pra frente a gente não, a gente controlou o plantio né, plantava assim só o roçado mesmo, plantava feijão, plantava jerimum, melancia, negócio de roça a gente não plantava não. De dois, de dois anos pra cá que a gente começou a mexer com roça. O feijão, a melancia, o jerimum que a gente já trabalhou e o milho também. O maxixe também. E o tomate também. A gente espera colher, depois de plantar, uns dois meses né, depois de plantar uns dois meses pra colher. Agente começa a plantar no mês de junho. Conforme a vazante e conforme a chuva né? Porque se a gente plantar mês de junho, se ainda continuar chovendo a gente perde. Aí a gente planta esse. (MUNGUBEIRA, 2018).

É nós tem planta, que a gente planta alguma coisa, melancia, jerimum, roça (a mandioca). A gente tem que plantar agora [julho], com seis meses, sete meses tem que tirar, diferente da terra firme que a gente deixa lá, se tiver planta pra tirar a gente tira se não fica lá, não estraga. Aqui é diferente. Com 6, 7 meses tem que tirar, senão a água vem e estraga tudo. Quando começa o período de inverno, de chuva e o subir e aí já não presta nada. (SOLIMÕES, 2018).

[...] então mesmo se a gente não tirar a nossa plantação isso acaba com a água [...] E sobre o plantio né, aqui nesse período que a água está começando a baixar né, a gente já começa a fazer nossas plantas né? [...] de dois anos pra cá, três com esse que a gente tá fazendo essa experiência né, que eu já vivi essa experiência no Aritapera de farinha. E aqui o pessoal, só alguns né que não sabiam o que era isso né, mas depois que a gente fez o primeiro ano né a gente viu que era bom né, que a gente ia, economizou uma grana boa com a farinha [...] A gente só planta roça mesmo que é pra gente fazer, pra gente consumir nós mesmo, não é pra venda. É mais pro consumo mesmo. Principalmente pro consumo mesmo. A venda ⁵⁶somente da pesca que a gente vive. (TRACAJÁ, 2018).

Olha, tem vários tipos de plantações. Primeiramente, muitas famílias aqui elas voltaram a plantar roça, a mandioca. Porque a mandioca ela é uma coisa muito boa, dá muito trabalho mas também dá o descanso do bolso. Planta o jerimum, que a gente sabe que dois e meio, dois meses e meio já tá tirando, o feijão com dois meses já tá tirando, o maxixe com dois meses a gente já tá tirando ou um mês e meio. A melancia com dois meses, entendeu? Ou seja, a gente faz o plano de plantar aqui nessa data que a gente sabe que é uma data bem aqui que a gente vai, que a gente não vai perder, a enchente naquele tempo não vai, ela não vai matar a nossa plantação. Então é dessa maneira que nós vivemos. Com esse planejamento. O período que a gente começa plantar, já disse pra senhora, de julho em diante [...] Que a gente começa em julho, agosto. Só que a gente continua plantando, tem planta que cresce rápido, por exemplo o milho é rápido, mas o período que nós paramos de plantar mesmo já é no começo de janeiro que a água já tá próxima, no começo de janeiro. [...] É, pros dois. Pro consumo e pro, pra ajudar no recurso da família, de alimentação, de remédio, de roupa, de calçados, de uma, de

⁵⁶ Comercialização

uma [...] pra ajudar na construção de uma nova casa ou reformar, entendeu? E também pra pagar nossos direitos. (JOSÉ, 2018).

Percebemos nas falas de Mungubeira, Solimões e José que a intensificação da agricultura ocorre com o marco da vazante do rio e do cessar das chuvas, coincidindo com as afirmações de Souza (2012) e Canto (2007) de que os plantios na várzea ocorrem mais intensamente no verão. Santos (2014) constatou também que, na várzea, especificamente na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, a lavoura é impulsionada, principalmente, no período das águas baixas e, para irrigá-la, nesse período e quando necessário, a água precisa ser transportada do rio por bomba d'água (que funciona a diesel) e levada por mangueiras grossas até o local dos plantios, fato observável nas Fotografias 21 e 22, na página 136.

Notamos, ainda, que, na fala de José sobre a pesca, essa atividade é desenvolvida simultaneamente com a agricultura. E quando ele fala somente a agricultura, evidencia que a experiência com a "roça" traz "descanso pro bolso" - em outras palavras, contribui com a economia, pela possibilidade de ter e poder consumir o alimento de sua própria produção, o que dá azo a um custo a menos com a cesta básica da família; e evidenciou que ela serve para o consumo e geração de renda, auxiliando a suprir as necessidades das pessoas. Em síntese, a agricultura, ao lado da pesca, é uma fonte importante de sobrevivência dos ribeirinhos, servindo como alternativa fonte direta de alimento como de renda.

Notamos nas falas desses respondentes que há variação quanto ao mês que marca o início da intensificação da agricultura. Possivelmente, isso ocorra porque o início e o término dos ciclos sazonais não são precisos, eles variam entre os trimestres de cada período de enchente, cheia, vazante e seca. Por isso, anualmente, há incerteza sobre se a enchente será grande ou pequena ou se haverá cheias extremas, como a que ocorreu em 2009, que inundou completamente a comunidade, como destacou Mungubeira. Esse tipo de evento, geralmente, provoca a perda total das plantações, e a intensificação na agricultura é retomada somente no final dos meses de agosto e setembro. Quando ocorrem cheias normais, aquelas dentro do esperado, a atividade geralmente é retomada de julho e agosto. Quando a enchente é pequena, não há interrupção da atividade, porque ficam terras emersas.

A fala de Mungubeira evidencia que, de 2009⁵⁷ a 2018 (ano em que fizemos essa entrevista), ocorreram “enchentes pequenas”, o que possibilitou algumas famílias manterem suas plantações, como os bananais, e acrescentar outras, como a maniva (mandioca), matéria-prima da farinha – um dos principais alimentos da mesa ribeirinha. Do contrário, teriam perdido tudo.

Essa variação do mês que marca o início das atividades na agricultura oscila anualmente e a consideramos como uma dinâmica própria da natureza. Vemos nessa situação a natureza como um sistema próprio que tem o seu funcionamento, como exprimem Merleau-Ponty (2006) e Maturana e Varela (1995; 1998); e o corpo do ribeirinho, o organismo vivo, que possui também um funcionamento próprio. No enlace de ambos, o corpo perceptivo capta os movimentos da natureza e interage com ela, como discutem Merleau-Ponty (2006; 2011) e Maturana e Varela (1995; 1998). Isso se revela no comportamento e ação corporal dos ribeirinhos que revelam percepções e saberes acumulados acerca da dinâmica sazonal desse ecossistema que ele integra.

Por essa inerência do organismo com o meio, o saber acumulado sobre a sazonalidade se dá na apreensão da dinâmica tempo-espaço pelo corpo perceptivo ribeirinho que capta os sinais das águas. Isso permite aos sujeitos agir quanto ao tempo de plantar e colher, bem como selecionar as espécies a serem cultivadas e adequadas aos condicionantes do ecossistema de várzea, como jerimum, maxixe, hortaliças, feijão, melancia, banana e outros, realidade mencionada por Mungubeira, Solimões, Tracajá e José, confirmando as contribuições teóricas de Castro (2007), quando afirma que os quintais agroflorestais possuem uma miscelânea de cultivos. Esta atividade está registrada nas Fotografias 16, 17 na página seguinte, e Fotografia 18 na página 129. Nelas visualizamos o maxixe, o bananal e couves nas hortas suspensas.

Na sequência das Fotografias 16, 17 e 18, verificamos alguns dos alimentos da mesa dos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, que são cultivados localmente de acordo com os períodos de enchente e de cheia. De suas produções agrícolas são extraídas frutas (principalmente banana e melancia), legumes (como jerimum, maxixe) e hortaliças (cebolinha couve,) cultivadas.

⁵⁷ Mungubeira refere-se ao ano de 2009 como o último que teve uma “enchente grande” e que de 2010 até 2018 as enchentes foram menores, de modo que ficaram terras emersas.

Fotografia 16 - Maxixe colhido na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 17 - Plantação de banana na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 18 - Olericultura em suspensão na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Notamos que o excedente, normalmente, é comercializado na feira central de Santarém, e que a parte de hortifruti cultivada não é produzida o ano inteiro. Na escassez, são comprados (os citados e outros) na cidade, mas adquiridos economicamente.

Nessas experiências vividas com a agricultura, notamos que os ribeirinhos sabem, portanto, que o tempo de plantar e de colher precisa ocorrer entre o início e o final do verão, podendo se estender por tempo limitado, até o início do inverno, enquanto os níveis de chuva e volume do rio permitirem e não destruírem os plantios. Verificamos, durante o estudo empírico, que, nos primeiros sinais de chegada do inverno, eles intensificam o ritmo de trabalho para as últimas colheitas, a fim de aproveitar ao máximo tudo o que cultivaram no verão. Assim, terminada a safra, diminuem ou cessam o ritmo de trabalho.

Destacamos, a seguir, outra percepção de José sobre a sazonalidade e a experiência vivida com a agricultura:

Vou lhe dizer uma coisa. Se nós, aqui na várzea, não tivesse a enchente, uns dez anos, uns dez anos, era, ia existir uma fartura de mais grande de frutas.

Aqui na várzea, era. Por quê? Porque a terra, ela, ela faz desenvolver muito rápido as plantações. Ia existir mangueira, ia existir mamão, ia existir cupuzeiro, com certeza, laranjeira, porque tudo isso ia dar tempo. Com dez anos sem, sem enchente, ia existir tudo, ia existir muita fartura [...]. Então, com dez anos a gente ia ter até uma fruta que tem hoje em dia nas colônia. E assim, as, as comunidades elas iam se, se, ia ter mais árvores, entendeu? Mais árvores e também de grande, não são todas, mas também nós dependemos dela (2018).

Neste trecho, ele revela que, se não ocorressem as variações sazonais durante o período das cheias, os ribeirinhos da várzea teriam condições de manter ininterruptamente o trabalho na agricultura, como ocorre na terra firme. Nesta fala, ele demonstra saber as diferenças entre uma várzea e outra, bem como a várzea e terra firme, que trabalho e renda estão diretamente vinculados à dinâmica da natureza onde o sujeito vive e que tipos de cultivos são distintos para cada um desses ecossistemas.

Nessa perspectiva, compreendemos que a várzea tem suas especificidades, com isto deveria haver políticas públicas, como, por exemplo, assistência técnica para os cultivos em curso ou novos, linhas de financiamento, dentre outras que dessem as condições aos ribeirinhos de continuar com suas produções agrícolas, o que, conseqüentemente, melhoraria a renda deles, assim como se tornaria um potencial econômico local ou até mesmo regional.

Constatamos que, durante o verão, a agricultura é uma atividade *mais fácil* de ser desenvolvida, pois há terras emersas para o cultivo, enquanto no inverno é *mais difícil*, em razão do excesso das águas das chuvas e do rio. Nesse contexto, o corpo, que percebe a dinâmica sazonal: elabora estratégias de seleção de cultivos; sabe o tempo de começar a plantar e colher, e se organiza para isso; e se planeja economicamente para sobreviver nos variados períodos. Essas ações reafirmam as reflexões feitas por Merleau-Ponty (2006) sobre o comportamento humano, mostrando que o ser se constitui nas relações com *Umwelt*, cujos movimentos do meio e do organismo ganham destaque ao se entrelaçarem na relação corpo-natureza, ou seja, ribeirinho e várzea amazônica.

Outras experiências vividas descansam na pecuária e na criação de pequenos animais, como patos, galinhas, cachorros, dentre outros. Os interlocutores pesquisados falam a seu respeito a seguir:

Essa enchente foi boa. Deste ano. Eu achei legal, a gente não se preocupou tanto, até mesmo com o gado, a gente tá com um mês e pouco que levou pra colônia. (MUNGUBEIRA, 2018).

Sobre o gado aqui na várzea... na várzea, quando é época que a água enche aí tem que levar o gado pra terra firme. Quando a enchente é pequena talvez desse, só que aqui não tem como ficar porque o terreno é pequeno e aí tem que levar, tem que tirar né, por causa do inverno. E agora essa época que tá vazando troca o gado pra cá de novo. [...] Hume, mês de fevereiro, março, entre esses dois meses. Aí tem que levar. [...] Porque se for uma vazante como essa agora, a gente vai buscar agora no começo do mês de agosto. E quando é uma enchente maior que ela custa vazar a gente vai buscar lá por volta de setembro. Já teve época que buscar mesmo em setembro. Dia 20 de setembro, 15 de setembro, por aí [...]. (SOLIMÕES, 2018).

O meu sogro né, que trabalha com gado né, e no verão a gente solta o gado e fica aí de boa, né que a gente tem as plantaço da gente, a gente planta por aqui também. E quando chega agora no período, se a gente não tirar o gado, ou então deixar ele mesmo por aqui o gado, ele acaba morrendo porque não tem pasto, não tem pra onde ele sair né [...]. (TRACAJÁ, 2018).

E se você quiser criar o gado solto aqui na sua terra, você vai ter que cercar tudinho aqui sua terra. Ai eu, eu não vou mais poder plantar porque eu, vai ser tudo lugar de criação, quem nem meus irmãos, meu pai, entendeu? Vou ter que cercar. Por que que eu vou ter que cercar? Porque o vizinho vai plantar. Essa é uma das formas de sobreviver. Eu vejo isso. [...] E a outra coisa professora é que aqui na várzea, nós também, as pessoas que querem criar, elas criam, um pato, uma galinha, um porco, carneiro. É um tipo de você ampliar ou então você ter o seu meio de sobreviver. (JOSÉ, 2018).

Tracajá expõe sobre a experiência com a pecuária e como essa atividade ocorre no período do verão. Ele diz que o gado fica solto no pasto, e, nesse mesmo sentido, José complementa, dizendo que os moradores devem cercar suas áreas de pastagens a fim de o gado não dar prejuízos para os que trabalham com a agricultura. Isso demonstra que há regras comuns aos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba para desenvolverem suas atividades de sobrevivência.

Essa experiência no verão está ilustrada na Fotografia 19, na página a seguir, ao mostrar que o rebanho aparece junto à vegetação rasteira, propiciando o pastoril. Observamos, *in loco*, que, diariamente, pela manhã, ele é conduzido ao pasto, longe das áreas de plantaço e moradia dos comunitários, e, ao final da tarde, as reses são guiadas de volta a área de moradia, onde fica o curral.

Vemos, ainda nesta fotografia, a casa, o gado e o pasto. O curral não aparece, mas fica nessa área de moradia, um pouco depois da casa. Notamos que essa atividade se realiza em simbiose com a vida na casa dos ribeirinhos, sendo possível cuidar, observar e controlar o rebanho, especialmente à noite, quando ficam presos no curral.

Fotografia 19 - Atividade de pecuária na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Nas falas de Mungubeira, Solimões e Tracajá, fica evidente que a atividade com o gado também se ajusta ao ritmo das águas: na enchente pequena, é possível que o gado não seja transportado; na cheia grande e cheias extremas, o gado precisa ser levado para outro local ou é necessário construir marombas; na vazante, os ribeirinhos descontroem as marombas, o gado retorna para a comunidade onde permanecerá por todo o período da seca. Em síntese, no verão, os rebanhos ficam na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, pois existem terras emersas para o pasto. No inverno, no entanto, desde a enchente do rio, conforme as terras vão sendo inundadas, o gado é levado para terrenos mais altos, na própria comunidade, até ser transportado para outra comunidade ou feitas as marombas, como anunciado anteriormente. Percebemos, nesse contexto, que a pecuária é intensificada no verão e diminuída no inverno, o que se coaduna com a ideiação de Castro (2007) quando se reporta à matéria.

No estudo empírico, notamos duas maneiras de cuidar do gado no período das cheias. Na primeira, algumas famílias costumam construir marombas e criar mecanismos para alimentação desses animais no inverno, enquanto durar as cheias.

Por vezes, é necessário comercializar ou consumir alguns animais para diminuir a quantidade, pois, quanto maior for o quantitativo, mais madeira é necessária para construir os currais suspensos no inverno. Em casos excepcionais, quando o gado precisa ser remanejado, temporariamente, para terra firme, é preciso pagar o transporte e o aluguel do pasto em outros lugares; identificamos o fato de que esse é o caso dos ribeirinhos que criam o gado apenas como fonte de sobrevivência, tanto para o consumo quanto para fonte de renda.

Na segunda maneira, há uma ou mais pessoas contratadas como vaqueiros para cuidar do rebanho. Em casos como esse, no inverno, o contratante do serviço é quem custeia o remanejamento dos animais para a terra firme. Nessa realidade, a pecuária é fonte de sobrevivência por meio da força de trabalho contratada para este fim, cujo ribeirinho presta um serviço remunerado para tomar conta dos animais. E, junto desse rebanho, ele inclui os seus animais que vão servir para o consumo e mais uma fonte de renda para sua sobrevivência.

Em suma, o gado é tido como uma espécie de poupança para suprir eventuais necessidades, como nos casos de doença, adquirir bens materiais, pagar dívidas, consumi-lo como alimento e em ocasiões festivas; é um tipo de prestação de serviço remunerado por vezes mas consorciado entre o dono do rebanho e o vaqueiro que possui alguns animais. Nos fragmentos das narrativas de Solimões está implícito o segundo caso mencionado, pois ele tem esse perfil, e sua experiência é trabalhar com o gado na dinâmica sazonal.

Além da pecuária como uma das maneiras de sobrevivência na várzea, José destaca em sua narrativa a criação de vários animais, como pato, galinha, porcos, carneiros, dentre outros, consoante ilustrado na Fotografia 20, imediatamente na página seguinte. O principal objetivo desta atividade é a sobrevivência, pois serve de complemento à renda para suprir necessidades e alimento aos ribeirinhos.

Essa atividade também se ajusta à dinâmica sazonal e, apesar de não estar expresso nas falas dos interlocutores, observamos que o manejo desses animais é similar ao do gado. No inverno, quando inicia a enchente, os ribeirinhos reduzem o quantitativo de animais, consumindo-os ou vendendo e constroem marombas para o abrigo deles. A única diferença é que estes não são transportados para áreas de terra firme.

Fotografia 20 - Criação de galinhas (*Gallus gallus domesticus*) na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

No que tange à sobrevivência ribeirinha na várzea amazônica, destacamos um conjunto de estratégias que ajudam a complementar a renda familiar, tais como prestações de diversos serviços para os próprios moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba ou pessoas que moram na cidade de Santarém.

A pesca, a agricultura, a pecuária e a criação de animais constituem algumas das experiências vividas do corpo ribeirinho que percebe a sazonalidade da várzea e age estrategicamente ao ritmo das águas das chuvas e do rio Amazonas. Compreendemos que as experiências vividas dos ribeirinhos com essas atividades assumem duas faces: a sobrevivência e a adequação ao ritmo sazonal das águas. Em ambos, o corpo perceptivo e o seu movimento em relação ao que percebe da dinâmica sazonal são centrais, pois é por meio da interação de seu sistema interno, em interface com a dinâmica própria do ambiente, que os ribeirinhos agem estrategicamente para vivenciarem inverno e o verão amazônicos na várzea: planejando financeiramente; planejando, organizando e executando as atividades; tomando decisões importantes que influenciam em toda a administração de sua sobrevivência neste ecossistema,

com apoio em informações fundantes do liame experiencial que margeia a interação de um organismo autopoietico na relação Corpo-Natureza-Cultura.

5.1.2 Experiências vividas do corpo com o abastecimento de água e energia elétrica

Outra experiência vivida é sobre a prática experimentada com o abastecimento de água, que emerge na fala de Mungubeira, de quem trazemos a narrativa a seguir. Reportamo-nos à experiência com o sistema de energia adotado na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, com base na observação do estudo empírico.

Que de primeiro a gente carregava muita água na cabeça, balde na cabeça né. E hoje em dia não, a gente já tem motor, pra puxar água né? Vish, melhorou foi muito. Eu acho muito legal na várzea. E tem período que eu já esquentei a cabeça de sair aqui da várzea, mas eu não troco Santarém ou várzea por Santarém. (MUNGUBEIRA, 2018).

A fala de Mungubeira evidencia que, antigamente, o abastecimento de água era feito em baldes carregados pelos próprios ribeirinhos, revelando que havia diariamente muito trabalho corporal para suprir esta necessidade básica. Ela diz que, no tempo presente, essa realidade melhorou e isso constatamos durante as observações *in situ*.

O abastecimento de água é feito particularmente por parte de cada família, que, em geral, adquire uma bomba hidráulica, a diesel, para bombear água diretamente do rio Amazonas ou de algum canal ou igarapé (que é braço dele). Pelas Fotografias 21 e 22, na página seguinte, visualizamos o sistema de abastecimento de água de uma família da comunidade estudada. Há uma bomba que, ao ser acionada, leva a água do rio na canalização feita em mangueiras grossas até o local onde é utilizada ou armazenada. Vemos nas fotografias que, no período de enchente, o volume de água do igarapé possibilita que as mangueiras fiquem próximas à área de moradia.

Esse modelo é muito similar ao de outras famílias, escola e posto de saúde da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. Observamos que alguns moradores possuem bomba hidráulica (ver na Fotografia 21) e agregam vantagens de abastecer a residência com água canalizada até as torneiras e chuveiros, além de irrigar as plantações e/ou utilizar no manejo com o gado e outras necessidades.

Fotografia 21 - Motor hidráulico para bombear água na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 22 - Sistema hidráulico de distribuição de água na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Nesse contexto, identificamos que o uso de bombas d'água é necessário no verão e no inverno; é um recurso imprescindível para levar água do rio até as residências, principalmente na vazante, seca e extrema seca, pois as margens do igarapé⁵⁸ e do rio Amazonas ficam mais distantes das áreas de moradia, demandando inclusive a aquisição de mais quantidade de mangueiras, como ilustrado no depoimento de Mungubeira:

Se a seca for grande, como tem sido esses anos, a gente tem que trabalhar pra poder adquirir mais mangueira pra colocar pra beira do Amazonas pra gente puxar água de lá. Porque as vez seca né, fica muito feia a água, fica verde (do igarapé), fica demais suja e não tem como. Mesmo a gente tem que usar de lá porque a gente faz as coisas né, pra tomar, pra fazer as coisas, daqui a gente ainda fica aguentando assim por causa das roupas, pra lavar, pra tomar banho, mas mesmo assim ainda tem tempo que ela fica feia. Não fica boa. Tem que colocar a mangueira. (2018).

Na área de moradia de Mungubeira, constatamos que, na enchente, cheia e vazante do rio Amazonas, a água usada é do igarapé por ser corrente e estar mais próxima às residências de seus familiares. Na seca, entretanto, como fala Mungubeira, ela deixa de ser usada, pois fica represada, exala odor e fica com gosto ruim para fazer alimentos, beber e mesmo tomar banho, passando a usá-la somente nas atividades domésticas até o momento em que percebem não ser mais apropriada para o consumo. Nestas circunstâncias, eles passam a bombear água do rio Amazonas cuja margem fica distante da residência cerca de 300 a 500 metros.

Na seca, o uso de mangueiras é praticamente interrompido, pela distância entre a margem do rio e as casas e pelo custo financeiro para comprar mais materiais e. Este é o instante em que se recorre ao próprio corpo para caminhar até o rio e carregar os vasilhames com água até suas residências, geralmente plásticos, ou realizar os banhos corporais e lavagem de roupas diretamente no rio, como ilustrado nas Fotografias 23 e 24, na página seguinte.

Na Fotografia 24, consta o registro de um morador percorrendo o caminho até a residência, carregando recipientes (camburões) plásticos para o abastecimento de água nas residências.

⁵⁸ Na Comunidade São Ciríaco, há dois igarapés, braços do rio Amazonas que deságuam nos lagos, atravessam a comunidade da parte anterior à posterior. Portanto, somente as famílias que moram próximas a eles tem o seu acesso. Um de nossos interlocutores mora ao lado de um deles.

Fotografia 23 - Morador enchendo recipiente de água do rio Amazonas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 24 - Morador utiliza carro de mão como transporte para o recipiente com água na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Esta é a realidade diária de muitos ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, principalmente daqueles cujo acesso ao igarapé é inexistente em suas áreas de moradia. Em casos assim, considerando a vazante e a realidade financeira de cada família, o modo como as casas são abastecidas de água é semelhante ao ilustrado nas Fotografias 23 e 24.

Nessas experiências com o abastecimento de água, o corpo perceptivo age estrategicamente da seguinte maneira: há o movimento corporal em aumentar ou diminuir a quantidade de mangueiras conforme o volume sazonal das águas; planejamento financeiro para adquirir e fazer a manutenção do sistema hidráulico; na ausência do equipamento, o ribeirinho usa do próprio corpo, enchendo e carregando os vasilhames com água. Isso mostra o movimento do ribeirinho para encontrar soluções estratégicas para os usos de água em sua sobrevivência nas diversas situações que emergem de sua correlação várzea. Este fato reitera o corpo em coexistência com o meio do qual faz parte, como discutem Maturana e Varela (1995, 1998) e Merleau-Ponty (2006, 2011).

A água que chega do rio Amazonas às casas precisa, em geral, de um tempo para decantar os sedimentos que fazem parte de sua composição. Esse processo é necessário para os afazeres domésticos. Rotineiramente, ela fica em caixas d'água, como demonstra a Fotografia 25, na página a seguir, que mostra à esquerda um recipiente plástico branco, com capacidade de receber significativa quantidade água para uso nas residências.

Para beber e cozinhar, os moradores tratam assim a água após ser armazenada em recipientes, aguarda-se que os sedimentos da água decantem no fundo dos reservatórios; depois, a água é transferida para filtro artesanal⁵⁹, como os da Fotografia 25, na parte central de concreto e tonalidade clara, e à direita, de tom marrom, ambos usados para melhorar a qualidade de água; depois, acrescenta-se (ou não) hipoclorito de sódio, um composto químico, distribuído em frascos pelo posto de saúde, para purificar a água a ser usada ou consumida pelas pessoas.

Compreendemos que todo esse cuidado se mostra insuficiente para eliminar possíveis micro-organismos que estejam na água, ou impurezas outras que trazem problemas de saúde aos ribeirinhos.

⁵⁹ Os filtros artesanais foram produzidos por meio de um projeto social da Igreja da Paz e vendidos aos comunitários por preço módico.

Fotografia 25 - Caixa d'água e filtros artesanais utilizados na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Consoante verificado nos seguintes depoimentos:

Agora o que tá me preocupando demais aqui é sobre esse veneno né, que tão, tão usando demais né nas plantas, no plantio, aí a gente se preocupa mais por causa da saúde né. Aí, muitas vezes, a gente não pode usar aqui, mas os nossos vizinhos usam aí quando chove aquela água escorre pro lago ou então pro igarapé, né? [...] Tem as necessidades, a gente se preocupa pelo tempo da enchente e da seca né, porque a gente usa água do Amazona, a gente de primeiro, a gente fervia a água, a gente tinha outro tipo de filtro pra filtrar a água, ainda tem esse cuidado com água aqui. Agora que já veio esses tipos de filtros né? Mas, mesmo assim a gente ainda se preocupa de adoecer. É isso que às vezes, nós pra cá, agora essa enchente deu tudo bem pra nós. Porque só não, tem muita gente que sabe conservar a água, sabe proteger, sabe zelar o igarapé, e tem muita gente que não sabe. Porque a nossa preocupação aqui pra traz é quando os barcos ficam tudo aí, na frente né? Eles com certeza, eles não fazem as necessidades deles em terra, com certeza eles fazem na água, que param no barco. É igualmente na beira do Amazonas, quando tá seco também, os barcos ficam tudo no porto, e aí a gente fica usando aquela água de lá. Só que agora a gente já passou os barcos mais pra cá né, só que os lados do motor pra cá, mas mesmo assim a gente usa a água que é corrente né? A gente não sabe de onde vem, como vem, como vai. Eu me preocupo demais. (MUNGUBEIRA, 2018).

Primeiro, porque a nossa água ela pode ser um desses motivos pra eu não ter uma saúde boa. Entendeu? Temo bem água, mas a saúde que eu não tenho bem, entendeu? Então isso já impede com que eu esteja 100%. Pode ter pessoas que tenham problema de, de, de questão da água se não seja uma água de boa qualidade, Entendeu? Alguma diarreia, é, algumas coceira

no corpo, é, problemas através da água, da água. Eu digo isso porque tudo é jogado nesse rio, entendeu? Tudo que, tudo que vem de, de, de [...] Não tudo, entendeu? Eu digo assim, muita gente não tem consciência, joga lixo no rio, da onde nós tomemo essa água, joga combustível nesse rio, da onde nós consumimo nossa água, joga bicho morto nesse rio, da onde nós conseguimos essa água, entendeu? Lavagem de navio, da onde nós consumimos essa água, lavagem de balsa, da onde nós consumimo essa água, entendeu? Agrotóxico, da onde nós consumimo essa água, entendeu? Se você for botar a bico de lápis são essas coisas, e essas coisas que cai nessa água? Somos nós ribeirinhos que consumimo ela, entendeu? [...] Muitos, é, muitos coletam. Pra falar a respeito disso né? Muitos coletam mas a maioria eles coletam, mas muitos não querem saber, vão jogando no rio. Muitos tem a descarga né? a descarga, muitos tem a descarga que acumula né? e leva pra Santarém, alguém tira pra lá. E muitos não, é direto no rio. Mais um problema. (JOSÉ, 2018).

Nas narrativas de Mungubeira e José, fica evidente a percepção de dois problemas de saúde pública relacionados às águas do rio: o despejo de resíduos sólidos (lixo) e das fezes humanas, oriundos da maioria das embarcações que navegam pelo rio Amazonas, uma vez que não existe tratamento adequado nessas embarcações - fato constatado por Santos (2014), ao revelar em seu estudo que poucas embarcações tratam seus detritos, situação que não mudou na atualidade (2020); ausência, da comunidade, de esgoto sanitário, sendo que os dejetos sanitários não são tratados, sendo comuns a fossa negra e o esgoto a céu aberto.

No tempo da cheia, a situação, geralmente, se agrava, porque todo esse material é inundado e homogeneizado nas águas do Amazonas, juntamente com os resíduos de lixo queimado (não descartado para o serviço de coleta de lixo), o que potencializa a incidência de doenças, como hepatite, problemas estomacais, intestinais, de pele, dentre muitos outros. Essa realidade mostra os riscos de contaminação para o ribeirinho, ao consumir a água do rio Amazonas. Reconhecemos que as experiências vividas permeiam diversos aspectos da vida cotidiana, nesse sentido, cabendo dizer que as pessoas, de alguma maneira, irão buscar soluções e adequações para as realidades vividas.

Verificamos que a falta de água tratada, de sistema de esgoto e de energia no cotidiano dos ribeirinhos dessa comunidade é resultado da ausência de políticas estadual e municipal, uma vez que existe uma recomendação que trata deste tema, como a Resolução A/RES/64/292 da Assembleia Geral das Nações Unidas de julho/2010, que declarou a água limpa e segura e o saneamento como direitos humanos essenciais e básicos para gozar plenamente a vida (ONU, 2010). Esta Resolução, em abril de 2011, o Conselho dos Direitos Humanos adaptou e, assim,

passou a considerar o acesso à água potável segura e ao saneamento como um direito humano, um direito à vida e à dignidade humana. Constituem direitos previstos e regulamentados na Lei Brasileira de Saneamento nº 11.445/2007, que considera, o saneamento básico como conjunto de serviços, infraestruturas e instalações operacionais de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo das águas pluviais urbanas (BRASIL, 2007).

Nesses termos, os poderes públicos estadual e municipal têm deixado essa população à margem dos direitos humanos e direito constitucional à saúde, prevista no artigo 196, que ratifica a saúde como um direito de todos e dever do Estado, que deve ser cumprido [...] “mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.” (BRASIL, 2007, p. 39), uma vez que não existe nenhum sistema de saneamento básico, atendido pela esfera pública, seja para abastecimento de água, coleta de resíduos sólidos e tratamento de esgoto sanitário, nem energia elétrica, serviços básicos que deveriam ser oferecidos aos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

O fornecimento de energia elétrica na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba é produzido por grupo gerador a diesel, uma fonte de energia não renovável. Por meio da Fotografia 26, na página seguinte, verificamos o espaço físico onde está colocado o motor, chamado localmente de casa de força. Preventivamente, ela é posicionada distante da moradia da família e protegida das chuvas. Este sistema é usado somente pelas famílias que possuem condições econômicas para a compra do equipamento, visando a servir privativamente todo o grupo familiar, contudo, algumas adquirem o serviço apenas para a sua unidade domiciliar. Os ribeirinhos que têm acesso a esse recurso usufruem de energia elétrica, normalmente, à noite quando vão assistir televisão (jornal, jogos esportivos e novela). Para esses, ter motor a diesel como gerador de energia elétrica na residência é um luxo na várzea.

A escola da comunidade e a Igreja católica também possuem gerador para utilizarem somente em casos extraordinários, como, por exemplo, na escola, usa-se por ocasião das programações coletivas; pela igreja, durante a realização dos cultos dominicais ou festas religiosas; e pelas associações ou clube esportivo nas ocorrências de programações de lazer e esportivas. Durante o dia a iluminação é natural.

Fotografia 26 - Compartimento do motor à diesel “casa de força” na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Alternativa de fonte de energia renovável é a placa solar, de baixa potência, frequentemente usada no posto de saúde, apenas para acender lâmpadas e carregar aparelhos celulares. Observamos o uso deste recurso em 2019, por ocasião desta pesquisa, quando alguns moradores passaram a substituir o motor a diesel pela placa solar. E mesmo em meio a este contexto mais recente, notamos que algumas famílias ainda utilizam como única fonte de iluminação noturna as lanternas, e/ou velas, e/ou lamparinas.

Tanto o gerador de energia elétrica como a placa solar não possuem potência suficiente para manter o uso de geladeiras e outros eletrodomésticos para armazenar alimentos perecíveis. Assim, a água para beber é consumida em temperatura ambiente e armazenada em recipientes mantidos em cubas de isopor com gelo (comprado na cidade). Esta é alternativa temporária para conservar os alimentos. Outra estratégia é utilizar o sal para preservar a qualidade de consumo dos perecíveis, como peixes e carnes.

Percebemos, nesse contexto, que os ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba se movimentam continuamente para alçar estratégias não

somente para a convivência com a sazonalidade, mas também que supram até serviços básicos que deveriam ser oferecidos a eles pelo poder público. Revelam, assim, que seus corpos que percebem todas as suas necessidades se colocam em movimento em busca de sua sobrevivência e permanência local.

Além disso, esse corpo que está em movimento se conecta a outras dinâmicas culturais, mostrando que os ribeirinhos da Amazônia não estão isolados no meio da floresta, mas em conexão com realidades exteriores à Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, como as da cidade de Santarém, de outras comunidades circunvizinhas, inclusive de outras realidades acessadas por meio das redes sociais. Nessas trocas de informações e conhecimentos, os moradores dessa comunidade absorvem produções culturais externas e as ressignificam em sua vida cotidiana na várzea. A título de exemplo, mencionamos os equipamentos como motores, placas solares, bombas d'água etc., que trouxeram melhorias para operar as atividades do dia a dia, a qualidade da produção e, conseqüentemente, contribuiu para melhorar a renda familiar e o consumo de outros bens. Isto mostra que o corpo está intimamente interconexo com a natureza e a cultura, como discute Merleau-Ponty (2006, 2011).

5.1.3 Experiências vividas do corpo com o fenômeno das terras crescidas

Outra experiência vivida com a sazonalidade está relacionada às terras crescidas. Vejamos o que falam Solimões, Mungubeira, Tracajá e José.

As terras crescidas eu acho que é por causa dessa água que vem aí de cima ela é muito barro, ela vem com muita terra, aí se você pegar uma água dessa do Amazona aí e botar numa vasilha e deixar ela sentar aí fica aquele monte de terra no fundo da vasilha. Então é a mesma coisa: essa água que entra aqui no igarapé, aí ela vai acumulando terra aqui pro lago, vai aterrando. Como aqui na beira do Amazonas, a senhora vê aí na beira do amazona essa praia que tá saindo aí ela sempre vem, aí onde tá esse remanso ela fica rodando e vai acumulando a terra, aí cresce. (SOLIMÕES, 2018).

Ela cresce muito né, aquela terra que vem... vem na água, aquele esmeril ele vai ficando, como tá ficando agora, mas só que quando é no tempo da enchente, que começa, elas vão se soltando, vão indo embora de novo. As terras crescida ela é bom porque tapa bastante essa baixa... já fica certo o terreno. É assim, ela vai jogando aqui na casa dessa minha filha, bem de frente da casa dela, tinha uma baixa, era uma baixa igual essa que tem aqui. Que passa. E olha, agora aterrou todinho lá. É uma boa né? Não tenho o que me queixar de terra crescida não. (MUNGUBEIRA, 2018).

[...] Por exemplo, aqui a gente tem aqui, um igarapé aqui né [...] Por causa desse fenômeno que acontece todos os anos. Eu acho, devido o nosso rio Amazonas ser um rio barrento né? Ele vem, com a correnteza e devido ele

ter aquilo, aquela parede que faz amortecer aquela água, ele vai acumulando aquela terra né? (TRACAJÁ).

[...] vai acumulando a terra, vai acumulando, ela vai ficando mais alta lá, vai ficando mais alta [...] a terra vai crescendo lá, ou seja, ficando mais alto. (JOSÉ, 2018).

Os respondentes demonstram conhecer o fenômeno das terras crescidas. Nas falas, fica evidente que águas do rio Amazonas contêm barro, em outras palavras, sedimentos, que provocam o avolumamento das terras emersas. Como vimos, ele é decorrente da decomposição de materiais orgânicos e inorgânicos que servem para fertilizar, conforme acentuaram Canto (2007), Freitas e Albuquerque (2012).

O fenômeno das terras crescidas ocorre anualmente e altera a paisagem, conforme cada ciclo de enchente das águas, como anunciado por Tracajá. Esta alteração na paisagem se observa somente após a vazante, trazendo problemas ou benefícios aos ribeirinhos, como assinalam os interlocutores a seguir.

E lá vai dando condições de você fazer plantio mais cedo ou fazer uma casa naquela área mais alta, ou seja, o rio Amazonas ele traz muitas facilidades, mas tem que pensar também [...] ela dá prejuízo quando a enchente é grande, uma casa baixa, uma casa do assoalho baixo, aquela terra todinha pode subir aquela casa todinha[...] Porque eu já vivi aqui na nossa comunidade e em outras comunidade na beira desse rio aqui do rio Amazonas, porque já aconteceu de famílias, que fizeram uma casa no verão e quando foi no outro, no inverno próximo que vem... Teve enchente tão grande que as terra crescida causou esse prejuízo pra essa família. Aí teve que arrancar a casa, fazer outra casa mais alta pra não ser surpreendido. [...]. Ela tem as facilidades das terra crescida e tem também pode causar prejuízo. (JOSÉ, 2018).

Afeta por causa das construção né, que... afeta mais nas construção que a gente faz, porque a gente faz, por exemplo, aqui esse assoalho aqui da minha sogra, quando ela fez, a gente passava por baixo, 1,70 talvez a altura, aí a gente até comemorou alguns natais aí embaixo, a gente até comemorou alguns natais lá embaixo dela né? Porque a gente ficava aí, vinha às vezes algum chuveiro e a gente ficava por baixo, as crianças, tudo lá embaixo né? Depois foi umas duas vezes, eu acho, no fundo, e aí só de ver a situação que já ficou. Depois que encheu, aí as terras veio por cima e aí, já vai embora crescendo por cima, aí já ficou desse jeito né. Cada vez mais perto do chão. Acho que são o principal, no meu modo de ver é isso né? Que afeta principalmente as moradias né. (TRACAJÁ, 2018).

A fala de José mostra que, por um lado, as terras crescidas são benéficas para o plantio, mas não para as casas dos ribeirinhos, como externou José. Com o passar dos anos, o fenômeno das terras crescidas atinge as moradias e ocasionam a necessidade de reconstrução acima do nível anterior, deixando-as mais elevadas,

como manifestou Tracajá. Observamos na Fotografia 27, que o avolumamento das terras chegou até o assoalho dessa residência.

Fotografia 27 - Casa atingida pelas terras crescidas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Quando o avolumamento diminuiu a distância entre o solo e o assoalho da casa, foi necessário reconstruir a casa, uma vez que ela ficou vulnerável, principalmente, no período das cheias.

Vemos na Fotografia 28, na página a seguir, a casa reconstruída e com os assoalhos suspensos e longe do chão. Essas reconstruções têm um custo financeiro aos ribeirinhos e, a depender de cada situação, é passível de ser edificada totalmente com novos materiais.

Há opções para diminuir os custos financeiros e prorrogar o tempo de reestruturação das residências, como a que identificamos na pesquisa de campo: registramos os moradores elevando os pilares dos assoalhos com auxílio de macacos, uma ferramenta utilizada na troca de pneus de carro, como mostram as Fotografias 29 e 30 na página 148.

Observamos que o equipamento nas fotografias é usado semelhantemente à troca de pneus. Ao serem pressionadas, as peças suspendem o objeto desejado.

Presenciamos os moradores se reunindo em número máximo de pessoas com várias peças, equipamentos e, coletivamente, trabalhavam orquestradamente, elevando os pavimentos.

Fotografia 28 - Casa reconstruída após ser atingida pelas terras crescidas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Identificamos que o corpo ribeirinho, desde sua experiência vivida, percebe o fenômeno das terras crescidas, ao ponto de descrevê-lo, dizer os benefícios, os problemas que ele ocasiona, bem como agir estrategicamente ante dos contratempos que surgem.

Ao ter um saber acumulado, o ribeirinho sabe usufruir das vantagens para os cultivos na agricultura e identificar o tempo de reconstruir as moradias, bem como fazê-las estrategicamente em pontos mais altos, onde a terra se avolumou para protegerem-se das cheias.

Além disso, é interessante observar o trabalho orquestrado dos homens para suspender o assoalho da igreja, um trabalho corporalmente exaustivo, mas também preciso e de habilidades sensoriais refinadas, quando juntos orquestram seus

movimentos com único objetivo de posicionarem os equipamentos e nivelarem os esteios simetricamente.

Fotografia 29 - Suspensão dos pilares da Igreja católica na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018)

Fotografia 30 - Moradores suspendendo os pilares da Igreja católica na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Percebemos, também, que a interação com o fenômeno das terras crescidas mostra a relação do corpo que percebe essa dinâmica, decorrente de diversos fatores, dentre eles a sazonalidade do rio Amazonas, como mostraram Canto (2007), Freitas e Albuquerque (2012), e age, o que reitera as discussões de organismo e meio (MATURANA; VARELA, 1995, 1998) e corpo-natureza-cultura (MERLEAU-PONTY, 2006).

5.1.4 Experiências vividas do corpo com a locomoção e a dinâmica da várzea

Tudo o que fazemos é realizado corporalmente e, talvez pela mecanicidade de sermos um corpo, não nos damos conta de que as nossas ações e mobilidades se materializam nele, cegando-nos quanto a esta realidade. Aos sinais corporais de doenças, fraturas e quaisquer limitações físicas que venhamos a ter, entretanto, é suficiente para nos lembrar que inexistiríamos no mundo sem o corpo.

Considerando que o corpo está constantemente em movimento-ação em inter-ação, como fala Merleau-Ponty (2006, 2011), quaisquer atividades cotidianas que façamos exige de nós movimento corporal, como andar, trabalhar, plantar, colher, nadar, remar, dirigir, entre outros, como a locomoção que trataremos na sequência.

A locomoção integra as experiências humanas de mover-se, e para os ribeirinhos também está integrada ao movimento sazonal das águas, como estão exemplificadas nas narrativas de Solimões e Tracajá.

[...] no verão tem mais espaço pra gente andar aqui na várzea né, a gente pega um cavalo e vai embora de uma comunidade pra outra, ou uma moto, uma coisa, e no inverno não, é só de canoa, de barco, de bajara, mas é por isso que eu digo, no inverno a gente encosta na porta da casa né, e no verão não, a gente vai também de, depende de outro tipo de transporte, cavalo, ou de carro, de moto, mas de qualquer forma a gente chega né, então é por isso que eu digo que é melhor no verão, pra mim, na várzea é melhor no verão. [...] pode andar pra onde você quiser tanto faz ser de pés quanto de cavalo, de alguma coisa você vai. Você vai né? e no inverno você depende de embarcação né? De uma bajara, de uma canoa, se não tiver aí fica pior, porque você não pode sair de casa no inverno se não tiver uma canoa, não tiver uma bajara, se não tiver alguma coisa. É diferente do verão. Você tenha ou não tenha você vai. (SOLIMÕES, 2018).

[...] nesse período, principalmente agora o da cheia, que é um período fácil, até se mover [...] na seca, já é um pouquinho mais diferente, que a gente tem que se deslocar a pé, se tiver um cavalo, a gente vai no cavalo, senão tiver é a pé mesmo [...] mas aí também já fica difícil pra gente, pras nossas embarcações, que às vezes a gente tem que se locomover daqui ali, digo andar a distância pra pegar a embarcação pra poder a gente sair [...] Já

quando chega no tempo do verão fica bom o peixe, mas fica ruim a parte da locomoção né, de chegar até lá pra gente pescar né? (TRACAJÁ, 2018).

Na fala de ambos os interlocutores é mencionado o fato de que no verão se ampliam os espaços de terras emersas e, por consequência, aumenta o percurso de deslocamento das pessoas, frequentemente realizado a pé, caminhando, como salientam Solimões e Tracajá. Solimões deixa transparecer que no verão há mais liberdade para se locomover, usam cavalos, motos ou bicicletas, para acelerar a locomoção terrestre; enquanto Tracajá expressa que há opções, mas reconhece que fica mais difícil porque as embarcações ficam distantes das residências e há distâncias maiores para percorrer, o que de certa maneira produz cansaço corporal na sua atividade de pescador e outras relacionadas ao cotidiano.

Na Fotografia 31 e na Fotografia 32, constante na próxima página, notamos como o deslocamento das pessoas muda. Na Fotografia 31, no período do inverno, as embarcações chegam mais perto da residência, porém diminuem as áreas de terras emersas para caminhar, ampliando as terras imersas pelas águas.

Fotografia 31 - Área da residência no inverno na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Os barcos e bajaranas são meios de transporte utilizados na locomoção dos ribeirinhos nos rios, lagos e igarapés no verão e, exclusivamente, no inverno, conforme o ritmo da vazante das águas, ficam mais longe das casas porque a margem do rio vai ficando mais distante. São equipamentos que também exigem das pessoas aprendizagem corporal para o seu manuseio, pois acompanham o ritmo das águas dos rios e igarapés que os balançam constantemente. E, assim, elas desenvolvem habilidades corporais como, por exemplo, coordenação motora, equilíbrio, consciência corporal, dentre outros.

A mesma residência da Fotografia 31 está na Fotografia 32, mas no período do verão. Vê-se como se ampliam as áreas de terras emersas. Então, as embarcações ficam mais distantes e aumentam os espaços para deslocamentos a pé, a cavalo, bicicleta, dentre outros.

Fotografia 32 - Área da residência no verão na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Em suma, nessa experiência, especialmente, no verão, os corpos se movimentam nos espaços terrestres que se ampliam em razão das terras que ficam

emersas, aumentando as possibilidades motrizes: caminhando ou usando outros recursos como meios de transporte local como bicicletas, motos e cavalos. No inverno, os espaços terrestres diminuem ou inexistem, ficando todo o deslocamento corporal no ambiente condicionado ao uso de embarcações que requerem habilidades para o seu manuseio.

A locomoção dos corpos ribeirinhos se ajusta ao dinamismo sazonal das águas, está intimamente ligada às atividades mencionadas e a outras necessidades cotidianas que dependem essencialmente dessa movimentação corporal. Esse movimento do corpo perceptivo adere à dinâmica do espaço e do tempo ao entrelaçar-se a natureza e cultura do lugar.

No contexto exposto até este momento, percebemos uma relação de coexistência⁶⁰ entre o ambiente e as pessoas, que compõe a historicidade e aprendizagem, bem como íntegra o contexto cultural dos sujeitos.

Há nesse cenário cultural um modo de vida com o mundo das águas, constituído por conhecimentos socioculturais transmitidos de uma geração a outra, como afirmou Castro (2007), sendo que, antes passa pela percepção individual e, posteriormente, se funde com as experiências dos outros (MERLEAU-PONTY, 2006; 2011, 2014), com o ambiente ecológico (MATURANA; VARELA, 1995, 1998; MERLEAU-PONTY, 2006, 2011, 2014) e culmina com a ação corporal (MERLEAU-PONTY, 2006, 2011). Estabelece, com efeito, uma relação de coexistência com a natureza e a cultura, revelando o corpo ribeirinho como organismo vivo e autopoiético.

Na perspectiva do corpo, que percebe primeiramente o ambiente, por estar em inerência com ele, trazemos as narrativas a seguir:

[...] quando a enchente é grande morre tudo. Não é como agora que a enchente é pequena e dá de tirar. É diferente da terra firme a gente planta né, a gente colhe até o tempo que a gente quiser né, e aqui na várzea é diferente porque é só 6 meses, pra gente ter alguma planta boa né? aí porque é 6 meses de seca e 6 meses de enchente né. (MUNGUBEIRA, 2018).

Terra firme e várzea né. É diferente daqui que daqui pra gente chegar na terra firme tem que ir de barco. E lá não, no verão é emendado várzea e terra firme.

⁶⁰ No existencialismo contemporâneo, entende-se por esse termo o modo específico pelo qual o homem está com os outros homens no mundo: modo que é diferente daquele pelo qual ele se vê estar, no mundo, com as outras coisas. Esse significado específico do termo deve-se a Heidegger, que distinguiu a *presença* das coisas como meios ou instrumentos utilizáveis pela co-presença (*Mitdasein*) ou o ser-com dos outros com o Eu. A estreita conexão da C. com a existência faz que não possa haver compreensão de si sem a compreensão dos outros. "Na compreensão do ser, própria do ser-aí", diz Heidegger, "está implícita a compreensão dos outros, e isso porque o ser do ser-aí é coexistência". (ABBAGNANO, 2007, p. 148).

[...] É como eu tava dizendo, dessa enchente agora que nós temo passando, essa enchente foi boa, foi pequena, as planta tão tudo aí... Mas quando vai pro fundo mesmo, tudo aí se acaba tudo. Não tem como. (SOLIMÕES, 2018).

[...] tem períodos aqui que ficam simplesmente fáceis nesse período, principalmente agora o da cheia, que é um período fácil, até se mover, buscar o alimento e outras coisas. E na várzea, na seca, já é um pouquinho mais diferente, que a gente tem que se deslocar a pé, se tiver um cavalo, a gente vai no cavalo, senão tiver é a pé mesmo pra procurar o alimento que é o mais difícil, no meu modo de ver, fica, nesse tempo, andar mais de uma hora atrás de alimento, ou a gente tem que ir pra cá pra beira do Amazonas pra ver se a gente consegue algum alimento né? (TRACAJÁ, 2018).

Então tudo que nós fazemos aqui nós sabemos que naquele tempo a enchente vai ter. Agora não sabemos se ela vai cobrir a terra aqui. Nos nossos plantio quando nós fazemos nós sabemos o tempo que nós começar, mas nós sabemos o tempo que nós vamos colher mas tem o tempo que lá onde nós plantamos, vai ser tudo coberto de água. [...] Olha, nós que, nós que vivemos aqui, tudo que nós fazemos no período do verão já é com planejamento que nós sabemos que tem um período que vem o inverno, a enchente. (JOSÉ, 2018).

Nessas narrativas, identificamos as seguintes percepções: que a várzea é diferente da terra firme; há enchentes pequenas e grandes; há períodos fáceis e difíceis para cada experiência vivida; e tudo o que se faz na várzea precisa de planejamento, de acordo, com os períodos de inverno e verão.

Na fala de Mungubeira e Solimões, aparecem a expressão “enchente grande” e a dicção “enchente pequena”, usadas para diferenciar as cheias, onde: a) enchente grande significa quando as terras ficam totalmente imersas, quando, geralmente, os ribeirinhos perdem os cultivos, pois a maioria ou todas as plantações morrem; b) enchente pequena, quando o rio avança, mas ficam terras emersas, havendo possibilidade de continuar as atividades de maneira intensa ou reduzida, que é definida pelo nível da cheia do rio Amazonas. Ambas compreendem o período da cheia durante o inverno. Notamos nas narrativas de Solimões que sua percepção é semelhante à de Mungubeira quanto à “enchente pequena”, ao afirmar que ela é boa porque não destrói as plantações, ficando subentendido que, apesar de não ser falado explicitamente, a “enchente grande” não é boa porque traz prejuízo às plantações.

Considerando essa peculiaridade, verificamos que, na fala de Tracajá, ele mesmo reconhece que existem períodos fáceis e outros difíceis para cada uma das atividades desenvolvidas cotidianamente na várzea. A lógica de sua fala, quando diz que na “cheia” é “mais fácil” para buscar o alimento, é no sentido de que, para ele - que é pescador - fica “mais fácil” para pescar, pois as embarcações ficam mais próximas às residências deles, nesse período. Para outros ribeirinhos, no entanto, que

não têm a pesca como atividade principal, o período de cheia é mais “difícil”. Quando Solimões diz que fica “mais diferente”, ele se refere ao período da seca, cujo nível do rio está mais baixo. Nesse período de águas baixas, a fala denota que o ribeirinho: terá maior desgaste corporal na locomoção, pois, caminhando, ele percorre distâncias maiores para realizar as atividades cotidianas e buscar a sua sobrevivência; ao mesmo tempo, nesse período, eles usam bicicletas, cavalos e até mesmo motocicletas para o deslocamento. Essa realidade nos indica que períodos “mais fáceis ou difíceis” terão relação com o tipo de atividade desenvolvida no cotidiano da várzea por parte de cada ribeirinho, de maneira que, para algumas, ficará mais fácil no inverno do que no verão, enquanto para outras ficará mais difícil.

A partir dos oito anos de convivência com a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, período que compreende a pesquisa para mestrado e o doutorado, percebemos que as alterações sazonais do rio Amazonas são frequentes e cíclicas. Observamos que, num período inferior a um mês, o nível do rio altera a paisagem, quer seja porque está no período de vazante ou de enchente, o que altera os níveis de “facilidades” ou “dificuldades” para cada experiência. Notamos, ainda, que as mudanças paisagísticas que ocorrem modificam completamente o cenário: entre os períodos de inverno e verão em um mesmo ano corrente; e de um ano para o outro. A paisagem fica inalterada somente no período da cheia ou da seca, quando o nível do rio para de oscilar. Constatamos também que os níveis máximos anuais de cheia não são os mesmos de um ano para o outro, por essa razão o movimento sazonal das águas do rio Amazonas, o que coaduna com as cheias pequenas e grandes identificadas pelos ribeirinhos. Por fim, Vale *et al* (2011) e Carvalho (2006) também confirmam em seu estudo essas variações anuais.

Essas alterações frequentes fazem da várzea um lugar peculiar e são percebidas pelos ribeirinhos. Nas falas de Solimões e Mungubeira, fica explícito que eles percebem a várzea como um lugar diferente de outras regiões do Município de Santarém, tal qual as comunidades ribeirinhas de “terra firme”, conforme menção de Solimões, que não são inundadas. Assim, o conjunto das narrativas dos moradores se coaduna com os referenciais de Fraxe, Pereira e Witkosk (2007), Castro e McGrath (2001) e Canto (2007), cuja várzea tem sua paisagem inundada e modificada pela dinâmica das chuvas, evaporação e deflúvio.

Essa percepção de ambos está relacionada às experiências que esses ribeirinhos tiveram ao conhecer e morar em outras localidades com características

ambientais distintas da várzea da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. A peculiaridade desse ecossistema em relação a outros lugares está na dinâmica de vida, como já vimos nas experiências vividas, ser ritmada pelos ciclos sazonais das águas da chuva e do rio Amazonas. Por isso, José diz que “nós sabemos o tempo”. Nessa expressão, ele quer dizer que o ribeirinho tem que conhecer os sinais da sazonalidade.

Por saber esse tempo ou conhecer os sinais, José fala explicitamente que, para viver na várzea, é necessário se planejar para o verão, período de intensificação das atividades de sobrevivência. Apesar de não estar explícito na fala desse ribeirinho, essa organização também se estende ao inverno, tempo que diminui o ritmo dessas atividades, como notamos nas diversas experiências vividas com a sazonalidade. A ação de planejamento, organização e, mesmo, a execução das atividades de sobrevivência e outras relacionadas ao cotidiano, ocorrem posteriormente à leitura que o corpo perceptivo faz dos sinais sazonais. E como os ribeirinhos observam esses sinais?

O estudo empírico nos fez notar como os ribeirinhos percebem as mudanças sazonais da dinâmica do “mundo das águas”. Para identificar a chegada do verão e do inverno, eles observam⁶¹: o mês que inicia a vazante e enchente, por exemplo, se a enchente começar nos meses de novembro e início dezembro, acompanhadas de chuva ou não, possivelmente, ocorrerá uma enchente grande ou cheia extrema, como a de 2009, que foi relatada pelos participantes da pesquisa; a diminuição, o cessar ou a intensificação do fluxo de chuva; as mudanças na paisagem; e os níveis das águas do rio Amazonas e igarapés, cujo volume é observado nas alterações da paisagem, especificamente, sobre as áreas de terras emersas, comparando-as, por meio de suas memórias, com a paisagem dos anos anteriores. A sincronidade dessas informações que o corpo ribeirinho capta da natureza é que a eles concede a percepção de quando inicia cada período e a noção de ritmo de trabalho nas atividades de sobrevivência.

Com arrimo nessas informações apreendidas na interação do corpo que percebe o movimento da natureza, o ribeirinho se organiza e planeja num ciclo constante de acordo com a dinâmica sazonal, de janeiro a janeiro. A sazonalidade, portanto, é um marco para a tomada de decisões e ações dos ribeirinhos. Esses

⁶¹Com amparo nesse conhecimento que os interlocutores da pesquisa compartilharam conosco, tivemos a oportunidade de aprender a observar e constatar essas informações na prática.

movimentos, no inverno e no verão, redesenham paisagisticamente a várzea e vão exigir dos ribeirinhos ações estratégicas no cotidiano - vinculadas aos aprendizados acumulados historicamente⁶² por esses moradores, os quais estamos chamando de “saberes ecológicos” - que se desdobram em maneiras de usar este recurso natural, planejado, e criando estratégias.

Isso confirma as afirmações de Meggers (1971 *apud* Pereira 2007), que classifica as estratégias de sobrevivência em preventivas e compensatórias: a) preventivas, quando os sujeitos se planejam para estocagem de recursos para sua manutenção local, à medida em que alternam as fases terrestre e aquática dentro do esperado; e b) as compensatórias, acionadas espontaneamente ou de maneira forçada, quando acometidos por eventos extremos - como as grandes cheias – em que lhes solicitam a saída temporária da localidade ou mesmo o uso de técnicas locais para sua permanência.

Para o ribeirinho tomar quaisquer decisões acerca dessas estratégias de sobrevivência, ele depende, primeiramente, das percepções de seu próprio corpo que interage e capta a dinâmica da natureza da qual ele faz parte, o ecossistema de várzea. Assim, agregamos às estratégias o sentido de meios que os ribeirinhos desenvolveram para vivenciar a dinâmica da sazonalidade⁶³, com origem no seu corpo perceptivo que lhes possibilita organizar, planejar e definir ações de coexistência com esse ambiente e assim acumulando experiências vividas que lhes concedem a condição de constituírem seus saberes ecológicos. Isto se coaduna com a discussão acerca: da percepção do corpo feita por Merleau-Ponty (2011), ou seja, corpo que apreende o espaço na experiência vivida; do entrelaçamento corpo-natureza, realizado por Merleau-Ponty (2006), confirmando a relação de coexistência do ser e a natureza; da inerência organismo-ambiente discutida por Maturana e Varela (1995; 1998) e Maturana (2001).

Ante o entrelaçamento corpo-natureza ou organismo-meio ou ribeirinho-várzea, observado no estudo empírico e em todas as narrativas sobre as experiências vividas abordadas nesta seção, identificamos a constituição de um saber ou conhecimento ecológico na dinâmica sazonal. Tal nos conduz a entender que o “mundo das águas”, além de reger o ritmo da vida ribeirinha na várzea, sendo ele o termômetro para tomadas de decisões quanto às atividades diárias e sobrevivência,

⁶² Quer sejam pelas experiências do próprio sujeito, quer sejam as intergeracionais.

⁶³ Sentidos que encontramos nas falas dos sujeitos durante a análise das entrevistas.

consolida também um modo de vida, sendo essencial o “saber do tempo” ou “conhecer os sinais”, sendo o processo de aprendizagem ou do conhecer possível pelo corpo, como discutem Merleau-Ponty (2011) e Maturana e Varela (1995, 1998).

O “mundo das águas”, na qualidade de eixo do conhecimento, é exatamente o corpo que aprende a dinâmica sazonal, ditame da vida cotidiana na várzea. Vimos nas discussões de Merleau-Ponty (2011) e Maturana e Varela (1995, 1998) que o corpo/organismo apreende e aprende por mecanismos internos próprios em interação com as exterioridades, que possuem também suas dinâmicas. Para Merleau-Ponty (2011), esse fenômeno acontece por meio das experiências vividas que ocorrem no mundo-vida. Desde essa perspectiva, percebemos que os ribeirinhos, ao responderem sobre haver preferências quanto a algum dos períodos sazonais, o fizeram em relação a aspectos de situações *mais fáceis* ou *mais difíceis*, no que concerne às diversas experiências vividas. Compreendemos que o sentido dessas respostas, na realidade, tem relação com o que acabamos de falar sobre o “saber o tempo”. Para cada período de enchente, cheia, vazante e seca, haverá situações mais fáceis ou difíceis para cada experiência vivida abordada nesta seção, sendo difícil para eles optar por algum período em especial. Afinal, eles já conhecem o tempo e sabem o que fazer em cada um deles, pois o corpo sabe!

O “mundo das águas” como modo de vida revela a cultura ribeirinha da várzea, ao tratarmos das experiências vividas abordadas nesta seção. Expressam-se os aspectos que envolvem o cotidiano, costumes e saberes ocorrentes nas relações das pessoas. Esse entendimento dialoga com os pressupostos fenomenológicos de Merleau-Ponty (2006, 2011) que compreendem o ser ou o ser/estar na interconexão corpo-natureza-cultura, pois o comportamento é inerente ao corpo e se revela nas ações dinâmicas com *Umwelt*.

Assumir esse entendimento holístico na fenomenologia é estar aberto a entender que as experiências vividas assumem um caráter de aprendizagem e que elas representam significados e sentidos às pessoas; além disso, elas afloraram aspectos corporais cinestésicos como ação e movimento, como vimos nas subseções anteriores, mas também o sentir sensações e emoções. Nesse sentido, na subseção seguinte passamos a mostrar o corpo que sente as experiências vividas com o mundo das águas.

5.1.5 Experiências vividas do corpo com as águas da chuva e do rio

O corpo ribeirinho que percebe e conhece a dinâmica sazonal é único, portanto, ele também sente porque há nele uma dimensão estesiológica que também é exteriorizada nas narrativas ribeirinhas que expressam o sensível das vivências com as águas das águas das chuvas e do rio nas experiências vividas com: temporais; deslocamentos no rio; enchente grande e animais selvagens que se aproximam das residências e são perigosos à saúde e à vida humana, como cobras, jacarés, dentre outros; eventos extremos de cheia e seca. Cabe ressaltar que essas experiências vividas são apontadas pelos ribeirinhos com aquelas mais marcantes em suas vidas por morarem na várzea, além do fenômeno das terras caídas, que é o de maior destaque e será abordado posteriormente. Sobre as experiências vividas com os temporais, trazemos as narrativas:

Que teve uma época aí que deu um temporal que, com chuva, com tempo daqui de cima... Essa vizinha daqui chegou chorando pra nós ir acudir eles lá, que a casa dela tava levando a breca tudo. E a maresia vinha e ia arrebatando tudo, assoalho, tudo. E aí a gente... Eu fico preocupado assim. (SOLIMÕES, 2018).

Um temporal forte aqui. Que deu um, não sei em que ano foi, em várias casa da comunidade, destelhou muitas casas, despregou casa, é, as famílias ficaram em situação difícil né e [...] Muitas casas descoberta, noite, um temporal, muitas famílias entraram em desespero naquela hora. E aquilo foi diferente. (JOSÉ, 2018).

Acho que, sempre traz preocupação pra gente também é os temporais que dá grande né? E quando tá no verão a gente, Deus defenda aconteça alguma coisa ae gente tem como sair rápido né, e, por exemplo, se a água tiver grande a gente num tem como sair rápido de casa né, tem que sair devagar, caso viesse acontecer alguma coisa dessas, mas isso é um medo que a gente tem disso acontecer. (TRACAJÁ, 2018).

As narrativas de Solimões, José e Tracajá trazem as experiências vividas com as chuvas fortes e temporais enfrentados na própria Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, ficando explícito que esses ribeirinhos enfrentaram preocupações, desespero e medo de perderem bens materiais ou pessoas - situação semelhante também vivenciada frequentemente nos rios da região. No período do inverno e no verão, comumente, vivenciam situações que envolvem o mau tempo, ocasionando ventos fortes, no geral, acompanhados de chuvas durante os traslados. E essas

experiências com as chuvas, temporais e banzeiros nos rios, afloram as dimensões sensíveis do corpo, explicitadas nos relatos de Mungubeira:

[...] E, eles tavam no meio do Amazona, e o temporal... eu digo, “Meu Deus, só o senhor pra poder chegar essa, essa bajara pra cá... se vim criança? Que com certeza vem”. Aí nós ficamos lá, eu chorava demais olha. Chorava mesmo de ver e dar graças a Deus de meu marido pensar bem e ter voltado. Porque se nós segue pra beira nós ia, nós ia morrer nesse dia. (2018).

Outra a gente vinha atravessando o rio. A senhora sabe assim, a senhora vem viajando assim e aquela onda vir assim que a modo ia cair encima da bajara? Ia cair encima de nós, pois assim a gente passou. Era só o vento, foi de repente. Eu agora que eu não choro contando, mas quando vinha gente assim, que via que nós já vinha no sufoco, e quando eu chegava aí a gente conversava e... Só Deus. A gente vinha viajando e professora, Deus é tão bom, que nesse sufoco não entrou uma gota de água na bajara. (2018).

Um dia nós vinha de Santarém, aliás não é só uma, é duas. A gente vinha de Santarém nesse tempo vinha só ele e Deus. E ele disse assim: “um bora atravessar.” Eu disse vamo atravessar vai uma bajara bem logo na nossa frente, dá tempo da gente atravessar. Olha professora, aí na outra bajara vinha uma senhora com duas crianças e o marido dela. Isso me marcou demais, olhe. A senhora olhava no rumo deles e a senhora não enxergava eles, porque a onda, as onda sabe, sumiam. Eles ficavam no fundo bem dizer e aquelas crianças, tinha hora que a gente enxergava eles por causa do isopor, numa tampa de isopor. Aí eu pedi tanto pra Deus que acalmasse esse tempo pra salvar eles né, que a gente já tinha chegado na beira do amazonas [...]. (2018).

Nas narrativas de Mungubeira, notamos que essas experiências com os rios amazônicos são recorrentes, principalmente, porque são as principais vias de acesso e fazem parte do cotidiano ribeirinho. Nesses relatos, identificamos que é latente o medo de a embarcação afundar, o que provocaria a perda desse bem material e a própria vida dos envolvidos nessa situação. Outra situação é citada por Mungubeira quanto aos deslocamentos nos rios:

E outra foi, que eu vinha de Santarém com as minha filha e a bajara furou, no meio da viagem. A gente vinha, uma filha e duas netas. Aí a gente vinha, aí quando eu dei, aquela água começou a né... aí quando eu dei, perguntei pro meu marido que tinha dado no pau a bajara. Deu numa estaca que arreventou um pedaço da tauba. (2018).

Agora, a eventualidade tem relação com um imprevisto, em que a pequena embarcação da família furou ao se chocar com um pedaço de madeira (troncos de árvores que caem nos desbarrancamentos as margens e flutuam no rio Amazonas).

Os que estavam presentes passaram sufoco e mais uma vez a circunstância fez aflorar o medo.

Como vimos nos relatos, é muito recorrente o enfrentamento de eventualidades durante os deslocamentos no rio, quer sejam eles por mau tempo, acidentes ou problemas nas embarcações. Na sequência, a fala de José traz outros elementos sobre essas experiências vividas:

Aí teve outros a respeito de banzeiro. No rio né? No rio. Quando fui pescar ou vender meu peixe. Já cheguei o momento de, de, de, de pensar que eu ia me alagar, no meio desse rio aí. E justamente nesse período, nesse tempo aí que ninguém usava colete [...] Não me preocupa essa situação, não. É comum. Já faz parte. Além do mais hoje em dia muitas, muitas pessoas já se preparam né. Tem seu colete, uma porção não, não por falta de orientação. A gente tem o colete aí. Pode acontecer mas tu tá preparado pra aquela situação, mas a gente vai pedindo com que não aconteça. Essas são algumas das situações né. (2018).

Notamos em todas as narrativas, em especial na última que se destacou, que emergem da relação cotidiana entre o ribeirinho e o rio situações adversas de mau tempo, problemas nas embarcações e outras eventualidades que submetem a risco as embarcações e a vida das pessoas. É recorrente que os ribeirinhos sintam medo e passem por circunstâncias desesperadoras, como as que foram mencionadas, fato que traz à tona a dimensão sensível do corpo discutida por Merleau-Ponty (2006, 2011). Esse corpo estesiológico é o mesmo perceptivo que apreende a experiência vivida e ao mesmo tempo se coloca em movimento.

Com base neste entendimento, compreendemos a última narrativa de José, quando diz que essas vivências já não causam tanta preocupação, pois isso já é comum e já faz parte do dia a dia. Em outras palavras, ele sente medo no momento em que a situação estiver ocorrendo, porém ele irá enfrentá-la, pois já conhece os meios utilizar para sua sobrevivência, como: usar o colete salva-vidas; nadar; como manobrar a embarcação e para onde direcioná-la; dentre outros saberes, desenvolvidos desde a relação dos corpos ribeirinhos com o rio. Assim, o corpo sente, percebe e age.

As vivências com essas situações mostram outra face da relação corpo-natureza: onde, natureza, espaço, tempo e meio são as águas das chuvas e do rio e o clima; corpo e organismo, os ribeirinhos. Como vimos em Merleau-Ponty (2006), Maturana e Varela (1995, 1998) e Maturana (2011) corpo/organismo e natureza/meio

possuem dinâmica própria, mas se entrelaçam, interagem e coexistem. Com o entrelaçamento de ambos no cotidiano, o ribeirinho em suas experiências vividas apreende as dinâmicas das águas e aprende a lidar com elas, gerando a eles um saber, que lhes permite esta movimentação.

O rio é a principal via de acesso que interliga a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba à cidade de Santarém e a outras comunidades. Metaforizando, o rio é a rua dos ribeirinhos, nele navegam quase que diariamente, além disso ele é fonte trabalho, como a pesca, dele vem a água para as atividades e necessidades diárias. Há entre os ribeirinhos e o rio uma relação direta.

Na Fotografia 33 e na 34, apresentada na página seguinte, observamos algumas situações do cotidiano na relação entre os ribeirinhos, rios e embarcações que também integram a dinâmica. Elas ilustram os ribeirinhos em situações do cotidiano: buscando água para consumo e atividades diárias; organizando os materiais de trabalho na pesca; e pescando. Em ambas vemos três tipos de embarcações usadas para trabalho e deslocamentos de pequeno, médio e grande porte.

Fotografia 33 - Ribeirinhos, rio e embarcações na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 34 - Ribeirinho pescando, rio, embarcações na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Acervo nosso (2018).

Como dito antes, o rio é o principal acesso para esses meios de transportes, mas também um recurso natural fundamental dos ribeirinhos, sendo vital a relação com ele. Como há uma dinâmica sazonal, o rio Amazonas nos períodos de inverno fica muito próximo às residências e no verão ficam bem distantes. Vejamos o que falam os ribeirinhos sobre essa realidade e o que sentem seus corpos com a aproximação e distanciamento das águas do rio: em extremas cheias; cheias normais ou enchente grande como chamam os ribeirinhos; aproximação dos animais nas cheias; e extremas secas.

Sobre essas experiências vividas com as águas do rio Amazonas durante as cheias normais ou enchentes grandes, os ribeirinhos relatam:

Quando a enchente é muito grande a gente já fica preocupado né, é porque a gente vê todo ao redor da casa da gente é água. A gente olha todo praí tá no fundo. Você não sabe como tá pelo, por, por dentro d'água né? Se tá caindo ou não. E quando tá a vazante pequena a gente vê que tá estourando terra, a gente vê. Agora quando tá, quando a enchente é grande é [...] ela é difícil a gente conviver assim, ter uma dormida boa, a gente se preocupa. A gente se preocupa mais assim com as terra, que a gente não sabe se tá caindo ou não, dentro d'água né, dentro, no fundo, a gente não sabe, como a gente viu se já caiu no fundo mesmo. [...] (MUNGUBEIRA, 2018).

Quando a enchente é muito grande, o período do inverno ele é mais difícil ainda. Porque ai que o peixe se esconde, fica mais difícil da gente pegar

peixe, a gente já não pode, a gente tem que dar atenção na família, porque a água tá muito grande, então a gente não tem que tá muito longe. O cuidado, né? Você não sabe que bicho tá pelo fundo né? Não sabe as terras caídas, se ela vai cair grande ou não. Então, é um período mais difícil, que eu tô lhe dizendo. Quando a enchente é grande, tudo fica mais difícil. Eu lembro, que eu lembro que já teve assim, a maior foi em 2009. Tudo foi pro fundo? Tudinho. (JOSÉ, 2018).

O assoalho que a gente tinha feito encima do outro assoalho foi pro fundo, foi tudo, aí eu fiquei desesperado, fiquei muito com medo. (SOLIMÕES, 2018).

Nessas narrativas, identificamos que a aproximação das águas é difícil em algumas circunstâncias, principalmente, quando ela chega até aos assoalhos das casas, causando aos ribeirinhos preocupação, desespero e medo, principalmente se ocorrerem temporais, pois fica latente o risco de perda ou danos dos bens materiais. Essas sensações e emoções sentidas no corpo são ainda mais evidenciadas nas experiências vividas com as cheias extremas, como narram os ribeirinhos:

Então acho que muito difícil essa sensação, essa situação de viver esse período, quando a água chega a subir né? Muito né? Como foi aquela enchente de 2009, se não estou enganado, que foi a das maiores enchentes que até em Santarém a senhora viu que por lá afetou. (JOSÉ, 2018).

Quando a enchente é grande, tudo fica mais difícil. Eu lembro, que eu lembro que já teve assim, a maior foi em 2009. Tudo foi pro fundo? Tudinho. (JOSÉ, 2018).

Eu me recordo dessa enchente grande de 2009, 2009 que foi tudo pro fundo. Ficou tudo no fundo, a gente procurava terra aqui e não achava, só se mergulhasse e fosse pegar lá no fundo. Aí esse ano, esse ano aí eu nunca me esqueço, por causa que numa noite deu esse temporal com muita chuva, muito vento e a água ela encheu acima do que ela tava, ela encheu uns 40 cm e meteu tudo pro fundo. O assoalho que a gente tinha feito em cima do outro assoalho foi pro fundo, foi tudo, aí eu fiquei desesperado, fiquei muito com medo. Aí desde esse tempo aí a minha pressão num, não normalizou mais, por isso que eu tomo remédio até hoje. Foi por causa desse medo que eu passei. Essa noite foi a noite que eu mais sofri medo. (SOLIMÕES, 2018).

Notamos nessas falas que a experiência vivida com cheias extremas, como a de 2009, é muito difícil, pois afloram nos corpos ribeirinhos sensações e emoções intensas de desespero, medo afetando inclusive o estado de saúde de um dos respondentes que diz ter ficado hipertenso após ter enfrentado um temporal durante a cheia extrema de 2009.

Quando ocorre esse tipo de evento, é comum que alguns ribeirinhos deixem seus lares para buscar abrigo em outros lugares, com parentes ou amigos. Muitos, todavia, permanecem e elevam seus bens em cima de marombas, pois as

águas invadem tudo, reduzindo drasticamente os espaços para deslocamentos dentro e fora das residências, mas ficam expostos a viver mais tensões.

Notamos que no momento da cheia e em extremas cheias associadas às situações de contingenciamentos, desencadeia nos moradores a preocupação com o grupo familiar e com a vizinhança, em razão dos possíveis prejuízos com os bens materiais, sobretudo, o local de moradia, ameaçado pelos eventos da natureza. O sujeito vivencia estresse extremo com o medo da morte e de alagamento da própria residência. Há nessa relação uma temeridade pontual entre os ribeirinhos e as águas. Assim, também, há aprendizagem, porque o ribeirinho não fica apenas na dimensão do sensível do corpo, ele transcende para a ação, para o movimento em busca de enfrentar a realidade e salvar seus bens materiais e suas vidas.

A aproximação das águas traz aos ribeirinhos experiências vividas com animais selvagens que habitam o rio Amazonas. Sobre isso, os ribeirinhos enfatizam:

[...] Aí no inverno a gente vive mais com medo de [...] bicho, de sucuriju, jacaré, essas coisas. Porque tando embaixo da água a gente não vê, tando embaixo da água. Aí é, fica assim... Dá medo por causa das crianças né? De repente, aparece um bicho, sucuriju pelo menos... Sucuriju é bicho bandido mesmo pra pegar pessoas, animal também. E aí dá medo por isso [...]. (SOLIMÕES, 2018).

Outra coisa professora que, que a gente se acostuma aqui, na várzea, e eu acredito que tem na cidade, tem na terra firme, são as cobra, você tem que ter coragem, os carapanã, entendeu? E ... os bichos, inseto que ferram, que picam o ser humano. Tudo isso, cê não vai dizer que não tem por aqui. Tudo por aqui tem. Só que nós somos acostumados com isso também. Cobra, escorpião, arraia, formiga, é, os bichos. E vocês convivem com eles. Com certeza. [...] Aqui na nossa comunidade já morreu muita cobra, já morreu muitas gentes, arraia já ferrou muitas, escorpião também já ferrou em várias pessoas, entendeu? Por que as vezes ferra? Por que as vezes morde? Primeiro, quando tu vai passar perto de uma surucucu, se tu passar bem pertinho dela, bem aqui, se tu não triscar nela ela não vai morder em ti. Agora se tem um pedacinho de pau triscado aqui e tu mexer aqui no pau e triscar nela, ela vai te morder. O escorpião mesma coisa, se tu passar perto dele é [...] Sem mexer nele, ele não vai te ferrar. A arraia se tu não pisar encima dela ela não vai te ferrar. Agora se tu pisar na beira dela ela vai só virar o rabo e te ferrar. (JOSÉ, 2018).

Vamos compreendendo com suporte nas falas ribeirinhas que cada período sazonal denota suas especificidades ao varzeiro e que no inverno a vivência é pontualmente carregada de medo e preocupação em razão da recorrente presença de animais selvagens, como cobras, raias e jacarés. O temor ao vivenciar essa situação é pelo perigo que eles trazem à saúde e vida humana, de maneira especial das crianças que não estão muito atentas a esse risco.

Percebemos que no período do inverno há temeridades com a aproximação das águas. Assim, nas cheias normais e nas cheias extremas do rio, adensam susto, choro e espanto por conviver com as possibilidades de ocorrências que implicam em perder a própria vida, a de um componente familiar; vizinhos, amigos ou conhecidos. Sendo o medo um sentimento marcante, ao passo que aprender a conviver e se proteger dos animais também é uma aprendizagem de um corpo que percebe os sinais de suas presenças e sabe se colocar em movimento em prol de salvar vidas humanas.

Outra experiência vivida é com a seca extrema, um período difícil das águas baixas na várzea que os ribeirinhos relatam a seguir:

É a seca. Na seca, pra cá, tudo poeira, entendeu? Pra onde sempre facilitava mais ou facilita pra gente pegar um peixe pra gente comer [...] a seca é demais grande viu? Muitos peixes morreram... esse lago tudo secou, nesse ano. [...] ... Tudo morrem porque o povo pega pra comer, pra comercializar eles levam, mas muitos... morrem! Esses dois lagos maiores do Pacoval e Aramanaí você via um monte de caveira de um lado e outro e você ficava imaginando “poxa, será que ainda vai ter peixe pro outro ano?”. Aí quando seca, parece que quando seca demais a gente começa a pensar isso né? Quando acaba não, Deus sabe como, como fazer, como repor, entendeu? Aquilo que se acabou. (JOSÉ, 2018).

A seca de 2014 ou 2016, não tô lembrado, uma seca grande que teve. 2016 eu acho, foi em 2016 se não me falha a memória, foi a seca grande. pra nós que anda e vê, por exemplo, aquele nosso lago, que é o nosso ganha pão né, indo, se acabando, secando de uma hora pra outra e, vendo aquela imensidade de peixe toda as manhãs, aquela imensidade de peixe, morta na beirada, na beira do lago lá, o qual aquele peixe poderia estar alimentando muitas famílias e a nossa, já digo, servindo de alimento pra nossa família e que não dava, porque não tinha como chegar até ele por causa do atoleiro. Então não tinha como salvar e nem como usar. (TRACAJÁ, 2018).

No verão, inicia a vazante do rio Amazonas, período em que os lagos diminuem ou perdem sua conexão com este. Assim, à medida que se prolonga a estação, os peixes e outros animais aquáticos ficam represados nos lagos das várzeas. Quando ocorre a extrema seca, os lagos reduzem drasticamente os níveis de água, chegando até mesmo a secar e os animais ali presos, em sua maioria, morrem. Este tipo de evento, além de provocar a perda temporária do recurso natural, afeta a sobrevivência varzeira que depende da pesca, fonte de alimento e trabalho que gera renda. Percebemos que essa situação é marcante para esses ribeirinhos em razão da morte de um grande quantitativo de peixes e, apesar de não estar explícita

nas narrativas, há medo de ficar sem esse recurso natural que é fonte de sobrevivência do ribeirinho da várzea.

Detectamos nas narrativas dos nossos interlocutores a ideia de que as sensações e emoções estão vinculadas às situações imprevistas que os ribeirinhos não conseguem controlar, nem prever; é uma eventualidade, uma casualidade da dinâmica climática, sazonal, geodinâmica ou comportamental de animais que trazem riscos à saúde e à vida humana na várzea. César e Jucá-Vasconcelos (2016) concorrem para o entendimento de sensações⁶⁴ corporais como sendo causadas por estímulos provenientes das interações do organismo com o meio, são fenômenos perceptuais, e as emoções são fortes, passageiras, mutáveis, expressivas e observáveis em nossos gestos, em nossas expressões corpóreas, por essas características, o que emociona hoje uma pessoa, amanhã pode não emocionar. Nesse sentido, as experiências vividas com o mundo das águas provocam sensações e emoções nos corpos ribeirinhos.

Em suma, as narrativas com as experiências vividas com o mundo das águas fazem emergir a dimensão sensível dos corpos ribeirinhos, revelando medo, preocupação e desespero que os ribeirinhos sentem, experimentando a realidade latente de perderem os bens materiais constituídos, sua saúde e até mesmo a vida diante das situações trazidas pela dinâmica do mundo das águas na várzea amazônica, o que se ajunta às discussões de Merleau-Ponty (2006; 2011) sobre a estesiologia do corpo, que evidencia a dimensão sensível e perceptível do corpo que sente, se movimenta e vibra com a vida.

Compreendemos que a vida na várzea tem como marco fundante a convivência com o mundo das águas. Do céu, desce a chuva que molha e inunda a terra, do rio ele sobrevive, o que leva o ribeirinho a mover-se, viver e sentir. E, nesse contexto, a atitude corporal em relação à sazonalidade, além de ações estratégicas de sobreviver e coexistência com a natureza, também se move cinesteticamente. Agrega esta heterogeneidade vital à estesia corporal vivida e sentida pelos sujeitos deste cenário dinâmico e complexo. Este corpo vive, experimenta o mundo, se move no tempo-espço, mas também sente, pois, a relação com esse mundo das águas

⁶⁴ Os sentimentos são experiências subjetivas, acessíveis apenas à própria pessoa. Outra diferença entre sentimentos e emoções, conforme apontado por Reeve (2006) e Bock, Furtado e Teixeira (2001), é a duração. Os sentimentos são mais duradouros, menos explosivos e não vêm acompanhados de reações orgânicas intensas.

também produz o sentir corporal, produzindo sensações e emoções nos corpos ribeirinhos, que foram evidenciadas no processo analítico das narrativas de nossos interlocutores. Assim, para melhor ilustrar, trazemos a síntese nomotética dos resultados das experiências vividas com a sazonalidade organizadas no Esquema 6, na página imediatamente a seguir.

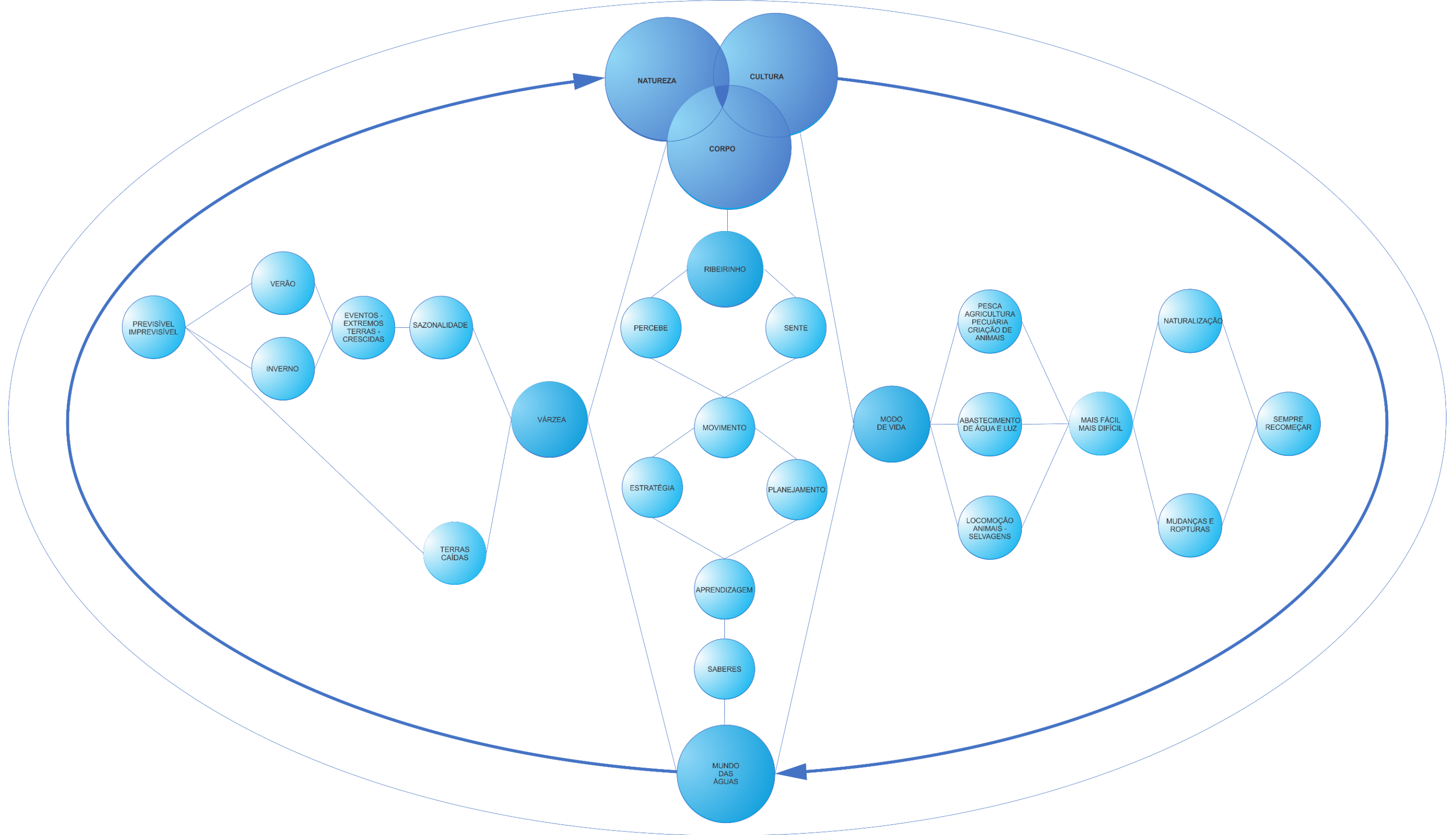
Nesse esquema, observamos a estrutura das experiências vividas no mundo-vida da várzea amazônica, num lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. Visualizamos, sinteticamente, a ideia de que o corpo, que são os ribeirinhos, está numa dinâmica própria de funcionamento: um corpo que percebe e sente; e, assim, se coloca em movimento, agindo de maneira estratégica e planejada ante as situações que são a ele apresentadas; isso ocorre com apoio nos mecanismos internos do corpo, que irá constituir a gama de aprendizagens, que, no contexto desta pesquisa, se acumulam e se desdobram em saberes sobre o Mundo das Águas.

O Mundo das Águas é o elemento fundante da síntese nomotética, pois ele é a intercessão das categorias corpo-natureza-cultura. Do corpo, ele é a aprendizagem e os saberes; da natureza, ele representa a várzea amazônica; e da cultura, ele é a expressão do modo de vida ribeirinho.

A várzea amazônica está interconectada ao corpo e à cultura e tem sua dinâmica própria de sazonalidade, de onde se desdobram eventos extremos e as terras crescidas intrinsecamente relacionadas aos períodos de inverno e verão. Estes, por sua vez, são previsíveis ou imprevisíveis aos ribeirinhos, assim como o fenômeno das terras caídas que atinge a comunidade aqui estudada.

O Modo de Vida dos ribeirinhos com o Mundo das Águas se desdobra nas experiências vividas com a pesca, agricultura, pecuária, criação de animais, abastecimento de água e luz, locomoção, animais selvagens que apresentam especificidades cotidianas entrelaçadas aos períodos sazonais de inverno e verão. De acordo com eles, cada uma dessas experiências se torna mais fácil ou difícil aos ribeirinhos e, como são recorrentes, provocam constantemente mudanças e rupturas a eles, que acabam por ser naturalizadas, uma vez que precisam sempre recomeçar, quer seja porque as águas inundaram as plantações, as terras crescidas ou caídas atinjam as casas, os temporais afetem suas embarcações, dentre outras situações anteriormente mencionadas. Toda essa dinâmica da vida ribeirinha na várzea, portanto, confirmam o quiasma corpo-natureza-cultura.

Esquema 6 – Síntese Nomotética sobre as experiências vividas com a sazonalidade na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Elaboração própria (2020), com base nas narrativas dos ribeirinhos (2018).

Vimos anteriormente que a dinâmica própria do corpo é defendida na teoria autopoietica de Maturana e Varela (1995, 1998) e Maturana (2001), ao discutirem o processo do conhecer nos estudos sobre a cognição humana, e também por Merleau-Ponty (2006), ao refletir sobre o comportamento dos animais que ganha forma ao se assentar à natureza. E na fenomenologia merleau-pontyana, o ser humano é compreendido como animal atado à natureza e à cultura. Então, a dinâmica interna do corpo ganha vida e movimento ao estar entrelaçado à natureza e à cultura, e sem um mundo da vida esses processos internos não ganhariam consistência.

Como fala Merleau-Ponty (2006, 2011), os mecanismos internos do corpo, que percebe e sente, ganham vida ao pertencer e interagir com o espaço do qual ele faz parte. Esse espaço, como vimos anteriormente, é o mundo da vida onde acontece a vida cotidiana. Em nosso contexto de estudo, o espaço é a natureza da várzea. Assim, o que estamos de corpo, para Maturana e Varela (1995, 1998), é o organismo, e o que estamos denominando de natureza é o meio.

Como representado no Esquema 6, a natureza, chamada várzea, tem também uma dinâmica própria: a sazonalidade das águas das chuvas e do rio Amazonas que mudam de acordo com os períodos de enchente e cheia, no inverno, e vazante e seca, no verão amazônico, cuja dinâmica está atrelada ao clima. Assim, há períodos normais, que são previstos para a época, e “anormais”, quando ocorrem eventos extremos influenciados pelas questões climáticas e dos fenômenos *El Niño* e *La Niña*. Além do clima, há diversas dinâmicas dos animais selvagens que habitam a várzea e vegetação, exprimindo circunstâncias previsíveis e imprevisíveis aos ribeirinhos. Ante tal realidade, reiteramos o que Merleau-Ponty (2006) e Maturana e Varela (1995, 1998) disseram - a natureza também possui mecanismo próprio. A interação do organismo com o meio se dará pelos corpos ribeirinhos que interagem e assentam seus comportamentos nesse espaço, chamado várzea.

Os comportamentos se materializam no cotidiano, em que se vivem as experiências vividas, nas maneiras de coexistir e sobreviver, fundamentais para fixação humana na várzea. Ao longo desta seção, vimos como ocorrem os mecanismos de coexistência e sobrevivência nas diversas experiências vividas atreladas à dinâmica várzea, como: a pesca, a agricultura, a pecuária, a criação de pequenos animais; o abastecimento de água e luz; a locomoção; as terras crescidas; os animais selvagens; deslocamentos no rio; temporais; eventos extremos. Essas vivências não são estáticas, se fazem em um corpo em movimentação (movimento-

ação) contínua no cotidiano, em atividades que são ritmadas pela dinâmica sazonal das águas das chuvas e do rio Amazonas, no inverno e no verão. Em cada uma delas, compreendemos que cada período sazonal as torna mais fáceis ou difíceis, gerando um ciclo de sempre recomeçar, provocando frequentemente mudanças e rupturas aos ribeirinhos que assimilaram com naturalização todo esse processo de viver na várzea.

Com base em Merleau-Ponty (2006), entendemos que os comportamentos, uma vez que se entrelaçam à natureza, possuem significações intrínsecas àqueles que os executam, afinal só há história humana se os comportamentos estiverem na natureza e nela se reificarem. E como discutimos anteriormente, a fenomenologia merleau-pontyiana afirma que as significações desses comportamentos são dadas pela cultura, que se revela no modo de vida ribeirinho com o mundo das águas.

Com assento na lição de Merleau-Ponty (2006, 2011), compreendemos que as experiências vividas dos ribeirinhos com a sazonalidade são arraigadas da cotidianidade do mundo-vida e produzem um conjunto de conhecimentos, os saberes ecológicos sobre a sazonalidade. A apreensão desses saberes ocorre na interação perceptiva e estesiológica dos corpos com a natureza da várzea e ganham significações pela cultura. Nesse sentido, o quiasma corpo-natureza-cultura revela corpos ribeirinhos bioculturais, identificados também nas experiências vividas com o fenômeno das terras caídas, que passamos a tratar na subseção a seguir.

5.2 As experiências vividas dos moradores com as terras caídas e as razões de permanecer ou abandonar a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba

As terras caídas conformam um fenômeno que atinge a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, provocando erosões de grande magnitude que trazem aos moradores consequências sociais e psicológicas de valor simbólico e material. Pelo baixo investimento político e científico sobre este fenômeno na região do Urucurituba, os moradores não têm informações técnicas sobre os momentos em que ocorrerá, fato que potencializa os danos a estes sujeitos, sabedores de que a área da comunidade oferece riscos de a qualquer momento virem a ser atingidos.

Ao permanecerem nesse lugar, vivem cotidianamente a incerteza, mas com a consciência de que reviverão as experiências vividas com o fenômeno das terras caídas. As experiências vividas com esse fenômeno trazem aos ribeirinhos vivências

corporais cinestésicas, assim como na sazonalidade, o que passaremos a demonstrar.

5.2.1 Experiências vividas do corpo com o fenômeno das terras caídas

As narrativas que trazemos na sequência são situações marcantes nas vidas desses ribeirinhos, vivências tão intensas que eles falam com riqueza de detalhes, como leremos a seguir:

A minha convivência aqui na várzea foi assim: tem muitas coisas que já marcou a gente né? é uma coisa que assim, marcou, mas a gente dá graças a Deus ainda não ter acontecido nada né? As terras caída caiu tanto, mas graças a Deus ainda não tirou uma vida né? [...] Olhe, quando a gente escutava assim o estrondo assim, parece que vinha mexendo um bocado de folha seca assim, era as terras que tavam caindo, tavam partindo. Aí os pau, os taperebazeiro que eram tão alto professora, quando caia ali, a senhora só via o final dele e a onda dava, aquelas onda... era uma coisa muito triste. Tudo pro fundo. Aí ficou o curral, lá na frente, ficou uma ponta. A casa não caiu porque a gente tirou, mas o lugar onde tava chegou a cair. E o curral ficou e eu dizendo pro meu marido “tira o curral pra gente fazer mais próximo lá pra casa, um curral bom”. Aí quando foi no dia que eu passei lá, falei pra ele. Aí quando amanheceu o dia já tinha sumido tudo, as terras já tinham caído tudo. [...] desde as 5 horas da madrugada a gente vendo cair... E até 9 horas do dia tava caindo, caindo, direto, assim, os pedaços! A senhora olhava assim professora, mesmo aí na beira, a senhora andar, se a senhora ver o partido pode sair de perto, que lá vai cair. Tinha parte assim que tava partido uns 4 dedo assim, aberto. Agente via...até próximo a casa a gente via aquelas rachona grande. (MUNGUBEIRA, 2018)

Pois é. Terras caídas eu já vi muita terra cair [...] Eu acho que só pode vim cavando por baixo, aí de repente ela arria a terra, porque é coisa muito feia quando cai terra. Deus me livre. Quando ela vai cair a terra, ela começa estralar, a gente pensa até assim... a gente pensa que é tipo um pau quando vai quebrando assim, aquilo. Aí de repente dá aquele estrondo grande. Aí vai embora a terra. Cai com tudo. [...] Então é assim, é muito ruim quando cai, dá medo. Muito medo. Aqui afetou porque lá onde nós morava, a casa lá da beira do Amazonas, lá é Amazonas já. [...] Eu tava, eu vi. Eu, é começou acho que era umas 4 horas da madrugada, porque eu tava lá pro outro lado com o gado só que nesse dia eu vim pra cá. Aí quando foi umas 4 horas da madrugada aí começou cair, cair, cair, só ouvia o barulho, aí quando foi de manhã tava caindo pro lado de cima assim. [...] quando ela chegou lá na beira aí que arriou um pedaço assim que veio na beira do igarapé. Faz uma zoada muito feio. Aí ela saiu de lá correndo e chorando e ela ficou traumatizada uns dias. Aí quando nós vimos cair já que atingiu o igarapé, que caiu levou um pedaço da terra já lá perto da casa, aí eu me desesperei. (SOLIMÕES, 2018).

As terras caídas. É um fenômeno, que eu posso dizer assim que é, extraordinário, é um fenômeno que eu já vivi, já presenciei né? E que mete medo né? Mete medo na gente depois que a gente vê que vai se aproximando mesmo da situação mais próxima, que eu me recordo bem que logo depois que eu cheguei pra cá, vivenciei dois, dois fenômenos desse. [...] E o outro, [...] eu pude presenciar na hora que eu vinha do treino das 6 horas, eu vinha [...] umas 6 horas pras 7 horas e eu escutava o baque no fundo da terra,

aquele estalo: Tá! E eu olhava, digo não enxergava nada, até fiquei meio assim com medo, mas eu não vi nada e, segui adiante. Quando a gente tava aqui já pra dormir ou talvez já dormindo, a gente ouviu aquele zum, zum, zum e fomos perceber que lá onde eu tinha sentido aqueles estalos a terra tava indo embora tudo. Então é uma coisa assim que fica, fica assim marcante pra gente que vivenciou, que viu isso porque, de repente tá ali, uma forma e com poucas horas agente vê, tá tudo, bem dizer assim, destruído: a plantação, tudo né, já tá tudo embaixo, tudo foi engolido pela água, que a gente diz assim [...]. (TRACAJÁ, 2018).

O maior foi de terras caída né. [...] eu e o meu tio. Nós passamos por uma, pela uma mata, de canoa, a mata bem na beira, na beira né? nós no meio do rio [...] eu passei a dois minutos da mata [...] que eu olhei pra trás a mata ia sumindo. Tinha acabado de passar lá. E a mata ia subindo, ia embora. As árvores grande né? As matas iam sumindo e aquilo ia puxando a canoa pra trás, de volta. E eu com meu tio remando pra nós sair daquela situação. E conseguimos sair, e aquilo não saiu mais da mente porque se nós se atrasa, um pouquinho, meio minuto, eu não sei o que teria acontecido com nós. A senhora não imagina como é. E aquilo vai arriando lá, e forma um abismo, onde aquela terra vai arriando, se torna um abismo de água. Se forma um abismo de água. Um buraco, um buraco. Só que é grande, entendeu? E aquilo quando bate, vai, vai, vai que chega num certo ponto a água sobe, sobe de novo que fica um banzeirão dum lado e outro. E graças a Deus nós escapamos naquele dia. (JOSÉ, 2018).

Em todas as narrativas, é evidenciado o fato de que a experiência vivida com o fenômeno das terras caídas é marcante para os ribeirinhos. Nas falas de Mungubeira, Solimões, Tracajá e José, identificamos as dimensões perceptivas e estesiológicas do corpo ribeirinho. Na dimensão perceptiva, é notório que os relatos demonstrem o fenômeno das terras caídas como um desabamento de terras, conforme ilustram as Fotografias 35 e 36, na página imediatamente a seguir.

As fotografias mostram que o fenômeno é um evento de desbarrancamento de terras que ocorre às margens do rio Amazonas, coadunando-se com as afirmações de Freitas e Albuquerque (2012) e Carvalho (2006, 2012).

A dimensão estesiológica é percebida nas falas dos nossos interlocutores, que no ato da experiência vivida acionam os sentidos do ver e ouvir do corpo. Os ribeirinhos escutam os sons produzidos pelo evento e veem algo que parecia ser impossível. É inacreditável para eles verem árvores gigantescas sendo engolidas, áreas de terras, onde há poucos momentos se esteve, sumir num piscar de olhos. É estarecedor pensar que há poucos minutos, ou segundos, o ribeirinho passou em um determinado lugar que em segundos depois aquela área não existe mais. José inclusive destaca que, por pouco, não foi atingido pelo fenômeno, enquanto se deslocava de canoa no rio.

Fotografia 35 - Área atingida pelo fenômeno das terras caídas na Comunidade São Ciriaco do Urucurituba (1)



Fonte: Acervo nosso (2018).

Fotografia 36 - Área atingida pelo fenômeno das terras caídas na Comunidade São Ciriaco do Urucurituba (2)



Fonte: Acervo nosso (2018).

Em razão dos estímulos sensoriais do corpo, Solimões, Tracajá e José destacam o medo como a principal sensação, a experiência feita dimensão estesiológica do corpo. Observamos é que é latente o medo de perder a vida e os bens materiais. Vemos que os corpos que vivem essas sensações e emoções são despertados, primeiramente, pelos sentidos da audição e depois pela visão, causando impacto sonoro e visual, quando deparam ouvindo ou vendo o fenômeno das terras caídas: é o ouvir, olhar ao redor e ver que tudo o que se construiu ao longo da vida é susceptível de se acabar em instantes. Nessa situação, acontece uma possibilidade latente de a existência inexistir, de a vida se encerrar!

Essas experiências trazem a dimensão existência do corpo vivo anunciada na fenomenologia merleau-pontyana (ANDRIEU, 2014), holisticamente feito com dimensões perceptivas e estesiológicas, como defendido por Merleau-Ponty (2006; 2011, 2014) e Nóbrega (2014) e que evidenciam as faces visíveis e invisíveis da experiência vivida com o fenômeno das terras.

Vemos que o corpo que sente essas explosões cinestésicas por estar em interação com o meio, como destacam Maturana e Varela (1995; 1998), não fica inerte e nem aquém da situação, antes mesmo que o consciente processe os estímulos exteriores. Como afirma a teoria de Andrieu (2014) e Merleau-Ponty (2006, 2011), o corpo já agiu, nos gritos de socorro, em ações rápidas de salvamento, buscando salvar o que é possível... o corpo sabe! Ele se põe em movimentação, como expressam os depoimentos:

No começo assim, quando ela veio né, parecia assim divertido, uma diversão pra gente que via e ficava olhando, de repente, aquelas árvores imensas né? Thuuuh, ser engolida pela água, mas aí depois que a gente ficou observando e foi se aproximando principalmente da casa, aquilo já queria, foi, foi logo deixando todo mundo a flor da pele que não sabia o que fazia então, foi um período que a gente ficou até desesperado uma casa que a gente constrói ali uma semana, duas semanas de trabalho a gente tirou em umas quatro, cinco horas de trabalho né? Então a gente reuniu, a comunidade veio toda, a gente conseguiu tirar a casa. (TRACAJÁ, 2018).

Digo “rapaz, vai chegar aqui na casa, se não parar, aí que eu fui lá, aí na comunidade aí pedi ajuda e o pessoal veio quase umas 100 pessoas daí, aí nós metemos de escangalhar, destelhar, tirar tudo. Aí nos fumo tirando, mas aí quando nós começemo a trabalhar na casa aí foi diminuindo. Aí foi que nós tiremo a casa aí, aí parou né [...]. Desmanchemo, carreguemo tudo pra cá, foi tempo que nós construimos essa casa pra cá, mais ali na beira do igarapé. (SOLIMÕES, 2018).

Das falas de Tracajá e Solimões, verificamos que a estesiologia sentida no corpo situa este em movimento de forma estratégica e determinante para agir na situação, mobilizando nos ribeirinhos atitudes estratégicas para salvar vidas e bens materiais conquistados com anos de muito trabalho e esforço: o corpo sente e age. O corpo sabe! E ele sabe arrimado nas experiências que viveu, como discutiu Merleau-Ponty (2006, 2011), pois elas se agregam ao corpo que percebe e sente.

As experiências vividas com o fenômeno das terras caídas proporcionaram aos moradores percepções que geram um saber sobre ele. Assim, o conhecimento emergido daí concedeu aos ribeirinhos condições de buscarem estratégias para enfrentar a situação e permanecer na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, mesmo submetidos aos riscos de fatalidades. E, como vimos anteriormente, conhecer os sinais da natureza é resultado da interação do organismo com o meio. E Mungubeira nos orientou sobre esses sinais, quando estávamos no *locus*, fazendo o estudo empírico.

A senhora olhava assim professora, mesmo aí na beira, a senhora andar, se a senhora ver o partido pode sair de perto, que lá vai cair. Tinha parte assim que tava partido uns 4 dedo assim, aberto. Agente via [...] até próximo a casa a gente via aquelas rachona grande.

Esses sinais são visíveis quando há terras emersas, pois se torna possível ver as rachaduras no solo, que indicam aos moradores que ali onde a terra está assim ela irá desmoronar. No período das cheias, entretanto, as terras ficam imersas, e assim, é mais difícil perceber os sinais mencionados. Identificamos o fato de que os moradores temem mais o período de águas cheias, porque ficam impossibilitados de enxergar o chão. O relato de Mangabeira ilustra esta afirmação.

Quando a enchente é muito grande a gente já fica preocupado né, é porque a gente vê todo ao redor da casa da gente é água. A gente olha todo praí tá no fundo. Você não sabe como tá pelo, por, por dentro d'água né? Se tá caindo ou não. E quando tá a vazante pequena a gente vê que tá estourando terra, a gente vê. Agora quando tá, quando a enchente é grande é [...] ela é difícil a gente conviver assim, ter uma dormida boa, a gente se preocupa. A gente se preocupa mais assim com as terra, que a gente não sabe se tá caindo ou não, dentro d'água né, dentro, no fundo, a gente não sabe, como a gente viu se já caiu no fundo mesmo [...]. (2018).

No período de enchente e cheia, não se vislumbra todas as áreas de terra, o que torna impossível de ver as rachaduras no solo. Com essa situação, o medo e

preocupação se potencializam nos ribeirinhos, principalmente quando associados às chuvas fortes e temporais durante a madrugada, horário de maior perigo, pois é quando os moradores estão dormindo. É um tempo em que os ribeirinhos enfrentam maiores riscos, pois os sinais ficam invisíveis. O medo e a preocupação é de perderem suas vidas e seus bens materiais.

Como já mencionado nesta seção, os ribeirinhos possuem um acúmulo de saberes, pela historicidade das experiências vividas com o ecossistema de várzea, com as pessoas e, também, com uma rede representacional, como associações e sindicatos. Afinal, esses sujeitos não estão em isolamento em sua comunidade, estão interconectados com outras redes sociais. Possivelmente por essa teia que integra o amálgama de conhecimentos dos ribeirinhos, José expressa percepções sobre o que causa o fenômeno das terras caídas:

Mas eu, no meu pensamento, são três motivos, que as terra caída causa, são três motivos, e eu posso citar pra senhora que as terras caídas ela [...] a minha opinião, ela, o primeiro motivo é a força do rio, o segundo motivo é os banzeiro do navio que passa e o terceiro motivo é [...] a terra frágil. A terra da várzea frágil mesmo. (2018).

Como descrito na narrativa, José tem consciência de não saber as razões exatas que causam o fenômeno das terras caídas, mas percebe que é possível que seja ocasionado pela própria dinâmica da natureza e pela ação antrópica, convergindo com o entendimento científico de Freitas e Albuquerque (2012). Quanto à ação antrópica, alguns ribeirinhos pressupõem que o fenômeno das terras caídas está, decerto, atrelado a ações de desencalhe com bombas de navios cargueiros, como fala Mungubeira, ou na mudança de rota dos navios que passaram a navegar muito próximos à comunidade, como apontou Tracajá, em seus relatos:

Um tempo encalhou um navio mais ali a frente e quando foi a noite teve gente que sentiram aquela terra sacudir né? Tremar né? E logo depois, no dia seguinte, ou uns dias, aquele pedaço, arriou um pedaço grande né? E a gente percebia que foi por causa, por causa disso né? Daquela, aquele tremor de terra e a gente imaginou que fosse uma bomba, sei lá o quê que eles fazem pra abrir os canais né? E elas foram parar em outro local. E ali, teve aquele estrondo lá, logo depois, e cedeu aquele pedaço de terra. Não posso dizer que seja causado por eles mas, até agora eu acho que também ninguém conseguiu dizer da onde é, como é que acontece isso. (MUNGUBEIRA, 2018).

E a gente vendo agora esses navio começaram agora a passar tudo por aqui novamente, que já passava por aquele lado, e a gente já fica com aquele

receio porque a gente sabe que sem querer ou não o navio ele afeta muito pra esses acontecimento, não sei se devido a velocidade que ele passa ou o estrondo que ele faz, que é muito grande no fundo né ou se é simplesmente os navio coveteiro que passa fazendo os buraco, fazendo os canal né? E muita das vezes acaba atingindo outros, outras partes né? (TRACAJÁ, 2018).

As percepções dos corpos ribeirinhos em torno destas possíveis causas parecem ser convergentes entre vários moradores. No estudo empírico, observamos que vários moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba manifestaram em suas falas que o fenômeno passou a ser mais recorrente quando a rota de navios mudou da outra margem do rio Amazonas para o lado da margem onde está localizada a comunidade.

Essa percepção coletiva foi relatada em reunião, solicitada pelos ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba e ocorrida na própria comunidade, no dia 23 de agosto de 2018, à Defesa Civil, Marinha do Brasil, Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), 4ª Regional de Defesa Civil (REDEC) e Projeto Sapopema, a fim de encontrarem uma solução para amenizar esse problema. Solicitaram que as rotas dos navios fossem mudadas para a outra margem, usada anteriormente, com o argumento de que durante dez anos os navios usavam outra rota e não os prejudicavam. Agora, no tempo presente, com a volta dos navios a essa rota próxima à comunidade, o processo do fenômeno de “terras caídas” voltou a preocupá-los, conforme consta no relatório (ANEXO A) e na reportagem da SAPOPEMA, em que foram solicitadas medidas urgentes para o caso focalizado (BONFIM, 2018).

Identificamos os corpos ribeirinhos perceptivos, nessa situação, ao notarem mudanças no ritmo do fenômeno das terras caídas atreladas à ação antrópica, na mudança de rota dos navios. Nesse caso, o movimento foi de buscar ajuda e providências com as instituições mencionadas com vistas a uma solução para o problema. Além desta solicitação, como medida para minimizar os impactos dos navios, os moradores tinham previsões acerca deste problema, pois, como relata Mungubeira, é possível que existam equipamentos técnicos-científicos para analisar a área e preveni-los de um desastre ambiental:

Aí quando foi numa época, pelo tempo da, da seca, aí chegou, uma lancha lá no porto de casa [...] era da marinha... aí chegou essas três pessoa lá, era duas mulher e um senhor. Só que tinha uma corveta lá fora. Corveta é tipo navio, esses naviozinho que tem. Era uma embarcação. Tava no meio do rio, aí a gente viu essa lancha sair de lá. Aí ela veio, encostou, pediu permissão pra eles amarrarem lá embaixo do pau e a gente deu. E daí que ela falou:

“Olha daqui mais com uns 3 meses isso daqui vai desabar tudinho”. Eu disse: “Por que? Aí ela disse: “porque tá tudo oco por baixo, a gente terminou de fazer a pesquisa aqui.” Só que eu cismeí de eles tarem_soltando bomba ali naquele pedaço né? Arreentar, arreentar o canal pros navios passarem, porque navio encalhava aí eles vinham e arreentavam, certas hora da noite a gente escutava aqueles estrondo. (2018).

No relato, a moradora explicita que pessoas estiveram na comunidade e conseguiram prever aproximadamente em quanto tempo o fenômeno acontecerá, o que revela a existência de equipamentos que analisem a área e deem uma previsão do tempo que levará para desmoronar. Pensamos que numa comunidade, como a de São Ciríaco do Urucurituba, vulnerável a riscos de desastres ambientais, deveria ter regularmente o acompanhamento técnico de instituições que dessem informações mais precisas acerca do evento aos moradores, além de serem necessárias pesquisas que averiguassem se suas causas estão relacionadas somente à ação antrópica ou se existem outros elementos para sua causa, como fatores hidrodinâmicos, pressão hidrostática ou clima, como anunciam Freitas e Albuquerque (2012). Esses recursos, de iniciativas governamentais ou das universidades, ajudariam a evitar ou minimizar problemas de saúde, consoante já abordado, como também outros problemas sociais que passaremos a exprimir.

5.2.2 Consequências sociais do fenômeno das terras caídas e as razões para permanência dos ribeirinhos na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba

As experiências vividas com fenômeno das terras caídas também trazem consequências aos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, principalmente, àqueles que insistem em permanecer na comunidade. Ante este fenômeno factual, muitos moradores decidiram sair da comunidade, inclusive por outras razões, mas muitos outros permanecem, e sobre eles buscamos compreender como são afetados e as razões que os levam a continuar nessa comunidade, por meio da oitiva das vozes ribeirinhas, como a destacada a seguir:

Se caísse hoje, se atingisse aqui ia ficar difícil né, porque a gente não tem pra onde ir mesmo e [...] Porque quem mora aqui e tem uma casa na cidade, aí tudo bem né, - “não tem como ficar aqui eu vou me embora pra minha casa lá na cidade”, mas pra mim que não tem aí fica difícil. Mas quem sabe se daqui com mais um período eu não vou ter condição de comprar uma casa na cidade. É por isso que eu já tenho vontade de comprar mas, ainda não teve a condição. (SOLIMÕES, 2018).

Ao ouvirmos Solimões, conseguimos vislumbrar dois cenários, caso o fenômeno das terras caídas acontecesse na comunidade e atingisse as moradias dos ribeirinhos: a) para aqueles que possuem casas próprias ou de parentes próximos, na cidade de Santarém ou em outras localidades, a alternativa é se refugiar nesses lugares; b) para os que não possuem, a situação fica complexa. Vejamos, no relato a seguir, o caso concreto de Mungubeira, que foi atingida pelo fenômeno das terras caídas:

Aí nossa vida ficou assim: tinha a casa duma vizinha nossa que morava aqui né, e ela arranhou pra gente; aí uma das minhas filhas com as meninas foram pra Campos né, que a sogra dela mora pra lá, aí só que a, era assim a convivência, ela passava a noite lá, ela passava e eles vinham embora pra cá, aí a gente foi pra Santarém, aí começaram a armar uma casa pra gente ali, aí quando a gente chegou de lá a gente veio já pra essa casa [...] O que passava na minha cabeça, a gente na dormida, a gente dormindo e isso acontecer, perto da gente né? Agente fica, tipo, eu não sei. A gente ficou tipo com trauma desse tempo, depois de tudo aquilo que aconteceu. Porque olha, a senhora já pensou a senhora ver com seu próprio olho e ficar botando “sim mas, se os meus filhos estivessem todos dormindo e as terra tivesse caindo e a casa tivesse caindo?” Caisse sem nós ver? Tudo isso eu pensava. (2018).

A fala de Mungubeira retrata a perda dos bens materiais, como a casa, imediatamente após o acontecimento do fenômeno das terras caídas, ficando evidente que sua família ficou desabrigada, sendo necessário ser abrigada na casa de vizinhos e filhos(as) que moram em outra localidade. Mesmo não estando explícito nessa fala, houve perdas de áreas cultiváveis e curral do gado, dentre outros de valor material e simbólico.

Em ultrapasse aos danos materiais imediatos, o discurso de Mungubeira explicita outros impactos socioambientais provocados pelo fenômeno das terras caídas, trazendo a face simbólica e imaterial que afetariam a dimensão psicológica dos sujeitos, tais como: a) conviver com a separação familiar, mesmo que temporariamente; b) adaptação ao novo ambiente em que foram acolhidos, pois os membros da família foram acolhidos em diferentes casas (de parentes e vizinhos), alguns permaneceram na própria comunidade, outros deslocados para outras comunidades vizinhas, outros para a cidade de Santarém, até que conseguissem reconstruir outra casa.

A narrativa de Mungubeira nos leva a compreender que as situações estressantes vivenciadas com os fenômenos das terras caídas não ficaram apenas em suas memórias, pois continuam latentes no cotidiano das pessoas, incluindo caso

de moradores com traumas psicológicos. É o que sucede com uma de suas filhas, com quem convivemos durante o estudo empírico, que estava em acompanhamento psicológico por haver experimentado o fenômeno das terras caídas e ter tido a experiência com a morte de uma pessoa que estava navegando no lago e foi surpreendida com um temporal seguido de raios. Em uma de nossas idas ao *locus* de estudo, vivemos juntos com os moradores um “acidente” em que as baidaras se chocaram no rio e essa filha estava conosco. Nessa situação, presenciamos o estado de mal-estar por que ela passou, em razão da possibilidade de a embarcação afundar e lhe aportarem à memória outras vivências como esta.

Nesse contexto, identificamos também a dimensão estesiológica do corpo, sendo essa uma experiência que evoca uma série de circuitos internos nos corpos ribeirinhos pelo medo de perder a própria vida, de um ente querido e dos bens materiais que adquiriu com muito trabalho, dimensionada de maneiras distintas nas individualidades. Além disso, tem curso a dimensão perceptiva e de movimento dos corpos, que vivem a situação, as enfrentam e buscam soluções para os problemas surgentes.

Ante essa narrativa última e de outras que ouvimos nas observações empíricas, percebemos que o fenômeno das terras caídas traz prejuízos materiais e imateriais aos moradores dessa comunidade. Vejamos o exemplo de Mungubeira que foi atingida pelo fenômeno das terras caídas em 2010, ano em que vários moradores relataram a ocorrência do evento na comunidade, e precisou reconstruir sua casa e reaver ou reorganizar seus bens perdidos.

Aí a gente fez um empréstimo em dinheiro do tempo que o Lula com a Dilma tavam mandando esse dinheiro pra beneficiar os pescadores e os trabalhador né? Aí a gente foi pro banco, veio o nome da gente, de lá com esse negócio do Incra né, veio o nosso nome, daí que aproveitei, com esse dinheiro que a gente construiu essa casa aí. (2018).

A família de Mungubeira foi atingida duas vezes pelo fenômeno das terras caídas, de um e outro no intervalo médio de seis meses. O primeiro atingiu a área da casa e o segundo a área onde ficava o curral do gado. Para refazer sua casa, Mungubeira conseguiu auxílio financeiro de uma política pública nacional do Governo federal. Com este apoio, logrou se restabelecer e permanecer na comunidade.

Segundo os estudos de Fonseca, Souza-Filho e Aguiar (2017), há uma projeção de que a área onde está situada a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba

terá perdas significativas das extensões terrestres e, conseqüentemente, atingirá os seus moradores. Com esteio nesse e noutros estudos, os governos municipais e estaduais deveriam se antecipar e planejar ações de reordenamento territorial para essas pessoas. Além disso, percebemos a necessidade de elas terem mais informações acerca do fenômeno, pois ele tem sido compreendido como certa naturalização por parte dos moradores dessa comunidade.

Na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, este fenômeno tem acontecido em períodos diferentes do ano, e quando ocorre leva um intervalo de vários meses ou até anos entre um evento e outro, como no exemplo a seguir, em que a área residencial do grupo familiar de Tracajá teve recorrência.

Não, eu digo que acontece assim, por período, por partes né? Aqui, por exemplo, aqui que tirou a casa né, foi num período né, foi num ano. E, pra cá mais... (pro lado do vizinho), digo que foi com uns dois ano eu acho [...] Mas ele vem sempre assim de períodos diferentes né? [...] Então é coisa que acontece assim de parte né, graças a Deus. Não é aquilo de chegar assim, só duma vez né? (TRACAJÁ, 2018).

Arrimada nas narrativas anteriores, notamos que o fenômeno das terras caídas ocorre abruptamente, porém, depois que ele cessa, leva um tempo até que ocorra novamente na mesma área ou em outras da comunidade, como é o caso da fala de Tracajá. Esse tempo entre um evento e outro é captado pelos corpos perceptivos ribeirinhos, o que leva Tracajá a perceber que há um tempo para ele acontecer. Isso, de certa maneira, produz uma segurança sobre se haverá tempo para salvar a si e os bens. Além disso, tal se reflete, inclusive, quanto à distância das casas dos ribeirinhos em relação à margem, como no seguinte relato:

[...] devido a distância que a gente mora pra cá, um pouco distante né, graças a Deus, já teve de acontecer essas terras caídas, esses fenômeno grande, mas não foram assim de distância que nem a gente tem agora aqui, daqui pra beira né, então posso dizer que isso não me deixa medo né de conviver, mas a gente fica sempre, sempre, já digo, com a pulga atrás da orelha, de olhos sempre atentos, pro caso de um dia a gente tá ali por perto e isso vir a acontecer né. Por isso a gente mora longe da beira. (TRACAJÁ, 2018).

Compreendemos da fala de Tracajá e das observações realizadas *in situ* que as casas ribeirinhas são construídas o mais longe possível da margem do rio Amazonas, para não serem atingidas pelo fenômeno das terras caídas. Esta é mais uma realidade a reforçar a dimensão do corpo, que percebe os perigos de morar muito

próximo da margem e age estrategicamente construindo casas longe da margem do rio. Além disso, dá força à ideia de que o corpo estesiológico, ao sentir medo de perdas materiais e imateriais, também se movimenta preventivamente.

Por outro lado, essa ação preventiva dá aos ribeirinhos uma margem de “segurança”, razão por que as pessoas não estão excessivamente preocupadas, elas vivem diariamente como se não houvesse qualquer risco, porque os episódios do fenômeno na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba não aconteceram subitamente. Com supedâneo nessa constatação, entendemos que morar longe da beira do rio é também uma estratégia que margeia a segurança de salvamento, mas nem todos os ribeirinhos têm essa opção, pois há casos em que não existem maiores extensões de terras entre o rio e as casas. De um lado, o rio Amazonas avança e de outro o lago está muito próximo, como é o caso de José (2018) “[...] o rio passa bem aqui próximo né? Amanhã, nós não sabemos se vai dar umas terra caída que ela vem aqui buscar a casa”⁶⁵.

Percebemos, à extensão das narrativas desta seção, que recorrer às estratégias para coexistir e sobreviver na várzea é muito frequente, e, como resultado disso, os ribeirinhos se acostumaram com a realidade de encontrar sempre soluções para os problemas ambientais naturais característicos do ecossistema de várzea. O mesmo acontece com o fenômeno das terras caídas. O fato de ocorrerem diversas situações interconexas à sazonalidade que condicionam os ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba a um processo de rupturas e mudanças, os leva um recorrente “recomeçar”. Tudo isso tem base nas situações previsíveis e imprevisíveis decorrentes da natureza, quer sejam pelas condições sazonais do ambiente ou extremas, como o fenômeno das terras caídas, que os conduzem ao recomeço contínuo, como refazer as plantações, o pasto para o gado, a casa atingida pelas terras crescidas e caídas, dentre muitos outros, além do risco de afetação da saúde e de morte iminentes num temporal, navegações no rio e exposição a animais perigosos.

Com isso, recomeçar a vida na várzea e estar em perigo, ao nosso ver, se naturaliza e impede que os ribeirinhos percebam que há problemas muito maiores envolvendo o fenômeno das terras caídas. Vejamos como isso se manifesta nas narrativas a seguir.

⁶⁵ A área de moradia deste interlocutor está localizada próxima à Comunidade de Fátima de Urucurituba.

Eu tô com 30 anos morando aqui e ainda tem terra. E eu acho que, se for cair toda essa terra, mas eu acho que ninguém mais tá aqui pra ver porque eu já tô 30 anos morando aqui, o pessoal vem falando que ia cair ainda tem muita terra, ainda tem muita gente morando aqui. Não sei, tá na mão de Deus né? [...] Aqui na várzea todo tempo tá começando. Começa num período e tem que terminar num, num outro período. Aí na época da vazante começa de novo. É como eu tava dizendo, dessa enchente agora que nós temo passando, essa enchente foi boa, foi pequena, as planta tão tudo aí... Mas quando vai pro fundo mesmo, tudo aí se acaba tudo. Não tem como. Tem que ir se acostumando assim. (SOLIMÕES, 2018).

A gente tem que fazer que isso não vai acontecer. Tentar não pensar. Tentar não pensar. A gente sabe. A marinha mesmo já disse que aqui vai cair, vai se acabar. Não sei pra quem mas essa conversa já chegou na nossa comunidade, não sei se isso é verdade, mas ela já fez um estudo dizendo que vai acabar. Então se nós fosse, metesse cabeça, nós não tava mais aqui. A gente... vive na coragem, se acostumando, com essas aventuras. [...] Esse é um pouco daqui do, do, do povo, ribeirinho, dizem que qualquer hora e momento ele passa por uma aventura na vida dele. Porque que eu digo aventura? Porque nós tamo atravessando ele. Todo dia quase nós tamo precisando dele ai nessa beirada. Todo dia, todo dia a gente vai em Santarém, a gente não sabe se vai alagar ou não, entendeu? Nós tamo, nós estamos acostumados a passar por essas situações. (JOSÉ, 2018).

Solimões ouviu diversas vezes que as terras da Comunidade São Ciríaco irão desaparecer, mas, como ele mora há trinta anos nesta comunidade, tem dificuldade de acreditar que isso se torne realidade mesmo, tendo perdido parte das terras de sua propriedade. A fala de Solimões ainda externa que viver na várzea é recomeçar o tempo todo e tem que ir se acostumando com essa situação. José também partilha da ideia de Solimões quanto a se acostumar, acrescentando que viver na várzea é uma aventura, além de tentar ser necessário abstrair a realidade, fingindo que o fenômeno não irá acontecer.

Esse estado de naturalização mostra como o problema do fenômeno das terras caídas, que oferece riscos latentes de desastre ambiental, está sendo tratado de forma naturalizadamente pelos ribeirinhos dessa comunidade. Assim, esse “acostumar-se” revela que os riscos são naturalizados, sendo este um fator que justifique as razões de permanência dos ribeirinhos na comunidade estudada.

Essa persistência parece decorrer da transcendência do processo de naturalização do vivido na sazonalidade para o vivido com o fenômeno das terras caídas, e ser uma das primeiras razões de permanência dos ribeirinhos num lugar que externa riscos ambientais, porém, isso os colocaria em situações de risco e geraria problemáticas sociais. Na narrativa a seguir, emergem outras razões que indicam a permanência ou abandono da comunidade:

É porque é uma convivência que a gente tem e quando eu me dou num lugar é difícil, a gente... a gente sair pra outro lugar né? Eu aqui, durante eu tá aqui, convivo junto com as minhas filhas e às vezes eu digo assim “Vô comprar um terreno em tal canto e vou me embora e vocês vão ficar!” Não. Se eu comprar e sair elas tem que irem junto comigo. Aí por isso que a minha convivência com elas é assim. Não saio por causa delas e o costume aqui também né, que tem o peixe, a gente pode criar né, criar galinha, nós tem o ovo, quando não tem o peixe. Eu acho que eu gosto porque tudo é fácil aqui pra gente né, peixe, das galinhas, dos bicho que a gente cuida, cria. Tudo é fácil pra mim, sobre o ganho. [...] Esse lugar [...] Ele é tudo pra mim. É tudo porque eu criei as minhas filhas aqui, eu tive elas né, e eu criei, eu já tô adquirindo o que eu nunca tive, adquirir, e eu tô adquirindo. E é assim. (MUNGUBEIRA, 2018).

O discurso de Mungubeira revela que sua conexão com o lugar está intimamente ligada ao elo familiar, de modo particular porque foi onde criou suas filhas e constituiu sua vida, assim como seus(as) filhos(as). Nesse contexto, percebemos que o lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba tem muitos significados culturais e pessoais para Mungubeira e suas filhas. É o lugar onde construíram suas casas, adquiriram seus bens, sobreviveram dos recursos naturais à mão. Além disso, a várzea é o lugar onde estão expressos seus costumes, seus modos de vida, como sobrevivem. Ou seja, existe na relação ribeirinho e mundo das águas uma historicidade. Tendo isso em vista, percebemos na vida de Mungubeira um movimento, no curso de sua vida, de buscar morar em lugares com as mesmas condições ambientais do lugar onde ela nasceu, cresceu e depois se casou, como está ilustrado na seguinte narrativa:

E de lá do Iquara a gente veio pra Santarém. Aí a gente veio, passou uns tempos em Santarém, só que a gente não morava em Santarém mesmo, morava no Itituba, ele parava mais pra lá, aí de lá pra cá que a gente veio pra cá. Pra cá pro São Ciríaco. [...] É terra firme lá. Só que tem parte que ficava em beira-mar também. Onde eu convivi mais com ele era beira-mar. [...] Como a gente vive aqui, na beira do Amazona né? Próximo do rio [...] Aí a gente conviveu assim, mas a gente parava mais na beira do rio, mas na terra firme. (2018).

Num dos lugares mencionados por Mungubeira, Iquara, ela viveu bastante tempo, nele há áreas de várzea e terra firme e fortemente a convivência com a beira-mar, ou seja, com o rio. Essa conexão com a beira-mar indica que o seu contexto de vida esteve de alguma maneira atrelado ao modo de vida com o “mundo das águas”. Nessa história de vida, fica evidente o fato de que ela teve experiências com a vida nas cidades de Santarém e Itituba, mas suas vivências estiveram muito mais interconectadas ao “mundo das águas” e por isso ela retorna para um lugar, a

Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, com características ambientais próximas à de Iquara e, principalmente, próximo ao rio. Em relação a Solimões, ocorrem também similaridades, conforme notamos agora:

Eu nasci em Santarém e fui criado no interior... O lugar onde eu fui criado era Iquara. É um lago central que tem lá, era uma fazenda que tinha lá. Eu saí de lá com 25 anos. Aí vim morar pra cá, pro Urucurituba. E lá é terra firme? Terra firme e várzea né. É diferente daqui que daqui pra gente chegar na terra firme tem que ir de barco. E lá não, no verão é emendado várzea e terra firme. (2018).

Aqui é bom. É a mesma coisa que lá onde eu fui criado. Lá onde eu fui criado era muito bom também. Lá tinha de tudo, lá eu fui muito bem criado, questão de fartura né, peixe, carne, o papai tomava conta de uma fazenda lá e ele tinha ordem do patrão dele de todo mês matar uma rês pro custeio lá da fazenda. Então eu fui muito bem criado nesse ponto e depois que eu fiquei adulto e comecei a trabalhar com ele e sempre na fartura. Eu achava que se eu saísse de lá eu ia passar mal, mas graças a Deus depois que eu, eu dizia “mas quando, eu, eu não me acostumo noutra lugar a não ser aqui porque eu fui criado aqui”, mas hoje eu nem, penso lá, eu sei que era bom mas, nem tem como voltar também pra lá. Eu não tenho vontade de sair daqui pra ir morar pra outro canto. A não ser que seja uma proposta muito boa né? Mas se não tiver proposta eu não tenho vontade de sair daqui por causa que aqui eu construí minha família, meus filhos nasceram tudo aqui, eu perdi um filho aqui e o resto foi criado aqui e veve aqui e é por isso que eu tenho amor aqui. Eu acho que esse significado é do meu trabalho porque eu já trabalhei muitos anos. Um trabalho duro, um trabalho muito suado mesmo. Eu acho que é pouco mas já significa alguma coisa né? Já lhe disse, eu gosto porque aqui que eu criei meus filhos, tô vivendo até hoje, já passei por esses momentos difíceis, mas a gente vai levando. (2018).

Solimões também morou em Iquara, lugar com semelhanças ambientais à Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. Ele tem uma trajetória de vida similar à de Mungubeira. Em ambos, é nítido que o modo de vida está intrinsecamente conectado ao “mundo das águas”, um ambiente propício para sua sobrevivência. Diferente de Mungubeira, ele externa estar disposto a estabelecer rupturas e abandonar esse lugar se necessário, e se houver oportunidades. Apesar de não estar explícito em sua fala, compreendemos que ele está disposto a partir para outro lugar, mas que ofereça condições de sobrevivência ou fonte de trabalho e renda. Ele deixa, todavia, em evidência a noção de que, por vontade própria, não sairia, pois a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba representou e ainda representa para ele um lugar de oportunidades: por ter adquirido, com muito esforço e anos de trabalho, seus bens materiais, como casa, embarcações, dentre outros; e por ter constituído sua família. Na história de vida de Tracajá também identificamos similaridades:

Eu nasci e cresci em outro lugar. Aritapera. Sempre morei na várzea. Eu já vivi em diversos locais sem ser aqui, já passei mais de um ano em Santarém. Nesta comunidade eu já estou com doze anos. (2018).

Eu acho que pela minha família, pelos meus sogros, também pelos meus amigos. Então, como eu tava lhe falando ainda agora, eu parei um período lá em Santarém, o qual eu tinha um emprego né!? Emprego é tudo, e, simplesmente eu deixei, deixei acontecer de eu ser demitido, por causa disso. Era um período que era difícil. Eu vivendo pra lá e a família toda pra cá né. E a minha esposa num, não foi né. Ia sempre, passava uma semana, mas voltava de novo por causa das meninas que estudavam aqui. Então a gente tava até pensando em fazer uma casinha, a minha irmã cedeu um pedaço de terra pra gente fazer uma casinha, mas na hora, a gente já tava quase construindo a nossa casinha, quase comprando o material pra construir nossa casa e, ela, simplesmente ouviu, viu umas coisas, a qual marcou, marcou pra ela, ela ficou sem forças pra deixar os pais dela né? E a gente acabou retornando. Mas, eu posso dizer que é um local bom da gente viver, um local que a gente se diverte, vai e volta pra casa assim sem que nada aconteça, dependendo da situação que a gente, que a gente esteja metido. Mas, se a gente não mexe com alguém, ele também, pode ser até que ele mexa com a gente, mas a gente não. E é diferentemente de outro local, da cidade, por exemplo, se a gente for em algum local pra gente se divertir a gente vê que tem muitas pessoas que chegam do nada pra acabar com a diversão da gente. Mas, isso aqui não tem acontecido e também é um local tranquilo, é um local na qual, eu posso dizer que se a gente precisar dum alimento a gente vai ali no lago, ou a gente vai por aqui a gente já consegue né? E a gente saindo por exemplo, eu saindo, deixando a minha comunidade hoje aqui, pra ir morar em Santarém, em tal bairro, sem nem um conhecido, sem nem um parente, sem nem ninguém por perto então, eu acho que posso dizer, dessa forma que eu me relato, que a gente tem as coisas fáceis aqui. Porque eu sei que sair daqui pra um outro local se tornam muito mais difíceis. Porque eu simplesmente só saí daqui pra morar lá em Santarém porque eu já tava com meu emprego garantido. Então acho, foi por isso mesmo que eu saí daqui. Mas aí já ia construir minha casinha lá, mas não deu certo então, pra cá né, então seria o meu local né, o qual eu construí minha família e aqui a gente vai viver aqui até o dia que Deus permitir. Assim em outro local, na cidade, se a gente não tiver o recurso, que é o dinheiro a gente fica lá chorando de fome, vendo até o filho ou filha, fica lá porque a gente não tem. Mas, aqui, graças a Deus não, aqui, se a gente não tem a gente vai por ali e consegue uma fruta, principalmente, agora que tem banana, por exemplo, a gente já consegue, a gente já consegue produzir o nosso próprio alimento que é a farinha, então posso dizer que aqui é um local que eu vejo que depois que não deu certo essa minha ida pra Santarém, eu acho que é o local que eu vou permanecer pra sempre se Deus permitir que não aconteça nada. Então, se chegasse um dia, alguém chegar e falar isso, que a gente vai ter que sair daqui eu, eu eu era um daqueles que poderia até resistir, enquanto eu não tivesse a garantia que no outro local seria um local de proveito, igual a gente tem aqui, um local na qual, a gente saísse daqui simplesmente com um emprego nas mãos. A gente poderia até aceitar de uma forma diferente, mas, de uma certa forma que a gente já viu nossos companheiros ali de baixo [Comunidade de Fátima]], simplesmente deixar suas casas, já digo sem, sem ter nada e sair pra um outro local. Não sei não... Porque até mesmo lá, muitos resistiram e muitas pessoas ainda moram lá, umas sete famílias ou mais, por causa disso. Por que aqui as coisas são fáceis, como eu posso dizer assim, pra gente. (2018).

Percebemos que Tracajá, ao falar sobre sua trajetória de vida, também passou por lugares, interconectado ao “mundo das águas”. Ele nasceu, cresceu e

estabeleceu sua vida adulta no ambiente de várzea. Teve oportunidade de se fixar na cidade de Santarém, quando conseguiu um trabalho, inclusive de começar a construir uma casa, mas, por não se identificar com o ambiente urbano, ele preferiu retomar a vida na várzea, onde estava parte de seus familiares. Além dos laços familiares, ele destaca ainda sua rede de amizades que, para ele, são vínculos importantes e possuem suas simbologias afetivas. Tracajá também considera a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba um lugar tranquilo, de baixa criminalidade, se comparado a Santarém.

E semelhante aos casos de Mungubeira e Solimões, a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba também foi e ainda é um lugar de oportunidades, quer seja de sobrevivência, de constituição familiar e de construção de seu patrimônio, que possui valores simbólicos e imateriais.

Há nesse lugar os recursos naturais que lhe dão condição de sobrevivência e não passar fome, situação que seria diferente se ele morasse na cidade, que exige que as pessoas tenham o recurso financeiro para comprar os alimentos, enquanto que nessa comunidade eles plantam, colhem, criam animais, pescam, coletam e não passam fome. Este aspecto é crucial para Tracajá aceitar a possibilidade de deixar essa comunidade, pois, para ele, é importante mudar para um lugar onde acesso à natureza e continuar desenvolvendo os saberes ecológicos que aprendeu na várzea.

Identificamos nas narrativas de José perspectivas semelhantes às de Tracajá:

Nasci e cresci. Eu moro na casa do meu pai e da minha mãe e eu sou cadastrado na, no plano do agente de saúde aqui como uma família, porque eu vivo aqui, com meu pai e minha mãe, mas eu tenho filhos, fora da comunidade [...]. E eles tão lá na outra comunidade e eu tô aqui. Morei, na comunidade de Saracura, 11 anos. (2018).

É porque tem na minha comunidade do que eu sobreviver. Aqui é um, [...] a terra oferece condições de você plantar, tem águas pra você pescar, pra você sobreviver de uma forma não boa mesmo mas, e eu me orgulho, me orgulho da minha comunidade porque eu vivo nela. Primeiro que, se tu sair, antes de tu sair tu já começa a pensar “do que eu vou sobreviver lá em tal lugar?”, entendeu? Como vai ser lá se eu for pra lá. Porque se eu for pra lá, mas aqui tem esses fenômeno da natureza mas eu sei fazer as coisas aqui pra mim sobreviver, entendeu? É meio que uma aventura viver aqui. Mas você tá lá porque você gosta. Mas você corre... Não, acho que tem uma palavra que ela, ela, ela, ela é a chave disso. É o amor. [...] O amor, o amor de você morar aqui, de viver aqui (silêncio demorado). Eu vejo isso, porque, como nós já conversamos a respeito disso. A minha família, meus pais que tão aqui, meus pais. Tenho irmão aqui, entendeu? É, o que eu faço pra mim sobreviver, o que eu passo pra mim viver na minha comunidade. A paz, que tem, as amizades, as colega, as colegagens, as colega, é.... (pausa longa pra pensar)

a alegria né? que eu vivo aqui. Significa muitas coisas boas que eu vivo aqui. Tenho orgulho, da minha comunidade porque eu trabalho por ela, eu não ganho dela, da comunidade. Porque eu ganho do meu direito, não da minha comunidade. Então por isso que eu tenho que ter orgulho aonde eu moro porque aonde eu moro existe o peixe, existe a planta, existe pessoas, existe ar, existe água. Então tudo isso, eu dependo disso. Significa isso, viver bem. E eu gosto também porque tem lazeres na comunidade, tem as igrejas que eu também sempre participo das igrejas, tem as escolas, tem as reuniões que eu também participo, ou seja, não é gostar cem por cento, mas eu gosto, da minha comunidade. O quê que é o lazer de vocês aqui? Tem as festa né? Que é dos clube, feito pelos clube. As festas sociais. Tem a festa religiosa do santo também, que são o lazeres também. Aqui na nossa comunidade tem condições de buscar o conhecimento, o estudo hoje em dia já tem o modular , mas antigamente no meu tempo tinha até [...] o quinto ano. [...] Olhe, se eu for pra, pra dentro de uma Santarém eu vou pagar [...] Eu sei que aqui pra mim ter, eu vou pagar a energia. Se eu for pra dentro de Santarém eu vou pagar energia todo mês, não sei quanto. Aqui eu não vou pagar energia, mas eu vou ter que comprar um combustível pra mim poder ter energia, entendeu? Então pelo um lado, eu olhando, eu vejo que isso, é, eu saio ganhando, por eu não pagar energia. Mas eu sei que eu vou ter que... A água eu não gasto. Eu não gasto dez reais por mês. Aqui nós gastamos dez reais por mês pra nós ter água à vontade, água a disposição, então, isso eu gosto. Isso eu gosto. Outra coisa que eu gosto é da, do que a natureza me dá. Você tá ouvindo? Só que você não vê, tá vendo esse passarinho, entendeu? Esse ar que nós respiramo. Isso são as coisas que eu gosto. São umas das coisas que eu gosto. [...] Porque se eu sair daqui pra uma, pra outro lugar, por exemplo, pra Santarém, é muito difícil porque tenho estudo baixo, mais difícil fica, entendeu? Então tinha permanecer aqui porque eu sabia que ia passar aquela dificuldade. Ia passar, e eu sei o tempo que ela ia passar. (2018).

Assim como Mungubeira, Solimões e Tracajá, José também teve sua historicidade conectada à vida ribeirinha na várzea, ou seja, com o “mundo das águas”, mas teve experiências na cidade e percebeu que os modos de vida nesses lugares são distintos. Em todas as narrativas, identificamos que os sujeitos tiveram experiências com o mundo urbano, na cidade de Santarém, mas não se identificaram com a natureza do ambiente, pois a vida do ser humano urbano é distinta em relação ao tempo ecológico, é o movimento cíclico das águas que são suas referências.

Na cidade, por exemplo, José pontua, assim como Tracajá, que a sobrevivência cotidiana é regida pela condição econômica das pessoas, precisa ter o dinheiro para se alimentar, vestir e custear outras necessidades como pagar energia elétrica, por exemplo. Ambos destacam que, para se manter na cidade, é necessário um emprego ou trabalho que gere renda para custear as necessidades básicas. José evidencia que ter estudo é um prerequisite para se ter emprego no meio urbano, exigência que ele não atende, logo, haveria dificuldades para ele se manter na cidade; ao comparar os modos de vida urbano e ribeirinho, percebe ainda que o custo de vida na várzea é mais baixo do que o da cidade.

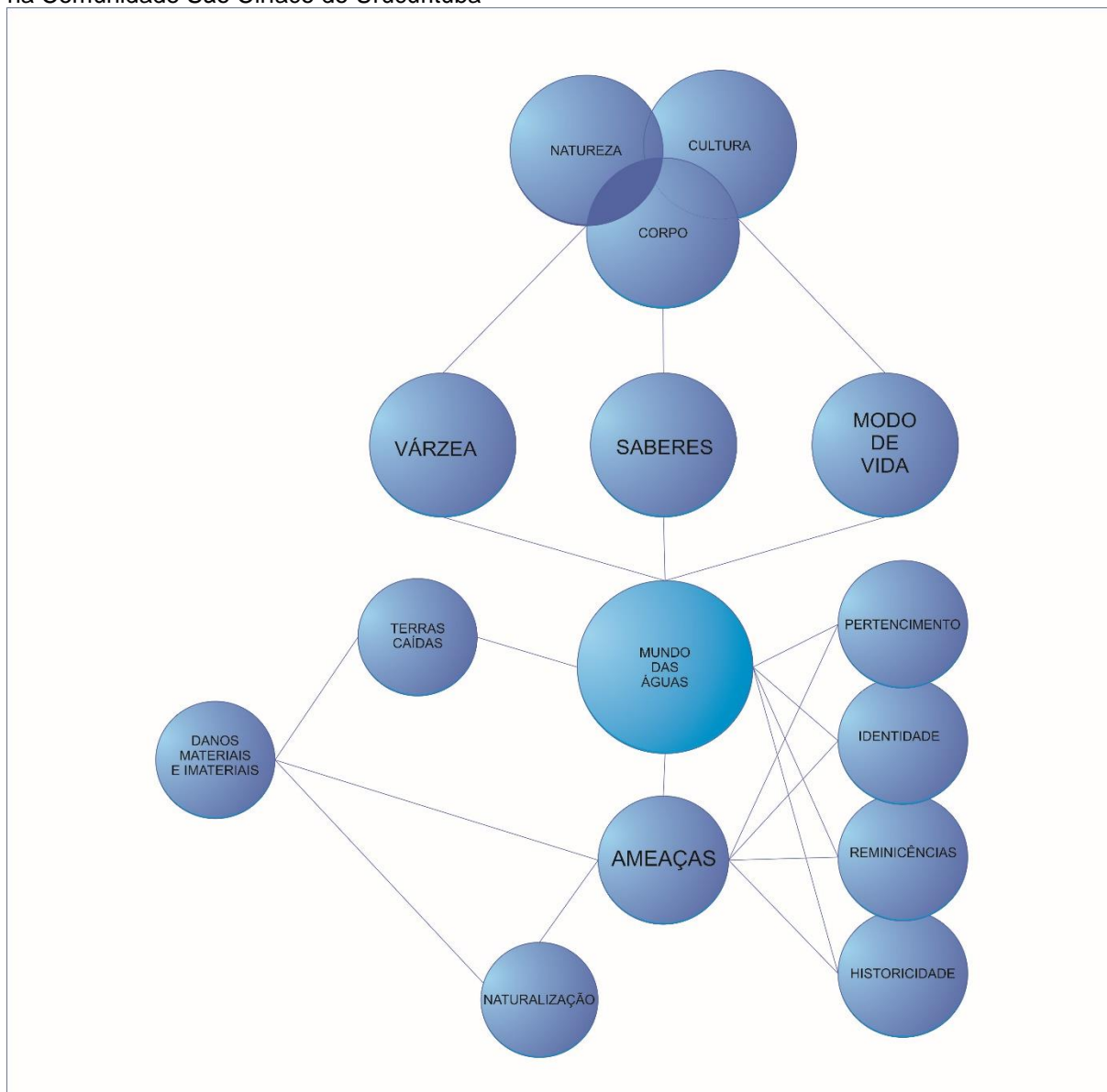
Por outro lado, José e Tracajá percebem que a vida na várzea não tem a mesma relação de dependência com o dinheiro, sabem que precisam dele, mas a sobrevivência não depende exclusivamente dele porque existem à disposição os recursos naturais: o rio para pescar, a terra para plantar, a mata para caçar e coletar. Ou seja, ambos compreendem que o dinheiro tem graus de dependência e importância nos dois modos de vida.

Por essa percepção, Tracajá, possivelmente, deixou que seu processo de demissão do emprego na cidade ocorresse, pois escolheu consciente e livremente viver o modo de vida do “mundo das águas”. O fenômeno das terras caídas, entretanto, é um fato que submete a xeque o seu modo de vida com o “mundo das águas”. Talvez, por isso, ele afirme que se o fenômeno viesse a acontecer novamente no tempo presente e houvesse emprego ou oportunidades, ele deixaria a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. Deixa claro, porém, que, enquanto houver possibilidades, ele resistirá em permanecer nesse lugar, assim como ele tem visto ocorrer com alguns de seus conhecidos que são moradores de Fátima do Urucurituba, que ele menciona ainda morarem nessa comunidade afetada pelo fenômeno das terras caídas. José, por outro lado, não tem o mesmo pensamento, pois se sente inseguro em se mudar para outro lugar desconhecido onde ele não terá noção de como será sua sobrevivência. Percebemos nessas narrativas uma questão pessoal e interna desses ribeirinhos, que também devem ocorrer com os demais: permanecer na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba e ficar vulnerável aos riscos socioeconômicos e ambientais do fenômeno das terras caídas; ou abandonar esse lugar e perder suas reminiscências e identidades com esse “mundo das águas”.

O modo de vida é constituído na interface das experiências vividas dos corpos ribeirinhos com a natureza. O corpo do sujeito consciente e aprendente transborda de sentido ao expressar sua ontológica característica de viver na várzea amazônica. Percebemos que há um pertencimento ao “mundo das águas”, por isso, os sujeitos não se adequaram ao modo de vida urbano que é totalmente distinto da várzea, então, escolheram fixar-se na várzea, o lugar que lhes concede condições de exercer a profissão de pescador, agricultor, agente de saúde, trabalhadora do lar. Na várzea, a água é do rio, a subsistência é extraída dos próprios recursos naturais disponíveis e as atividades são desenvolvidas com o uso da terra. É o lugar onde expressam seus os saberes ecológicos.

Com arrimo nas descrições e análises das experiências vividas em toda esta seção, identificamos outro aspecto importante: a sazonalidade, de um lado, revela um modo de vida com o “mundo das águas”, que refletem identidade e pertencimento dos ribeirinhos com a várzea; o fenômeno das terras caídas, de outro, é o elemento ameaçador da perda do lugar e identidade constituídas. Considerando isto, trazemos o Esquema 7, com a segunda síntese da análise nomotética.

Esquema 7 – Síntese Nomotética sobre as experiências vividas com o fenômeno das terras caídas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba



Fonte: Elaboração própria (2020), com base nas narrativas dos ribeirinhos (2018).

Nesse esquema, recobramos elementos fundantes da síntese nomotética acerca das experiências vividas com sazonalidade. Destacamos o entrelaçamento

das categorias centrais corpo-natureza-cultura, cujo Mundo das Águas é delas a intercessão.

O corpo é constituído dos próprios ribeirinhos, que desenvolvem saberes ecológicos, ao interagirem com a natureza, que é a várzea, cuja cultura se revela no Modo de Vida expressada na relação com o Mundo das Águas que emana pertença, identidade, reminiscência e historicidade.

A várzea da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba é atingida pelo fenômeno das terras caídas. Ele traz danos materiais e imateriais, bem como ameaças aos ribeirinhos desse lugar. Para aqueles que permanecem nessa comunidade, esses danos são naturalizados porque se acostumaram com mudanças, rupturas e sempre recomeçar a vida na várzea em decorrência das diversas situações que emergem sazonalidade.

Nessa contextura, compreendemos que o fenômeno das terras caídas é um elemento ameaçador para os ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba: de um lado, ele força a saída de muitos ribeirinhos, que abandonam esse lugar e vão para a cidade ou para outras localidades; de outro, os que decidem permanecer na comunidade, que ficam suscetíveis aos riscos socioeconômicos e ambientais e correm o risco de a qualquer momento perderem suas referências - pertencimento, identidade, reminiscência e historicidade - com o “mundo das águas”.

Notamos que as mudanças e rupturas recorrentes levam os ribeirinhos a um processo de naturalização, em virtude de vários eventos vividos, resultando num *continuum* de estar sempre recomeçando. Percebemos que isso se torna um problema quando se está diante do fenômeno das terras caídas, que é perigoso e traz muitos impactos socioeconômicos e ambientais, principalmente para os que optam por permanecer na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Considerando tudo o que já expusemos, nesta seção, fomos compreendendo que cada experiência vivida com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas possibilitaram aos ribeirinhos criar estrategicamente soluções para sua permanência local das relações dos corpos perceptivos e estesiológicos, constituindo um amálgama de saberes ecológicos.

Simultaneamente, percebemos, também, nos relatos de nossos interlocutores, que as experiências vividas com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas também adensam emoções - como susto, espanto, medo, desespero, choro, excitação, alívio, ansiedade, preocupação, choro e outras - que refletem a

situação de pânico vivenciada e emergida pela possibilidade de sua morte, de um ente querido ou de conhecidos e a perda de bens como embarcações, produções agrícolas e casas, evidenciando a dimensão dos corpos ribeirinhos estesiológicos etc.

Estas emoções, acompanhadas das sensações físico-químicas do organismo, compõem um amálgama estesiológico. Vivências perpassam: os processos cinestésicos individuais de cada pessoa, provocando apenas emoções ou desordens psíquicas ou problemas outros de saúde⁶⁶, em suma, afetando o campo simbólico individual dos sujeitos; coletivamente, influenciam na perda de bens materiais que também possuem simbologias às pessoas. Enfim, corpos holísticos, bioculturais, autopoieticos que sentem o pulsar da vida em seus sistemas biológicos, físicos e químicos, acoplados ao meio e aos outros seres de sua relação.

Compreendemos, com assento no pensamento de Merleau-Ponty (2011), que mantemos laços com o passado inscritos numa memória do mundo, que não se separam da práxis, ou seja, da história em ação, por sermos atores de uma historicidade aberta e inacabada. Esse aporte teórico anuncia que os moradores da Comunidade São Ciríaco de Urucurituba, representados pelos participantes deste estudo, se movem no espaço (região Amazônica), de maneira consciente, trazendo consigo o seu mundo vivido, desde a infância, configurando um repertório de símbolos e significações, numa relação intrínseca ao movimento das águas, constituindo a sua percepção existencial.

Com base em Merleau-Ponty (2011), percebemos que o contexto da historicidade de vida de cada um revela que, ao deixarem seus lugares de origem e referências, procuram por outros, mas se fixaram naquele com características ambientais similares e próximos ao rio, para preservar suas reminiscências e aprendizagem socioespacial, mantendo o sentido identitário de pertença ao lugar. À luz de Merleau-Ponty (2006, 2011), também, compreendemos que esse movimento corporal consciente e intencional, em direção a um lugar, é resultante das experiências dos seus mundos vividos.

Ao pensar nessa relação, Merleau-Ponty (2004, p. 26) nos leva à compreensão do emaranhamento desses vínculos e relações, afinal “o homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele”, em que ambos revelam muito um sobre o outro, pois as coisas e objetos diante de nós não são neutros, possuem

⁶⁶ Caso de Solimões, que teve problema de hipertensão.

significados intrínsecos a nós, revelam a leitura do que somos e constituem o modo de viver, dos ribeirinhos, no lugar chamado Comunidade São Ciríaco do Urucurituba.

Em suma, esse lugar, apesar de ter muitos desafios pelas características ambientais do ecossistema de várzea, e por enfrentar o fenômeno das terras caídas que trazem diversos impactos socioeconômicos e ambientais aos ribeirinhos, possui uma complexa rede de símbolos para eles.

Evidenciamos como significados das experiências vividas com o modo de vida no “mundo das águas”: um lugar que oferece condições de sobrevivência e fixação; um lugar cujos sujeitos desenvolvem saberes ecológicos e de coexistência com a natureza, que evidenciam uma cultura local reveladora de toda uma rede de aprendizagem interligada ao movimento sazonal das águas das chuvas e do rio Amazonas, onde o saber do “tempo” é primordial; e também um lugar, que, no tempo presente, possibilita acesso à educação.

No que diz respeito aos sentidos atribuídos às experiências vividas na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, identificamos explicitamente nas falas de Tracajá e José e, implicitamente, nas narrativas de Mungubeira e Solimões, que o lugar representa: a oportunidade de conquistar bens materiais, como casa, embarcações, seus eletrodomésticos, dentre outros; oportunidade de constituírem suas famílias e terem condições de mantê-las; um lugar de raízes afetivas, onde estão estabelecidas suas relações interpessoais, com amigos, vizinhos, colegas e familiares; sentem-se em paz e tranquilos, pois a vida cotidiana não é ameaçada por inseguranças e violências recorrentes como no meio urbano; um lugar que dá a eles felicidade, orgulho, segurança, paz, amor.

6 COMO UMA OBRA DE ARTE ABERTA E INACABADA

As experiências vividas dos corpos ribeirinhos com a sazonalidade ocorrem no âmbito do cotidiano na agricultura, na pecuária, na criação de pequenos animais, no abastecimento de água e energia elétrica, no fenômeno das terras crescidas e na locomoção. Revela-se nas experiências vividas com temporais, deslocamentos no rio, enchente grande e animais selvagens que se aproximam das residências e são perigosos à saúde e à vida humana, e eventos extremos de cheia e seca.

Nessas experiências, ficaram evidentes as dimensões do corpo perceptivo e estesiológico. Essas dimensões se encontram numa dinâmica própria de funcionamento do corpo humano, por sua vez, os corpos ribeirinhos: que percebe e sente e se coloca em movimento, agindo estrategicamente diante das situações expressas. Com suporte em mecanismos internos, ele constitui aprendizagens que se acumulam em formato de saberes e que lhes possibilita agir perante as circunstâncias.

Ao ter esse entendimento, compreendemos que os significados das experiências vividas dos ribeirinhos com a sazonalidade é a emergência de muitos saberes ecológicos visíveis nas estratégias de sobrevivência e coexistência com o “mundo das águas” que, em síntese, revelam o Modo de Vida dos ribeirinhos na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, o que evidencia o quiasma corpo-natureza-cultura.

As experiências vividas com o fenômeno das terras caídas ressaltam também corpos perceptivos e estesiológicos, revelando faces visíveis e invisíveis do que os ribeirinhos veem, ouvem, sentem e fazem ao enfrentarem esse evento. Ele gera consequências sociais, particularmente danos materiais, como perda de casas, embarcações, áreas cultiváveis; e imateriais, de dimensão psicológica e simbólica.

Ao analisarmos os significados das experiências vividas com a sazonalidade, identificamos que elas revelam um modo de vida com o “mundo das águas” que refletem identidade e pertencimento dos ribeirinhos com a várzea. E percebemos o fenômeno das terras caídas como um elemento ameaçador da perda do lugar e da identidade constituídas dos ribeirinhos da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. Isso significa que os ribeirinhos são passíveis de viver um dilema: permanecer, indica ficar expostos aos riscos ambientais provocados pelo fenômeno das terras caídas; abandonar a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, sinaliza a perda de suas identidades e reminiscências com o “mundo das águas”.

Para aqueles ribeirinhos que decidiram permanecer na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, identificamos algumas razões, como a naturalização. Percebemos que as experiências vividas com a sazonalidade, principalmente, aquelas que exprimem riscos ou mesmo que fazem os ribeirinhos recomeçarem geram neles a naturalização dos fatos. Isso transcende para as experiências vividas com o fenômeno das terras caídas. A diferença é que este evento provoca danos materiais e imateriais mais complexos do que a sazonalidade.

Além dessa razão de permanência, percebemos que a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba ganha sentidos de um lugar identitário, arraigado de laços afetivos com a família e amigos, que traz felicidade, orgulho, tranquilidade, oportunidade de sobrevivência, aquisição de bens materiais, escolarização, diversão, lazer, que preservam as reminiscências individuais da historicidade dos ribeirinhos com o mundo das águas, em suma, de toda uma vida constituída nesse território amazônico.

Os resultados encontrados nesta pesquisa doutoral sustentam a seguinte tese: *o quiasma corpo-natureza-cultura numa várzea amazônica revela que as experiências vividas trazem o modo de vida com o mundo das águas, ameaçado pelo fenômeno das terras caídas, cujo sentido identitário justifica a permanência dos ribeirinhos no lugar chamado comunidade São Ciríaco do Urucurituba.*

O corpo-sujeito ou corpo fenomenal é biface, estando na junção da natureza com a liberdade. Ele se faz com os outros num ato de liberdade e se lança ao mundo, às coisas e aos pares, dando a eles significados e sentidos. A base de toda a criação da razão e dos sentidos se constitui com amparo na facticidade e contingências reais, que, operacionalizadas internamente no sujeito consciente, despertam significações operantes. Este é um movimento da *consciência intencional operativa*, onde ocorre o fluxo simultâneo da exterioridade-interioridade, percebido na realidade factível. Essa cinesia é ontológica ao corpo fenomenal, ou seja, ao corpo estesiológico, que integra uma unidade de interioridades e exterioridades, revelada a cada fato/situação que extrai os significados e sentidos transmitidos aos outros, às coisas, ao mundo, por meio do corpo perceptivo e estesiológico do sujeito.

A dimensão perceptiva do corpo apreende e aprende o vivido no mundo da vida de onde emanam os significados das experiências vividas. A dimensão estesiológica imprime sentidos às experiências vividas com o lugar e os outros. É o campo onde se localizam as percepções e por ele passa todo e qualquer processo

sensível e consciente. Ocorre um jogo criativo na relação de imersão do sujeito consciente-perceptivo-sensível com o ecossistema. Espaço e tempo estão igualmente imbricados na relação ribeirinho e o movimento das águas, emergidos da mesma maneira na consciência do corpo vivo. Isso produz um sujeito criativo, que é um corpo vivo que sente, vive, experimenta o mundo, se move no espaço e desenvolve percepções e conhecimentos sobre o mundo onde está imerso.

O corpo é ao mesmo tempo relacional, aprende e apreende o comportamento da natureza materializado na sazonalidade e no fenômeno das terras caídas numa várzea amazônica, é o agente intermediário da aprendizagem emitindo sinais ambientais percebidos pelos sujeitos que acionam os processos cognoscitivos, respondendo ao emitido com atitudes o tempo de plantar, colher, selecionar os cultivos, pescar e manejo dos animais, evidenciando o corpo em constante movimentação. É um corpo vivo que tem no movimento das águas suas referências de vida, pois as experiências adquiridas com a sazonalidade avolumam o repertório de alternativas, práticas e técnicas que envolvem o trabalho diário, as fadigas, o medo, as esperanças, as alegrias e as desventuras. Portanto, permanecer nessa relação com “o mundo das águas” revela um sentido identitário, em função dos sentidos implícitos nas coisas, objetos, nos símbolos, lugar, construído.

A historicidade do sujeito se mostra em um movimento corporal consciente e intencional em direção a um lugar que tem similaridades com suas reminiscências resultantes das experiências do seu mundo vivido. Revela, assim, um sujeito consciente que se move no espaço Amazônia e traz consigo o seu mundo vivido, desde a infância, um repertório de símbolos e significações numa relação intrínseca ao movimento das águas, que constrói a sua percepção existencial.

O corpo-sujeito consciente age e está em movimentação constante, mostrando o modo crítico e criativo ante as diversidades ambientais deste ecossistema e em relação a ação dos próprios sujeitos com o ambiente. Assim, ele transcende os limites da sua individualidade, particularidade, transpõe a sua subjetividade e se aproxima da intersubjetividade humana, um ser social em interação com o meio ambiente e com os outros.

Deste modo, a experiência vivida corporalmente é relacional, expõe diferentes interpretações sobre a vida do lugar na perspectiva do todo. Deste modo, a realidade perspectival não se refere a uma única realidade, mas às diferentes

interpretações, comunicações e compreensões expressas pelo sujeito consciente no limiar da sua experiência vivida no mundo da vida.

As experiências vividas denotam a intencionalidade da consciência para buscar respostas em relação as interações com as alterações no ecossistema, seja no movimento das águas dos rios, da chuva ou das terras caídas. E isso é respondido pelos sujeitos nas ações de estratégias e técnica que eles desenvolvem para enfrentar cada período sazonal, a partir do seu corpo que percebe o ambiente. Assim, o sujeito cria estratégias distintas porque entende essas diferenças, por estar completamente imerso nesta realidade. Corpo-natureza-cultura, ribeirinhos e o mundo das águas, são feitos da mesma “carne” e metaforizada a uma obra de arte entrelaçam-se como co-fundadores da vida artística na várzea, palco da vida ribeirinha, cuja experiência vivida é permanentemente aberta e inacabada.

Destacamos algumas contribuições desta tese doutoral para a área das Ciências Ambientais: a) quanto ao suporte da fenomenologia como método de pesquisa apoiado em Merleau-Ponty (2011) e na análise qualitativa centrada no fenômeno situado com base em Bicudo (1997, 2011) e Martins e Bicudo (2005), que visam a perceber os significados e sentidos de fenômenos vivenciais; b) quanto ao enfoque teórico-filosófico merleau-pontyano, como fio condutor a compreensão sensível que se pauta no corpo como ancoradouro das experiências vividas num mundo-vida. Deste modo, ambos os pilares colaboram para uma leitura sensível de fenômenos factuais vividos na cotidianidade das relações ser humano-sociedade-ambiente.

Nessa perspectiva, ao contextualizá-los à realidade amazônica, possibilitam um referencial teórico-metodológico para estudos das populações amazônicas e suas relações com o ambiente em que visualizamos uma abordagem que transcenda os valores técnicos e funcionalistas que, muitas vezes, desconsideram a sua experiência de vida e deixam de vislumbrar a produção de saberes sobre suas variadas práticas cotidianas, suas percepções do espaço e do lugar produzido e vivido com arrimo nas experiências vividas nos corpos ribeirinhos da Amazônia, como sugeriram Fraxe *et al.* (2006), a fim de refletir as realidades complexas, como esta do contexto amazônico santareno estudado.

Além disso, percebemos que esta tese serve, decerto, como referencial para estudar outras populações que vivem em áreas expostas a riscos ambientais. Nesse sentido, traz elementos para pensar políticas públicas sensíveis que

considerem o modo de vida e os sentidos identitários das pessoas, norteando as modalidades de redistribuição territorial de populações que perderam ou estão submetidas ao perigo de perder seus territórios, como, por exemplo, a própria comunidade estudada, e outras que enfrentam problemas similares.

Sob a umbela das projeções realizadas por Fonseca, Souza-Filho e Aguiar (2017), revela-se que a área circunvizinha de Fátima de Urucurituba, confinante da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, desapareceria em uma década, caso o comportamento hidrológico atual se mantivesse e, se esta dinâmica continuar, a área total desaparecerá em até três décadas, atingindo, portanto, a comunidade estudada nesta tese. Deste modo, o trabalho servirá aos moradores e à região do oeste do Pará como registro histórico deste lugar.

Quanto aos limites desta pesquisa, em função do método adotado, não foi possível ampliar o número de entrevistados na própria comunidade, expandir o estudo para outras comunidades da região do Urucurituba, de modo particular, porque, antes mesmo de realizar as entrevistas, foi necessário estabelecer relações de confiança com os moradores, a fim de que estes se sentissem à vontade para falar de suas vidas, e isto demanda, a qualquer pesquisador, tempo até que as relações se estabeleçam, que as pessoas ganhem confiança e segurança nele e as reais intenções da pesquisa ficam bem esclarecidas. Todo este zelo ocorreu porque escutamos inúmeras narrativas dos moradores relatando que, infelizmente, outros pesquisadores que passaram pela localidade não tiveram esse cuidado, apenas coletaram seus dados e não retornaram sequer para apresentar os resultados, tratando-os como meros informantes.

Apontamos como novas possibilidades de pesquisas: estudos de cunho fenomenológico a serem realizados para compreender as relações ser humano-sociedade-ambiente na Amazônia, inclusive na região estudada por nós, uma vez que não pretendemos abrangê-la, cobrindo-a em sua totalidade, dadas as limitações apontadas. Pesquisas de cunho geológico sobre a dinâmica do fenômeno das terras caídas na região do Urucurituba; pesquisas nas ciências políticas ou na assistência social para discutir e apontar caminhos profícuos para as questões de redistribuição territorial da população; dentre muitas outras. Assim como o corpo é uma obra de arte aberta e inacabada às experiências que ainda estão por vir, também pensamos o conjunto desta tese doutoral, que não tem a pretensão de se encerrar-se em si mesma, mas se abre para possibilidades e diálogos que ainda estão por vir.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução e revisão Alfredo Bossi. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANDRADE, C. C. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. **Griot – Revista de Filosofia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 98-121, dez. 2012.
- ANDRIEU, B. A emersão do corpo vivo através da consciência: uma ecologização do corpo. **Revista Holos**, Natal, ano 30, v. 5, p. 3-11, dez. 2014.
- BASTOS, C. C. B. C. Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: algumas contribuições. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 442-451, dez. 2017.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BONFIM, S. Terras caídas ameaçam Comunidade São Ciríaco de Urucurituba. Velocidade de navios tem prejudicado moradores. **SAPOPEMA**, Assessoria de Comunicação. Santarém, PA: 24 ago. 2018. Disponível em: <https://www.sapopema.org/noticias>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- BRASIL. Lei Nº 10.779, de 25 de novembro de 2003. Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 nov. 2003. Seção 1, p. 1.
- BRASIL. Lei Nº 11.445, de 5 janeiro de 2007. Estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico e para a política federal de saneamento básico. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 8 jan. 2007. Seção 1, p. 3.
- BRASILEIRO, T. S. A.; MASCARENHAS, S. A. N. Os desafios da pós-graduação em educação na Amazônia: um estudo exploratório. **Revista AMAzônica**, Humaitá-AM, n. 3, Ano 2, v. 2, p. 168-177, jul./dez., 2009.
- CANTO, O. **Várzea e varzeiros**. Belém: MPEG, 2007.

CARNEIRO, D. S. **Morfodinâmica fluvial do rio Solimões, trecho Tabatinga a Benjamin Constant-Am e suas implicações para o ordenamento territorial.** 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2009.

CARVALHO, J. A. L. de. **Terras caídas e consequências sociais:** Costa do Miracuera – Paraná da Trindade, município de Itacoatiara – AM. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.

CARVALHO, J. A. L. **Erosão nas margens do rio Amazonas:** o fenômeno das terras caídas e suas implicações na vida dos moradores. 2012. 187 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2012.

CASTRO, A. P. A agricultura familiar: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do projeto PIATAM. *In:* FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas:** modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. p. 55-88.

CASTRO, F.; MCGRATH, D. O manejo comunitário de lagos na Amazônia. **Parcerias estratégicas**, Brasília, v. 6, n.12, p. 112-126, set. 2001.

CEZAR, A. T.; JUCÁ-VASCONCELOS, H. P. Diferenciando sensações, sentimento e emoções: uma articulação com a abordagem gestáltica. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 4-14, 2016.

COGHILL, G. E. **Anatomy and the Problem of Behaviour.** Nova York/Londres: Macmillan, 1929.

CPRM. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. **Geologia e recursos minerais do Estado do Pará:** sistemas de informações geográficas – SIG: texto explicativo dos mapas geológico e tectônico e de recursos minerais do Estado do Pará. Belém, 2008.

DESCARTES, R. **O discurso do método:** para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Tradução de Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Difel-Difusão europeia de Livro, 1962. (Coleção Clássicos Garner).

DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty.** Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2010.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agripecuária (2000). **Mapa das várzeas do município de Santarém.** 1 mapa, color. Escala 1:100.000. Elaborado e impresso no Laboratório de Sensoriamento Remoto da Embrapa Amazônia Oriental, utilizando-se o módulo do Sistema de Processamento de Informações Georeferenciadas - SPRING, versão 3.4, 2000.

FARIAS, E. M. B.; CARNEIRO, D. S. Alterações geomorfológicas nas confluências dos rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns. **Relatório técnico-científico PIBIC/UFOPA**, 31 p. (set. 2011- ago. 2012), Santarém, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica – PIBIC/UFOPA, 2012.

FILIZOLA, N. *et al.* **Caracterização hidrológica da bacia Amazônica**: Amazônia-uma perspectiva interdisciplinar. Manaus: Ed. EDUA, 2002.

FISCH, G.; MARENGO, J. A.; NOBRE, C. A. Clima da Amazônia. **Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos – CPTEC/INPE**, 2014. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2014/11/13/clima-da-amazonia-por-gilberto-fisch-jose-a-marengo-e-carlos-a-nobre/>. Acesso em: 20 jun 2019.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, A. I. T.; SOUZA-FILHO, P. W.; AGUIAR, M. G. Análise multitemporal do fenômeno das terras caídas na Comunidade Fátima de Urucurituba utilizando imagens de radar. *In*: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DA AMAZÔNIA, 15. 2017, Belém. **Anais [...]**. Belém, 2009.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FRAXE, T. J. P. *et al.* Natureza e Mundo Vivido: o espaço e Lugar na Percepção da Família Cabocla/Ribeirinha. *In*: OLIVEIRA, J. A.; SCHERER, E. F. (Org.). **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 233-257.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

FREITAS, F. T.; ALBUQUERQUE, A. R. Análise temporal sobre as “terras caídas” no médio Solimões/Coari (AM). **Mercator**, Fortaleza, v. 11, n. 25, p. 129-140, fev. 2012.

GAMA, J. R. V. *et al.* Estrutura e potencial futuro de utilização da regeneração natural de floresta de várzea alta no município de Afuá, estado do Pará. **Revista Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 71-82, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GESELL, A, ARNATRUDA, C. S. **L 'embryologie du comportement**, Paris: PUF, 1953.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HUSSERL, E. **Ideas**. Madrid: Fondo de Cultura Econômica, 1949.

HUSSERL, E. **Investigaciones Lógicas**. Madrid: Alianza, 1929.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amazônia Legal**. 2014. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 23 set. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/panorama>. Acesso em: 15 set. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Índice de desenvolvimento humano (IDH-M)**. 2019. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem/panorama>. Acesso em: 10 nov. 2019.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Alterações morfológicas margem esquerda do rio Amazonas no período de 1989 a 2010. **Imagem Landsat**: São José dos Campos – SP: INPE, 2012.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Estudo do INPE indica que o rio Amazonas é 140 km mais extenso do que o Nilo**. Notícia publicada em 1 jul. 2008. Sala virtual de imprensa do INPE: São José dos Campos – SP, 2008. Disponível em: http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=1501. Acesso em: 21 jul. 2020.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Localização Geográfica da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba/ Santarém-PA. **Base Cartográfica do Brasil**. São José dos Campos – SP: INPE, 2016.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Paisagem na cheia da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. **LANDSAT 8 OLI**. São José dos Campos – SP: INPE, 2019.

INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Paisagem na seca da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba. **LANDSAT 8 OLI**. São José dos Campos – SP: INPE, 2018.

IRION, G., JUNK, W. J.; MELLO, J. A. S. N. The large Central Amazonian River floodplains near Manaus: Geological, climatological, hydrological and geomorphological aspects. *In*: JUNK, W. J. (ed.). *The Central Amazon Floodplain: Ecology of a Pulsing System*. **Ecological Studies**, Berlin, Germany: Springer, 1997. p. 23-24.

IRIONDO, M. H. **Geomorfologia da Planície Amazônica**. *In*: SIMPÓSIO DO QUARTERNÁRIO NO BRASIL, 4, 1982. **Atas** [...] Rio de Janeiro, 1981.

JOCHIM, M. A. **Strategies for Survival: Cultural Behavior in an Ecological Context**. New York: Academic Press, 1981.

- LE BRETON, D. (1953). **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LEANDRO, G. R. S.; NASCIMENTO, F. R.; SOUZA, C. A. Dinâmica das águas no sistema rio-planície de inundação do rio Paraguai em Cáceres, MT. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA APLICADA*, 2017, Campinas. **Anais [...]**. Campinas Instituto de Geociências da UNICAMP, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- LIMA, E. L. Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica. **Revista GEOgrafia**, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 18, p. 65-84, 2007.
- LIMA, H. N.; TEIXEIRA, W. G.; SOUZA, K. W. Os solos da paisagem da várzea com ênfase no trecho entre Coari e Manaus. *In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Org.). Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007. p. 35-52.
- MACHADO, O. V. M. **Concepção do Ensino de Ciências de professores e alunos da escola de 1º grau**. 1996. Tese (Doutorado em Educação – Supervisão e Currículo) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.
- MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- MATOS, J. de A. **A organização sociocultural e o modo de vida na comunidade Miracauera, Paraná do Careiro (município de Careiro da Várzea-AM)**. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MATURANA, H.; VARELA; F. **Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Editorial. Psy II. Direitos reservados para a língua portuguesa: WORKSHOPS - Livraria, Editora e Promotora de Eventos, 1995.
- MATURANA, H.; VARELA; F. **De máquinas y seres vivos, autopoiesis: la organización de lo vivo**. Santiago, Chile: Editorial Universitaria S. A., 1998.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia: uma introdução à obra de Marcel Mauss**. Tradução de Mauro W. B. de Almeida e Lamberto Puccinelli. v. 2, São Paulo: EPU, 1974.

MCGRATH, D. G. *et. al.* Varzeiros, geleiros e o manejo dos recursos naturais na várzea do Baixo Amazonas. Papers do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. **NAEA**, Belém, Pará, n. 4. p. 4-28, 1991.

MEGGERS, B. J. *Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise*. Série Worlds of Man: Studies in Cultural Ecology. W. Goldschmidt (ed.) Arlington Heights, IL: Garland Davidson, Inc, 1971.

MENDES, I. B. S. **Corpo e Cultura de Movimento**: cenários epistêmicos e educativos. Curitiba-PR: CRV, 2013.

MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 125-137, dez. 2004.

MENDES, M. I. B.S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Pensar a Prática**, Natal, v. 12, n. 2, p. 1-10, maio/ago. 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Os pensadores**: textos selecionados. Seleção e tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MERLEAU-PONTY, M. (1948). **Conversas**. Organização e notas de Stéphanie Mésasé; Tradução Fabio Landa, Eva Landa; revisão de tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. (1995). **A natureza**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. (1945). **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4. ed. 5. reimpressão. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 150, n. 112, 13 Jun. 2013. Seção 1, p. 59.

MISSAGGIA, J. A noção Husserliana de Mundo da Vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. **Trans/Ação**, Marília, v. 41, n.1, p. 191-208, jan./mar., 2018.

MORAN, E. **Ecologia Humana das Populações da Amazônia**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1990.

MOREIRA, E. Amazônia o conceito e a paisagem. **Coleção Araújo Lima**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1960.

- NASCIMENTO, D. A.; MAURO, C. A.; GARCIA, M. G. L. **Geomorfologia**. Folha S.A-21. Rio de Janeiro: Radambrasil, 1976.
- NASCIMENTO, F. R. do, CARVALHO, O. Sub-compartimentação topográfica, Caracterização e descrição das formas de relevo Na bacia metropolitana do pacoti em Fortaleza, CE. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 19-26, 2006.
- NEVES, D. P. Os ribeirinhos-agricultores de várzea: formas de enquadramento institucional. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 12, n. 1, p. 67-92, jun. 2009.
- NOBRE, C. A.; SAMPAIO, G.; SALAZAR, L. Mudanças climáticas e Amazônia. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 22-27, set. 2007.
- NÓBREGA, T. P. Corpo e Natureza em Merleau-Ponty. **Revista Ensaios**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 1175-1196, jul. /set. 2014.
- NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, 141-148, 2008.
- NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora e Livraria da Física, 2010.
- NODA, S. N.; NODA, H.; MARTINS, A. L. U. Papel do processo produtivo tradicional na conservação dos recursos genéticos vegetais. *In*: RIVAS, A.; FREITAS, C. E. C. **Amazônia: uma perspectiva interdisciplinar**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002. p. 155-178.
- ONU. Organização das Nações Unidas. Resolution A/RES/64/292. **The human right to water and sanitation**. United Nations General Assembly, p. 1-3, August, 2010.
- PEREIRA, H. S. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do Rio Solimões-Amazonas. *In*: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007. p. 11-32.
- RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A. Entrevista fenomenológica. *In*: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SIPEQ), 4, 2010, Rio Claro. **Anais [...]**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2010.
- REEVE, J. **Motivação e Emoção**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC Humanas Didático, 2006.
- RIBEIRO, N. de. F. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita**. Brasília: Senado Federal, 2005.
- RODRIGUES, T. E. *et al.* **Caracterização dos solos da área do planalto de Belterra, município de Santarém, Estado do Pará**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001.

SÁ, M. E. R.; COSTA, S. M. G.; TAVARES, L. P. O. O rural-urbano em Santarém: interfaces e territórios produtivos. *In*: CARDOSO, A. C. D. **O rural e o urbano na Amazônia**: diferentes olhares em perspectivas. Belém: EDUFPA, 2006. p. 113-157.

SADALA, K. Y. **Estudos pessoa-ambiente-gênero a partir da vivência das terras caídas numa várzea amazônica**: análise do afeto ao lugar em Fátima de Urucurituba no Eixo Forte/Santarém-PA. 2020. 208 f. Tese (Doutorado) - Programa Sociedade Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará: Santarém, 2020.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? *In*: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. 3 Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 3-24.

SANTOS, A. P. P. **No banheiro do Amazonas**: realidade e perspectivas das aulas de Educação Física nas escolas de várzea do município de Santarém-PA. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIOLI, H. **Amazônia** - Fundamentos de ecologia da maior região de florestas tropicais. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOUZA, A. C. B. Ambiente e vida regional ritmado pela várzea no complexo Solimões-amazonas. **Revista geonorte**, Edição Especial, Manaus, v. 2, n. 4, p.91-102, 2012.

SOUZA, E. B. *et al.* On the influences of the El Niño, La niña and Atlantic Dipole Paterni on the Amazonian Rainfall during 1960-1998. **Acta Amaz.**, Manaus, v. 30, n. 2, p. 305-318, jun. 2000.

SOUZA, S. V.; RODRIGUES, S. W. P. Reconhecimento e mapeamento das feições fluviais de "Ilha Grande do Tapará" (Santarém-PA) a partir do processamento de imagens RapidEye e SAR-SIPAM. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 18, 2017, Santos. **Anais[...]**. São Paulo: INEP Santos, 2017.

STERNBERG, H. O. **The Amazon River of Brazil**. 2. ed. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1975.

VALE, R. *et al.* A cheia de 2009 na Amazônia Brasileira. **Braz. J. Geol**: São Paulo, v. 41, n. 4, p. 577-586, out. 2011.

VALE, R. S. *et al.* Evidências do fenômeno de terras caídas com grandes cheias na região Oeste do Pará. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 6295-6302, jun. 2019.

VARELA, F., THOMPSON, E.; ROSH. E. **Philosophie La Couleur des idées**. Paris: TTC, 1993.

VIEIRA, P. C. Variações do nível marinho: alterações eustáticas no quaternário. **Rev. IG**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 39-58, jan./jun 1981.

VIEIRA, R. S. **Várzea Amazônicas e a legislação ambiental brasileira**. IBAMA/INPA/Marx-Planck/UA: Manaus, 1992.

WAGLEY, C. (1957). **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Brasiliense, 1988.

WHITEHEAD, A. N. **O conceito de natureza**. Tradução Júlio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WITKOSKI, A. C. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

WOLF, E. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

GLOSSÁRIO

Bajara: embarcação regional de pequeno porte, utilizada como meio de transporte pelos ribeirinhos, movida por motor tipo rabeta

Banzeiro: formação de pequenas ondas em decorrência da agitação do rio provocada pelo vento ou por embarcações.

Barco de linha: espécie de transporte público fluvial, com dias, horários e taxa de passagem definidos.

Despesa: compra de itens da cesta básica. O mesmo que “fazer feira”.

Geleiros: embarcação motorizada de pequeno e médio porte que comporta praticamente em toda a sua dimensão caixas de gelo para conservação de grandes quantidades de pescado com fins comerciais.

Igapós: área permanentemente alagada.

Igarapé: é um canal pequeno, de água gelada, que dá passagem à embarcações de pequeno porte, como a bajara, além de ser um lugar bastante utilizado para banhos e lazer.

Jerimum: na região esse termo é utilizado para diferenciar.

Lamparina: é um recipiente com algum óleo combustível utilizada como fonte de iluminação do ambiente

Maresia: mesmo que banzeiro.

Rabetas: tipo de motor a diesel utilizado, em geral, para mover a bajara.

Taberna: também chamada de baiuca. Na região amazônica é um esbecimento comercial de especiarias, alimentos etc.

Terra-firme: áreas de terra não inundáveis às margens do rio Amazonas.

Terras caídas: fenômeno de desabamento das terras da várzea.

Terras crescidas: aumento do volume de terra, que torna o terreno varzeiro irregular, após a vazante do rio Amazonas.

Travessia: deslocamento de uma embarcação no rio de uma margem a outra.

Várzea: áreas inundáveis às margens do rio Amazonas.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de autorização da pesquisa com assinatura



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

Após assembleia ordinária convocada pelo presidente da comunidade São Ciriaco do Urucurituba, o presente termo autoriza Aline da Paixão Prezotto Santos a realizar pesquisa nesta comunidade, que tem como finalidade a construção da tese para conclusão do curso em nível doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará, cujo objetivo do estudo se destina a "Descrever a percepção das experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciriaco do Urucurituba em meio ao impacto ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais da várzea Amazônica", ao qual prevê a imersão do pesquisador para observação do cotidiano dos moradores da comunidade investigada, realização de entrevistas e aplicação de questionário. Os resultados da pesquisa poderão tornar-se público por meio de congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas sob a responsabilidade de Aline da Paixão Prezotto e sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-Pa, 12 de 12 de 2016

Pedro Ruinaldo Ferreira

ASSINATURA DO PRESIDENTE DA COMUNIDADE

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO****Roteiro**

1. Como é sua experiência em morar na várzea?

2. Como você desenvolve suas atividades do dia-a-dia convivendo com os ciclos do rio Amazonas? Há diferenças na enchente, cheia, vazante e seca?

3. Tem alguma preferência por algum dos períodos? De enchente, cheia, vazante, seca?

4. Fale um pouco sobre as terras crescidas.

5. Alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea? E como foi viver essa experiência?

6. O que é o fenômeno das terras caídas? Como é conviver com esse fenômeno? Como é morar aqui hoje e saber que a qualquer momento isso pode acontecer?

7. Tem outra situação que tenha lhe marcado?

8. Porque permanecer neste lugar? O que este lugar significa pra você? Você nasceu nesse lugar? Morou em outros lugares? Como você chegou aqui?

APÊNDICE C – Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PESQUISA

Você está sendo convidado (a) a participar da Pesquisa intitulada “O Mundo percebido e a experiências vividas de moradores numa várzea amazônica” do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), cujo o objetivo é descrever a percepção das experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meio ao impacto ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais da várzea Amazônica.

O material recolhido será utilizado como fundamentação para a construção de uma Tese, requisito para conclusão de curso de pós-graduação em nível de doutorado na UFOPA. Os resultados da pesquisa poderão tornar-se público por meio de congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas sob a responsabilidade de Aline da Paixão Prezotto e sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro. Em qualquer momento, você poderá solicitar esclarecimentos sobre a metodologia de coleta e análise dos dados através do telefone (93) 99195-4344 ou pelo e-mail: alineprezotto@hotmail.com.

O risco aos participantes da pesquisa poderá ser um possível desconforto e/ou constrangimento no processo de observação e entrevistas. Esses riscos poderão ser minimizados a partir de aproximação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa antes do desenvolvimento do trabalho, buscando desenvolver uma interação capaz de emitir confiança mútua. Os atores sociais terão seus nomes codificados garantindo o anonimato às informações obtidas no processo de investigação e publicação.

Em caso de dano pessoal, diretamente provocado pelos procedimentos de coleta de dados propostos pela pesquisadora, os participantes terão direito a indenização legalmente estabelecida por lei.

É garantida a liberdade de escolha em participar ou não do estudo. Caso alguém aceite contribuir com a pesquisa e no decorrer da mesma desista não haverá qualquer tipo de prejuízo pessoal ou coletivo.

Se você estiver suficientemente informado sobre os objetivos, características e possíveis benefícios provenientes da pesquisa, bem como dos cuidados que o pesquisador irá tomar para a garantia do sigilo dos investigados de modo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, assine abaixo, este termo de consentimento livre e esclarecido.

 Assinatura do Pesquisador Responsável
 Profa. Dra. Tania Suely Azevedo Brasileiro

 Assinatura Pesquisadora Orientanda
 Aline da Paixão Prezotto Santos

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecida sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa cooperando com a coleta de dados.

Santarém, ____/____/____.

 Assinatura do participante da pesquisa ou do responsável

 Assinatura de testemunha

 Assinatura do representante legal

APÊNDICE D – Modelo de termo de autorização de publicação de imagens dos respondentes



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGENS

Eu, _____, portador (a) do RG nº _____ e CPF nº _____ autorizo a publicação de imagens coletadas durante o desenvolvimento da pesquisa que tem como objetivo “Descrever a percepção das experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meio ao impacto ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais da várzea Amazônica” e cuja finalidade é construir uma tese para conclusão do curso em nível doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará. Estou ciente que os resultados da pesquisa poderão tornar-se público por meio de congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas sob a responsabilidade de Aline da Paixão Prezotto e de sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, _____ de _____ de _____.

ASSINATURA

APÊNDICE E – Modelo de termo de autorização de publicação de imagens de crianças e adolescentes



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGENS

Eu, _____, portador (a)
do RG nº _____ e CPF nº _____ autorizo a
publicação de imagens de

_____ coletadas
durante o desenvolvimento da pesquisa que tem como objetivo “Descrever a percepção das experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meio ao impacto ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais da várzea Amazônica” e cuja finalidade é construir uma tese para conclusão do curso em nível doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará. Estou ciente que os resultados da pesquisa poderão tornar-se público por meio de congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas sob a responsabilidade de Aline da Paixão Prezotto e de sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, _____ de _____ de _____.

ASSINATURA

APÊNDICE F – Modelo de Termo de autorização de publicação de informações

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE INFORMAÇÕES**

Eu, _____,
portador (a) do RG nº _____ e CPF nº _____
autorizo a publicação de informações coletadas durante o desenvolvimento da
pesquisa que tem como objetivo “Descrever a percepção das experiências vividas
pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meio ao impacto
ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais
da várzea Amazônica” e cuja finalidade é construir uma tese para conclusão do curso
em nível doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e
Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará. Estou ciente
que os resultados da pesquisa poderão tornar-se público por meio de congressos,
encontros, simpósios e revistas especializadas sob a responsabilidade de Aline da
Paixão Prezotto e de sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, ____ de ____ de ____.

ASSINATURA

APÊNDICE G – Modelo de termo de autorização de publicação de dados da entrevista



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE, NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE DADOS DE ENTREVISTA

Eu, _____, portador (a) do RG nº _____ e CPF nº _____ autorizo a publicação de dados produzidos em entrevista coletadas durante o desenvolvimento da pesquisa que tem como objetivo “Descrever a percepção das experiências vividas pelos moradores da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba em meio ao impacto ambiental do fenômeno das terras caídas e crescidas, e as características sazonais da várzea Amazônica” e cuja finalidade é construir uma tese para conclusão do curso em nível doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) da Universidade Federal do Oeste do Pará. Estou ciente que os resultados da pesquisa poderão tornar-se público por meio de congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas sob a responsabilidade de Aline da Paixão Prezotto e de sua orientadora, Dra. Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

Santarém-PA, _____ de _____ de _____

ASSINATURA

APÊNDICE H – Quadro de análise ideográfica da Participante Mungubeira

1. PARTICIPANTE – MUNGUBEIRA
1 Como é sua experiência em morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Aqui muitas vezes não dá tempo nem de colher, como a banana né? A gente planta, às vezes, quando a enchente é grande morre tudo. Não é como agora que a enchente é pequena e dá de tirar. É diferente da terra firme a gente planta né, a gente colhe até o tempo que a gente quiser né, e aqui na várzea é diferente porque é só 6 meses, pra gente ter alguma planta boa né? aí porque é 6 meses de seca e 6 meses de enchente né. De 2009 pra cá que não foi mais tudo pro no fundo, sempre fica um pouquinho de terra. Enche, mas não enche!!! Não é tudo. A água mais próxima quando ela encheu ela chegou até embaixo do assoalho de casa. Ficou terra por aí. Mas, do ano que foi mesmo pro fundo, que a gente perdeu tudo ali pra frente a gente não, a gente controlou o plantio né, plantava assim só o roçado mesmo, plantava feijão, plantava jerimum, melancia, negócio de roça a gente não plantava não. De dois, de dois anos pra cá que a gente começou a mexer com roça. O feijão, a melancia, o jerimum que a gente já trabalhou e o milho também. O maxixe também. E o tomate também. A gente espera colher, depois de plantar, uns dois meses né, depois de plantar uns dois meses pra colher. Agente começa a plantar no mês de junho. Conforme a vazante e conforme a chuva né? Porque se a gente plantar mês de junho, se ainda continuar chovendo a gente perde. Aí a gente planta esse mês... Que de primeiro a gente carregava muita água na cabeça, balde na cabeça né. E hoje em dia não, a gente já tem motor, pra puxar água né? Vish, melhorou foi muito. Eu acho muito legal na várzea. E tem período que eu já esquentei a cabeça de sair aqui da várzea, mas eu não troco Santarém... ou várzea por Santarém.
Enxerto Hermenêutico
Os ciclos de enchente, cheia, vazante e seca (a sazonalidade das águas) não são iguais de um ano para o outro. O volume das águas se altera a cada ciclo e isso modifica a paisagem
Unidades de significado
1. A área de várzea é diferente da área de terra firme, pois durante 6 (seis) meses do ano - correspondentes ao verão - há terra para plantar e colher; e 6 (seis) meses - equivalentes ao inverno - as áreas de terra firme diminuem paulatinamente, conforme o fluxo de chuvas e enchente do rio Amazonas. As enchentes do rio Amazonas, no entendimento nativo, podem ser grandes e pequenas: na primeira (grande) o solo fica total ou parcialmente submerso; na segunda (pequena) o rio avança, mas ficam muitas áreas de terra firme, comprometendo menos o desenvolvimento da plantação. Anualmente, há incertezas, mesmo se a enchente será grande ou pequena. A <u>enchente grande</u> provoca perdas de plantações. A última <u>enchente grande</u> foi em 2009 e perderam o que haviam plantado, com isso passaram a ser mais criteriosos na escolha do que plantar, assim passaram a evitar o cultivo da mandioca (roça) e mantiveram os plantios de feijão, jerimum, melancia, milho, maxixe e tomate. Recentemente, retomou-se as plantações de mandioca, pois nos últimos anos as enchentes foram pequenas. Os moradores da várzea estão atentos para plantar espécies de vegetação que possam ser colhidas entre 2 a 6 meses. O tempo de plantar na várzea, de maneira geral, é no mês de junho, porém, o que determinará o mês é a vazante do rio Amazonas e o fluxo de chuvas, pois há variações em ambos de ano a ano. 2. Considera que o uso de equipamentos, como o motor a diesel, melhora as atividades cotidianas na várzea que antes necessitavam de esforço corporal para transportar a água do rio. Os modos de operarem suas tarefas a partir da chegada da tecnologia é um exemplo, deixaram de carregar água em baldes e passaram a usar motores e mangueiras para levar água do rio até as suas residências e irrigação da plantação.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
2. Como você desenvolve suas atividades do dia-a-dia convivendo com os ciclos do rio Amazonas? Há diferenças na enchente, cheia, vazante e seca?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Se a seca for grande, como tem sido esses anos, a gente tem que trabalhar pra poder adquirir mais mangueira pra colocar pra beira do Amazonas pra gente puxar água de lá. Porque as vez seca né, fica muito feia a água, fica verde (<i>do igarapé</i>), fica demais suja e não tem como. Mesmo a gente tem que usar de lá porque a gente faz as coisas né, pra tomar, pra fazer as coisas, daqui a gente ainda fica aguentando assim por causa das roupas, pra lavar, pra tomar banho, mas mesmo assim ainda tem tempo que ela fica feia. Não fica boa. Tem que colocar a mangueira. Quando a enchente é muito grande a gente já fica preocupado né, é porque a gente vê todo ao redor da casa da gente é água. A gente olha todo praí tá no fundo. Você não sabe como tá pelo, por, por dentro d'água né? Se tá caindo ou não. E quando tá a vazante pequena a gente vê que tá estourando terra, a gente vê. Agora quando tá, quando a enchente é grande é [...] ela é difícil a gente conviver assim, ter uma dormida boa, a gente se preocupa. A gente se preocupa mais assim com as terra, que a gente não sabe se tá caindo ou não, dentro d'água né, dentro, no fundo, a gente não sabe, como a gente viu se já caiu no fundo mesmo, como...Mas, é assim a preocupação, já tive um período depois da gente morar pra cá, a gente passou a enchente aí, e eu tinha muita costura, eu costurava até de madrugada, até 4 horas da madrugada, eu ficava costurando, pra mim assumir meu compromisso né, e, quando foi um dia, a água encheu tanto, aí foi camburão tudo virando e os meus sacos de pano tudo boiado, assim sabe, a convivência da gente que eu já passei também foi isso, deu tanto prejuízo não.
Enxerto Hermenêutico
O uso de equipamentos, outros bens e recursos são necessários a partir da vazante e se prolongam em todo o verão. Tornam-se imprescindíveis no período de seca porque a água corrente do igarapé mais próxima à residência, fica represada e imprópria para beber e utilizar nas atividades domésticas, assim é necessário o uso de mangueiras para canalizar a água do rio Amazonas, que no ciclo de seca fica distante da residência cerca de 300 a 500 metros.
Unidades de significado
1. A seca é grande exige dos varzeiros maior intensificação do trabalho a fim de levantar recursos financeiros para aquisição de mangueiras que levam a água do rio até as residências, onde é feito o seu uso em diversas atividades do dia-a-dia. 2. Quando a enchente é grande os moradores ficam preocupados com a <u>aproximação das águas do rio</u> : a) não saberem se animais perigosos (como cobras, araias, jacarés ou outros que procuram se abrigar das águas, como o escorpião) estão embaixo ou até mesmo dentro de suas casas; impossibilidade de enxergar o solo e ver possíveis rachaduras (sinal de que a terra irá cair);

b) em caso de chuvas fortes e temporais as casas ficam mais suscetíveis a alagamento e prejuízos decorrentes disso, sendo a madrugada o horário de maior perigo, pois é quando os moradores estão dormindo.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
3. Tem alguma preferência por algum dos períodos? De enchente, cheia, vazante, seca?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Eu gosto como essa enchente agora. Encheu, mas não veio tudo. E muitas vezes é bom quando ela enche porque lava toda a terra né? E sai, um bocado e inseto morre né. E quando é essa época que não veio tão grande essa água, os inseto tão perseguindo. E é difícil a gente conseguir o plantio. As frutas... Quando ela não tá, não enche né, não lava a terra. Agora quando ela lava a terra, tudo bem. Sai um plantio bonito...Essa enchente foi boa. Deste ano. Eu achei legal, a gente não se preocupou tanto, até mesmo com o gado, a gente tá com um mês e pouco que levou pra colônia. Agora o que tá me preocupando demais aqui é sobre esse veneno né, que tão, tão usando demais né nas plantas, no plantio, aí a gente se preocupa mais por causa da saúde né. Aí, muitas vezes, a gente não pode usar aqui, mas os nossos vizinhos usam aí quando chove aquela água escorre pro lago ou então pro igarapé, né? Tem as necessidades, a gente se preocupa pelo tempo da enchente e da seca né, porque a gente usa água do Amazona, a gente de primeiro, a gente fervia a água, a gente tinha outro tipo de filtro pra filtrar a água, ainda tem esse cuidado com água aqui. Agora que já veio esses tipos de filtros né? Mas, mesmo assim a gente ainda se preocupa de adoecer. É isso que às vezes, nós pra cá, agora essa enchente deu tudo bem pra nós. Porque só não, tem muita gente que sabe conservar a água, sabe proteger, sabe zelar o igarapé, e tem muita gente que não sabe. Porque a nossa preocupação aqui pra traz é quando os barcos ficam tudo aí, na frente né? Eles com certeza, eles não fazem as necessidades deles em terra, com certeza eles fazem na água, que param no barco. É igualmente na beira do Amazonas, quando tá seco também, os barcos ficam tudo no porto, e aí a gente fica usando aquela água de lá. Só que agora a gente já passou os barcos mais pra cá né, só que os lados do motor pra cá, mas mesmo assim a gente usa a água que é corrente né? A gente não sabe de onde vem, como vem, como vai. Eu me preocupo demais
Exerto Hermenêutico
Percebendo o iminente risco de contaminação se ingerir água do rio Amazonas e igarapé sem tratamento, adotava-se o procedimento de ferver e usar filtro de barro. Após a doação de filtros – por uma denominação religiosa – passaram apenas a filtrar e fazer adição de hipoclorito (quando este é disponibilizado no posto de saúde da comunidade). Existe preocupação com o ciclo da enchente e a aproximação das águas nas mediações das residências; A maioria dos banheiros não possui fossas assépticas, somente fossas negras que ficam submersas e podem indicar ocorrências de problemas de saúde às pessoas quando a enchente é grande.
Unidades de significado
1. A respondente indica que a enchente pequena é boa : de um lado, porque não alaga o solo por completo, e conseqüentemente, não traz as preocupações que surgem por ocasião da enchente grande. Por outro lado, não é boa , pois se não alaga, os insetos e pragas permanecem na terra, além de não ser fertilizada. 2. A enchente grande /inverno não é boa porque: a) Preocupação com a saúde de sua família, quando o assunto é o uso comum do recurso hídrico: i) uso de agrotóxicos nos plantios que são absoldvidos pelo igarapé (braço do rio Amazonas de água muito corrente); ii) dejetos humano despejado no rio, por meio das instalações sanitárias das embarcações dos próprios moradores que ficam ancoradas em frente à comunidade, e também, por outras que navegam pelo meio do rio. E ainda, há problemáticas com o esgotamento sanitário das residências, cuja maioria, não possui fossas asséptica, e isso gera riscos de contaminação do rio, principal fonte de água para os moradores. Por outro lado, é boa porque: a) A enchente diminui incidência de algumas pragas e insetos. b) A enchente do rio Amazonas é importante, pois ela tem a função de trazer sedimentos para fertilização do solo, além de irriga-lo. Pensa que a fertilização do solo favorecerá o crescimento e produção das plantas que cultiva.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
4. Fale um pouco sobre as terras crescidas.
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Ela cresce muito né, aquela terra que vem... vem na água, aquele esmeril ele vai ficando, como tá ficando agora, mas só que quando é no tempo da enchente, que começa, elas vão se soltando, vão indo embora de novo. As terras crescida ela é bom porque tapa bastante essa baixa... já fica certo o terreno. É assim, ela vai jogando aqui na casa dessa minha filha, bem de frente da casa dela, tinha uma baixa, era uma baixa igual essa que tem aqui. Que passa. E olha, agora aterrou todinho lá. É uma boa né? Não tenho o que me queixar de terra crescida não. Só que com tempo tem que suspender de novo a casa? É só essa a questão.
Exerto Hermenêutico
Com o passar dos meses/anos a terras cresce de volume. Esse aterramento gera a necessidade de reconstrução dos assoalhos da casa, tornando-as mais distantes de chão
Unidades de significado
1. As terras crescidas provocam o aterramento de algumas áreas de terras a partir dos sedimentos provenientes das águas do rio Amazonas durante a enchente, provocando alterações na paisagem e, conseqüentemente, aos moradores: a) <u>positivamente</u> quando aterra áreas que são cavadas pela força das águas durante as chuvas e enchente. b) <u>negativamente</u> quando aterram a área embaixo das residências, aproximando o chão dos assoalhos, situação que provoca a necessidade de reconstrução das casas
Redução das Unidades

Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
5. Alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
A minha convivência aqui na várzea foi assim: tem muitas coisas que já marcou a gente né? é uma coisa que assim, marcou, mas a gente dá graças a Deus ainda não ter acontecido nada né? As terras caída caiu tanto, mas graças a Deus ainda não tirou uma vida né? Aí quando foi numa época, pelo tempo da, da seca, aí chegou, uma lancha lá no porto de casa, aí dessa lancha. Essa lancha tinha alguma identificação? Tinha porque era da marinha... aí chegou essas três pessoa lá, era duas mulher e um senhor. Só que tinha uma corveta lá fora. O que é uma corveta? Corveta é tipo navio, esses naviozinho que tem. Era uma embarcação. Tava no meio do rio, aí a gente viu essa lancha sair de lá. Aí ela veio, encostou, pediu permissão pra eles amarrarem lá embaixo do pau e a gente deu. E daí que ela falou: "Olha daqui mais com uns 3 meses isso daqui vai desabar tudinho". Eu disse: "Por que? Aí ela disse: "porque tá tudo oco por baixo, a gente terminou de fazer a pesquisa aqui." Só que eu cismeí de eles tarem soltando bomba ali naquele pedaço né? Arrebentar, arrebentar o canal pros navios passarem, porque navio encalhava aí eles vinham e arrebentavam, certas hora da noite a gente escutava aqueles estrondo. Aí não chegou nem dar dois meses, começou cair a terra. Aí eu me acordei com aquela zoadeira né, aí me espantei, chamei as menina, aí foram ver, eu disse: "meu irmão, a terra tá caindo, tá desabando, olha só como os pau grande que tinha aqui não tem mais, e tá se aproximando perto de casa". Aí eu mais que depressa, aí eu mandei avisar o cumpadre que era o Presidente da comunidade pra ele chamar o pessoal pra vir desmontar a casa, só que meu marido não tava. Eu tava sozinha com as meninas. Aí nossa vida ficou assim: tinha a casa duma vizinha nossa que morava aqui né, e ela arranjou pra gente; aí uma das minhas filhas com as meninas foram pra Campos né, que a sogra dela mora pra lá, aí só que a, era assim a convivência, ela passava a noite lá, ela passava e eles vinham embora pra cá, aí a gente foi pra Santarém, aí começaram a armar uma casa pra gente ali, aí quando a gente chegou de lá a gente veio já pra essa casa. Aí a gente fez um empréstimo em dinheiro do tempo que o Lula com a Dilma tavam mandando esse dinheiro pra beneficiar os pescadores e os trabalhador né? Aí a gente foi pro banco, veio o nome da gente, de lá com esse negócio do Incra né, veio o nosso nome, daí que aproveitei, com esse dinheiro que a gente construiu essa casa aí.
Enxerto Hermenêutico
Esta família passou por dois momentos com o fenômeno das terras caídas. No primeiro desabou a área da casa, nesta o respondente não estava no local. O segundo ocorreu levando toda a área do curral que eles não tinham desmanchado, neste ele estava e presenciou a situação. Um dia a respondente recebeu a visita de três pessoas que chegaram em sua residência em uma lancha que havia saído de um navio ancorado no meio do rio. Em sua intuição o navio estava parado no meio do rio para avaliar e abrir canal para os grandes navios e essas pessoas estavam ali levantando esse tipo de informação. Ela pensou isso porque: a) essas pessoas informaram-na que eles avaliaram a área próxima de sua casa com um equipamento e nele foi visualizado que o solo estava oco e deram uma previsão de 3 meses para que tudo desabasse (situação que se concretizou em aproximadamente 2 meses após a visita); b) observou que o navio estava encalhando e durante ele estar ali ouviu estrondos a noite, que ela supôs serem de bombas utilizadas para desenclhar o navio; notou também que em outros momentos que navios estiveram encalhados ela ouviu os mesmos estrondos.
Unidades de significado
<p>1. As terras caídas aparecem como a primeira situação que marcou a moradora, mesmo que ela não tenha levado a óbito nenhum de seus familiares. A respondente entende que as terras caídas é um processo de desabamento de terras em que não há previsão exata do momento em que as terras podem cair: pela ação da própria natureza e da ação antrópica. Em SCU ela recorda de um evento desse que ocorreu em aproximadamente 5 (cinco) horas, entre 5 (cinco) horas da madrugada até cerca de 9(nove) horas da manhã.</p> <p>2. Enquanto acontece ela desperta os sentidos dos moradores causando impacto visual e sonoro quando se deparam vendo e ouvindo o fenômeno. Mas, dias ou meses, antes desbarrancamento, foi possível observar que no entorno da área atingida haviam rachaduras de cerca de 4cm de largura no solo.</p> <p>3. Enquanto ocorre o fenômeno algumas sensações são produzidas:</p> <p>a) O medo de perder a própria vida e/ou de um ente querido. A morte é uma situação que produz sentimento de medo em meio ao acontecimento das Terras Caídas, principalmente quando vem à imaginação a possibilidade de serem afetados numa situação de vulnerabilidade, como por exemplo estar dormindo em meio a madrugada.</p> <p>b) Trauma é uma expressão usada após a respondente vivenciar as Terras Caídas.</p> <p>c) Espanto em viver o fenômeno.</p> <p>d) Tristeza em perceber os danos materiais.</p> <p>4. Diante da experiência vivida com as Terras Caídas ocorrem operações internas (psicológicas) nos sujeitos que geram reações para enfrentar o problema: superar o medo e transformá-lo em coragem e bravura para salvar a própria vida, a dos seus familiares e os bens que possuem – esse movimento interno ocorre não somente com os afetados, mas com os outros moradores que em atitude de cooperação e pro atividade (que parte do individual para o coletivo) auxiliam os afetados diretamente na situação. Enquanto coletividade, utilizam as seguintes estratégias: os afetados diretamente demandam sinais de alerta entre si, rapidamente, e informam ao maior número de pessoas possível sobre a situação para que elas possam ajuda-los a proteger a vida e os bens; em ato coletivo, os afetados diretamente e os não afetados buscam colocar em local seguro os bens materiais, desmontam a casa de madeira para reaproveitar o material, e construir outra, o mais longe possível da margem do rio..</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
5.1. Como foi viver essa experiência?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Olhe, quando a gente escutava assim o estrondo assim, parece que vinha mexendo um bocado de folha seca assim, era as terras que tavam caindo, tavam partindo. Aí os pau, os taperebazeiro que eram tão alto professora, quando caia ali, a senhora só via o final dele e a onda dava, aquelas onda... era uma coisa muito triste. Tudo pro fundo. Aí ficou o curral, lá na frente,

<p>ficou uma ponta. A casa não caiu porque a gente tirou, mas o lugar onde tava chegou a cair. E o curral ficou e eu dizendo pro meu marido “tira o curral pra gente fazer mais próximo lá pra casa, um curral bom”. Aí quando foi no dia que eu passei lá, falei pra ele. Aí quando amanheceu o dia já tinha sumido tudo, as terras já tinham caído tudo. [...] desde as 5 horas da madrugada a gente vendo cair... E até 9 horas do dia tava caindo, caindo, direto, assim, os pedaços! A senhora olhava assim professora, mesmo aí na beira, a senhora andar, se a senhora ver o partido pode sair de perto, que lá vai cair. Tinha parte assim que tava partido uns 4 dedo assim, aberto. Agente via... até próximo a casa a gente via aquelas rochona grande. Que passava na cabeça de vocês? O que passava na minha cabeça, a gente na dormida, a gente dormindo e isso acontecer, perto da gente né? Agente fica, tipo, eu não sei. A gente ficou tipo com trauma desse tempo, depois de tudo aquilo que aconteceu. Porque olha, a senhora já pensou a senhora ver com seu próprio olho e ficar botando “sim mas, se os meus filhos estivessem todos dormindo e as terra tivesse caindo e a casa tivesse caindo?” Caisse sem nós ver? Tudo isso eu pensava</p>
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. As Terras Caídas trazem problemas à convivência familiar e exigem dos moradores atitudes resilientes:</p> <p>a) Conviver com a separação familiar, mesmo que temporariamente.</p> <p>b) Adaptação ao novo ambiente em que foram acolhidos. Depois de serem afetados pelas terras caídas, os membros da família foram acolhidos em diferentes casas (de parentes e vizinhos), alguns permaneceram na própria comunidade, outros deslocados para comunidade próxima e os demais para a cidade de Santarém até concluir a construção de outra casa. As terras caídas, portanto, trazem prejuízos materiais e imateriais, respectivamente.</p> <p>c) Buscar soluções para reconstruir o que perderam – neste caso particular, a respondente conseguiu favorecer-se de uma política pública nacional direcionada a pescadores – seguro defeso, e tomando um empréstimo, puderam adquirir alguns bens, em substituição ao que perderam;</p> <p>d) reconstruir a vida após a perda de seus bens.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
6. Como é morar aqui hoje e saber a qualquer momento isso pode acontecer
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>Eu sinceramente, eu vejo muita gente se mudando pra Santarém com medo das terra caída mas, ainda não me passou por isso. Se desabar mais terra, vai lá pro lago e aqui a gente já ficou, igual ali em Fátima. E a minha preocupação é assim, porque um tempo desse, a gente fez um cadastro que era pra gente ganhar um terreno lá no Santa Maria né? Mas, como eu tava dizendo, se eles adquirirem essa terra pra lá pra nós claro que a gente vai adquirir uma casa pra lá e qualquer coisa a gente vai.</p>
Excerto Hermenêutico
<p>A comunidade de Fátima foi a primeira a ser afetada pelo fenômeno das terras caídas na região do Urucurituba, perderam extensão territorial e o que restou passou a ser área de risco. Diante disso, os moradores foram reassentados pelo INCRA na comunidade de Santa Maria na região de planalto Eixo Forte.</p>
Unidades de significado
<p>1. O receio da entrevistada é que se repita, em SCU, o que já aconteceu na comunidade de Fátima - perda do lugar e dos bens que conquistou, pois, a área é de risco e inapropriada à moradia, o que provocou a expulsão dos moradores. Contudo, caso isso venha a acontecer, a respondente está disposta a ser reassentada em outro local, mas vê isso, como última possibilidade. Tendo isso em vista, o INCRA já esteve na comunidade e fez um pré-cadastro (levantamento) das famílias que moram na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba</p> <p>2. A moradora observa que os moradores de SCU estão se mudando da comunidade afetada pelo fenômeno das terras caídas, provocando outro fenômeno – o êxodo rural, sendo as Terras Caídas um dos fatores impulsionadores da migração da população rural para a cidade de Santarém</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo.
7. Tem outra situação que tenha lhe marcado?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>Um dia nós vinha de Santarém, aliás não é só uma, é duas. A gente vinha de Santarém nesse tempo vinha só ele e Deus. E ele disse assim: “um bora atravessar.” Eu disse vamo atravessar vai uma bajara bem logo na nossa frente, dá tempo da gente atravessar. Olha professora, aí na outra bajara vinha uma senhora com duas crianças e o marido dela. Isso me marcou demais, olhe. A senhora olhava no rumo deles e a senhora não enxergava eles, porque a onda, as onda sabe, sumiam. Eles ficavam no fundo bem dizer e aquelas crianças, tinha hora que a gente enxergava eles por causa do isopor, duma tampa de isopor. Aí eu pedi tanto pra Deus que acalmasse esse tempo pra salvar eles né, que a gente já tinha chegado na beira do Amazonas. E, eles tavam no meio do Amazona, e o temporal... eu digo, “Meu Deus, só o senhor pra poder chegar essa, essa bajara pra cá... se vim criança? Que com certeza vem”. Aí nós ficamos lá, eu chorava demais olha. Chorava mesmo de ver e dar graças a Deus de meu marido pensar bem e ter voltado. Porque se nós segue pra beira nós ia, nós ia morrer nesse dia. Outra a gente vinha atravessando o rio. A senhora sabe assim, a senhora vem viajando assim e aquela onda vir assim que a modo ia cair encima da bajara? Ia cair encima de nós, pois assim a gente passou. Era só o vento, foi de repente. Eu agora que eu não choro contando, mas quando vinha gente assim, que via que nós já vinha no sufoco, e quando eu chegava aí a</p>

gente conversava e... Só Deus. A gente vinha viajando e professora, Deus é tão bom, que nesse sufoco não entrou uma gota de água na bajara. E outra foi, que eu vinha de Santarém com as minha filha e a bajara furou, no meio da viagem. A gente vinha, uma filha e duas netas. Aí a gente vinha, aí quando eu dei, aquela água começou a né... aí quando eu dei, perguntei pro meu marido que tinha dado no pau a bajara. Deu numa estaca que arreventou um pedaço da tauba.
Excerto Hermenêutico
A comunidade de Fátima foi a primeira a ser afetada pelo fenômeno das terras caídas na região do Urucurituba, perderam extensão territorial e o que restou passou a ser área de risco. Diante disso, os moradores foram reassentados pelo INCRA na comunidade de Santa Maria na região de planalto Eixo Forte. O rio é a principal via de acesso que interliga a Comunidade São Ciríaco do Urucurituba à cidade de Santarém e a outras comunidades. Os moradores utilizam embarcações de pequeno porte, como principais meios de transporte.
Unidades de significado
1. Outras situações marcantes estão relacionadas a navegação no rio Amazonas, o ir-vir/viagens. Esses deslocamentos são recorrentes no cotidiano, bem como o risco de exposição ao mal tempo com chuvas, ventos e temporais. 2. Nos relatos, as situações evidenciam a dificuldade que passaram e o quanto a situação de mal tempo aflorou as emoções no momento do acontecimento: o choro, desespero, o medo da morte, excitação, alívio, ansiedade, espanto.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo estesiológico.
8. Porque permanecer neste lugar? O que significa pra você
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
É porque é uma convivência que a gente tem e quando eu me dou num lugar é difícil, a gente... a gente sair pra outro lugar né? Eu aqui, durante eu tá aqui, convivo junto com as minhas filhas e às vezes eu digo assim "Vô comprar um terreno em tal canto e vou me embora e vocês vão ficar!" Não. Se eu comprar e sair elas tem que irem junto comigo. Aí por isso que a minha convivência com elas é assim. Não saio por causa delas e o costume aqui também né, que tem o peixe, a gente pode criar né, criar galinha, nós tem o ovo, quando não tem o peixe. Eu acho que eu gosto porque tudo é fácil aqui pra gente né, peixe, das galinhas, dos bicho que a gente cuida, cria. Tudo é fácil pra mim, sobre o ganho. Esse lugar [...] Ele é tudo pra mim. É tudo porque eu criei as minhas filhas aqui, eu tive elas né, e eu criei, eu já tô adquirindo o que eu nunca tive, adquiri, e eu tô adquirindo. E é assim.
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. Primeiramente há um vínculo familiar da respondente (mãe) e três de suas filhas com o lugar onde moram – elas residem próximas umas das outras e os demais moram em comunidades confinantes. No lugar que habitam, há o sentimento de estar próxima à família. Sair do lugar significa ficar longe deles. Então, para saírem espontaneamente da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, haveria de ter condições para todos saírem do lugar. 2. Além da família a respondente indica que as questões cultural e de subsistência estão entre as preocupações, pois a iminente possibilidade de mudar de lugar, sugere mudança no modo de vida, da qual está acostumada. Há facilidade e estrutura para criar animais, plantar e pescar. 3. O lugar é sinônimo de conquista, pois foi constituído pela família, além de ser o meio de trabalho e sobrevivência. Lugar de oportunidade para conquistar seus bens, por isso o considera como fácil.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.

APÊNDICE I – Quadro de análise ideográfica do Participante Solimões

2. PARTICIPANTE – SOLIMÕES
1. Como é sua experiência em morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
No tempo que tá verão eu acho melhor a convivência. A gente vive mais tranquilo né? sem medo. Aí no inverno a gente vive mais... com medo de terras caídas, medo de bicho, de sucuriyu, jacaré, essas coisas. Porque tando embaixo da água a gente não vê tando embaixo da água. Aí é, fica assim. Dá medo por causa das crianças né? De repente, aparece um bicho, sucuriyu pelo menos... Sucuriyu é bicho bandido mesmo pra pegar pessoas, animal também. E aí dá medo por isso...Tá com uns 3, não é mais. 4 anos ou 5 que não vai no fundo duma vez. Agora, dá medo quando vai tudo pro fundo. E aí fica difícil. Aquela enchente grande que teve, foi 2009 parece, essa aí, essa que me deu mais medo. Aqui na várzea. Por que dá medo e dá preocupação com outras pessoa da comunidade que moram nesse <u>beiradão</u> aí né. Que teve uma época aí que deu um temporal que, com chuva, com <u>tempo daqui de cima</u> ... Essa vizinha daqui chegou chorando pra nós ir acudir eles lá, que a casa dela tava levando à breca tudo. E a maresia vinha e ia arrebatando tudo, assoalho, tudo. E aí a gente... Eu fico preocupado assim.
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. Cada período sazonal apresenta especificidades ao varzeiro. No inverno-enchente-cheia-enchente grande a vivência na várzea é carregada de medo e preocupação. A enchente traz a aproximação de animais perigosos à saúde e à vida humana como cobras do tipo sucuriyu e jacarés. O respondente teme aos perigos consigo e, principalmente, com as crianças. A contingência da natureza no período de inverno, simultâneo à enchente e cheia, evoca o medo e preocupação no respondente porque as águas trazem perigos: dos animais que se aproximam da moradia; temporais típicos dessa estação e, cheias extremas como a de 2009, podem provocar a perda de bens. O interlocutor se preocupa com seus familiares e outros moradores ameaçados pelos eventos da natureza. Há, portanto, uma relação de temeridade com as águas pelo contingenciamento da natureza, que provocam pela sensação do medo morte ou afetação da saúde das pessoas. Por outro lado, a distância diminui e tudo fica mais perto.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
2. Como você desenvolve suas atividades do dia-a-dia convivendo com os ciclos do rio Amazonas? Há diferenças na enchente, cheia, vazante e seca?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Sobre o gado aqui na várzea... na várzea, quando é época que a água enche aí tem que levar o gado pra terra firme. Quando a enchente é pequena talvez desse, só que aqui não tem como ficar porque o terreno é pequeno e aí tem que levar, tem que tirar né, por causa do inverno. E agora essa época que tá vazando troca o gado pra cá de novo. Que períodos mais ou menos o senhor tira o gado daqui? Hummm, mês de fevereiro, março, entre esses dois meses. Aí tem que levar. Porque se for uma vazante como essa agora, a gente vai buscar agora no começo do mês de agosto. E quando é uma enchente maior que ela custa vazar a gente vai buscar lá por volta de setembro. Já teve época que buscar mesmo em setembro. Dia 20 de setembro, 15 de setembro, por aí. É nós tem planta, que a gente planta alguma coisa, melancia, jerimum, roça (a mandioca). A gente tem que plantar agora, com seis meses, sete meses tem que tirar, diferente da terra firme que a gente deixa lá, se tiver planta pra tirar a gente tira se não fica lá, não estraga. Aqui é diferente. Com 6, 7 meses tem que tirar, senão a água vem e estraga tudo. Quando começa o período de inverno, de chuva e o subir e aí já não presta nada. A gente pesca né, mas essa pescaria é só pro, pro <u>mantimento</u> da família. Mais pro consumo mesmo. É muito difícil vender um peixe em Santarém. Pegar um peixe mesmo. É porque eu não vou mesmo pescar direto. É, no verão é mais fácil de pegar o peixe. Mas, tem um problema também, porque na época de inverno a pescaria fica perto e na época do verão fica mais longe (risos), tem que andar pra chegar no lago lá... mas ainda assim a pescaria é melhor no verão? É no verão porque o lago fica menor né, o peixe fica praticamente preso, aí a gente vai lá é focinho pra pegar, de tarrafa, malhadeira, de qualquer jeito a gente pega. No inverno se torna mais perto mas, é mais difícil de pegar o peixe, eles se espalham...Aqui na várzea todo tempo tá começando. Começa num período e tem que terminar num, num outro período. Aí na época da vazante começa de novo. É como eu tava dizendo, dessa enchente agora que nós temo passando, essa enchente foi boa, foi pequena, as planta tão tudo aí... Mas quando vai pro fundo mesmo, tudo aí se acaba tudo. Não tem como. Tem que ir se acostumando assim.
Enxerto Hermenêutico
As enchentes (pequenas e grandes) oscilam de um ano para o outro. Aproximadamente 3 (três) a 5 (cinco) anos que a área de moradia do respondente não ficou totalmente alagada no período da cheia.
Unidades de significado
1.A sazonalidade das águas do rio Amazonas mudam a paisagem da várzea. Essa alteração paisagística está sincronizada aos períodos de inverno e verão, sendo um fator determinante para o varzeiro mobilizar estratégias de convivência, em cada período que vai vivenciar: a) O nível de cheia determinará o mês que o rebanho de gado será transportado para terra firme, bem como, marcará o tempo de início da vazante, quando transportarão os animais para a várzea. b) O ritmo de vazante determina o período de início e retomada dos cultivos (plantar e colher). Vazante, seca e enchente/inverno determinam os tipos de cultivos e o tempo para plantar e colher. Nos anos em que não há inundação total, ele não perde a plantação e mantém as áreas cultiváveis, além de poder plantar outros cultivos que precisam de um tempo maior para a colheita. c) Na época do inverno, as águas estão mais próximas das residências, o que facilita a atividade da pescaria , pois embarcações ficam ancoradas no porto da comunidade. Por outro lado, principalmente, na cheia (enchente grande) é mais difícil a pescaria

<p>porque os peixes se espalham e se escondem nos lagos. No verão as águas nos lagos diminuem, e isso torna fácil a captura dos peixes, mas as embarcações ficam mais longe das moradias.</p> <p>d) Na cheia, principalmente na grande, as embarcações chegam até às portas das residências. Por outro lado, esse tempo apresenta limitações de locomoção, como não há terras e a movimentação no espaço ocorre somente, por meio das embarcações. Já no verão as embarcações ficam distantes, mas a mobilidade individual para sair, caminhar, andar a cavalo, moto ou bicicleta é ampliada.</p> <p>Pela aprendizagem acumulada e percepção ambiental são desenvolvidas estratégias de adequação ao local e o ritmo das águas (enchente, cheia e chuvas) são fatores determinantes no processo organizacional do espaço.</p> <p>e) Morar na várzea é começar o tempo todo e a vazante é o marco para esse recomeço da intensificação da pesca, dos cultivos e do retorno com o manejo do gado.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
3. Tem alguma preferência por algum dos períodos? De enchente, cheia, vazante, seca?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Olha, no inverno se torna melhor as coisa por causa que fica mais perto, bem dizer, quando a gente vem da cidade, aí no inverno já encosta na porta de casa (risos), aí no verão já encosta lá na beira do Amazonas pra vim pra cá já se torna mais difícil, mas mesmo assim, eu acho que no verão pra mim era melhor. [...] no verão tem mais espaço pra gente andar aqui na várzea né, a gente pega um cavalo e vai embora de uma comunidade pra outra, ou uma moto, uma coisa, e no inverno não, é só de canoa, de barco, de bajara, mas é por isso que eu digo, no inverno a gente encosta na porta da casa né, e no verão não, a gente vai também de, depende de outro tipo de transporte, cavalo, ou de carro, de moto, mas de qualquer forma a gente chega né, então é por isso que eu digo que é melhor no verão, pra mim, na várzea é melhor no verão. Que no verão você pode fazer alguma coisa, pode plantar, pode andar pra onde você quiser tanto faz ser de pés quanto de cavalo, de alguma coisa você vai. Você vai né? e no inverno você depende de embarcação né? De uma bajara, de uma canoa, se não tiver aí fica pior, porque você não pode sair de casa no inverno se não tiver uma canoa, não tiver uma bajara, se não tiver alguma coisa. É diferente do verão. Você tenha ou não tenha você vai.
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. No verão essa preocupação é reduzida, porque as áreas de terra de moradia estão secas. Vivem com mais tranquilidade e sem preocupações e medos, sentimentos mais evidentes no inverno. Há espaço e opções de mobilidade. Há a possibilidade de intensificação de diversas atividades.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
4. Fale um pouco sobre as terras crescidas.
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
As terras crescidas eu acho que é por causa dessa água que vem aí de cima ela é muito barro, ela vem com muita terra, aí se você pegar uma água dessa do Amazona aí e botar numa vasilha e deixar ela sentar aí fica aquele monte de terra no fundo da vasilha. Então é a mesma coisa: essa água que entra aqui no igarapé, aí ela vai acumulando terra aqui pro lago, vai aterrando. Como aqui na beira do Amazonas, a senhora vê aí na beira do Amazona essa praia que tá saindo aí ela sempre vem, aí onde tá esse remanso ela fica rodando e vai acumulando a terra, aí cresce
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. Terras crescidas provocam o aterramento de algumas áreas de terras a partir dos sedimentos provenientes das águas do rio Amazonas durante a enchente, provocando alterações na paisagem e, conseqüentemente, aos moradores.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
5. Alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Pois é. Terras caídas eu já vi muita terra cair [...] Eu acho que só pode vim cavando por baixo, aí de repente ela arria a terra, porque é coisa muito feia quando cai terra. Deus me livre. Quando ela vai cair a terra, ela começa estralar, a gente pensa até assim. a gente pensa que é tipo um pau quando vai quebrando assim, aquilo. Aí de repente dá aquele estrondo grande. Aí vai embora a terra. Cai com tudo. Já aconteceu de levar gente pro fundo aí pra baixo. Uma vez levou um pescador com tudo, ele tava pescando né, aí ele escutou aquela zoadá, ele não percebeu que era terras caída. Aí de repente ele ouviu aquela zoadá, ele pensava que era um a jato que tava passando quando acaba era terras caída que tava arriando e quando ele deu

foi quando puxou a canoa com tudo, ele foi pro fundo, porque leva mesmo. Ele faleceu? Não, ele conseguiu se salvar. Ele foi muito no fundo e ele boiou. Já boiou lá fora, perdeu canoa, perdeu malhadeira, perdeu tudo. Só ele mesmo se salvou. Foi sorte. Então é assim, é muito ruim quando cai, dá medo. Muito medo. Aqui afetou porque lá onde nós morava, a casa lá da beira do Amazonas, lá é Amazonas já. A terra onde vocês moravam não existe mais? Não, não existe mais. Não existe, já é Amazonas lá. Pois é, isso aí eu agradeço a comunidade, porque quando começou cair, que já tava chegando perto da casa, aí eu fui aí na comunidade e eu pedi ajuda e o pessoal vieram e nós arranjamos a casa com tudo.
Enxerto Hermenêutico
Esta família passou por dois momentos com o fenômeno das terras caídas. O primeiro desabou toda a área da casa, neste episódio, o respondente não estava no local. O segundo ocorreu levando toda a área do curral que eles não tinham desmanchado, neste, ele estava e presenciou a situação.
Unidades de significado
1. O transcorrer do fenômeno das terras caídas desperta sentidos aos moradores - visual e sonoro quando se deparam vendo e ouvindo o fenômeno. O fenômeno das terras caídas aparece como a primeira situação que marcou a vida do morador. 2. O respondente entende que as terras caídas é um processo de desabamento de terras em que não há previsão exata do momento do incidente. Em SCU, por exemplo, entre um evento e outro, levou cerca de 6 (seis) meses para ocorrer novamente. E deste último [...] não ocorreu mais. Há registro de ocorrência em outras áreas, atingindo outros moradores.
Redução das Unidades
Experiências vividas com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
5.1. O senhor viu acontecer? E como foi viver essa experiência?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Eu tava, eu vi. O senhor pode contar como aconteceu? Eu, é começou acho que era umas 4 horas da madrugada, porque eu tava lá pro outro lado com o gado só que nesse dia eu vim pra cá. Aí quando foi umas 4 horas da madrugada aí começou cair, cair, cair, só ouvia o barulho, aí quando foi de manhã tava caindo pro lado de cima assim. Aí tinha um igarapé que passava lá perto de casa, que era mais fora assim a boca, e a minha filha foi dar banho na filha dela pra, pra ela ir pra escola. Quando ela chegou lá na beira aí que arriou um pedaço assim que veio na beira do igarapé. Faz uma zoada muito feio. Aí ela saiu de lá correndo e chorando e ela ficou traumatizada uns dias. Aí quando nós vimos cair já que atingiu o igarapé, que caiu levou um pedaço da terra já lá perto da casa, aí eu me desesperei. Digo "rapaz, vai chegar aqui na casa, se não parar, aí que eu fui lá, aí na comunidade aí pedi ajuda e o pessoal veio quase umas 100 pessoas daí, aí nós metemos de escangalhar, destelhar, tirar tudo. Aí nos fumo tirando, mas aí quando nós começemo a trabalhar na casa aí foi diminuindo (a queda das terras). Aí foi que nós <i>tiremo</i> a casa aí, aí parou né (de cair)? Isso foi num dia? Foi. Aí parou... Tinham desmanchado tudo? <i>Desmanchemo, carreguemo</i> tudo pra cá, foi tempo que nós construímos essa casa pra cá, mais ali na beira do igarapé... É Essa casa aqui? Não foi essa aqui, foi uma outra. Com essa madeira que era de lá, com as telha, tudo nós <i>construímo</i> uma lá perto daquela cuieira. Aí <i>fiqumo</i> morando aí lá ficou o lugar da casa e o curral que nós prendia o gado né, ninguém tirou né? Parou. Ninguém tirou. acho que uns 6 meses mais ou menos aí a água foi começando a baixar. Aí, mais ou menos uns 6 meses eu acho, ficou assim né? Aí foi o tempo que a água ia baixando. A água já ia baixando, vazando. Só que a gente ainda entrava aqui no igarapé. Aí eu comecei desmanchar o curral né, mas aí a água já tava vazando eu fiquei despreocupado né, não, não vai cair mais, vou deixar e, no verão a gente escangalha e faz outro curral. Aí quando foi uma noite nós <i>escutemo</i> zoada, zoada, zoada, aquela zoadeira. Aí nós fomo lá de manhã olhar, não tinha curral, não tinha mais nada. Foi embora tudo. Aí o curral nós <i>perdemo</i> tudo, de madeira.
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. Enquanto ocorre o fenômeno algumas sensações são produzidas: a) O <u>medo</u> de perder a própria vida e de um ente querido (morte) ou de conhecidos, sendo um sentimento marcante em meio ao acontecimento das Terras Caídas, principalmente pela consciência que o indivíduo tem dos perigos advindos do evento. b) Susto, choro e espanto em viver o fenômeno acontecer. c) Trauma pela situação dramática vivenciada. 2. Diante da experiência vivida com as Terras Caídas ocorrem operações internas (psicológicas) nos sujeitos que geram reações para enfrentar o problema: supera-se o medo e transforma-o em coragem e bravura para salvar a própria vida, a dos seus familiares e os bens que possuem – esse movimento interno ocorre não somente com os afetados, mas com os outros moradores que em atitude de cooperação e pro atividade (que parte do individual para o coletivo) auxiliam os afetados diretamente na situação. Enquanto coletividade utilizam as seguintes estratégias: os afetados diretamente alertam-se entre si rapidamente e informam o maior número de pessoas possíveis sobre a situação, visando que eles possam ajuda-los preservar a vida e os bens; em ato coletivo, os afetados diretamente e os não afetados buscam colocar em local seguro os bens materiais, desmontam a casa de madeira para reaproveitar o material para construir outra o mais longe possível da margem do rio. Passado o evento, buscam reconstruir o que se perdeu longe da margem do rio. 3. Há ação para salvar os bens.
Redução das Unidades
Experiências vividas com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
6. Como é morar aqui hoje e saber que a qualquer momento isso pode acontecer?

Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Eu tô com 30 anos morando aqui e ainda tem terra. E eu acho que, se for cair toda essa terra, mas eu acho que ninguém mais tá aqui pra ver porque eu já tô 30 anos morando aqui, o pessoal vem falando que ia cair ainda tem muita terra, ainda tem muita gente morando aqui. Não sei, tá na mão de Deus né? Se caísse hoje, se atingisse aqui ia ficar difícil né, porque a gente não tem pra onde ir mesmo e [...] Porque quem mora aqui e tem uma casa na cidade, aí tudo bem né, - "não tem como ficar aqui eu vou me embora pra minha casa lá na cidade", mas pra mim que não tem aí fica difícil. Mas quem sabe se daqui com mais um período eu não vou ter condição de comprar uma casa na cidade. É por isso que eu já tenho vontade de comprar mas, ainda não teve condição.
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. O fenômeno das Terras Caídas provoca a perda imediata de bens: áreas cultivadas, pastos, casa, curral, etc. Caso ocorra o evento a ponto de perder toda sua área de moradia ele não terá para onde ir, pois não tem outra opção de moradia. E, caso venha a ter condições financeiras ele investirá em outro local para ter opção de mudança.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo.
7. Tem outra situação que tenha lhe marcado?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
Me recordo dessa enchente grande de 2009, 2009 que foi tudo pro fundo. Ficou tudo no fundo, a gente procurava terra aqui e não achava, só se mergulhasse e fosse pegar lá no fundo. Aí esse ano, esse ano aí eu nunca me esqueço, por causa que numa noite deu esse temporal com muita chuva, muito vento e a água ela encheu acima do que ela tava, ela encheu uns 40 cm e meteu tudo pro fundo. O assoalho que a gente tinha feito encima do outro assoalho foi pro fundo, foi tudo, aí eu fiquei desesperado, fiquei muito com medo. Aí desde esse tempo aí a minha pressão num, não normalizou mais, por isso que eu tomo remédio até hoje. Foi por causa desse medo que eu passei. Essa noite foi a noite que eu mais sofri medo. Só um temporal no Amazonas, já peguei também. E que eu também não esqueço. Nessa época que eu peguei esse temporal aí na beira do Amazonas era verão. Eu fiquei com medo de ir pro fundo, graças a Deus ninguém foi mas, eu fiquei também com muito medo.
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. O sujeito vivencia o medo da morte e de alagamento da própria residência durante um temporal no período cheia, especificamente na cheia de 2009, umas das maiores dos últimos anos. O estresse extremo da situação causou um quadro de adoecimento permanente pela aquisição de hipertensão. O sujeito vivencia novamente o medo da morte durante uma viagem pelo rio Amazonas.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
8. Porque permanecer neste lugar? O que significa pra você
Aqui é bom. É a mesma coisa que lá onde eu fui criado. Lá onde eu fui criado era muito bom também. Lá tinha de tudo, lá eu fui muito bem criado, questão de fartura né, peixe, carne, o papai tomava conta de uma fazenda lá e ele tinha ordem do patrão dele de todo mês matar uma rês pro custeio lá da fazenda. Então eu fui muito bem criado nesse ponto e depois que eu fiquei adulto e comecei a trabalhar com ele e sempre na fartura. Eu achava que se eu saísse de lá eu ia passar mal, mas graças a Deus depois que eu, eu dizia "mas quando, eu, eu não me acostumo noutra lugar a não ser aqui porque eu fui criado aqui", mas hoje eu nem, penso lá, eu sei que era bom mas, nem tem como voltar também pra lá. Eu não tenho vontade de sair daqui pra ir morar pra outro canto. A não ser que seja uma proposta muito boa né? Mas se não tiver proposta eu não tenho vontade de sair daqui por causa que aqui eu construí minha família, meus filhos nasceram tudo aqui, eu perdi um filho aqui e o resto foi criado aqui e <u>veve</u> aqui e é por isso que eu tenho amor aqui. Eu acho que esse significado é do meu trabalho porque eu já trabalhei muitos anos. Um trabalho duro, um trabalho muito suado mesmo. Eu acho que é pouco mas já significa alguma coisa né? Já lhe disse, eu gosto porque aqui que eu criei meus filhos, tô vivendo até hoje, já passei por esses momentos difíceis, mas a gente vai levando.
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. Lugar onde mora tem similaridades com o que viveu e aprendeu em sua infância e juventude. 2. Por livre escolha, o respondente não manifesta desejo de sair da Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, apesar dos riscos. A pretensão de abandono do local se apresenta, diante de alguma oportunidade de trabalho indicando segurança familiar, mostra assim, menor resistência para abandonar o lugar. 3. O lugar representa a conquista dos anos trabalhos. 4. O lugar é sinônimo de conquista, pois foi constituído pela família, além de ser o meio de trabalho e sobrevivência. 5. Lugar de oportunidade para conquistar seus bens, por isso o considera como fácil

Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.

APÊNDICE J – Quadro de análise ideográfica do Participante Tracajá

3. PARTICIPANTE – TRACAJÁ
1. Como é sua experiência em morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>Tem períodos aqui que ficam simplesmente fáceis. Nesse período, principalmente agora o da cheia, que é um período fácil, até se mover, buscar o alimento e outras coisas. E na várzea, na seca, já é um pouquinho mais diferente, que a gente tem que se deslocar a pé, se tiver um cavalo, a gente vai no cavalo, senão tiver é a pé mesmo pra procurar o alimento que é o mais difícil, no meu modo de ver, fica, nesse tempo, andar mais de uma hora atrás de alimento, ou a gente tem que ir pra cá pra beira do Amazonas pra ver se a gente consegue algum alimento né? Mas é, na minha experiência que posso dizer que [...] eu não sei nem como falar né? que a gente conversando com nossos antepassados e eles sempre dizem que, é essa mesma coisa que eu lhe falei né? Dessa mesma forma que eu lhe falei. Então é essa experiência aqui, mais ou menos que eu entendo né? Eu já virei um pescador e eu saio né? saio de casa pra ir em busca de sobrevivência pra minha família né, por causa da pesca. A gente tem que sair pra outros locais por causa, pra pescar né, então é muito diferente, até mesmo no período de seca, no período de seca. No Aritapera a gente vive da roça né, da maniva, do milho, do feijão, dessas coisas. É mais difícil a pescaria lá ainda, é muito mais difícil do que pra cá, eu acho. Porque pra lá só é uma <i>comunidadezinha</i> mais isolada, se quiser tratar de alimento é lá pra beira do Amazonas, enfrentando também distância de andar, ou então é lá pra trás, pra uma outra <i>baixa</i> que tem lá, que também se torna distante né? Até mesmo lá a água né, que lá tem uma <i>enseadzinha</i> lá dentro que no verão ela não serve de alimento, que lá fica podre, lá dentro ela não serve pra gente beber, só pra lavar a roupa, tomar um banho, mas não assim, aquela água que se tu cair nela tu sai todo <i>breiado</i>, que aquele <i>cauxizão</i> gruda no teu corpo. Ai a gente tinha que vir pra beira do Amazonas com carrinho (de mão), na costa mesmo carregando aqueles carotes de vinte litros, aquele balde pra levar, pra gente tomar né? Então era bem difícil. Era o mesmo que a gente viver aqui nos Campo na seca quando não tem o caminhão, ele jogam no motozinho, mesmo ruim, pra tomar aquela água.</p>
Enxerto Hermenêutico
<p>Na cheia locomovem-se com embarcações. Na seca podem caminhar, andar a cavalo. Há similaridades do lugar onde nasceu e o que passou a morar. Os moradores da várzea da Comunidade Aritapera, no período de vazante e seca, principalmente, ficam impossibilitados de usar a água do lago porque fica com baixo volume de água e sem qualidade para uso. Do SCU tem a possibilidade de usar diretamente do rio Amazonas e do braço dele que passa em frente à área de moradia do respondente, integrante do núcleo familiar, participante da pesquisa.</p>
Unidades de significado
<ol style="list-style-type: none"> 1. A experiência de aprendizagem sobre a natureza da várzea é também apreendida na convivência com os antepassados (os mais velhos). 2. O sujeito percebe diferenças entre as várzeas onde viveu - Aritapera e SCU, quais sejam: <ol style="list-style-type: none"> a) a distância entre a comunidade e o rio Amazonas, no caso do Aritapera, o acesso é por meio de um igarapé (braço do rio Amazonas) o que dificulta atividades e acesso por essa distância, enquanto isso a comunidade de SCU fica à margem do rio. b) meio de subsistência, em SCU a atividade principal é a pesca, no Aritapera era a agricultura. c) uso da água em SCU feita diretamente do Amazonas e do braço do rio que passa em frente a área de moradia do grupo familiar do respondente. No período de seca, a água deste igarapé é servível, somente, para as atividades de agricultura, os cuidados com os animais e atividades doméstica, bebe-se a água do rio. Em Aritapera, esse uso fica restrito, pois o lago em que está localizada tem o nível das águas diminuído, tornando a água inapropriada, principalmente para o consumo. Essa situação é semelhante à realidade de vidas dos moradores de Campos do Urucurituba.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
2. Como você desenvolve suas atividades do dia-a-dia convivendo com os ciclos do rio Amazonas? Há diferenças na enchente, cheia, vazante e seca?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>Agora, que nós estamos no inverno, que a água tá aqui por perto, pra gente se locomover é muito mais fácil né, muito mais fácil, porque aí pega tua bajara, tua embarcação aqui no porto e sai logo pra ali já vai pescar né, nesse período como fica cheio né, o peixe é mais <i>vilhaco</i>, ele se esconde mais fácil e quando é no período da seca, que é um período que é bom né de peixe, digo que o peixe vai somente para o meio do lago, fica bom de peixe né, fica bom pra cá ou seja pra ali, pra onde a gente vá, é um período que é bom, mas aí também já fica difícil pra gente, pras nossas embarcações, que às vezes a gente tem que se locomover daqui ali, digo andar a distância pra pegar a embarcação pra poder a gente sair. Desse período que fica um pouco difícil de peixe aqui nesse lago, aí a gente tem que ir pro outro, pro outro lago mais adiante né, que fica ali pro Tapajós--Já quando chega no tempo do verão fica bom o peixe, mas fica ruim a parte da locomoção né, de chegar até lá pra gente pescar né? E, teve até período mesmo na, no tempo da seca né, que a gente transportava pelo caminhão. O meu sogro né, que trabalha com gado né, e no verão a gente solta o gado e fica aí de boa, né que a gente tem as plantação da gente, a gente planta por aqui também. E quando chega agora no período, se a gente não tirar o gado, ou então deixar ele mesmo por aqui o gado, ele acaba morrendo porque não tem pasto, não tem pra onde ele sair né, então mesmo se a gente não tirar a nossa plantação isso acaba com a água. Sobre o plantio né, aqui nesse período que a água está começando a baixar né, a gente já começa a fazer nossas plantas né? De dois anos pra cá, três com esse que a gente tá fazendo essa experiência né, que eu já vivi essa experiência no Aritapera de farinha. E aqui o pessoal, só alguns né que não sabiam o que era isso né, mas depois que a gente fez o primeiro ano né a gente viu que era bom né, que a gente ia, economizou uma grana boa com a farinha. A gente só planta roça mesmo que é pra gente fazer, pra gente consumir nós mesmo, não é pra <i>venda</i>. É mais pro consumo mesmo. Principalmente pro consumo mesmo. A venda somente da pesca que a gente vive. Agora, eu acho que posso dizer assim que as coisas já melhoraram né, porque a gente já conseguiu fazer, acho que a renda talvez tenha aumentando um pouquinho, a gente já conseguiu fazer as nossas casa com <i>assoalho</i> mais</p>

<p>alto né? Mas, eu posso dizer, daqui com uns dez anos atrás, eu acho, talvez, já não me recordo bem né, era muito, muito difícil mesmo porque as nossas casa eram lá embaixo né, e tudo, cada enchente que vinha, toda ela passava, ai ultrapassava o assoalho né, a gente tinha que conviver fazendo <i>maromba</i>. Então acho que muito difícil essa sensação, essa situação de viver esse período, quando a água chega a subir né? Muito né? Como foi aquela enchente de 2009, se não estou enganado, que foi a das maiores enchentes que até em Santarém a senhora viu que por lá afetou.</p>
Enxerto Hermenêutico
<p>A entrada em lagos e áreas do rio Amazonas para a pescaria ocorre a partir dos acordos de pesca feitos na Colônia de Pescadores – Z-20, em relação ao uso comum dos recursos naturais. A pesca é a principal atividade econômica em SCU, possivelmente porque ela está à margem do rio Amazonas e próximo ao lago do Aramanaí. A pecuária é principal fonte de renda de um dos membros do núcleo familiar. No período do inverno, a família permanece mais próxima, os membros ficam juntos em suas residências, em decorrência da diminuição do ritmo de trabalho na pecuária, pesca e agricultura.</p>
Unidades de significado
<p>1. A relação do respondente com a natureza da várzea (sazonalidade/inverno/verão) constitui-se de um arsenal de experiências com o ambiente levando-o a elaborar estratégias de convivência, movidas pelas necessidades básicas que o leva a sair, se deslocar, pescar, enfrentar a realidade. Tais vivências fazem-no perceber as diferenças e peculiaridade de viver o inverno (enchente grande e pequena, cheia, cheia extrema) e verão (vazante seca, extrema seca):</p> <p>a) Na locomoção o respondente considera o inverno, que ocorre sincronicamente à enchente e cheia do rio um período considerado mais fácil para busca de alimentos, porque diminui a distância de caminhada entre as embarcações e as residências, enquanto que na seca ocorre maior desgaste corporal em decorrência do aumento no percurso ou utiliza, quando tem, outros recursos, como cavalos, motos, bicicletas, e dessa forma melhora a condição de acesso. O fato das embarcações permanecerem ancoradas próximas à área de moradia, facilita a vigilância, diminuindo a preocupação com furto das mesmas, e dos apetrechos de pesca (malhadeiras, boias etc) que são instrumentos de trabalho dos pescadores.</p> <p>b) A pescaria é a principal atividade econômica em SCU e para este respondente, consegue provê as necessidades de subsistência de sua família. No inverno fica mais difícil, pois aumenta a extensão aquífera ampliando o espaço de viveiro de peixes, facilitando esconderijos, e isso dificulta a atividade pesqueira. No verão é o melhor período para desenvolver a atividade de pescador, com exceção dos meses que compreendem o período do defeso. Com a diminuição dos lagos, neste segundo período do ano, a atividade de pesca se desloca para outras regiões do Rio Amazonas e Tapajós, fora dos limites da região do Urucurituba. c) No inverno diminui as áreas de pastagens, então o gado é transportado para terra firme onde há maior espaço para o pasto. E retornam para a várzea a partir da vazante, onde permanecem todo o verão até o período de enchente/cheia/inverno desde que tenha áreas para esta atividade.</p> <p>d) No inverno diminui-se o ritmo da agricultura pelo tempo de chuvas e inundação e no verão há a intensificação cujo marco é iniciado com a vazante do rio Amazonas. Como SCU ficou 3 (três) a 5 (cinco) anos sem ser inundada completamente, foi possível manter e continuar os cultivos que vinham plantando e acrescentaram outros, como por exemplo, a mandioca que é a matéria prima da farinha – um dos principais alimentos da mesa varzeira. Isto foi possível porque não ocorreram enchentes grandes, mas enchentes pequenas.</p> <p>2. Notamos que o movimento das águas, de enchente-cheia-vazante-seca do rio Amazonas é um marco nas atividades cotidianas varzeiras. Diante desta movimentação, a paisagem se modifica, os moradores agem estrategicamente de maneiras distintas para vivenciar as particularidades do verão e do inverno amazônico. Assim, no inverno diminui o ritmo das atividades de pesca, agricultura e pecuária. A vazante é o marco de retomada dessas atividades e da chegada do verão quando as intensificam novamente. De um ano para o outro o fluxo pluviométrico e nível fluvial modificam-se de maneira que nos últimos 3 (três) a 5 (cinco) anos em SCU não ocorreu enchentes que submergisse completamente a extensão de terras, o que possibilitou a continuidade dessas. Por essa possibilidade vivenciada, o respondente indica que o inverno é bom quando não tem uma enchente muito grande, mas uma enchente pequena.</p> <p>3. As estratégias de sobrevivência na várzea são múltiplas, como pesca, agricultura e pecuária, sendo algumas das fontes de renda, troca, consumo, etc. Como por exemplo, a agricultura têm duas finalidades: algumas plantações são somente para o consumo da família, outras para comercialização, outras para ambas as finalidades. Como ocorreu a enchente pequena, foi possível cultivar a mandioca e produzir a farinha, o que possibilitou ajuda na economia da família, evitando-se o gasto em dinheiro com este produto consumido diariamente nas refeições do almoço e jantar.</p> <p>4. Trabalham na busca de melhorar o rendimento financeiro e condições de vida adequada para viver no local. Um destes investimentos é a construção ou reconstrução para estender a altura dos assoalhos das casas, pois quando estão baixos seus moradores enfrentam mais dificuldades no inverno, precisando recorrer à pontes de acesso (marombas) dentro e fora das casas. As residências de assoalhos altos pode indicar que o morador obteve investimentos (temporários) na renda da família.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
3. Tem alguma preferência por algum dos períodos? De enchente, cheia, vazante, seca?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>Nesse período agora, com a água tá assim, nessa situação é uma maravilha, até mesmo pras nossas embarcação, a gente deixa aqui dentro né? E ai pra sair de casa, até ir pra outros locais é fácil né, aí quando chega, que a água já chega né, a transbordar, principalmente pra nós que temos crianças que tem aquela preocupação, aquele medo, porque a gente não sabe o que tempo por debaixo das águas. Acho que, sempre traz preocupação pra gente também é os temporais que dá grande né? E quando tá no verão a gente, Deus defenda aconteça alguma coisa ae gente tem como sair rápido né, e, por exemplo, se a água tiver grande a gente num tem como sair rápido de casa né, tem que sair devagar, caso viesse acontecer alguma coisa dessas, mas isso é um medo que a gente tem disso acontecer. E no período do verão, não sei se porque é verão mesmo agora que é mais fácil pra gente, já na enchente é bem complicado. Se a seca for grande demais também já se torna bem difícil pra gente. Eu como chefe de casa já digo, não faço parecer né, porque isso aí também, se a gente parecer aí a coisa cai, antes de acontecer qualquer coisa já cai os dois, bem dizer morto né?</p>
Enxerto Hermenêutico

Unidades de significado
<p>1. Cada período sazonal apresenta especificidades ao varzeiro. No inverno-enchente-cheia-enchente grande a vivência na várzea é também carregada de medo e preocupação. A contingência da natureza no período de inverno, simultâneo a enchente e cheia, evoca o medo e preocupação no respondente porque as águas trazem perigos: como os animais que se aproximam da moradia e trazem riscos à saúde e vida humana; temporais típicos dessa estação e, cheias extremas como a de 2009 que podem provar a perda de bens. O interlocutor se preocupa com seus familiares, principalmente as crianças que possam a vir ficar vulneráveis aos eventos da natureza. Há, portanto, uma relação de temeridade com as águas pelo contingenciamento da natureza, que provocam a sensação do medo morte ou afetação da saúde das pessoas.</p> <p>2. Por outro lado, a distância diminui e tudo fica mais perto facilitando a locomoção e diminuindo a exaustação corporal. Tranquilidade de os instrumentos de trabalho, como as embarcações, estarem visíveis e próximos a área de moradia, que no verão ficam longe de sua vigilância.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
4. Fale um pouco sobre as terras crescidas.
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>[...] é uma coisa assim que, muita das vezes prejudica né, porque fica, fica difícil né? Por exemplo, aqui a gente tem aqui, um igarapé aqui né e, as bocas tão tudo bem dizer fechando né? Por causa desse fenômeno que acontece todos os anos. Eu acho, devido o nosso rio Amazonas ser um rio barrento né? Ele vem, com a correnteza e devido ele ter aquilo, aquela parede que faz amortecer aquela água, ele vai acumulando aquela terra né? Afeta por causa das construção né, que... afeta mais nas <i>construção</i> que a gente faz, porque a gente faz, por exemplo, aqui esse assoalho aqui da minha sogra, quando ela fez, a gente passava por baixo, 1,70 talvez a altura, aí a gente até comemorou alguns natais aí embaixo, a gente até comemorou alguns natais lá embaixo dela né? Porque a gente ficava aí, vinha às vezes algum chuvisco e a gente ficava por baixo, as crianças, tudo lá embaixo né? Depois foi umas duas vezes, eu acho, no fundo, e aí só de ver a situação que já ficou. Depois que encheu, aí as terras veio por cima e aí, já vai embora crescendo por cima, aí já ficou desse jeito né. Cada vez mais perto do chão. Acho que são o principal, no meu modo de ver é isso né? Que afeta principalmente as moradias né?</p>
Enxerto Hermenêutico
<p>A reconstrução das casas, principalmente para elevar os assoalhos, ocorre porque na Comunidade São Ciríaco do Urucurituba, as "terras crescidas" (deposição de sedimentos do rio Amazonas que implica no aumento da densidade das terras), provocam o aterramento de vários pontos na extensão da comunidade. A área de moradia é atingida com o crescimento do volume de terras debaixo dos assoalhos de algumas casas.</p>
Unidades de significado
1. As terras crescidas provocam o aterramento de algumas áreas de terras a partir dos sedimentos provenientes das águas do rio Amazonas durante a enchente, provocando alterações na paisagem e, afetando algumas casas dos moradores
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
5. Alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>A seca de 2014 ou 2016, não tô lembrado, uma seca grande que teve. 2016 eu acho, foi em 2016 se não me falha a memória, foi a seca grande. Pra nós que anda e vê, por exemplo, aquele nosso lago, que é o nosso ganha pão né, indo, se acabando, secando de uma hora pra outra e, vendo aquela imensidade de peixe toda as manhãs, aquela imensidade de peixe, morta na <i>beirada</i>, na beira do lago lá, o qual aquele peixe poderia estar alimentando muitas famílias e a nossa, já digo, servindo de alimento pra nossa família e que não dava, porque não tinha como chegar até ele por causa do <i>atoleiro</i>. Então não tinha como salvar e nem como usar. Tem outra situação que tenha lhe marcado? As terras caídas. É um fenômeno, que eu posso dizer assim que é, extraordinário, é um fenômeno que eu já vivi, já presenciei né? E que mete medo né? Mete medo na gente depois que a gente vê que vai se aproximando mesmo da situação mais próxima, que eu me recordo bem que logo depois que eu cheguei pra cá, vivenciei dois, dois fenômenos desse.</p>
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. A extrema seca provoca a seca dos logos de várzea que tem como consequência o represamento e morte dos peixes e de outros animais aquáticos que consequentemente afetam o trabalho, renda e fonte de alimentação dos pescadores e suas famílias.</p> <p>2. No período do verão inicia a vazante do rio Amazonas, período que os lagos diminuem ou perdem conexão com este, deste modo, os peixes e outros animais aquáticos ficam represados nos lagos das várzeas. Então quando ocorre um evento extremo neste período, como a extrema seca, os lagos reduzem drasticamente os níveis de água, chegando até mesmo a secar e o animais ali estanques em sua maioria morrem. Este tipo de evento além de provocar a perda temporária do recurso natural, afeta a sobrevivência varzeira depende da pesca, fonte de alimento e trabalho que gera renda.</p>

Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
5.1 Como foi viver essa experiência?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
Então, foi pela manhã cedo que a gente estava dormindo ainda, e de repente ouve uma conversa que tava saindo e a gente foi pra lá pra ver. Eu e minha cunhada <i>fomo</i> pra lá pra ver e chegou lá, a modo assim a terra não tinha nada por baixo, era simplesmente aquilo que fazia aquela coisa, e aquele pedaço de terra arriava, facilmente né... E, a gente ficou observando né, com muitas pessoas por perto... No começo assim, quando ela veio né, parecia assim divertido, uma diversão pra gente que via e ficava olhando, de repente, aquelas árvores imensas né? <i>Thuuuh</i> , ser engolida pela água, mas aí depois que a gente ficou observando e foi se aproximando principalmente da casa, aquilo já queria, foi, foi logo deixando todo mundo a flor da pele que não sabia o que fazia então, foi um período que a gente ficou até desesperado uma casa que a gente constrói ali uma semana, duas semanas de trabalho a gente tirou em umas quatro, cinco horas de trabalho né? Então a gente reuniu, a comunidade veio toda, a gente conseguiu tirar a casa. E o outro, posso dizer assim que eu também vivi, que eu não vi ele acontecendo porque ele aconteceu umas dez pra meia noite, mas eu pude presenciar na hora que eu vinha do treino das 6 horas, eu vinha... A gente ainda morava ali atrás, eu tinha uma casinha ali, e eu vinha do treino, umas 6 horas pras 7 horas e eu escutava o baque no fundo da terra, aquele estalo: <i>Tá!</i> E eu olhava, digo não enxergava nada, até fiquei meio assim com medo, mas eu não vi nada e, segui adiante. Quando a gente tava aqui já pra dormir ou talvez já dormindo, a gente ouviu aquele zum, zum, zum e fomos perceber que lá onde eu tinha sentido aqueles estalos a terra <i>tava</i> indo embora <i>tudo</i> . Então é uma coisa assim que fica, fica assim marcante pra gente que vivenciou, que viu isso porque, de repente tá ali, uma forma e com poucas horas a gente vê, tá tudo, bem dizer assim, destruído: a plantação, tudo né, já tá tudo embaixo, tudo foi engolido pela água, que a gente diz assim.
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. Enquanto ocorre o fenômeno das terras caídas algumas sensações são produzidas nos sujeitos como o:</p> <p>a) O medo de perder a própria vida e de um ente querido (morte) ou de conhecidos é um sentimento marcante em meio ao acontecimento das Terras Caídas, principalmente pela consciência que o indivíduo tem dos perigos advindos do evento, produzindo o desespero.</p> <p>b) Quando não está próximo, desperta curiosidade.</p> <p>2. Enquanto acontece, o fenômeno das terras caídas desperta os sentidos dos moradores causando impacto visual e sonoro quando se deparam vendo e ouvindo o fenômeno.</p> <p>3. As terras caídas é um fenômeno contingente. O respondente entende que ela é um processo de desabamento de terras em que não há previsão exata do momento em que as terras podem cair. O sujeito tem consciência de não saber as razões exatas que causam as terras caídas, mas percebe que podem ser ocasionadas pela própria natureza e ação antrópica pela atividade de navios às margens da comunidade e ações de desencilhe com bombas. Em SCU acontece em períodos e tempos diferentes, o que de certa maneira traz a este respondente tranquilidade, pois percebe que existe um tempo para salvar bens e a própria vida.</p> <p>4. Diante da experiência vivida com as Terras Caídas ocorrem operações internas (psicológicas) nos sujeitos que geram reações para enfrentar o problema: supera-se o medo e transforma-o em coragem e bravura para salvar a própria vida, a dos seus familiares e os bens que possuem – esse movimento interno ocorre não somente com os afetados, mas com os outros moradores que em atitude de cooperação e proatividade (que parte do individual para o coletivo) auxiliam os afetados diretamente na situação. Enquanto coletividade utilizam as seguintes estratégias: os afetados diretamente alertam-se entre si rapidamente e informam o maior número de pessoas possíveis sobre a situação, visando que eles possam ajuda-los preservar a vida e os bens; em ato coletivo, os afetados diretamente e os não afetados buscam colocar em local seguro os bens materiais, desmontam a casa de madeira para reaproveitar o material para construir outra o mais longe possível da margem do rio. Passado o evento, buscam reconstruir o que se perdeu longe da margem do rio e mantendo o estado de alerta observando rachaduras no solo.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
6. Como é morar aqui hoje e saber a qualquer momento isso pode acontecer?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
Não acho que, pra mim devido a distância que a gente mora pra cá, um pouco distante né, graças a Deus, já teve de acontecer essas terras caídas, esses fenômeno grande, mas não foram assim de distância que nem a gente tem agora aqui, daqui pra beira né, então posso dizer que isso não me deixa medo né de conviver, mas a gente fica sempre, sempre, já digo, com a pulga atrás da orelha, de olhos sempre atentos, pro caso de um dia a gente <i>tá</i> ali por perto e isso vir a acontecer né. Por isso a gente mora longe da beira. Não, eu digo que acontece assim, por período, por partes né? Aqui, por exemplo, aqui que tirou a casa né, foi num período né, foi num ano. E, pra cá mais... (pro lado do vizinho), digo que foi com uns dois ano eu acho. Mas ele vem sempre assim de períodos diferentes né? E aí teve lá em frente ao colégio que eu me recorde muito bem né? Que foi um fenômeno de uma hora pra outra, teve até que parar as aulas e tudo! Então é coisa que acontece assim de parte né, graças a Deus. Não é aquilo de chegar assim, só duma vez né? Vai caindo assim esses pedaços, naquela maresia. E a gente vendo agora esses navio começaram agora a passar tudo por aqui novamente, que já passava por aquele lado, e a gente já fica com aquele receio porque a gente sabe que sem querer ou não o navio ele afeta muito pra esses acontecimento, não sei se devido a velocidade que ele passa ou o estrondo que ele faz, que é muito

<p>grande no fundo né ou se é simplesmente os navio coveteiro que passa fazendo os buraco, fazendo os canal né? E muita das vezes acaba atingindo outros, outras partes né? O que são esses navios coveteiros? É aqueles navio, se eu não me engano, que passa da marinha, grande, que eles passam a gente vê, a gente vê sempre esses fenômenos acontecer, até mesmo na comunidade a gente sentiu um fenômeno que aconteceu, não lembro se foi em frente ao colégio ou em frente ao campo lá do São Jorge né. Um tempo encalhou um navio mais ali a frente e quando foi a noite teve gente que sentiram aquela terra sacudir né? Tremer né? E logo depois, no dia seguinte, ou uns dias, aquele pedaço, arriou um pedaço grande né? E a gente percebia que foi por causa, por causa disso né? Daquela, aquele tremor de terra e a gente imaginou que fosse uma bomba, sei lá o quê que eles fazem pra abrir os canais né? E elas foram parar em outro local. E ali, teve aquele estrondo lá, logo depois, e cedeu aquele pedaço de terra. Não posso dizer que seja causado por eles mas, até agora eu acho que também ninguém conseguiu dizer da onde é, como é que acontece isso.</p>
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. O medo não parece ser tão latente em relação a estar em um lugar que pode ser afetado pelas terras caídas, pois a área da moradia está distante da margem do rio, sendo essa a estratégia utilizada para não serem afetados instantaneamente a ocorrência do evento, caso reincida. 2. O fenômeno das Terras Caídas provoca a perda imediata de bens: áreas cultivadas, pastos, casa, curral, etc.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
7. Tem outra situação que tenha marcado?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>Acho que tem mas, eu não conseguiria contar pra senhora. Mas está relacionado ao rio? Sim, mas eu não consigo contar. O senhor perdeu alguém? Não, mas quase, quase perde. Mas é um evento da natureza? Eu posso dizer que é um evento da natureza, devido o trabalho que a gente faz na várzea, acho que, devido isso, mas é um fenômeno da natureza mesmo, que a gente fala das terras caídas né, e da água também.</p>
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
1. O respondente vivencia outro evento com a natureza, mas pela forte emoção e sensações produzidas, não consegue expressar em palavras a situação vivida.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo estesiológico.
8. Porque permanecer neste lugar? O que significa pra você
Discurso na linguagem do sujeito (ingênuo)
<p>Eu acho que pela minha família, pelos meus sogros, também pelos meus amigos. Então, como eu tava lhe falando ainda agora, eu parei um período lá em Santarém, o qual eu tinha um emprego né!? Emprego é tudo, e, simplesmente eu deixei, deixei acontecer de eu ser demitido, por causa disso. Era um período que era difícil. Eu vivendo pra lá e a família toda pra cá né. E a minha esposa num, não foi né. Ia sempre, passava uma semana, mas voltava de novo por causa das meninas que estudavam aqui. Então a gente tava até pensando em fazer uma casinha, a minha irmã cedeu um pedaço lá de terra pra gente fazer uma casinha, mas na hora, a gente já tava quase construindo a nossa casinha, quase comprando o material pra construir nossa casa e, ela, simplesmente ouviu, viu umas coisas, a qual marcou, marcou pra ela, ela ficou sem forças pra deixar os pais dela né? E a gente acabou retornando. Mas, eu posso dizer que é um local bom da gente viver, um local que a gente se diverte, vai e volta pra casa assim sem que nada aconteça, dependendo da situação que a gente, que a gente esteja metido. Mas, se a gente não mexe com alguém, ele também, pode ser até que ele mexa com a gente, mas a gente não. E é diferentemente de outro local, da cidade, por exemplo, se a gente for em algum local pra gente se divertir a gente vê que tem muitas pessoas que chegam do nada pra acabar com a diversão da gente. Mas, isso aqui não tem acontecido e também é um local tranquilo, é um local na qual, eu posso dizer que se a gente precisar dum alimento a gente vai ali no lago, ou a gente vai por aqui a gente já consegue né? E a gente saindo por exemplo, eu saindo, deixando a minha comunidade hoje aqui, pra ir morar em Santarém, em tal bairro, sem nem um conhecido, sem nem um parente, sem nem ninguém por perto então, eu acho que posso dizer, dessa forma que eu me relato, que a gente tem as coisas fáceis aqui. Porque eu sei que sair daqui pra um outro local se tornam muito mais difíceis. Porque eu simplesmente só saí daqui pra morar lá em Santarém porque eu já tava com meu emprego garantido. Então acho, foi por isso mesmo que eu saí daqui. Mas aí já ia construir minha casinha lá, mas não deu certo então, pra cá né, então seria o meu local né, o qual eu construí minha família e aqui a gente vai viver aqui até o dia que Deus permitir. Assim em outro local, na cidade, se a gente não tiver o recurso, que é o dinheiro a gente fica lá chorando de fome, vendo até o filho ou filha, fica lá porque a gente não tem. Mas, aqui, graças a Deus não, aqui, se a gente não tem a gente vai por ali e consegue uma fruta, principalmente, agora que tem banana, por exemplo, a gente já consegue, a gente já consegue produzir o nosso próprio alimento que é a farinha, então posso dizer que aqui é um local que eu vejo que depois que não deu certo essa minha ida pra Santarém, eu acho que é o local que eu vou permanecer pra sempre se Deus permitir que não aconteça nada. Então, se chegasse um dia, alguém chegar e falar isso, que a gente vai ter que sair daqui eu, eu eu era um daqueles que poderia até resistir, enquanto eu não tivesse a garantia que no outro local seria um local de proveito, igual a gente tem aqui, um local na qual, a gente saísse</p>

daqui simplesmente com um emprego nas mão. A gente poderia até aceitar de uma forma diferente, mas, de uma certa forma que a gente já viu nossos companheiros ali de baixo (Comunidade de Fátima), simplesmente deixar suas casas, já digo sem, sem ter nada e sair pra um outro local. Não sei não... Porque até mesmo lá, muitos resistiram e muitas pessoas ainda moram lá, umas sete famílias ou mais, por causa disso. Por que aqui as coisas são fáceis, como eu posso dizer assim, pra gente.
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. O respondente tem no lugar vivido o vínculo de permanência pelos vínculos afetivos a partir da constituição de sua família, bem como se manter próximo dos parentescos que fazem parte dessa rede que lhes fazem permanecer em SCU. Então, sair de SCU significa ficar longe/perder essa convivência com o lugar de suas reminiscências. Estes vínculos se estendem também à outras relações de amizade e trabalho.</p> <p>2. A experiência de viver em zona urbana fez o respondente perceber:</p> <p>a) que há dificuldades em ficar longe de seus familiares;</p> <p>b) Consciência de que modo de vida urbano é diferente da vida na várzea. No urbano todas as necessidades são pagas em dinheiro, incluindo a subsistência. Na várzea a subsistência é extraída dos próprios recursos naturais disponíveis, das atividades desenvolvidas no uso da terra e do dinheiro arrecadados das diversas atividades realizadas.</p> <p>3. É um lugar tranquilo sem problemas com segurança pública, não medo o medo da violência, furtos, assaltos como ocorre nas cidades. É um lugar que não precisa de segurança pública.</p> <p>4. Para o respondente o lugar representa facilidades, pois é do recurso natural disponível e de seu trabalho que ele sobrevive e conquista seus bens. Lugar de subsistência fácil pela aprendizagem com a agricultura, pesca, pecuária, criação de animais para o consumo como a galinha. Um lugar que ele pode constituir sua família e se fixar.</p> <p>5. Consciência de que o contingenciamento das terras caídas pode provocar sua expulsão do lugar e provocar vulnerabilidade de moradia e sustentabilidade, como o ocorreu com a comunidade de Fátima do Urucurituba em que as pessoas foram reassentadas/remanejadas para uma área que não possui similaridade alguma com a várzea, sendo esta uma possível razão para algumas famílias permanecerem/resistirem no local de risco. Numa situação em que tenham que deixar SCU o respondente sinaliza que o ideal seria mudar para um lugar com características ambientais semelhantes da várzea a fim de manterem seu modo de vida varzeira.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.

APÊNDICE L – Quadro de análise ideográfica do Participante José

4. PARTICIPANTE – JOSÉ
1 Como é sua experiência em morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>Olha, nós que, nós que vivemos aqui, tudo que nós fazemos no período do verão já é com planejamento que nós sabemos que tem um período que vem o inverno, a enchente. São três anos, dois anos que não vai, totalmente. O rio Amazonas ele joga a água tudinho pra cá. Então tudo que nós fazemos aqui nós sabemos que naquele tempo a enchente vai ter. Agora não sabemos se ela vai cobrir a terra aqui. Nos nossos plantio quando nós fazemos nós sabemos o tempo que nós começamos, mas nós sabemos o tempo que nós vamos colher mas tem o tempo que lá onde nós plantamos, vai ser tudo coberto de água. Então, é a nossa terra, a sobrevivência, nós sabemos que o rio passa bem aqui próximo né? Amanhã, nós não sabemos se vai dar umas terra caída que ela vem aqui buscar a casa. Onde vocês estão. É. Não sabemos disso. Dá quantos metros daqui lá pra beira do rio? Tá perto. Uns 200. Olha, tem vários tipos de plantações. Primeiramente, muitas famílias aqui elas voltaram a plantar roça, a mandioca. Porque a mandioca ela é uma coisa muito boa, dá muito trabalho mas também dá o descanso do bolso. Planta o jerimum, que a gente sabe que dois e meio, dois meses e meio já tá tirando, o feijão com dois meses já tá tirando, o maxixe com dois meses a gente já tá tirando ou um mês e meio. A melancia com dois meses, entendeu? Ou seja, a gente faz o plano de plantar aqui nessa data que a gente sabe que é uma data bem aqui que a gente vai, que a gente não vai perder, a enchente naquele tempo não vai, ela não vai matar a nossa plantação. Então é dessa maneira que nós vivemos. Com esse planejamento. O período que a gente começa plantar, já disse pra senhora, de julho em diante [...] Que a gente começa em julho, agosto. Só que a gente continua plantando, tem planta que cresce rápido, por exemplo o milho é rápido, mas o período que nós paramos de plantar mesmo já é no começo de janeiro que a água já tá próxima, no começo de janeiro. Vou lhe dizer uma coisa. Se nós, aqui na várzea, não tivesse a enchente, uns dez anos, uns dez anos, era, ia existir uma fartura de mais grande de frutas. Aqui na várzea, era. Por quê? Porque a terra, ela, ela faz desenvolver muito rápido as plantações. Ia existir mangueira, ia existir mamão, ia existir cupuzeiro, com certeza, laranja, porque tudo isso ia dar tempo. Com dez anos sem, sem enchente, ia existir tudo, ia existir muita fartura [...] Então, com dez anos a gente ia ter até uma fruta que tem hoje em dia nas colônias. E assim, as, as comunidades elas iam se, se, ia ter mais árvores, entendeu? Mais árvores e também de grande, não são todas, mas também nós dependemos dela. É, pros dois. Pro consumo e pro, pra ajudar no recurso da família, de alimentação, de remédio, de roupa, de calçados, de uma, de uma [...] pra ajudar na construção de uma nova casa ou reformar, entendeu? E também pra pagar nossos direitos. E a outra coisa professora é que aqui na várzea, nós também, as pessoas que querem criar, elas criam, um pato, uma galinha, um porco, carneiro. É um tipo de você ampliar ou então você ter o seu meio de sobreviver. Agora se você quiser só plantar, se preocupar com gado, você vai só plantar. E se você quiser criar o gado solto aqui na sua terra, você vai ter que cercar tudinho aqui sua terra. Ai eu, eu não vou mais poder plantar porque eu, vai ser tudo lugar de criação, quem nem meus irmãos, meu pai, entendeu? Vou ter que cercar. Por que que eu vou ter que cercar? Porque o vizinho vai plantar. Essa é uma formas de sobreviver. Eu vejo isso. Outra coisa professora que, que a gente se acostuma aqui, na várzea, e eu acredito que tem na cidade, tem na terra firme, são as cobra, você tem que ter coragem, os carapanã, entendeu? E ... os bichos, inseto que ferram, que picam o ser humano. Tudo isso, cê não vai dizer que não tem por aqui. Tudo por aqui tem. Só que nós somos acostumados com isso também. Cobra, escorpião, arraia, formiga, é, os bichos. E vocês convivem com eles. Com certeza. [...] Aqui na nossa comunidade já morreu muita cobra, já morreu muitas gentes, arraia já ferrou muitas, escorpião também já ferrou em várias pessoas, entendeu? Por que as vezes ferra? Por que as vezes morde? Primeiro, quando tu vai passar perto de uma surucucu, se tu passar bem pertinho dela, bem aqui, se tu não triscar nela ela não vai morder em ti. Agora se tem um pedacinho de pau triscado aqui e tu mexer aqui no pau e triscar nela, ela vai te morder. O escorpião mesma coisa, se tu passar perto dele é [...] Sem mexer nele, ele não vai te ferrar. A arraia se tu não pisar encima dela ela não vai te ferrar. Agora se tu pisar na beira dela ela vai só virar o rabo e te ferrar.</p>
Excerto Hermenêutico
<p>O verão amazônico compreende os meses de agosto a dezembro. Neste período ocorre os ciclos de vazante, iniciada a partir de agosto, e seca na várzea. O inverno de janeiro a julho, ocorrendo a enchente e cheia do rio Amazonas. Nos últimos 3 (três) e 5 (cinco) anos, SCU inundou parcialmente, possibilitando aos varzeiros a continuidade nas atividades de agricultura. Devido ao fenômeno das terras caídas a área de moradia da família do interlocutor foi reduzida. A casa do núcleo familiar está próxima cerca de 100(cem) a 200(duzentos) metros da margem do rio Amazonas.</p>
Unidades de significado
<p>1. Consciência de que pode ocorrer o fenômeno das terras caídas a qualquer momento e sua área de moradia será atingida dada a localização próxima à margem do rio Amazonas. Praticamente, não há mais espaço para recuar na área de moradia, pois existe um lago em SCU que fica atrás das residências. Este fenômeno provoca a perda imediata de bens: embarcações, materiais de pesca, áreas cultivadas, pastos, casa, curral, etc.</p> <p>2. O verão amazônico compreende os meses de agosto a dezembro, neste período, ocorre os ciclos de vazante do rio, iniciada a partir de agosto, e seca na várzea. O inverno, de janeiro a julho, ocorre a enchente e cheia do rio Amazonas. O ano inteiro o sujeito estabelece uma relação cotidiana com estes períodos sazonais, mantendo um vínculo direto com a natureza da várzea (sazonalidade/inverno/verão) em todas as suas atividades. No verão, ocorre de maneira geral, a intensificação de diversas atividades, geralmente no mês de agosto quando inicia a vazante, período em que os moradores conciliam diversas atividades, principalmente a agricultura e a pesca; e no inverno, reduzem. Nesta relação, o sujeito estabelece estratégias de convivência e estratégias múltiplas de sobrevivência com a natureza da várzea e suas diferentes paisagens modificadas pelo movimento das águas, constituindo um verdadeiro arsenal de experiências com ambiente, que produzem conhecimento a partir da percepção ambiental e ação prática, observáveis nas habilidades de planejamento e organização para vivenciar cada período sazonal, como intensificar as atividades no verão, as fontes de alimentos e reservas financeiras para esperar o inverno. Vivências que podem ser observadas nas especificidades de algumas atividades:</p> <p>2.1 Plantio (agricultura). Atividade possível de ser realizada pela aprendizagem acumulada do funcionamento ecológico do ecossistema. Os plantios na agricultura são diversos: jerimum, feijão, maxixe, melancia, banana; a mandioca é possível quando ocorre reincidentes ciclos anuais de enchente/cheia que não inundem completamente a várzea. Em anos que ocorre a inundação total da várzea a intensificação na agricultura reinicia a partir de julho/agosto/setembro conforme o nível da cheia e início da vazante do rio. Não ocorrendo a inundação total, ocorre uma continuidade dos plantios.</p> <p>2.2 Criação de animais. As atividades de pecuária e criação de outros animais são fontes de renda e consumo. No inverno grande são feitas marombas para mantê-los na várzea, já o gado é levado para terra firme. As regras coletivas da instituição</p>

comunidade ficam visíveis quanto ao uso comum do território: é acordo consensual coletiva que os criadores de gado cerquem as áreas de pasto para evitar prejuízos aos que trabalham com a agricultura.

2.3 Pesca.

A pesca em geral no verão é boa. A partir do conhecimento em relação ao nível das águas os pescadores de SCU retiram suas embarcações do lago do Aramaná (localizado atrás da comunidade) e passam a manejar somente no rio. Essa estratégia se dá em detrimento da diminuição do nível de água nos lagos, o que dificulta a pesca, o trânsito das embarcações e aumenta a distância do lago às áreas de moradia. Porém, expõe os transportes às terras caídas e furtos por ficarem à margem do rio Amazonas.

No período do defeso, de novembro a março (final do verão e início do inverno), há restrições de espécies para atividade pesqueira, fator que diminui a frequência da atividade e limita as espécies para comercialização e consumo.

Apesar das restrições de espécies para atividade pesqueira, fator que diminui a frequência da atividade e limita as espécies para comercialização e consumo os pescadores recebem o seguro-defeso, política pública nacional que dá condições para o pescador reduzir suas atividades e possibilidade de preservação do período de reprodução dos peixes. Este é um período que o respondente considera como bom. Quando encerra este período, é um tempo bom e favorável a pesca (março, abril, maio).

No inverno, especificamente na cheia (maio, junho e julho), o período não é favorável à pesca, pois os peixes passam a ter mais espaço e esconderijos pela expansão dos lagos e rios o que dificulta o trabalho do pescador. É um tempo que os pescadores usam para preparar os materiais de pesca. Entretanto, como nos últimos anos o rio não teve níveis altos na enchente esta atividade continuou, assim como a agricultura.

2.4 Locomoção. O respondente considera o inverno, que ocorre sincronicamente à enchente e cheia do rio é um período mais fácil para busca de alimentos porque diminui a distância de caminhada entre as embarcações e as residências. Na seca, pelo contrário, aumenta a distância, ocorrendo maior desgaste corporal, além da e dificuldade de mobilidade das embarcações, pois os lagos diminuem os níveis de água. Este é o motivo de serem remanejados para margem do rio Amazonas, estando razoavelmente próximo às áreas de moradia. No caso deste sujeito, a embarcação fica vulnerável as terras caídas ou passagem dos navios.

3. Para viver na várzea é necessário criar estratégias para conviver e se proteger de possíveis ataques de animais que representam preocupação pelo risco à saúde e vida humana tais como cobras, raias, escorpiões, jacarés, formigas, aranhas, etc. Esta vivência possibilitou o costume (criar estratégias) para se proteger deles.

Redução

Experiências vividas com a sazonalidade

Categorias

Corpo perceptivo.

2. Como você desenvolve suas atividades do dia-a-dia convivendo com os ciclos do rio Amazonas? Há diferenças na enchente, cheia, vazante e seca?

Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)

O que nós estamos fazendo nesse período? Plantando e colhendo, plantando e colhendo. Nós temos se preparando nesse tempo pra nós, com materiais de pesca. Esses peixes que tão no período do defeso eles, você pode pegar eles pra sua alimentação. Pro consumo você pode. E assim, esse período todo é assim. [...] De julho pra lá eu já pesco 3 dias na semana, 4/5/6 dias na semana. No período do, no período do verão, a gente passa a bajara pro rio... aqui pra frente. Não vai mais porque seca! No lago, a gente tá mais aqui no lago. Chega no período de verão, a gente tem que passar as nossas bajaras ou canoas pra frente, pro rio Amazonas. Não é dizer que não pesque, mas tem os lago do Pacoval e Aramaná, que pode pescar. Só que da nossa comunidade, pra nós chegar lá nesses lago, no verão, é muito longe. Como nesse período, como nesse período, que seca, a nossa bajara tá pra cá, tá no período do plantar aqui. Eu não me preocupo tanto, em tá ganhando dinheiro de peixe, porque eu já tô com meu plantio, eu tô em casa, eu tô fazendo minhas plantas, entendeu? A única preocupação que eu tenho é que a minha bajara ela pode não amanhecer. Não pode amanhecer por causa de umas terra caída, aqui pra frente e as vezes os navio, alagou ou espocou ela. Ai vai embora.

Enxerto Hermenêutico

Período do defeso (restrição de comercialização de algumas espécies) ocorre de novembro a março.

Unidades de significado

1. Consciência que a sazonalidade - enchente/cheia (dom dez anos sem enchente) são fatores limitantes no processo de continuidade das atividades econômicas e subsistência. Característica ambiental que difere a várzea de outras áreas rurais como a terra firme e as colônias.
2. Entende o seguro defeso como um período de preservar os peixes e mantendo esta prática significa garantir p peixe para seu consumo e trabalho.

Redução das Unidades

Experiências vividas com a sazonalidade.

Categorias

Corpo perceptivo.

3. Tem alguma preferência por algum dos períodos? De enchente, cheia, vazante, seca?

Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)

Olha tem um período, tem um período sim que eu gosto. Aliás, se eu for, tanto do período do defeso... Eu acho bom. Por que que o senhor gosta desse período? Porque é no período que eu tô colhendo, é o período que eu tô preservando sempre mais produção, que seja o peixe. Eu tô preservando mesmo, e eu tô em casa, entendeu? E eu sei que eu tenho direito garantido que tá me amparando eu ficar em casa ou em terra fazendo minhas plantações, que é no período do defeso que eu tenho direito a um salário mínimo né, pra um pescador. Mas quando termina o defeso também eu gosto, porque, no meio de, no dia 15/16 de março ao dia 15 abril/maio, ao dia 15 de maio, eu também gosto. Porque tem peixe, tem peixe bem à vontade pra gente pegar. Pra todo lago que a gente vai a gente pega peixe. Por um motivo. Qual? Pela preservação que nós fazemos nos

<p>4 meses, então por isso [...] é por isso que tem. Maio e junho não é bom, não é bom. Vai melhorar. De agosto... aí de lá melhora. Dependendo de como seja o verão, a enchente. Então se ela começar vazar em julho, por exemplo, vai melhorar pra agosto? É o que tá acontecendo. A gente equilibra o pouco que a gente ganha é, eu por exemplo, eu equilíbrio o pouco que eu ganho do peixe e do bolsa família. Entendeu? Esses três meses vão ser os 3 meses mais difíceis pra, pro pescador. Pra quem mora na várzea. Eu já, eu me acostumei com o jeito de ser desse tempo. Então quando vai chegar aqueles 3 meses que é mais difícil, eu já tenho que começar me planejar antes, pra poder eu entrar naqueles meses e saber que eu vou ter que passar por eles. Quando a enchente é muito grande a, o período do inverno ele é mais difícil ainda. Porque ai que o peixe se esconde, fica mais difícil da gente pegar peixe, a gente já não pode, a gente tem que dar atenção na família, porque a água tá muito grande, então a gente não tem que tá muito longe. O cuidado, né? Você não sabe que bicho tá pelo fundo né? Não sabe as terras caídas, se ela vai cair grande ou não. Então, é um período mais difícil, que eu tô lhe dizendo. Quando a enchente é grande, tudo fica mais difícil. Eu lembro, que eu lembro que já teve assim, a maior foi em 2009. Tudo foi pro fundo? Tadinho. Todo, todo mundo aqui na comunidade, quando o assoalho vai pro fundo, se ele não der um jeito de ir embora, pra casa do parente, pra uma outra parte, pra terra firme, Santarém, tem que dar um jeito de viver lá, passar porque ele sabe que, passar um tempo aquela água vai baixar. Entendeu? É assim. [...] A enchente começou mês de janeiro ou dezembro, que quando a enchente é grande ela começa encher em dezembro. Nesse período de inverno ele traz doença. Traz uma diarreia, traz uma infecção, qualquer coisa. Então tudo isso a gente tem que superar né por aqui? Quem quiser procurar um posto de saúde, um hospital, vai, quem não quiser, resistir aqui, resiste. Isso acontece muito. Porque se eu sair daqui pra uma, pra outro lugar, por exemplo, pra Santarém, é muito difícil porque tenho estudo baixo, mais difícil fica, entendeu? Então tinha permanecer aqui porque eu sabia que ia passar aquela dificuldade. Ia passar, e eu sei o tempo que ela ia passar.</p>
Excerto Hermenêutico
Entrevista ocorreu em julho de 2018. Maior enchente dos últimos anos. Práticas Alternativas de Saúde (plantas medicinais e puxadores/benzedeiros)
Unidades de significado
<p>1. Cheias e extremas cheias e secas</p> <p>1.1 O período de cheia/enchente grande/ extrema cheia é considerado difícil. Neste tempo, quando ocorre a inundação total das áreas de terra diversas atividades sofrem limita�o, como � o caso da pesca.</p> <p>1.2 Cheia, enchente grande ou extremas cheias, período que os moradores podem abandonar suas casas. Aos que permanecem vive-se alguns desconfortos do tempo com a redu�o de espaços para locomo�o dentro e fora das residências.</p> <p>2. O sujeito tem conhecimento acumulado sobre a natureza da várzea, quando ele percebe que começa a vazar em um determinado mês, ele terá no�oes de como será o verão, por exemplo. Ou que a cheia poderá inundar totalmente a várzea ou ser um evento extremo quando a enchente inicia no mês de dezembro.</p> <p>3. O sujeito estabelece estratégias de convivência e estratégias múltiplas de sobrevivência com os eventos extremos, se planejando e organizando para vivenciar este período sazonal. Enchente.</p> <p>4. Na enchente e cheia período favorável para ficar com a família e requer aten�o e cuidado com animais perigosos � saúde e vida humana e vulnerabilidades do contingenciamento da natureza.</p> <p>5. O avanço das �guas na enchente e cheia trazem problemas doenças, pois � dos rios e lagos que os varzeiros utilizam a �guas para o consumo e as atividades cotidianas. �gua suscetível � contamina�o pela falta de serviços públicos de abastecimento de água, saneamento em SCU, os dejetos lançados no rio pelas embarca�oes que não possuem banheiros químicos. Os tratamentos de saúde são alternativos com ervas medicinais, puxadores, benzedeiros, SUS com posto local e atendimentos nos postos e hospitais da cidade.</p> <p>6. Sujeito consciente de que sua aprendizagem e profissão não se adequam aos modos de vida das cidades. Entende que as condi�oes de sobrevivência nos centros urbanos estão atreladas aos empregos/trabalhos remunerados que exigem estudo (qualifica�o, titula�o e certificados) requisitos que ele não possui. Deste modo, a escolha em fixar-se na várzea se d� também pela aprendizagem local que lhe deu condi�oes de exercer a profissão de agricultor e pescador</p>
Redu�o das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
4. Fale um pouco sobre terras crescidas.
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>E nesses igarapé, vai acumulando a terra, vai acumulando, ela vai ficando mais alta lá, vai ficando mais alta. Você pode olhar na beira desse igarapé pra ver se não � alto. Então a a terra vai crescendo l�, ou seja, ficando mais alto. E l� vai dando condi�oes de você fazer plantio mais cedo ou fazer uma casa naquela área mais alta, ou seja, o rio Amazonas ele traz muitas facilidades, mas tem que pensar também. A, a, a água ela � barrenta, mais ela facilita por esse lado. Muitas, muitas partes a terra crescida, ela dá prejuízo... como? Quando a enchente � grande, uma casa baixa, uma casa do assoalho baixo, aquela terra todinha pode subir aquela casa todinha, aquele assoalho daquela casa ficar sob, sob terra, entendeu? Porque eu tô falando isso aqui? Porque eu já vivi aqui na nossa comunidade e em outras comunidade na beira desse rio aqui do rio Amazonas, porque já aconteceu de famílias, que fizeram uma casa no verão e quando foi no outro, no inverno próximo que vem... Teve enchente tão grande que as terra crescida causou esse prejuízo pra essa família. Aí teve que arrancar a casa, fazer outra casa mais alta pra não ser surpreendido. Entendeu? Ela tem as facilidades das terra crescida e tem também pode causar prejuízo.</p>
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. As terras crescidas são o aterramento/acúmulo de algumas áreas de terras a partir dos sedimentos provenientes das �guas do rio Amazonas durante a enchente, provocando altera�oes na paisagem. As terras crescidas alteram a paisagem da várzea, são provocadas pela enchente do rio Amazonas que traz sedimenta�oes e matérias orgânicas e inorgânicas provocando o avolumamento de terras e a fertiliza�o do solo. O avolumamento pode aterrar casas e provocar a reconstru�o das mesmas em outras áreas.</p>

<p>a) O aterramento pode ser benéfico para o plantio e casas, quando estão mais altas em relação ao nível das águas na enchente e cheia.</p> <p>b) No período da enchente/cheia ela traz prejuízos a alguns moradores quando atinge algumas casas dos moradores, pois aterra as áreas em baixo destas.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo.
5. Alguma situação que tenha marcado sua vida por morar na várzea?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>O maior foi de terras caída né, terras caída que eu vi bem próximo de mim. Na beira do rio né, Amazonas, nessa comunidade. Eu e o meu tio. Nós passamos por uma, pela uma mata, de canoa, a mata bem na beira, na beira né? nós no meio do rio, que quando nós... Eu passei a dois minutos, a dois minutos da mata, tá entendendo né? que eu olhei pra trás a mata ia sumindo. Tinha acabado de passar lá. E a mata ia subindo, ia embora. As árvores grande né? As matas iam sumindo e aquilo ia puxando a canoa pra trás, de volta. E eu com meu tio remando pra nós sair daquela situação. E conseguimos sair, e aquilo não saiu mais da mente porque se nós se atrasa, um pouquinho, meio minuto, eu não sei o que teria acontecido com nós. [...] Quando eu passei se deu dois minuto foi muito, que eu olhei, aquela mata ia arriando, sentando. A senhora não imagina como é. E aquilo vai arriando lá, e forma um abismo, onde aquela terra vai arriando, se torna um abismo de água. Se forma um abismo de água. Um buraco, um buraco. Só que é grande, entendeu? E aquilo quando bate, vai, vai, vai que chega num certo ponto a água sobe, sobe de novo que fica um banzeirão dum lado e outro. Entendeu? E graças a Deus nós escapamos naquele dia. Eu escapei naquele dia, mas muitos já perderam a vida, muitos conseguiram escapar também, foram lá pelo fundo, boiaram, espocaram ouvido, o nariz, muitos já foi lá pelo fundo, já rebolou pelo meio das árvores. Só da senhora ver, por exemplo, se a senhora visse um pedaço de ferro do tamanho dessa casa caindo, se a senhora tivesse lá em terra a senhora ia ficar muito com medo, entendeu? Esse é um pouco daqui do, do, do povo, ribeirinho, dizem que qualquer hora e momento ele passa por uma aventura na vida dele. Porque que eu digo aventura? Porque nós tamo atravessando ele. Todo dia quase nós tamo precisando dele ai nessa beirada. Todo dia, todo dia a gente vai em Santarém, a gente não sabe se vai alagar ou não, entendeu? Nós tamo, nós estamos acostumados a passar por essas situações.</p>
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<ol style="list-style-type: none"> 1. Enquanto acontece o fenômeno das terras caídas, são acionados os sentidos (audição, visão) e sensações nos moradores causando impacto visual e sonoro quando veem, ouvem, escapam com vida da experiência de viver o fenômeno das terras caídas. 2. O fenômeno das Terras Caídas pode provocar danos imateriais, como a perda da vida de pessoas 3. As terras caídas é um fenômeno contingente. O respondente entende que ela é um processo de desabamento de terras em que não há previsão exata do momento em que as terras podem cair e formam no rio com movimentos abruptos banzeiros (ondas), buracos, abismos. O sujeito tem consciência de que as causas podem ser pela própria natureza (a força do rio e fragilidade das terras da várzea) e ação antrópica, pela atividade de navios que formam os banzeiros (ondas).
Redução das Unidades
Experiências vividas com as terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
6. Como é morar aqui hoje e saber a qualquer momento isso pode acontecer
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>A gente tem que fazer que isso não vai acontecer. Tentar não pensar. Tentar não pensar. A gente sabe. A marinha mesmo já disse que aqui vai cair, vai se acabar. Não sei pra quem mas essa conversa já chegou na nossa comunidade, não sei se isso é verdade, mas ela já fez um estudo dizendo que vai acabar. Então se nós fosse, metesse cabeça, nós não tava mais aqui. A gente... vive na coragem, se acostumando, com essas aventuras. Tem pessoas que diz que é um motivo só, a respeito das terras caídas. Mas eu, no meu pensamento, são três motivos, que as terra caída causa, são três motivos, e eu posso citar pra senhora que as terras caídas ela [...] a minha opinião, ela, o primeiro motivo é a força do rio, o segundo motivo é os banzeiro do navio que passa e o terceiro motivo é [...] a terra frágil. A terra da várzea frágil mesmo.</p>
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<ol style="list-style-type: none"> 1. Viver em SCU do Urucurituba é definido como uma aventura pelo respondente, pois os moradores estão expostos frequentemente a eventos relacionados à natureza, como um temporal, navegações no rio, terras caídas, sazonalidade do rio, eventos extremos, exposição a animais perigosos a saúde e vida humana. Ou seja, suas vidas estão sempre expostas a riscos. Portanto, se o varzeiro vivesse preocupado com tantos riscos ele teria deixado o lugar, assim como muitos já o fizeram, portanto, vivem em SCU porque estão acostumados a conviver com coragem e estratégias essas eventualidades.
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas.
Categorias

Corpo perceptivo.
7. Tem outra situação que tenha lhe marcado?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>É a seca. Na seca, pra cá, tudo poeira, entendeu? Pra onde sempre facilitava mais ou facilita pra gente pegar um peixe pra gente comer [...] a seca é demais grande viu? Muitos peixes morreram... esse lago tudo secou, nesse ano. [...] ... Tudo morrer porque o povo pega pra comer, pra comercializar eles levam, mas muitos... morrem! Esses dois lagos maiores do Pacoval e Aramaná você via um monte de caveira de um lado e outro e você ficava imaginando "poxa, será que ainda vai ter peixe pro outro ano?". Aí quando seca, parece que quando seca demais a gente começa a pensar isso né? Quando acaba não, Deus sabe como, como fazer, como repor, entendeu? Aquilo que se acabou.. Um temporal forte aqui. Que deu um, não sei em que ano foi, em várias casa da comunidade, destelhou muitas casas, despregou casa, é, as famílias ficaram em situação difícil né e [...] Muitas casas descoberta, noite, um temporal, muitas famílias entraram em desespero naquela hora. E aquilo foi diferente. Aí teve outros a respeito de banzeiro. No rio né? No rio. Quando fui pescar ou vender meu peixe. Já cheguei o momento de, de, de, de pensar que eu ia me alagar, no meio desse rio aí. E justamente nesse período, nesse tempo aí que ninguém usava colete [...] Não me preocupa essa situação, não. É comum. Já faz parte. Além do mais hoje em dia muitas, muitas pessoas já se preparam né. Tem seu colete, uma porção não, não por falta de orientação. A gente tem o colete aí. Pode acontecer mas tu tá preparado pra aquela situação, mas a gente vai pedindo com que não aconteça. Essas são algumas das situações né.</p>
Enxerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. A extrema seca provoca a seca dos logos de várzea que tem como consequência o represamento e morte dos peixes e de outros animais aquáticos que consequentemente afetam o trabalho, renda e fonte de alimentação dos pescadores e suas famílias. 2. Enquanto ocorre o um evento da natureza, como um forte temporal, um banzeiro algumas sensações são produzidas nos sujeitos como: o <u>medo</u> de perder a própria vida e de um ente querido (morte) ou de conhecidos, é um sentimento marcante, principalmente pela consciência que o indivíduo tem dos perigos advindos do evento, produzindo o desespero. O sujeito não vive preocupado com os riscos de viver na várzea (em SCU) porque estão acostumados a conviver com coragem e estratégias.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.
8. Porque permanecer neste lugar? O que significa pra você?
Discurso na linguagem do sujeito (ingênua)
<p>É porque tem na minha comunidade do que eu sobreviver. Aqui é um, [...] a terra oferece condições de você plantar, tem águas pra você pescar, pra você sobreviver de uma forma não boa mesmo mas, e eu me orgulho, me orgulho da minha comunidade porque eu vivo nela. Primeiro que, se tu sair, antes de tu sair tu já começa a pensar "do que eu vou sobreviver lá em tal lugar?", entendeu? Como vai ser lá se eu for pra lá. Porque se eu for pra lá, mas aqui tem esses fenômeno da natureza mas eu sei fazer as coisas aqui pra mim sobreviver, entendeu? É meio que uma aventura viver aqui. Mas você tá lá porque você gosta. Mas você corre... Não, acho que tem uma palavra que ela, ela, ela, ela, ela é a chave disso. É o amor. [...] O amor, o amor de você morar aqui, de viver aqui (silêncio demorado). Eu vejo isso, porque, como nós já conversamos a respeito disso. A minha família, meus pais que tão aqui, meus pais. Tenho irmão aqui, entendeu? É, o que eu faço pra mim sobreviver, o que eu passo pra mim viver na minha comunidade. A paz, que tem, as amizades, as colega, as colegagens, as colega, é... ... (pausa longa pra pensar) a alegria né? que eu vivo aqui. Significa muitas coisas boas que eu vivo aqui. Tenho orgulho, da minha comunidade porque eu trabalho por ela, eu não ganho dela, da comunidade. Porque eu ganho do meu direito, não da minha comunidade. Então por isso que eu tenho que ter orgulho aonde eu moro porque aonde eu moro existe o peixe, existe a planta, existe pessoas, existe ar, existe água. Então tudo isso, eu dependo disso. Significa isso, viver bem. E eu gosto também porque tem lazeres na comunidade, tem as igrejas que eu também sempre participo das igrejas, tem as escolas, tem as reuniões que eu também participo, ou seja, não é gostar cem por cento, mas eu gosto, da minha comunidade.</p> <p>O que que é o lazer de vocês aqui? Tem as festa né? Que é dos clube, feito pelos clube. As festas sociais. Tem a festa religiosa do santo também, que são o lazeres também. Aqui na nossa comunidade tem condições de buscar o conhecimento, o estudo hoje em dia já tem o modular, mas antigamente no meu tempo tinha até [...] o quinto ano. Olhe, se eu for pra, pra dentro de uma Santarém eu vou pagar [...] Eu sei que aqui pra mim ter, eu vou pagar a energia. Se eu for pra dentro de Santarém eu vou pagar energia todo mês, não sei quanto. Aqui eu não vou pagar energia, mas eu vou ter que comprar um combustível pra mim poder ter energia, entendeu? Então pelo um lado, eu olhando, eu vejo que isso, é, eu saio ganhando, por eu não pagar energia. Mas eu sei que eu vou ter que... A água eu não gasto. Eu não gasto dez reais por mês. Aqui nós gastamos dez reais por mês pra nós ter água à vontade, água a disposição, então, isso eu gosto. Isso eu gosto. Outra coisa que eu gosto é da, do que a natureza me dá. Você tá ouvindo? Só que você não vê, tá vendo esse passarinho, entendeu? Esse ar que nós respiramo. Isso são as coisas que eu gosto. São umas das coisas que eu gosto. Primeiro, porque a nossa água ela pode ser um desses motivos pra eu não ter uma saúde boa. Entendeu? Temo bem água, mas a saúde que eu não tenho bem, entendeu? Então isso já impede com que eu esteja 100%. Pode ter pessoas que tenham problema de, de, de questão da água se não seja uma água de boa qualidade, Entendeu? Alguma diarreia, é, algumas coceira no corpo, é, problemas através da água, da água. Eu digo isso porque tudo é jogado nesse rio, entendeu? Tudo que, tudo que vem de, de, de [...] Não tudo, entendeu? Eu digo assim, muita gente não tem consciência, joga lixo no rio, da onde nós tomemo essa água, joga combustível nesse rio, da onde nós consumimo nossa água, joga bicho morto nesse rio, da onde nós conseguimos essa água, entendeu? Lavagem de navio, da onde nós consumimos essa água, lavagem de balsa, da onde nós consumimo essa água, entendeu? Agrotóxico, da onde nós consumimo essa água, entendeu? Se você for botar a bico de lápis são essas coisas, e essas coisas que cai nessa água? Somos nós ribeirinhos que consumimo ela, entendeu? Como as embarcações fazem com os resíduos? Muitos, é, muitos coletam. Pra falar a respeito disso né? Muitos coletam mas a maioria eles coletam,</p>

mas muitos não querem saber, vão jogando no rio. Muitos tem a descarga né? a descarga, muitos tem a descarga que acumula né? e leva pra Santarém, alguém tira pra lá. E muitos não, é direto no rio. Mais um problema.
Excerto Hermenêutico
Unidades de significado
<p>1. Para o respondente um lugar representa oportunidade, pois é do recurso natural disponível e de seu trabalho que ele sobrevive e conquista seus bens. Lugar de subsistência fácil pela aprendizagem com a agricultura, pesca, pecuária, criação de animais para o consumo como a galinha. Um lugar que ele pode constituir sua família e se fixar.</p> <p>2. Sujeito consciente de que sua aprendizagem e profissão não se adequam aos modos de vida das cidades e talvez em outros locais, por isso, escolher em fixar-se na várzea ocorre porque o lugar dá ele condições de exercer a profissão pescador, agricultor, oportunizando sua sobrevivência. O respondente percebe que modo de vida urbano é diferente da vida na várzea. No urbano todas as necessidades são pagas em dinheiro, incluindo o consumo de água, luz e a própria subsistência. Na várzea a água é do rio, o custo com energia é mínimo para se ter óleo dieses, a subsistência é extraída dos próprios recursos naturais disponíveis, das atividades desenvolvidas no uso da terra e do dinheiro arrecadados das diversas atividades realizadas.</p> <p>3. As razões que levam o sujeito permanecer em SCU são:</p> <p>a) Desenvolveram estratégias de convivência e estão acostumados a conviver com a natureza, enfrentando os perigos com coragem e mantendo-se resilientes.</p> <p>b) Neste lugar ele constituiu suas relações e laços afetivos com a família e amigos. Lugar de reminiscências, laços afetivos com família e amigos.</p> <p>c) Lugar que vive bem, se sente feliz, tem orgulho, se diverte (as festas, os lazeres), leva uma vida tranquila.</p> <p>4. O lugar oferece condições de buscar o conhecimento e ter escolaridade, da educação infantil ao ensino médio.</p> <p>5. Leitura de que o rio uma vez contaminado por agentes diferentes afetam a saúde do varzeiro, pois diariamente usam dessa água para beber, tomar banho, cozinhar e fazer outras atividades.</p>
Redução das Unidades
Experiências vividas com a sazonalidade e com o fenômeno das terras caídas.
Categorias
Corpo perceptivo. Corpo estesiológico.

ANEXOS

ANEXO A – Relatório COMDEC – Comunidade São Ciríaco



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM
COORDENADORIA MUNICIPAL DE DEFESA CIVIL

RELATÓRIO Nº217/2018-COMDEC-COMUNIDADE SÃO CIRÍACO

O presente Relatório tem como objetivo informar em caráter preliminar as causas e as implicações do processo de erosão fluvial no rio Amazonas, denominado pela população ribeirinha de “terras caídas”. Por apresentar um avançado processo de erosão por desmoronamento e escorregamento a comunidade de São Ciríaco, as margens do Rio Amazonas.

Para atingir os objetivos propostos, os comunitários e lideranças da comunidade de São Ciríaco, solicitaram no dia 23 de Agosto de 2018, a presença dos seguintes órgãos: **Defesa Civil, Marinha do Brasil, SEMMA, 4ª REDEC e Projeto Sapopema**. A fim de achar uma solução para amenizar esse problema que os mesmos vêm passando há anos.

Vale Salientar que “Terras caídas” é um termo regional usado para designar erosão lateral nas margens do rio Amazonas. É um fenômeno natural responsável pelas principais mudanças na paisagem ribeirinha e por sérios transtornos aos moradores. A cada vazante, percebe-se que alguns metros de barranco foram levados, impactando diretamente a rotina da população ribeirinha, que de uma estação para outra se vê obrigada a deixar suas moradias, pois estas se encontram agora em uma área de risco.

Durante a reunião foi abordado à comparação da evolução do processo erosivo de um ano para outro. Segundo informações do Sr. Raimundo Manoel Rêgo (Presidente da Associação da Comunidade) que a gênese do fenômeno está na combinação do fator natural, mas que é potencializado pelo impacto das grandes marolas de Navios Cargueiros que passam próximo as margens do rio afetando diversas localidades e causando prejuízos em suas plantações nas embarcações de pequeno porte que ficam paradas as margens da comunidade e outra preocupação é sobre os horários da passagem desses navios que coincidem com a saída da embarcação escolar colocando-os em risco.

Diante desses problemas mencionados pelos Comunitários, os mesmos solicitam que a rota dos Navios seja mudada para outra usada anteriormente. Onde afirmaram que durante dez anos os Navios usavam outra rota e não os prejudicavam. Agora com a volta dos navios a essa rota próxima a Comunidade, o processo do fenômeno de “Terras caídas” voltou a preocupa-los.

Santarém, 24 de Agosto de 2018.

Darlison Rêgo Maia
 Coordenador Municipal da Defesa Civil
 Dec. Nº 151/2018 – SEMGOF de 01/06/2018

ANEXO B – Relatório fotográfico da reunião na comunidade



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM
COORDENADORIA MUNICIPAL DE DEFESA CIVIL



Defesa Civil/ Comunidade São Ciriaco Amazonas
23/08/2018 10:03:05



Defesa Civil/ Comunidade São Ciriaco Amazonas
23/08/2018 09:58:11



Defesa Civil/ Comunidade São Ciriaco Amazonas
23/08/2018 09:49:04



Defesa Civil/ Comunidade São Ciriaco Amazonas
23/08/2018 12:52:54

Fonte: Defesa Civil (2018)

ANEXO C – Ata de defesa pública da tese



Universidade Federal do Oeste do Pará

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM SOCIEDADE NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

ATA Nº 45

Ao vigésimo sétimo dia do mês de março do ano de dois mil e vinte, às quinze horas, no auditório do Núcleo Tecnológico de Bioativos, da Universidade Federal do Oeste do Pará UFOPA, realizou-se a SESSÃO PÚBLICA de defesa da Tese de Doutorado em Ciências Ambientais área de concentração SOCIEDADE, NATUREZA E DESENVOLVIMENTO, linha de pesquisa IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS MUDANÇA DO USO DA TERRA NA AMAZÔNIA, intitulada CORPO-NATUREZA-CULTURA NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DE RIBEIRINHOS COM O FENÔMENO DAS TERRAS CAÍDAS EM SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA/SANTARÉM-PA, da discente ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO SANTOS. A Banca Examinadora e Julgadora, aprovada e homologada pelo Colegiado, constitui-se dos seguintes professores doutores: PRESIDENTE : TANIA SUELY AZEVEDO BRASILEIRO (Orientadora/ PPGSND/UFOPA); TITULAR 1: THIAGO ALMEIDA VIEIRA (PPGSND/UFOPA); TITULAR 2: LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO (PPGSND/UFOPA); TITULAR 3: HERGOS RITOR FROES DE COUTO (PPGE/UFOPA); TITULAR 4: EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO (PPGESA/UEPA); TITULAR 5: JOSÉ PEREIRA DE MELO (PPGEF/PPGE/UFRN); TITULAR 6: FLAVIO RODRIGUES DO NASCIMENTO (POSCEO/UFF; PPGEU/UF). Em conformidade com o Regimento Interno do Programa, a Presidente da Banca, Prof.^a Dr.^a TANIA SUELY AZEVEDO BRASILEIRO, abriu a sessão, passando a palavra à discente, que fez a exposição do trabalho, seguido da arguição de todos os membros da Banca. Finda a arguição, a Banca Examinadora e Julgadora se reuniu, sem a presença da doutoranda e do público, deliberando pelo seguinte parecer: (X) aprovada; () sujeita à reformulação; () reprovada, seguindo o prazo definido no Regimento do Programa. Nada mais havendo por constar, lavrou-se e fez-se a leitura da presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e Julgadora, Presidente da Banca e Doutoranda. Santarém (PA), vigésimo sétimo dia do mês de março do ano de dois mil e vinte, às dezoito horas.

Dra. EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO, UEPA

Examinadora Externa à Instituição

Dr. JOSÉ PEREIRA DE MELO, UFRN

Examinador Externo à Instituição



Universidade Federal do Oeste do Pará

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM SOCIEDADE NATUREZA E
DESENVOLVIMENTO

Dr. FLAVIO RODRIGUES DO NASCIMENTO, UFC

Examinador Externo à Instituição

Dr. HERGOS RITOR FRIES DE COUTO, UFOPA

Examinador Externo ao Programa

Dra. LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO, UFOPA

Examinadora Interna

Dr. THIAGO ALMEIDA VIEIRA, UFOPA

Examinador Interno

Dra. TANIA SUELY AZEVEDO BRASILEIRO, UFOPA

Presidente

ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO SANTOS

Doutorando



Universidade Federal do Oeste do Pará

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM SOCIEDADE NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 45

Autor: ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO SANTOS

Título: CORPO-NATUREZA-CULTURA NUMA VÁRZEA AMAZÔNICA: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DE RIBEIRINHOS COM O FENÔMENO DAS TERRAS CAÍDAS EM SÃO CIRÍACO DO URUCURITUBA/SANTARÉM-PA

Banca examinadora:

Prof. EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO	Examinadora Externa à Instituição	
Prof. JOSÉ PEREIRA DE MELO	Examinador Externo à Instituição	
Prof. FLAVIO RODRIGUES DO NASCIMENTO	Examinador Externo à Instituição	
Prof. HERGOS RITOR FROES DE COUTO	Examinador Externo à Instituição	 Prof. Dr. Hergos Ritor Froes de Couto UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ UFOP-PA
Prof. LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO	Examinadora Interna	
Prof. THIAGO ALMEIDA VIEIRA	Examinador Interno	
	Presidente	
Prof. TANIA SUELY AZEVEDO BRASILEIRO		

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. [] INTRODUÇÃO
2. [] REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. [] METODOLOGIA



Universidade Federal do Oeste do Pará

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM SOCIEDADE NATUREZA E DESENVOLVIMENTO

4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES
-

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof. TANIA SUELY AZEVEDO BRASILEIRO

Orientador(a)